This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Digitized by Google

Case Shelf

HARVARD UNIVERSITY

LIBRARY
OF THE
PEABODY MUSEUM OF AMERICAN
ARCHÆOLOGY AND ETHNOLOGY

IN EXCHANGE WITH
The Museum
Received Apr. 7, 1911.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO
PORTUGUÊS

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO

PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REDACTOR — J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. VII

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1903

Digitized by Google

VOL. VII JANEIRO DE 1902 N.º 1

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Um archeologo esquecido: 1.
Notas e considerações sobre Bragança: 14.
Projecto de um Museu Archeologico em Setubal: 18.
Protecção official á Archeologia: 22.
Estátua de um guerreiro lusitano: 23.
Museu militar: 26.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 27.

Este fasciculo vae illustrado com 4 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII JANEIRO DE 1902 N.º 1

Um archeologo esquecido

Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura

Com este artigo tenho por fim desenterrar do esquecimento o nome de um benemerito, embora modesto, archeologo trasmontano, que viveu nos fins do sec. XVIII e primeira metade do XIX. Refiro-me a Manoel de Queiroga[1] Correia Carneiro de Fontoura.

No *Diccionario Bibliographico*, t. VI, pag. 266, cita-se um pequeno opusculo que elle publicou em 1844, mas diz o auctor do Diccionario que nada pôde averiguar da biographia de Carneiro de Fontoura, nem ao menos saber qual era o seu nome de batismo, pois no mencionado opusculo este nome está indicado apenas por «M».

Todavia, como tive ensejo de examinar dois manuscritos que Carneiro de Fontoura deixou, colhi nelles algumas noticias que entendo dever dar a lume, porque todos os que trabalham com sinceridade tem direito a que os façamos lembrados, e apreciemos com justiça o fruto do seu trabalho: e Queiroga está neste caso. Os manuscritos a que alludo pertencem ao Rev.do Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno Abbade de Miragaia, que com a maior liberalidade me permittiu que os examinasse em sua livraria, no Porto, e d'elles extrahisse as notas que eu quisesse. Postoque a descrição d'elles só tenha de ser feita mais adeante, no cap. II d'este artigo, é-me preciso mencioná-los aqui, por causa das referencias que se me torna preciso fazer-lhes no cap. I; são os seguintes: *Memorias genealogicas* e *Apparato de antiguida-*

[1] Ora encontro escrito *Queiroga*, ora *Quiroga*.

Digitized by Google

des[1]. Alem d'estes manuscritos e do opusculo impresso, tenho ainda conhecimento de um artigo escrito por Fontoura a proposito de uma inscripção romana. Aos elementos biographicos colhidos nas fontes indicadas, que são, porém, em pequeno número, junto algumas informações que o illustrado collaborador d-*O Archeologo Português,* o Sr. Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, teve a amabilidade de me obter, segundo communicações que recebeu de alguns parochos de Trás-os-Montes.

I

Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura nasceu na Granja, freguesia de Jou, no 1.º de Abril de 1784. A freguesia de Jou pertencia naquelle tempo á comarca de Chaves, hoje pertence á comarca (e concelho) de Valpaços.

Seus paes foram Carlos Antonio Queiroga Teixeira e Maria José Carneiro de Fontoura, que casaram em 30 de Novembro de 1780. Seus avós paternos: Francisco de Queiroga Teixeira e Anna Maria de Sá Carneiro, da freguesia de Lamas de Orelhão; e maternos: P.^e^ Leonardo José Carneiro, do logar da Granja, e Joanna Gomes, do logar de Zebras, freguesia de S. Nicolau dos Valles. Foi batizado em 8 de Abril de 1784[2]. O nosso auctor teve tres irmãos: Luis, Ignacia e Anna. Ou por todos os ramos, ou só por alguns, era de descendencia nobre: nas *Memorias genealogicas* intitula-se mesmo «fidalgo por linhagem», e ahi, a fls. 13, segundo uma communicação do Sr. Abbade de Miragaia, falla na sua casa *solariega* da Granja do Jou. A relação d'estes factos não deixa de ter certa importancia, como veremos adeante. Na sua familia havia, pelo menos, outro padre, alem do já mencionado; chamou-se elle João Manoel de Queiroga, seu tio (reitor da villa de Franco, fallecido em 1828).

A esta parentela ecclesiastica se deve talvez o facto de Carneiro de Fontoura seguir a mesma vida. Segundo o que me diz o Sr. Castro Lopo, elle ordenou-se em Braga. Numa carta do Rev.^do^ parocho de

---

1 Já depois de escrito o que precede, me disse o Sr. Abbade haver offerecido estes mss. á Bibliotheca Municipal do Porto. — N-*A Vida Moderna,* n.º 26, de 7 de Março de 1895, publicou o mesmo Sr. uma breve nota á cêrca dos referidos manuscritos.

2 Estas informações foram em parte ministradas pelo Rev.^do^ Parocho de Jou, em carta de 9 de Novembro de 1895, dirigida ao Sr. Castro Lopo: provém do livro dos batismos. Completei-as com o que se lê nas *Memorias genealogicas,* fls. 213.

Digitized by Google

Lamas de Orelhão, dirigida ao Rev.^{do} parocho de Jou em data de 23 de Novembro de 1895 e que me veiu ás mãos por intermedio do Sr. Lopo, encontro o que se segue: «Parece que o P.^{e} Manoel Queiroga Carneiro Fontoura, logo que se ordenou, veiu para Lamas, onde tinha familia. Por os livros do registo vejo que fôra aqui encommendado desde Março de 1810..... Em 1816 he feito cavalleiro da Ordem de Christo».

Parece que foi em 1816 que terminou as *Memorias genealogicas,* pois no rosto se lê essa data; ahi se intitula tambem «cavalleiro na Ordem de Christo».

No *Apparato de Antiguidades* cita-se a data de 1825; como o titulo d'esta obra é dado no folheto impresso, que tem a data de 1844, segue-se que o *Apparato* foi escrito entre 1825 e 1844.

Entre estas duas datas posso mencionar ainda um facto da sua vida: a sua nomeação para reitor das Lamas de Orelhão, que foi feita em Abril de 1832[1].

Carneiro de Fontoura finou-se nas Lamas em 20 de Novembro de 1856, sendo sepultado na igreja matriz d'essa freguesia[2].

Aqui está tudo o que pude apurar da sua biographia propriamente dita, e creio que mencionei os factos essenciaes d'ella, porque, ao que se crê, a vida de Carneiro de Fontoura correu serena: vida de estudo e de bondade. «Foi homem muito virtuoso, — diz-me o Sr. Castro Lopo na carta já citada —, e por esta circumstancia, que não tanto pela do seu saber, ainda hoje é lembrado pelos velhos da freguesia».

Passarei agora a occupar-me mais detidamente dos trabalhos litterarios que deixou.

II

1. A obra mais antiga do nosso auctor é a seguinte: *Memoria Genealogica, ou Apparato para o tractado das genealogias da provincia de Tras-os-Montes, tirado dos melhores genealogicos e dos cartorios e documentos authenticos, assim antigos como modernos, procurados para este fim* — por Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura, fidalgo por linhagem, cavalleiro na Ordem de Christo, natural da freguesia de Jou, no termo de Chaves e morador na villa de Lamas de Orelhão neste presente anno de 1816.

---

[1] Carta do Rev.^{do} Parocho das Lamas, de 23 de Novembro de 1895, já citada.

[2] Carta citada na nota antecedente. E carta do Sr. Castro Lopo, de 31 de Dezembro de 1895.

Digitized by Google

É um volume in-folio, de 272 fls., com algumas paginas em branco.

Á semelhança de outros genealogistas, que não querem deixar os seus creditos por mãos alheias, Fontoura trata ahi largamente da historia da sua familia. De si, porém, diz sómente: «M. de Q. C. C. de F., cavalleiro professo na Ordem Militar de Christo, e depois Reitor da igreja de Santa Cruz de Lamas de Orelhão, e autor de algũas obras de leteratura, algũas já impressas». Esta observação deve ter sido accrescentada posteriormente a 1844, em que appareceu a lume o folheto que em breve descreverei. Posto que o auctor, ao fallar das suas obras, diga «algũas já impressas», não se conhece mais nenhuma nesse caso, alem do mencionado folheto.

O ms. tem lettras variadas, o que mostra que Fontoura colleccionou apontamentos de differentes proveniencias.

D'esta obra tirou uma cópia, com prévia auctorização do Sr. Abbade de Miragaia, o Rev.[do] Manoel Joaquim da Silva Machado, reitor que foi de Bornes: cfr. *A Vida Moderna*, n.º 26, de 7 de Março de 1895 (Porto).

Vimos, no cap. I, que o nosso auctor provinha de estirpe nobre; isto explica que, tendo como tinha, inclinação para as investigações historico-litterarias, se lembrasse de escrever a genealogia das familias trasmontanas, e por isso da sua propria. Começando pelos seus, começava bem.

2. Superior á obra precedentemente mencionada é a que tem por titulo: *Apparato de antiguidades romanas explicadas, e collecção prompta de regras, exemplos, e observações theoricas e práticas necessarias para illustração das artes e sciencias; interpretação, intelligencia e perfeito conhecimento dos authores latinos e das antigas inscripções dos marmores, bronzes e medalhas; seus differentes pezos, e valores reduzidos a moeda portugueza, etc.,* —com tres estampas,— por M. de Q. C. F.

Volume in-folio. Algumas das folhas estão só escritas de um lado, como é costume quando se destina uma obra á impressão.

A obra compõe-se de duas partes, que vou analysar.

PARTE I.—Consta de quatro livros, cujas materias são as seguintes:

Livro I. Intitula-se *Diccionario de antiguidades romanas,* e vae de pag. 1 a 319. Da seguinte lista de titulos consta qual a materia tratada: As, Athenae, avgvr, avrica, avspex, balneae, cadvcevm, Carthago, Cato, Cavdinae fvrcae, censor, Cicero, colonia, consvl, Danaides, denarivs, Devcalion, evphemismvs, flamen, Gallia, Hispania, Homervs, Lares, genitivvs, Genivs, gladia-

Digitized by Google

TORES, MVNICIPIVM, MYTHOLOGIA, NVMISMA, PATRICII, PROVINCIA, SCIENTIA & ARTES, SESTERTIVS. O auctor trata assim successivamente da mythologia, da historia litteraria, da geographia, da numismatica, da rhetorica, da grammatica. Alguns d'estes artigos constituem verdadeiras dissertações, mais ou menos extensas, como o que se intitula AS e o que se intitula NVMISMA. O artigo DENARIVS foi reproduzido no folheto que se imprimiu em 1844, do qual fallarei mais adeante; a estampa que acompanha o folheto foi collada no ms. do *Apparato,* no logar respectivo. No mesmo folheto foi tambem aproveitado o artigo sobre NVMISMA. A proposito do artigo em que trata da HISPANIA insurge-se com toda a razão contra o que alguns auctores disseram da existencia dos reis fabulosos da Iberia, attribuindo isso ao italiano Fr. João de Viterpo, que o faria para lisongear D. Fernando de Hespanha; todavia a lenda é mais antiga, e podem buscar-se os fundamentos d'ella num passo do historiador Josepho (sec. I), erroneamente interpretado. Lê-se ahi: κατοικίζει δὲ καὶ Θώβηλος Θωβήλους οἵτινες ἐν τοῖς νῦν Ἴβηρες καλοῦνται: *quin et Thobelus Thobelis sedem dedit, qui nostra aetate Iberi vocantur*[1]. Josepho não diz se falla da Iberia do Occidente, se da da Asia; por isso S. Jeronymo (sec. III–IV) escreve: *Thubal, id est, Iberi Orientales, vel de Occidentis partibus Hispani*[2]. Estas singelas indicações concorreram para o apparecimento de muitas fabulas de que diversos historiadores das cousas de Hespanha e Portugal encheram longos capitulos das suas obras, povoando de reis phantasticos as regiões da Iberia nas epocas primitivas. De *Tubal* até houve quem suppusesse que veiu a palavra *Setubal!* Mas não é aqui o logar apropriado para me occupar d'isto, e volto pois ao nosso auctor.

Segue-se ao assunto tratado por Fontoura um Supplemento ao *Diccionario de antiguidades,* com os nomes proprios pelos quaes no tempo dos Romanos foram conhecidas várias cidades, promontorios, rios, etc., pertencentes a Portugal. Se Fontoura junta ás vezes indicações tiradas de AA. gregos, junta tambem nomes como *Callipolis* = «Villa Viçosa», o qual não passa de uma grecização moderna, forjada, como creio, por André de Resende.

LIVRO II. Intitula-se *Lettras e cifras,* e vae de pag. 320 a 358. Consta de dois capitulos: cap. I, *Do valor das lettras do alphabeto latino,* — grande lista de abreviaturas semelhante ás que já vinham

---

1 *Opera omnia graece et latine,* Amsterdam 1726, liv. I, cap. VI.
2 *Opera,* t. V, Verona 1786, p. 311.

Digitized by Google

na *Prosodia* do P.^e^ Bento Pereira; cap. II, *Das notas ou cifras numeraes de que usárão os antigos Romanos, e de que ainda hoje se usa.*

Livro III. Intitula-se *Chronologia dos reis latinos e romanos, dos consules, dos imperadores, dos cesares e dos tyrannos, etc.*—Vae de pag. 359 a 414. É um resumo chronologico da historia romana até o tempo de Romulo Angustulo.

Livro IV. Intitula-se *Dos Fastos consulares.* Vae de pag. 415 a 436.—Contém uma estampa que representa uma moeda romana, e outra que representa uma medalha relativamente moderna.

PARTE II.—Contém 146 paginas, e consta de dois livros:

Livro I. Intitula-se: *Das inscripções romanas, suas definições e differenças.* Vae de pag. 1 a 132. Transcreve de Grutero, Argote, João de Barros (*Antiguidades de Entre Douro e Minho*) e outros AA. várias inscripções para exemplo das definições e para commentarios historicos. Discute-as e annota-as, classificando-as em: religiosas, funerarias, honorificas, etc.

Livro II. *Calendario romano gentilico commentado.* Vae de pag. 133 a 146.—E aqui termina toda a obra.

Do que deixo dito se evidenceia que o *Apparato de antiguidades romanas* é obra circumstanciada, noticiosa e erudita.

Carneiro de Fontoura conhece as fontes historicas, e consulta nos proprios originaes os auctores antigos que cita; diz elle a pag. II do discurso preliminar da Parte I: «Só nos monumentos coevos e originaes é que se póde achar aquella verdade, sem a qual todo o estudo é quasi nullo; faltando esta certeza, e immediata notícia de antiguidade interior, jamais se poderão estabelecer regras de instrucção elementar». Nestas palavras, porém, elle tem em mira principalmente os monumentos. Ellas poderiam servir de norma a muitos litteratos modernos que só sabem fazer citações em segunda mão. O auctor possue espirito claro, vê as cousas com precisão: «o estudo das antiguidades romanas,—nota elle na Parte I, discurso preliminar, pag. II—, é transcendente para quasi todos os estudos, e deve por isto constituir ũa das principaes partes da instrucção pública». O valor especial da epigraphia encarece-o assim no citado discurso preliminar, pag. VI: «os nomes antigos de muitissimas cidades só por meio das inscripções é que tem chegado ao nosso conhecimento; e as situações de outras, mencionadas nos auctores, tãobem nos serião desconhecidas, se não fossem indicadas por estes monumentos, com os quaes, á proporção que vão apparecendo, se vai tambem illustrando a geographia profana, e mui principalmente a ecclesiastica». Do seu espirito crítico dá prova

Digitized by Google

a censura que na Parte II, pag. 81–82, dirige a Argote por este haver aproveitado, sem discussão, as informações archeologicas que recebeu de várias partes. Sem dúvida, Fontoura por vezes não descobre cousas que a crítica moderna, melhor armada, descobre; e tambem ás vezes acceita como authenticas inscripções que o não são: mas isto não admira. Elle proprio falla modestamente de si: dispõe de pouco tempo, tem poucas fôrças, e são «grandes os trabalhos para consultar livros que não ha nesta provincia aonde escrevo, e maior ainda as difficuldades pelo intrincado da materia»; comtudo não desanima em levar a cabo a emprêsa a que metteu ombros. (Parte I, discurso preliminar, pag. VII–VIII).

Dedica a sua obra á educação da mocidade. Que salutares conselhos elle dá, nestas palavras do citado discurso, pag. III, aos archeologos principiantes!: «a docil mocidade só deve estudar pelos authores originaes, aprender nelles, e nas inscripções e medalhas, a historia romana».

Apesar de Fontoura mostrar bastantes conhecimentos, estar bem ao facto da litteratura romana e do movimento archeologico do seu tempo, parecer-me-hia pouco prudente publicar hoje na integra o *Apparato de antiguidades*. O que teria sido util nos principios do sec. XIX, seria agora serodio. A anályse que acabo de fazer e os extractos que publíco adeante bastarão para dar ideia dos meritos de Fontoura.

3. O terceiro trabalho de Fontoura, de que tenho de fallar, é em ordem chronologica o seguinte: *Instrucções de Numismatica, para uso da mocidade estudiosa e dos curiosos em gabinete de medalhas antigas*, — Porto, Typographia Commercial Portuense, 1844, folheto de 40 paginas, com uma estampa. No prologo diz: «Em quanto, pela falta d'hum sufficiente numero de assignantes, continûa a retardar-se a impressão do *Apparato de Antiguidades Romanas explicadas* [1] obra volumosa, á (*sic*) muito tempo completa, e já, por vezes, enunciada em varios programmas, e periodicos de huma e outra capital; resolvi, para utilidade dos candidatos, divulgar, antecipadamente, pela imprensa as presentes instrucções de Numismatica, que na mencionada minha obra occupão quatro dos 460 artigos differentes em que ella se divide. Oxalá, que esta pequena parte chegue a subministrar ao respeitavel publico huma

[1] [O A. junta uma nota no fundo da página, onde transcreve por extenso o rosto do *Apparato*, que já vimos acima qual era, e onde dá uma ideia summária da materia e divisões da obra].

Digitized by Google

idea perfeita do seu todo, e que ao mesmo tempo impressione nos peitos dos intendedores os mais ardentes desejos, em pró do meu empenho, afim de se não baldarem as grandes fadigas litterarias, que, sempre encadeadas, chegárão a occupar os melhores annos da minha existencia».

O folheto divide-se em dois livros: I) *Instrucçoens de Numismatica;* II) *Das instrucções numismaticas,*—e cada um d'elles consta de differentes capitulos. Contém para o tempo, e ainda em parte para agora, para leitores portugueses, algumas noções uteis. Digo *em parte,* e *para leitores portugueses,* porque existem no genero muitas obras modernas em francês, italiano, allemão, inglês, que poderão consultar-se com maior proveito. Não é sem certa sympathia especial que fallo d'este livrinho, porque foi um dos primeiros, ou mesmo talvez o primeiro, que me deu algumas luzes de numismatica, ainda durante a epocha dos meus estudos escholares.

4. O quarto e ultimo trabalho de Fontoura é o artigo a que me referi n-*O Arch. Port.,* II, 170, escrito por elle a proposito da inscripção dos *Banienses,* achada em Moncorvo, e hoje existente no Museu Ethnologico Português. Como a inscripção foi encontrada em 1845. segue-se que o artigo é posterior a esta data.

*

O que se sabe da biographia propriamente dita de Carneiro de Fontoura é demasiado escasso para que possam precisar-se quaes as influencias especiaes que o levaram a occupar-se da archeologia. Como base das manifestações do espirito humano está a propria natureza do espirito. Porque é que um individuo manifesta predisposições para pintor, outro as manifesta para mathematico, este para marinheiro, aquelle para botanico? A sciencia é impotente para responder a taes perguntas, e limita-se a indicar, quando isso se torna exequivel, as causas determinantes de certas manisfestações. Assim se comprehende, por exemplo, que, dada a impulsão nativa, irreductivel, do espirito de André de Rèsende para a archeologia, elle encontrasse, quer na sua patria, Evora, que possue interessantes monumentos romanos, quer em viagens que realizou pela Hespanha, Italia, etc., e no convivio de homens eminentes na materia, alimento do fogo sagrado que o abrasava.

A respeito, porém, do que actuou no espirito de Carneiro de Fontoura nada posso, como ponderei, indicar ao certo.

Em Jou e Lamas de Orelhão havia algumas antigualhas, como se verá no Appendice a este artigo: isso porém tem tão pouca importancia

Digitized by Google

para o caso, que nem vale a pena citá-lo. Talvez a estada em Braga, a vista dos monumentos antigos que lá ha, a familiaridade com um ou outro professor mais instruido, tivessem exercido nelle alguma influencia, bem como o facto de Fontoura ser de familia antiga, —o que até certo ponto desperta o interesse pela historia—, e por ventura as relações com o seu tio Padre da villa de Franco. No entanto, mais prudente é dizer que nada sabemos positivo, do que estarmos a propôr hypotheses pouco fundamentadas.

Carneiro de Fontoura não se limitou a escrever tratados de archeologia; tambem foi colleccionador: pelo menos, ao citar umas moedas romanas e goticas apparecidas perto das Lamas de Orelhão, refere-se ao seu *gabinete*, isto é, á sua collecção numismatica: vid. *Apparato de antiguidades*, Parte II, pag. 120–121.

Como Appendice a este artigo, publíco alguns trechos que extrahi do *Apparato de antiguidades*, e que me parecem interessantes. Ahi encontrarão os leitores várias notícias curiosas, e duas inscripções que supponho ainda ineditas. Os meritos de Carneiro de Fontoura ficarão d'este modo mais patentes.

APPENDICE

Extractos do «Apparato de Antiguidades Romanas» de Carneiro de Fontoura

I. Sepulturas prehistoricas

Modorras e dolmens

«Sobre algũas das sepulturas costumavão [os Romanos] amontoar grande quantidade de terra, e a este montão chamavão *agger sepulcralis* ou *tumulus*, pelo que fingiu Virgilio, no liv. III das *Eneidas*, v. 62, que Eneas, a respeito do tumulo de Polydoro, fallára assim:

Ergo instauramus Polydoro funus et ingens
Aggeritur tumulo tellus.................»

E accrescenta no fim da pagina a seguinte interessante nota:

«D'estes tumulos sepulcraes existem inda hoje muitos por varias partes da provincia de Tras-os-Montes, aos quaes aqui chamão *modorras*, nome bem proprio pelo que significa ..... Na freguesia de Jou logar da minha naturalidade, em terra de Chaves, perto da quinta de Valdegoa, estão dous d'estes tumulos no alto de uma pequena collina, que por isto se chama *Mòdorra*, e o vulgo a denomina *Mudorra*. Em roda do logar de Zebras, freguesia de Valles, tãobem districto de Chaves, hoje de Carrazedo, existem muito d'estes marachões, principalmente em umas planuras incultas, e pela maior parte cubertas de

Digitized by Google

algum pequeno mato, ao Sudueste e Poente da dita povoação: dos naturaes alli, por não saberem o que aquillo he, uns lhes chamão *Muradelhas,* e outros *Casas da Moura.* Alguns d'estes montões de terra forão já alli, e em outras partes, escavados, e desfeitos por pessoas que esperavão achar thesouros; porém o que quasi sempre tem apparecido debaixo, he uma especie de cabana formada de quatro ou cinco pedras grandes, á similhança de columna, postas ao alto, e encostadas umas contra outras; de modo que o cume da tal cabana, ou finda em pont'aguda, ou he cuberto com outra pedra, que lhe serve de tecto. Dentro apparecem quasi sempre carvões, ossos e cinzas dispersas, ou mettidos em urnas. O P.^e Contador, nas suas *Memorias de Braga,* tom. II, pag. 511 e 512, falla de alguns d'estes montinhos de terra e cabanas dictas, na freguesia de Mondrões, termo de Villa-Real, e de outros muitos na provincia de Minho, aonde os taes montinhos se chamão *Mamôas;* e ainda que menciona uma d'estas mamoas em que apparecerão algũas pedras sepulcraes, mesmo assim não tem estes marachões por tumulos, o que evidentemente he erro». — Parte II, pag. 20–21.

II. Sepulturas romanas

1) Sepulturas romanas em geral

«Não forão os Romanos tão esmerados e cuidadosos das proprias casas em que vivião, como das sepulturas em que havião de jazer depois de mortos; e isto, ou porque olhavão aquellas só como hospedagens, e estas como habitações perpetuas, ou porque, á similhança dos Egypcios, a sua maior consolação era, quando morressem, deixar por meio das inscripções e outros monumentos sepulcraes de tal modo perpetuada sua memoria, que jamais esquecessem entre os homens seus nomes, acções e virtudes. Mas, como estavão persuadidos de que se acaso carecessem de sepulturas, não podião suas almas ser admittidas na barca do inexoravel Charonte, sem que primeiro andassem cem annos errantes nas margens dos rios infernaes, por onde devião passar aos campos Elysios, parece que entre elles este motivo, ensinado pela sua religião, seria o mais poderoso para cada um mais antecipadamente cuidar da sua propria sepultura, com toda aquella magnificencia, que permittião os seus teres, dignidades e capricho». — Parte II, pag. 17–18.

2) Sepulturas de tijolo romanas

«Os muitos fragmentos de tijolo, de que inda hoje vemos semeados alguns campos, assaz bem nos certificam que as sepulturas feitas

Digitized by Google

d'esta materia, erão vulgares nesses tempos [dos Romanos], ao menos aonde não havia pedra de granito ou qualquer outra apta para se lavrar». — Parte II, pag. 19.

3) Sepultura romana de Avidagos

Ao descrever, na Parte II, pag. 18–19, sepulturas romanas «feitas de grandes tijolos, unidos e seguros com pregos e chapas de ferro», diz na nota 2 de pag. 19:

«No anno de 1825 appareceo uma d'estas sepulturas na freguesia d'Avidágos, termo da villa de Lamas de Orelhão. Tinha nove palmos de comprimento, e quasi quatro de largura, á similhança de uma arca: dous abraçadores de ferro com prégos seguravão a união dos tijolos em cada um dos quatro angulos, e tres grandes tijolos, tãobem ligados com ferros, formavão a tampa, que sobresahia com seu bordo pendente em roda da sepultura, tãobem á similhança da tapadoura da arca. Dentro estava a urna das cinzas, á similhança de hum alguidar, e de tudo eu não vi mais que varios pedaços e fragmentos, porque os rusticos que achárão esta sepultura na occasião em que plantavão vinha fizerão logo tudo em miudos, com a pressa de possuirem os thesouros que suppunhão de baixo».

Pela minha parte direi que tambem já encontrei e explorei uma sepultura romana feita de tijolos com uma tampa de marmore segura por varões de ferro.

III. Inscripções romanas

1) De Villa-Flor

«Na estrada, que de Villa-Flor vai para a Torre-de-Moncorvo, e sítio em que os passageiros começam a subir á collina, que separa os campos da Villariça, do rio Sabòr, está uma estalagem denominada da *Silveira*, e em cima de uma das suas portas, para o Sul, uma grande pedra, com a seguinte inscripção, que segundo me parece ainda não foi publicada:

D · M · S ·
ALLIA RE
BVRINA
N XLV H · S ·
ST · T · L ·

Diis Manibus sacrum. Allia Reburrina annorum XLV hic sita est. Sit tibi terra levis». — Parte II, pag. 26–27.

Digitized by Google

O A. faz notar que os A A não estão cortados, e que REBVR-RINA tem um só R.

Esta inscripção não se encontra no vol. II, do *Corp. Inscr. Lat.*

«No mesmo sítio em que eu vi, e copiei da propria pedra a inscripção, que acima marquei com o n.º 9, consagrada aos Manes de Allia Reburrina, existe ainda, com varios fragmentos de outras, a seguinte:

D · M
Q · MART
IONI AN
XXVIII
H S E
S · T · T · L ·

Aos deoses Manes e a Quinto Marcião, de vinte e oito annos, de idade, o qual aqui está sepultado. A terra te seja leve. A cifra AN no fim da terceira regra, vale por AN e diz *annorum*».— Parte II, pag. 36.—Esta inscripção não vem no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*

É curioso *Martioni* = *Marcioni*. De *Marcio* ha um exemplo no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 773 nota.

2) De Braga

«Inscripção de Braga, onde a vi dentro do pateo e parede das casas dos Barros antigos da rua das Travessas, aonde hoje assiste o conego José Maria da Silva, e diz:

ASCLEPIO
IPHYGIAE
MARCVS
EX VOTO

As lettras forão abertas por mão habil, e achão-se bem conservadas, assim como a pedra, que he hum pedestal de estatua com sua tarjeta em roda das lettras das inscripções, as quaes forão douradas, como inda claramente se vê».

O A. diz que João de Barros a cita. Queiroga interpreta: *Marco, por voto que fez ao deus Esculapio pôz esta base ou peanha á sua effigie.* Pag. 54.—Mas deve ler-se ET HYGIAE. Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2411.

Digitized by Google

3) De Marialva

«Na villa de Marialva, comarca de Pinhel, está na parede de uma casa particular, a seguinte inscripção, que me foi remettida por pessoa intelligente, que a copiou com todo o esmero:

IMP·CAES·DIVI TRAIANI PARTHICI
F·TRAIANO AVG·PON·MAX·TRIB·
POTEST·COS·II CIVITAS ARAVOR

Parte II, pag. 85.—Esta inscripção vem com melhor fórma no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 429.

IV. Bracara Augusta

«O sitio de Braga he no melhor clima da zona temperada, debaixo de ceo claro em campo fertilissimo, e espaçosamente plano, quasi na enseada do mar, sitio em tudo a proposito para gosar das riquezas do país e da navegação, que no tempo dos Romanos se fazia grande pelo rio Cadavo, des o mar até o sitio da Furada, a uma legoa de Braga, como prova o Contador de Argote. Era por tanto Braga sobrepujante em qualidades naturaes, e sem fallar nas civis de convento juridico e dictado de *Augusta*, por serem extensivas a outras cidades de menos consideração, Braga, já nesses tempos melhor que agora, se avantajava a todas as da Gallecia, em parallelo com as maiores da Citerior e Ulterior Hespanha; em grandeza, como testeficão os vestigios da sua grande extensão, em trafego por ser praça de negociantes cidadãos Romanos (Grutero, pag. 498, inscrip. 6), em belleza, como nos consta por varios monumentos de seu antigo esplendor, e finalmente na opulencia, como nos consta por Ausonio, no seu tractado *Clarae Urbis*, aonde, comparando Braga com as maiores das Hespanhas, só a esta dá o epitheto de *Rica*: *Quaeque sinu pelagi jactat se Bracara dives*. Mas no que Braga excedeo sempre des os primeiros tempos de Augusto, sem jámais ser excedida por outra algũa cidade, foi na magnificencia dos seus grandes caminhos. Erão cinco os principaes, todos pavimentados de pedras quadradas, e ourelados com suas guardas, todos medidos, e assignalada cada uma das milhas com padrões cylindricos de grandeza desmarcada, em que inda hoje vemos os nomes, e titulos dos Imperadores Romanos, e dos Pro-pretores e legados, que mandarão reformar estes caminhos assim magnificos. Em um destes, a que chamarão *Via Nova* (e depois se chamou Geira porque passava pelo monte Geres) fizerão os Romanos grande ostentação do seu poder,

Digitized by Google

rompendo montanhas, vencendo alturas, e fabricando pontes, etc. tudo tão profusamente, que elles mesmos intitularão este caminho *Obra grandiosa,* como vemos na inscripção exhibida pelo Contador de Argote, tom. I, pag. 552, que diz no fim della: *Opus amplum, etc.*» — Parte II, pag. 93–95, nota.

V. Antigualhas das Lamas de Orelhão

Na Parte II, pag. 120–121, falla de uma povoação antiga que ficava perto de Lamas de Orelhão, «em uma collina proxima, hoje chamada *Muro,* pelas muralhas de que era cercada, de cujas ruinas se edificou a villa nova, em logar mais commodo». E accrescenta que ahi appareceram muitas moedas consulares, imperiaes e goticas. Na Parte I, pag. 311, tem tambem uma referencia a estas ruinas, e diz que a collina é cercada não só de muros, mas de fossos.

J. L. DE V.

Notas e considerações sobre Bragança

Como comprovando mais as razões que expus num trabalho que intitulei *Bragança e Bemquerença,* publicado pela benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa em seu *Boletim,* n.os 3 e 4 de 1898–1899, e que me levaram a crer que na collina da Villa de Bragança, antes de D. Sancho I a mandar fortificar, deviam ter existido outras povoações de povos que por aqui estacionaram, sendo uma d'ellas romana, que poderia ter sido a **Brigantia,* tenho agora mais de accrescentar o achado em differentes pontos d'este local de moedas de cobre romanas que estão no Museu, algumas d'ellas apparecidas em remoções de terras e a uma tal profundidade que indica, bem como a consistencia do solo, que ha muito tempo tinham ficado alli.

Outra informação tambem se me deparou, que é abonatoria do mesmo parecer e que tenho como argumento valioso, posto que não passe de mera tradição. Vem a ser a notícia que li a paginas 125-*v* de um manuscrito, que comprei a um vendedor de ferros velhos, intitulado *Tombo da Igreja de S. João,* em que, a proposito de uma curiosa e interessante questão levantada em 1643 e decidida em Miranda do Douro sobre as primazias das duas igrejas matrizes de Bragança, Santa Maria e S. João, o parocho d'aquella, que está no ponto mais elevado da referida collina, allega, como um dos motivos de preferencia, a sua antiguidade, dizendo: «Provaria que a Igreja de S.ta Maria Matriz da Cidade de Brag.a de que elle Embargado he Prior he tão

Digitized by Google

antiga, que he mays antiga, que a mesma Cidade, no Lugar aonde a mesma Cid.[e] hoje está, porque a Cidade de Bragança, foy primeyro o seu assento no Cabeço da Cid.[e] adonde ahinda ha signays, e Vestigios dos muros della, e ahinda agora aquelle cabeço hê da mesma cidade, e como se deo as freyras de Santa Clara por a Camara ser padroeyra do Mosteyro ahinda hoje em dia rende para as freyras, e por assim ser. Provaria que sendo outro em Lugar donde agora está fundada a mesma cidade, e hum sardual muy espeço os muradores da mesma Cidade quererião no Cabeço assim dito, e mandarião seos boys e gados apastar ao dito sardual adonde pellos pastores foy achada em hum sardão a Imagem de Nossa Senhora de vulto, que está na mesma Igreja Matris, e por essa razão athe hoje em dia se chamou sempre, e ahinda hoje em dia se chama Nossa Senhora do Sardão, e logo se lhe fes a Igr.[a] para ella estar, e vendo os moradores da Cidade velha de Brag.[a], que estava no Cabeço antigo os milagres que a Senhora fazia se mudarão do dito cabeço com sua fazenda e cazas para junto da Igreja da Senhora, e assim se começou a Cidade de Brag.[ca] adonde agora está por honde se vé que he mays antiga que a mesma cidade e assim he erro dizer que ha Igrejas tão antigas como ella na cidade».

O «Cabeço da Cidade», hoje *Cabeço das Freiras*, fica seis kilometros e meio em linha recta a nascente de Bragança, sobre o rio Sabor, e muito abaixo da ponte de Valbom, no caminho velho que vae para Miranda. Ainda lá se vêem restos de um castro e signaes em forma de ferradura numa fraga. Não é crivel que fosse alli o assento primitivo da cidade de Bragança, porque a distancia, condições topographicas e outras razões contrariam por completo o parecer do prior. Era mais verosimil que o Sardoal pertencesse ao Castro de Avellãs, Gimonde, Samil, ruinas da Deveza de Villa Nova e a outras estações archaicas que distam metade ou pouco mais de metade do espaço que o separava do dito «Cabeço da Cidade», assim chamado, talvez, por pertencer á Camara de Bragança, como agora se chama «das freiras», por haver pertencido ao convento de Santa Clara.

Mas não; a lenda do apparecimento da Senhora é que tem para nós verdadeira significação, que confirma o ter existido na collina da Villa uma povoação dos primitivos povoadores d'estes sitios. Lendas d'estas e outras analogas, taes como as que se contam em varias partes, Sacoias, Carocedo, Sant'Anna de Ervedosa, etc., são indicação certa de haver nos locaes a que ellas se referem vestigios de estações da epoca romana ou luso-romana. Esta coincidencia, que, embora repetida, dúvida não nos deixa, a admittir nos leva com segurança, que o mesmo se deu neste local, como haviamos conjecturado.

Digitized by Google

Neste mesmo tombo achamos tambem as seguintes noticias relativas ás antiguidades de Bragança, que, por curiosas, entendemos serem dignas de se registar. Assim a paginas 126-*v*, tratando ainda do mesmo pleito, o prior allega que: «Provaria, que Igr.ª de S. João foy fundada por hua Maria Pires de Moiaes, e por isso seo corpo estava em hua sepultura na parede da dita Igreja para a porta do Adro, e na Taboada velha das reliquias e indulgencias da dita Igreja que está em poder do Embargante estava nomeado dia certo do anno em que ganhava indulgencia plenaria, que a mesma Igr.ª, e rezão pella alma da dita defunta Maria Pires, e assim o declarava Sebastião Roiz cura na mesma Igreja, o domingo antes daquelle dia etc.».

Fazendo a resenha dos bens da Igreja, a paginas 24-*v* vem: «Hua caza, que deixou Anna Gonçalves mulher que foy de Gaspar Vas Caminheyro, que está na Rua da Mesquita hoje é a Rua chamada dos Oleyros, que parte com a mesma rua e com esta do L.da Sbastião da Guarda e esta obrigada uma missa ao Espirito Santo». Esta rua chama-se hoje «de Santo Antonio» e a sua antiga denominação da «Mesquita» provir-lhe-hia de algum templo mourisco? Se provém, é o unico vestigio que se conhece da estada dos Arabes aqui.

*

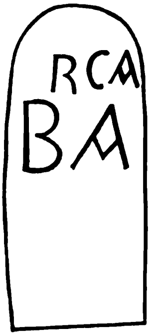
Tambem no referido *Boletim*, tratando da Santa Casa da Misericordia, não errámos o juizo que formámos da sua antiguidade, como se vê na copia $\frac{1}{10}$ da lapide de granito que está mettida na parede sul da sua igreja, e pela qual só agora se deu, ao fazerem-lhe algumas reparações:

Ella mostra haver pertencido a outro templo anterior ao actual, que é de construcção moderna. A cantaria tem já algumas depressões ou móssas que deixam em duvida se a 2.ª linha seria escrita assim: R·I·3·I·6. No resto da inscripção não ha duvida.

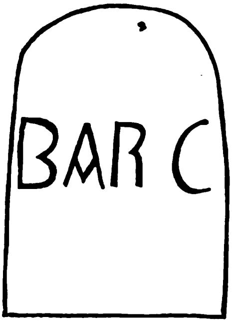
Digitized by Google

*

Razão tinhamos para dizer o que expusemos n—*O Arch. Port.*, v, 184, a respeito da leitura e significação da inscripção que alli se trata, porque, já depois do que escrevemos, vimos mais nos mesmos casos que as primeiras, que despertaram a attenção, e todas em pedras a dividir termos; e agora sabemos, por informação do illustrado Rev. Conego José Maria Ferreira, existir uma no sítio de Mornortas, que divide os termos de Santa Comba e Moredo, concelho de Bragança, com esta inscripção



tendo as letras inferiores o dôbro do corpo das superiores; e que é fóra de duvida que quer dizer BARCA, estando escrita por aquella maneira na pedra, por não caber na sua largura de outro modo. O mesmo quer dizer esta copia de outra que o Rev. Parocho de Sendas, tambem concelho de Bragança, me mandou



e em que não se vêem mais letras, mas de presumir é que o A que lhe falta esteja por cima, ainda que já gasto, e por isso mal se perceba e o não copiou.

Bragança, Novembro de 1901.

Albino Pereira Lopo.

Digitized by Google

Projecto de um Museu Archeologico em Setubal

Das noticias a baixo transcritas se vê que se projecta fundar um Museu em Setubal. Comquanto eu pela minha parte me esforce sempre por trazer para Lisboa, para o Museu Ethnologico a meu cargo, todas aquellas antigualhas que encontro perdidas, mal estimadas ou deslocadas pelas provincias, — e dos arredores de Setubal algumas tenho tambem trazido —, nem por isso deixo de ser apologista da fundação de museus locaes: cfr. *O Arch. Port.*, I, 18 (Serpa), 30, 223 e 301 (Leiria), 37 (Villa Real), 175 (Moncorvo), 254 (Lagos), II, 272 (Villa Real), 78 (Braga), etc. Não direi que se funde um museu em cada villa, mas pelo menos devia haver um em cada cidade, ou em cada capital de districto. Se já temos Museus Archeologicos em Faro, Beja, Elvas, Alcacer do Sal, Lisboa, Santarem, Figueira, Coimbra, Porto, Guimarães, Bragança, ha ainda regiões como a Beira Baixa e a Beira Alta, districtos como Leiria, onde não existe nenhum. Em Vianna do Castello creio que existem no lyceu algumas antiguidades. Em Braga está o Sr. Albano Bellino, com louvavel desinteresse e actividade, organizando um Museu Archeologico no paço archiepiscopal, com os proprios objectos que elle tem colligido. Setubal, como capital da peninsula da Arrabida, como cidade rodeada de estações archeologicas, entre as quaes avulta a de Troia, que é uma das mais celebres do país, merece bem um Museu Archeologico; e por isso é digna de enthusiastico applauso a ideia da fundação proposta. Se a Ex.ma Camara pudesse adquirir a collecção que pertenceu ao fallecido Almeida Carvalho (cfr. *O Arch. Port.*, I, 59), teria nella um excellente começo de museu.

J. L. DE V.

Museu em Setubal

Todos sabem quanta somma de conhecimentos accumulados representa um Museu e que factor importante se torna na educação de um povo, principalmente quando, como o nosso, não lhe sobram tempo e cabedaes para procurar fora a instrucção que é uma necessidade do espirito, como o pão uma necessidade do corpo. Criar um Museu é abrir uma escola, é rasgar um parentheses de luz na vida de uma terra.

Nós, que de ha muito advogamos com ardente fé e enthusiasmo a criação de Museus Regionaes, não podemos senão applaudir e regosijar-nos com o bom e animador acolhimento que os membros da Camara Municipal, reunida na penultima quarta feira sob a presidencia do Sr. Venancio Olympio Ferreira Torres, fizeram á representação promovida pela distincta escritora D. Anna de Castro Osorio e seu marido, o nosso prezado collega Paulino de Oliveira, e que o vereador Sr. Henrique Augusto Pereira, a seu pedido, apresentou.

Tem esta representação por fim requerer á Camara para que faça installar na sua pertença, a chamada capella do Corpo Santo, o Museu que tanta mingua faz nesta terra.

Digitized by Google

Os membros da Camara que estavam reunidos approvaram a ideia, ficando de ir brevemento tomar conhecimento do local, para, depois do seu exame feito, responderem definitivamente.

Temos pois boas esperanças de que será acceite a ideia d'aquelles senhores, porque só quem não conhece o *Corpo Santo* pode consentir sem amargura em tê-lo fechado, entregue a uma associação de pescadores, que, por sua honra e é de justiça dizer-se, a teem conservado melhor do que talvez outras pessoas mais illustradas o fariam... Entregando-a como está, esta associação dá prova da sua boa educação civica, e a Camara decerto não lhe regateará casa, que as tem com fartura, onde ella se reuna.

Estando votada a criação do Museu, a Camara não tinha ainda pensado no local onde seria installado; temos pois esperança de que se resolva fazê-lo no Corpo Santo, o que será caso para darmos parabens á Camara que tal fizer, e á cidade que ficará dotada com um Museu encantador.

O que seja o Corpo Santo e as suas vantagens como Museu de Setubal os nossos leitores o verão no nosso proximo numero, em que tencionamos publicar a referida representação.

Será a melhor maneira de poder ser apreciada tão bella ideia, patrocinada por grande numero de pessoas de vasta cultura intellectual d'esta cidade, e que o povo, que tantas vantagens educativas pode auferir de tal criação e installação, certamente applaudirá.

(*O Sul*, 24 de Novembro de 1901).

Como promettemos, publicamos hoje a representação dirigida á Camara Municipal de Setubal sobre a fundação de um Museu no edificio do Corpo Santo:

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs.—Sendo Setubal uma das mais formosas terras do país, aquella onde parece que a natureza caprichou em juntar os seus melhores dons, como um clima doce, um céu de esplendido azul, aguas de transparencia e limpidez incomparaveis, pomares, pinhaes, serras pittorescas, valles amenos, tudo que a poderia tornar a estancia mais famosa e linda de Portugal, carece quasi por completo de uma sã orientação artistica que dê aos seus habitantes uma alta e nobre noção da Arte e lhes ensine a usar intelligentemente os beneficios tão prodigamente espalhados neste recanto privilegiado.

Parece-nos, pois, Senhores, que a criação de um Museu, que seja ensino do passado e incentivo para o futuro, é da mais urgente neces-

Digitized by Google

sidade numa terra que deseja progredir, não somente pelo numero das suas fabricas e enriquecendo as industrias e o commercio, como educando os seus filhos e mostrando aos estranhos que, a *pari passu,* se vae engrandecendo materialmente, vae educando a intelligencia, rasgando vasto campo para se exercerem as aptidões artisticas do povo, que as tem incontestaveis.

Nas vossas mãos está hoje entregue a direcção do Municipio, e por isso a vós nos dirigimos para que nos auxilieis com o vosso concurso para a criação de um Museu Regional, que se nos antolha ser um dos melhoramentos inadiaveis numa cidade da importancia da nossa.

Se fossemos bastante ricos para edificarmos uma casa com todas as condições que a hygiene requer nas modernas habitações hospitalares, de construcção ligeira, rez-do-chão, bem arejada, e dividida propositada para o fim a que se destinava, não hesitariamos um instante em propôr á Santa Casa da Misericordia a troca por essa joia de inestimavel preço que se chama Convento de Jesus. Ahi installariamos o Museu que Setubal requer, nessa casa que já por si representa um momento unico de grandeza na historia artistica do país, e que hoje, embora menos mal conservado, não é respeitado como devem ser os monumentos de arte, visto que as adaptações, por melhor que ellas se façam, nunca podem passar de triste remedio, e, quasi sempre ainda os mais criteriosamente dirigidos, são mutilações desastrosas para a esthetica. Mas, infelizmente, não dispomos de recursos monetarios, e tão somente de muito boa vontade de servir a nossa terra.

E, porque nas vossas mãos está dotar esta bella cidade com o mais artistico e suggestivo Museu que poderiamos sonhar, a vós nos dirigimos, Senhores, conscio de que vos fazemos um bom serviço.

Pequeno é o edificio em que pensámos, nem por emquanto poderemos pensar em grandezas, porque nos ha de ser ardua tarefa reunir objectos numa terra ha tantos annos posta a saque pelos amadores de fora, e que, com a mais inconsciente indifferença tem deixado levar as suas melhores cousas; mas a casa já de si é digna de figurar como preciosidade no Museu de arte que alvitramos. Como decerto já vos occurreu, referimo-nos ao que vulgarmente se chama «Capella do Corpo Santo», e que de capella pouco ou nada tem, a não ser o oratorio, todo de magnifica talha dourada, por estranha fortuna em regular conservação.

Numa cidade que possuisse arte ás mãos cheias, o «Corpo Santo» não seria para desprezar; em Setubal, em que a carencia de monu-

Digitized by Google

mentos e objectos de arte é muito sensivel, elle devia ser exposto com envaidecimento aos seus hospedes e tratado com o intelligente carinho com que se cuida nos paises civilizados de todas as manifestações de genio artistico.

Parece-nos, pois, Senhores, que não poderá continuar aquella preciosidade no desconhecimento de tanta gente, e quasi totalmente entregue ao bafio do abandono de velha casa deshabitada e trancada. Porque aquelle edificiozinho, que algumas cousas de custosa valia enthesoura, só de vez em quando é aproveitado para reuniões de uma associação de pescadores, que,—diga-se de passagem, para honra d'elles,—não o teem tratado com o vandalismo que a sua ignorancia nos faria suppôr,—differençando-se nisso de algumas pessoas de educação ou de posição elevada que já por vezes o teem esbulhado.

Não é digno, Senhores, de uma cidade civilizada, como se preza de ser a nossa, que se continue a deixar aquella casa tão artistica, ou a servir de associação de maritimos, ou a estar fechada a sete chaves, custando horas e dias de trabalho o desejo de a mostrar a alguem que precure conhecer Setubal.

Afigura-se-nos, Senhores, que de maneira nenhuma ella seria utilizada melhor do que num pequeno, mas bello Museu local, porque tem condições para isso, na independencia, forma caracteristica do seu pateo e escadaria, (que muito bem serviriam para expormos tudo aquillo que, recozido pelos tempos, a chuva e o sol não podem prejudicar), na amplidão das suas portas e janellas rasgadas, na decoração das paredes e tectos das suas salas. Dupla e nobremente poderemos servir a terra em que exercemos as nossas actividades: dotá-la de um Museu para recreio dos olhos e do espirito, e resgatar um edificio do olvido, dando-lhe o unico aproveitamento condigno que deve ter.

E porque estamos convencidos da grande justiça do nosso pedido, a vós recorremos, esperando a graça da vossa criteriosa attenção e do vosso prompto deferimento.

E. R. M.ce

Setubal, 24 de Outubro de 1901.

Ill.mos e Ex.mos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal de Setubal.

D. Anna de Castro Osorio=Paulino de Oliveira=Dr. João Carlos Botelho Moniz=Manoel Maria Portella=D. Carlos Pereira Coutinho—Dr. Luiz Teixeira de Macedo e Castro=Dr. Antonio Carlos da

Digitized by Google

Costa Botelho Moniz=Antonio Ignacio Marques da Costa=Dr. Francisco de Paula Borba=Dr. Francisco Joaquim Ayres do Soveral=Dr. Augusto Cesar Loforte=Dr. Domingos Garcia Peres=José de Groot Pombo=José Antonio Pinto=Dr. Apparicio Alberto Fernandes Calheiros=Luciano de Carvalho=Dr. Manoel Antonio Affonso Salgueiro=D. Joaquina Guerreiro Henriques=Jorge Fernandes Gomes=João José Pinto=Alfredo Augusto Portella=Alfredo Leite Miguens=Joaquim Brandão=Arronches Junqueiro=Antonio Pedro Cardoso Junior=Dr. Joaquim Simões Cantante=Joaquim da Costa Novaes=Manoel Maria Portella Junior=José Maria da Silva=Henrique O'Neill de Groot Pombo=João Maria Cardeal Rocha=Julio Augusto de Oliveira.

(*O Sul*, 1 de Dezembro de 1901).

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

20. Associação Francesa do Progresso das Sciencias

Esta Associação votou, em sessão de 16 de Março de 1898, a quantia de 12:500 francos para a publicação de trabalhos scientificos, e excavações archeologicas em dolmens, cavernas e outras estações antigas.

(*Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie*, VIII, 167).

21. A Citania de Roriz

«A Citania de Roriz, na freguesia de Eiriz, do concelho de Paços de Ferreira, districto do Porto, apresenta importantes vestigios archeologicos, muito semelhantes aos da Citania de Briteiros e dignos de que o estado proteja a sua conservação. Acontece, porem, que o terreno da Citania de Roriz está hoje na posse de diversos proprietarios, o que faz recear que se não mantenha a unidade d'aquelle monumento e que, pelo contrario, elle seja retalhado ao arbitrio de cada proprietario ou de todos elles. No interesse da conservação da Citania de Roriz, o Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes chamou a attenção do Governo para tal assumpto, a fim de, pelos meios que julgar mais efficazes, providenciar no sentido de garantir a integridade d'aquelle monumento archeologico».

(*O Seculo* de 8 de Novembro de 1901).

Digitized by Google

Estátua de um guerreiro lusitano

Numa das sessões da Sociedade dos Antiquarios de França, «M. Eude, associé correspondant national, présente la gravure de trois vieilles statues lusitanes, publiées pour la première fois par une revue portugaise [*O Archeologo Português,* II, 29][1]. Ces statues en granit, fort grossières, dont deux n'ont pas de tête[2] et dont aucune n'a de pieds, sont intéressantes au point de vue du costume et de l'armement. Le sayon s'arrête au-dessus du genou. Les bras sont nus. Le bouclier représenté sur deux des statues est rond et fort petit, répondant à l'indication de Strabon: *le diamètre du bouclier des Lusitans n'est que de deux pieds.* L'arme représentée est un poignard. Il faut remarquer qu'il est placé à droite. Ces statues étaient sans doute des effigies tombales. Peut-être faudrait-il les rapprocher des monuments d'Olerdola (Catalogne), ayant grossièrement la forme d'un corps humain. Sur les anneaux dont deux des statues sont ornées, M. Eude se propose de faire une autre communication»[3].

O artigo publicado por mim no citado numero d-*O Archeologo* foi tambem objecto de uma referencia do Sr. Rocha Peixoto, ao reproduzir na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes,* IV, 181 sqq., dois artigos do Sr. Martins Sarmento e um do Sr. Figueiredo da Guerra.

Aos exemplares conhecidos, de estátuas de guerreiros lusitanos, posso agora juntar mais um que adquiri para o Museu Ethnologico Português, por intermédio do Sr. P.e José Raphael Rodrigues, collaborador d-*O Archeologo Português.* Foi encontrado num campo, ao pé da povoação de Capelludos, concelho de Villa Pouca de Aguiar, nas faldas do monte do Crasto, na qual ha ainda restos de muralhas de um antigo *oppidum.*

A estátua é de granito, como as outras que existem no país, mas distingue-se de todas ellas por o guerreiro estar representado com capacete na cabeça. Faltam-lhe, porém, já os membros inferiores, estando pois a estátua reduzida á maior parte do tronco, aos membros superiores e á cabeça. (Vid. fig. 1[4]).

---

[1] [As estátuas ineditas eram só duas].

[2] [Nenhuma d'ellas tem cabeça. A de uma d'ellas é moderna].

[3] *Bulletin de la Societé Nationale des Antiquaires de France,* 1896, p. 359.

[4] Gravura feita segundo uma photographia tirada pelo Sr. Maximiano Apollinario.

Digitized by Google

Examinemo-la de perto. O capacete é, como disse, conico; o vertice acha-se um tanto esmurrado, o que torna o capacete um pouco mais baixo do que era primitivamente. Como na posição em que foi tirada a photographia não era possivel ver o capacete por completo, dou aqui (fig. 2) o desenho especial d'elle, tirado de frente, em toda a extensão[1]. A face não tem expressão; os olhos sãos dois buracos informes; das arcadas orbitarias só a direita sobresae um pouco; o nariz está tambem esmurrado; a bôca torta; toda a fronte oblonga e achatada. As orelhas são muito apparentes, mas toscas: a direita está es-

Fig. 1.ª — Fragmento da estatua do guerreiro lusitano

murrada, com parte da cabeça, d'este lado; a esquerda não passa de uma saliencia redonda, com um orificio no centro. O pescoço é grosso e curto; os ombros baixos. O artista quis significar que a figura che-

[1] Capacetes conicos de differentes fórmas são conhecidos em muitos povos antigos. Cf. *Revue Arch.*, 1866, I, p. 261; *Musée préhistorique*, n.º 955; *Compte-rendu du Congrès de Moscou*, II, 342; *Notizie degli scavi*, 1894, p. 306; Alex. Betrand, *Le casque de Berru*, Paris 1875; Chantre, *L'âge du bronze*, I, 146; *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. *galea;* Cesnola, *Cypriote antiquities*, Berlim 1885, est. XXXIX sqq.; *Bullet. et mém. des Antiq. de France*, 1895, p. 275.

Digitized by Google

gava com a mão esquerda a um escudo pousado verticalmente sobre o peito e abdomen; todavia a mão não se vê, por causa da imperfeição artistica; apenas avulta o ante-braço, que faz angulo com o braço: um e outro cingidos ao corpo. A parte superior do braço direito esmurrada, e este junto ao corpo; o artista quis tambem significar que a figura segurava na mão direita um objecto, mas a mão não se vê, apenas o ante-braço fórma angulo com o braço, embora menor que o do lado esquerdo; do objecto seguro pela mão distingue-se só parte, que deve ser o cabo informe de uma espada curta, como a que se vê por inteiro nas estátuas de Fafe e de Vianna do Castello[1] e nas de Montalegre (hoje no jardim real da Ajuda)[2]. A baixo do escudo apparece ainda parte do abdomen, e a cima parte do peito descoberto. O escudo destaca-se do corpo do guerreiro em toda a extensão, menos no ponto que corresponde á mão esquerda que se suppõe que o toca: é levemente convexo, e com um botão ou *umbo,* que sobresae um pouco ao centro

Fig. 2.ª—Capacete do guerreiro lusitano

e é tambem levemente convexo; os bordos do escudo continuam-se insensivelmente com o corpo do guerreiro. O escudo tem de diametro $0^m,34$, e o *umbo* $0^m,12$. No tronco não se figurou nenhuma correia para se suspender o escudo; a cinta é lisa, e o escudo tem, como disse, o aspecto de estar seguro pela mão esquerda.

Observemos agora a estátua pelas costas. Estas apresentam ao longo, verticalmente, um sulco, que corresponde ao sulco natural. Vê-se a saliencia dos braços; a do direito maior que a do esquerdo.—D'este lado a pedra apresenta duas fendas ou rachas: uma longitudinal, parallela á espinha dorsal, e á direita; outra obliqua, á esquerda.

---

[1] Vid. os desenhos d'estas—*O Arch. Port.,* II, 30-31.

[2] Vid. os desenhos d'estas n-*O Occidente,* IX, 248; e em Christovam Ayres, *Historia do exercito português,* I, 254-255.

Digitized by Google

Como falta a parte inferior do corpo, não se sabe se a estátua estava ou não vestida com um saio, como as mais congeneres. Nem no pescoço nem no que resta dos braços se percebe axorca alguma; tanto estes como aquelle são lisos.

A estátua, no seu estado actual, mede de altura, desde o topo do capacete, até baixo: $1^m,16$ a $1^m,17$; de largura, contada de ombro a ombro $0^m,61$; a espessura do tronco, contada em baixo, é de uns $0^m,33$.

O trabalho da estátua é muito grosseiro; um dos braços (o esquerdo) é até menor que o outro; o escudo, comparado com o das outras estátuas, pousa muito a cima. Temos aqui sem dúvida um exemplar da arte dos rudes Lusitanos de Trás-os-Montes, exemplar inteiramente comparavel, quanto á execução e ao uso, aos célebres *berrões* ou figuras de porcos, tambem de pedra, da mesma provincia[1].

Tanto os guerreiros, como os *berrões*, serviam para serem postos sobre sepulturas, o que se prova pela inscrição que se lê na estátua de Vianna e pelas que se lêem nas dos *toros* de Hespanha, que são semelhantes aos nossos *berrões*[2]. O costume de collocar estátuas sobre sepulturas é bastante espalhado. Muitos povos crêem que as almas dos mortos passam de preferencia para as estátuas ou retratos feitos á imagem do defunto. Não será tambem estranho a alguns d'estes costumes dos nossos maiores o *totemismo*[3].

J. L. de V.

Museu militar

«Consta-nos que o Sr. General Castello Branco, benemerito director do Museu do Arsenal do Exercito, vae organizar uma nova sala com os modelos dos uniformes do exercito, desde 1740 até a actualidade, segundo estudos e *croquis* do Sr. Tenente-Coronel Ribeiro Arthur, um illustre escritor e um distincto aguarellista.

Ao centro da sala será collocada a estatua symbolica da *Guerra*, esculptura de marmore do nosso glorioso esculptor Teixeira Lopes. Em volta, em manequins adquiridos na Allemanha, são exhibidos os uniformes militares desde a data que já indicámos.

---

[1] Vid. figuras d'estes *berrões* n-*O Arch. Port.*, I, 236–237.

[2] O nome popular d'estes quadrupedes de pedra na Hespanha é *toros de Guisando;* entre nós adquiriu fama a *porca de Murça*, que pertence á mesma classe.

[3] Cf. Alviella, *L'idée de Dieu*, p. 123. Estátuas nos tumulos: *ibid.* e cf. p. 124. Honras prestadas á effigie dos mortos: *ibid.*, p. 140. Estátuas funerarias na Nova Guiné: *Mélusine*, IV, 48; em Alasca: *Smithsonian Report*, 1888, p. 352.—Sobre a Hispania em geral: Hübner, *Monum. ling. Ibericae*, p. CXVI.

Digitized by Google

A esta sala será dado o nome do Sr. Ministro da Guerra.
Deve ser uma das salas mais interessantes d'aquelle museu, que nos faz honra. Utilissima para o estudo da historia dos uniformes, pittoresca e brilhante como decoração d'aquelle notavel estabelecimento.
É o que se faz no estrangeiro. Na ultima exposição de Paris, a historia dos uniformes dos grandes exercitos da Europa estava feita por aquelle modo attrahente e de rapida comprehensão.
Ficará o museu devendo mais este embellezamento e valioso serviço ao Sr. General Castello Branco, seu dedicado organizador, que naquellas admiraveis installações tem um honroso testemunho do seu culto espirito e da sua fervorosa alma de patriota».

(*O Seculo* de 21 de Novembro de 1901).

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

413. Riba Pinhão (Trás-os-Montes)

Imagem encontrada dentro de um sino

«Ha nesta minha freguesia no sitio chamado Saudel que fica em hũ alto e com pouca distancia desta Igreia em campos que se cultivão, e dam toda a casta de pam e feijõis hua cappella que tem labios (*aliás* laivos) de Igreia por ter capella major e corpo de Igreia fabricada com toda a bizaria por estar ajolejada e co teto de paineis que constar (*sic*) a Illustrissima e real ascendencia da Virgem Nossa Senhora de cuja invocaçoin he a mesma capella com o titullo de Nossa Senhora da Saude cuja imagem he de vulto muito antigua que por tradiçam se dis que foi descuberta naquelle citio por hũa pastora que apasentava gado achando a dentro de hum sino admmiravel que está nesta Igreia». (Tomo XXXI, fl. 508).

414. Ribeira de Olival (Estremadura)

Inscripção em latim

«A cappella de N. Senhora do Testinho que está no luguar do Estreito com sua Imagem da Senhora disce todos os Domingos e dias santos missa na dita Capella por conta do Ex.^{mo} Conde de Castello Milhor que a erigio no tempo que andava fugitivo com cujos alcances vinha huma tropa, e aonde hoje he a cappella abatido e o culto, escapou, e levantou aquella Igreja em memoria, com a invocação do

Digitized by Google

Testinho por trazer comsigo hum preto em que estaua esculpido a Senhora, que por milagre munto o estimaua, e asim se da a conhecer pella inscripção que esta sobre o portico que he da forma seguinte:

HIC VBI PER MULTAS HEBDOMADAS LUDOVICUS
A VLL.[os] ET SOUSA COMES CASTELLI MELIORIS IN
SUIS AERUMNIS VNA TUTELA SS.[AE] VIRGINIS, AB INVOCATIONE A TESTULA INTUTO FUIT, HOC SACELLUM EREGI
IN FIDE. ANNO CIↃ. DC. LXXXVII.

A esta capella concorrem algumas pesoas por ser milagrosa». (Tomo XXXII, fl. 608).

415. Ribeirão (Entre-Douro-e-Minho)

Engenho de pesca

«Nesta paragem, já disse, corre o rio Ave de Nascente a Poente no distrito desta freguezia sam as suas margens cultivadas: tem tres azenhas de moer pam com suas (*sic*) açudes: no distrito dos meeyros tem duas: na ultima está o celebre engenho de pescar peixes que he feito de coatro hastas de ferro como braços de sarilho, tendo na ponta de cada hũa pendente para a pendente para a parte aonde deita os peixes hum cestinho feito com rede de arames; he tangido pela mesma agoa da corrente: foi invento do Padre Bras da Silva Tavares, senhor da mesma Azenha, e morador na aldea da Povoaçam dos meeyros a esta freguezia e inda vive a sua imitação se tem feito muitos em varias partes e não descreve todo o artificio com mais individuação, por ter noticia que outras pessoas o tomaram por empresa». (Tomo XXXII, fl. 629).

416. Rio Caldo (Entre-Douro-e-Minho)

A pedra de Santa Eufemia

«Ha nos Lemites desta freguesia no monte chamado o alto da Cobreyra asima do lugar da Seara hũa pedra com bastante grandeza e nella se acham sinais vestigios, ou pegadas debuxadas, e escritas assim das plantas como dos joelhos que dizem por tradiçam dos antigos, serem de Santa Eufemia, filha de Cayo Attillio e de Dona Calcia gentios e que por estes montes handara fazendo penitencia retirada da presiguiçam do gentilismo: os mesmos e semelhantes vestigios se acham em hũa pedra, que se acha a cruz do Touro e outros muntos na freguezia de Covide onde dizem fora martyrizada». (Tomo XXXII fl. 669).

Digitized by Google

417. Rio Covo (Entre-Douro-e-Minho)

Sepulturas

«Nam ha mais couza alguma notavel nesta freguezia que se possa descrever; somente na Igreja parochial algumas sepulturas de pedra com suas tapaduras antigas em que se devizam huma espada e hum modo de cruz que tambem nas cazas da rezidencia delles se acham». (Tomo XXXII, fl. 675).

418. Rio de Couros (Estremadura)

Caixão de pedra

«Não acode a ellas (*ermidas*) gente de romage, mas sim á jgreja, por devoção a Nossa Senhora da Natividade, que commumente em vocabulo vulgar, se chama de Rio de Couros. Em todo o anno concorre povo, mas principalmente em 15 de agosto e a 8 de setembro por ser esta jmagem de muntos e grandes milagres, cujos principios não tem memoria. E alem dos mais milagres de menos nota, contase que troucera de terra de Mouros hũ christão que lá era cativo e que fechando-o seu senhor á noite em hũ caixão de pedra o achava pela manhãa solto e o caixão fechado e perguntado quem o soltava? respondia que hũa senhora que tinha na sua terra, a quem todos os dias rezava o Rozario: o que querendo saber o senhor se meteo com o christão no caxão, e ouvindo pelo dicurso da noite tocar sinos perguntou ao christão se avia na sua terra campannas; e dizendo o christão que sim entendeu o Mouro o mysterio ou milagre e disse: estamos na tua terra; athe agora foste meu cativo, agora serei eu teu e apportando na caza da senhora se fez christão etc.

Assim se conta por tradição antiquissima e supposto que não haja prova autentica há porem muitos motivos para que seja digno de fée. 1.º porque aqui se conserva o dito caxão de grandeza de hũa arca grande jnteiriço (supposto abrio ja hũa fenda) de grosura de dous dedos; e de qualidade de tal pedra que tem apparencias de seixo mas com effeito não he; pois se desfás facilmente e muntos enfermos tem conseguido milhorar com o seu pó raspado do tal caxão. 2.º Porque há razois para se prezumir que suposto ouvesse papeis donde podesse constar esta ou outras maravilhas e prodigios tudo ficaria consumido na ruina que padeceo esta terra no tempo de que não ha memoria. Mas bem se mostra, que foi terra grande e que padeceo ruina. Por quanto achando-se neste sitio só a caza da Senhora, e fazendo-se della jgreja matrix se tem descuberto varios caxõis com ossos de defuntos, assim dentro como fora da jgreja, grandes e gro-

Digitized by Google

sos tejolos, telhas e pedras encaliçadas. E isto mesmo se tem achado por toda aquelle circuito quando se planta, ou arranca algũa oliveira.

3.º Porque sendo visto este caxão de muita gente de varias terras, não ha quem conheça pedra semelhante em Portugal». (Tomo xxxii, fl. 686).

419. Riodades (Beira)

Etymologia

«A respeito do nome de Rio de Ades ha duas tradiçoens e ambas com bastante probabilidade: huns dizem que esta povoaçam se chama Rio de Ades por serem Ades, pasaros que no rio Tavora andão com frequencia no tempo do inverno, principalmente neste pais e que por esta couza se apelida o luguar Rio de Ades [1]: outros afirmão que antiguamente se chamou Rio de Aguias por aver somente neste destrito copia destas aves que se crião e tem sua habitação nos grandes pinhascos do rio Tavora». (Tomo xxxii, fl. 692).

420. Rio Frio (Entre-Douro-e-Minho)

Torre

«Tem havido nesta freguesia huma Torre antiguissima que ainda muitas pessoas que lhe lembra della, da qual ainda aparecem vestigios, cujo sitio ainda conserva o seu nome chamado a Torre». (Tomo xxxii, fl. 718).

421. Rio de Gallinhas (Entre-Douro-e-Minho)

Ponte da Alliviada

«A couza mais nottavel que nestes Rios se admira, he, que dipois de este se juntar com o de Ovelha, e antes de chegarem ao Tamega, passa pello sitio da Aliuiada aonde tem huma alta ponte de pedra na estrada que vay para Amarante, entre as freguezias de Fornos, e São Martinho da Aliuiada, terra de muitos penedos, que encostados huns aos outros no fundo de dous altos montes, fazem abobeda, por baixo do qual passa o Rio, que por mais caudellozo que corra nos enchentes do Inverno se não vê agoa na distancia de tres tiros de espingarda; e deziam os antiguos que ali hera a boca do inferno, e que debaixo daquellas concavidades se tinhão tirado pessoas vivas,

---

[1] No Livro 1 de *Inquirições* de D. Affonso III (ainda não publicadas), fl. 179, vem «ecclesia de paredes et de Riuo de Aades». Na *Revista Lusitana*, v, 121, nota, e 160, o Sr. Leite de Vasconcellos dá a etymologia á n a t e s. Quanto a Dade (concelho de Viseu), parece-me, porém, que este vocabulo provém de um nome proprio.

Digitized by Google

que haviam por muitas vezes dezapparecido, por forsas de pragas com que seus supperiores as deram ao demonio; e dipois que no ditto sitio se collocou huma crus de pedra se afugentaram as couzas sinistras que ali sucediam, e fantasmas que apparessiam; o sitio he espantozo, e orrendo». (Tomo XXXII, fl. 733).

422. Rio de Moinhos (Alemtejo)

Inscripção em português

«Na parede desta igreja (*de Santiago*) da parte de dentro e da parte do Evangelio se acha huma pedra branca, engastada na mesma parede, que tem o letreiro seguinte:

EU D. GONÇALO EDIFIQUEI ESTA IGREJA DE SANTIAGO EM HONRA E LOUVOR DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, E DA BEMAVENTURADA VIRGEM MARIA SUA MAY SANTISSIMA.

E ESTA JGREJA DOM GONÇALO A FES AQUI EM SUA VIDA E MORREO, E ESTÁ SEPULTADO EM A PARTE DIREYTA DA JGREJA, REYNANDO EM PORTUGAL DOM DINIS SEXTO REY DESTE REYNO, ISTO FOY FEITO EM O MES DE OUTUBRO NA ERA DE 1328

ESTA PEDRA DESCOBRIO E MANDOU POR AQUI TRADUZINDOA NESTE IDIOMA O L.DO MANOEL RODRIGUEZ RAMALHO, NOTTARIO DO SANTO OFFICIO, E PAROCHO NESTA FREGUEZIA NA ERA DE 1728

(Tomo XXXII, fl. 788).

423. Rio Tinto (Entre-Douro-e-Minho)

Minas

«Na dita serra pella parte do Norte sitio de Espinhaço de Cam se acham fojos porem quazi tapados algum ainda conserva altura de vinte palmos, e como ella he ramo da de Valongo e de Santa Justa aonde ha muitos com escadas subterraneas, he sem duvida que dos seus fojos se tirou no tempo dos romanos muita quantidade de ouro, de que hião repletos os Preconsules que governavão a Hespanha no tempo da republica e ainda no do Imperio como dis Plinio e não ha muitos annos sendo vivo o Senhor Rei D. Joam o 5.º por ordem sua vejo hum mineiro a esta serra, e dizem que achara o ouro, o qual não proseguyo por não conresponder a ganancia a despeza, tambem em Baguim ha ruinas de talco na Quinta do doutor Gualter Antunes Pereira, e por outras mais partes mostras d'elle». (Tomo XXXII, fl. 814)

Digitized by Google

424. Rio Torto (Trás-os-Montes)

Fortaleza dos romanos

«No que respeita ás antiguidades dignas de memoria não ha mais que em hum cabeço alto huns vestigios das ruinas de hũa fortalesa dos Romanos ou mais antigua: aqui neste sitio se tem achado relogios de ouro, e disem ha tradição que tambem se acharão pratos de prata». (Tomo XXXII, fl. 822).

425. Rios (Entre-Douro-e-Minho)

Torre

«Ha nesta freguezia chamada e situada no lugar do Poço huma torre antiga e de que he senhor Antonio Marinho Falcam e não padeceo Ruina no terramoto». (Tomo XXXII, fl. 841).

426. Roliça (Estremadura)

Cesareda. — Moedas romanas

«O Pó, terceira aldea desta freguezia tem quarenta fogos; e fora do lugar huma Ermida, orago de Santa Catherina, em huma quinta que he de dona Roza de Peniche: está situada esta aldea junto a huns penhascos chamados Sezereda [1], onde este anno foram achados alguns dinheiros de cobre com a figura do Imperador Romano de huma parte e da outra com tres figuras e em circulo este titulo = *Reparatio Reipublicae.* = Dizem que esta aldea fora antiguamente Cidade; e se fundira talvez por algum terromoto; porque aparecem edeficios debaixo da terra.

He pobre, junto a ella ha um Ribeiro com ponte de cantaria de hum arco.

Columbeira, quarta aldea anexa a esta freguesia, tem setenta e oito fogos, he terra muito pobre, tem dentro em si huma Ermida do Povo, Orago de Santa Justa e Rofina; está situada em planice, junto a humas serras onde ha humas grandes concavidades e fundas. No lemite deste lugar, onde chamam os Fornos da Telha ha huma fonte, cuja agoa sempre foi afamada». (Tomo XXXII, fl. 862).

Pedro A. de Azevedo.

---

[1] A orthographia geral hoje é com *c*. Qual a melhor graphia só a podem dar documentos anteriores ao seculo XVI. O Sr. Leite de Vasconcellos (*Religiões da Lusitania*, I, 28, nota 4) põe de lado o etymo *Cesar*, e julga que provenha de *cicereta ou *ceraseta.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno........................	1$500 réis.
Semestre....................	750 »
Numero avulso...............	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em **carta registada** ou em **vales de correio**, ser dirigida ao administrador d-*O Archeologo Português*, Museu Ethnologico, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. VII FEVEREIRO E MARÇO DE 1902 N.os 2 E 3

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

RECEIVED
APR 1911
PEABODY MUSEUM.

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Apontamentos numismaticos: 33.
Picote (Miranda do Douro): 54.
Noticias varias: 54.
Arco romano de Bobadella: 56.
Noticias archeologicas: 58.
Estudos de numismatica colonial portuguesa: 67.
O Alto do Carocedo ou Carrocedo: 70.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 74.
Inscripção romana de Almeirim: 80.

Este fasciculo vae illustrado com 6 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII | FEVEREIRO E MARÇO DE 1902 | N.os 2 E 3

Apontamentos numismaticos

I

O direito do bulhão no Porto

O direito de cunhar moeda de bulhão no Porto pertencia ao alcaide-mór d'aquella cidade, João Rodrigues de Sá, mas, não sei porque motivo, foi transferido para o Conde de Penella. Tendo-se perdido a respectiva carta, D. Manoel a 2 de Novembro de 1514, lhe mandou passar o seguinte alvará:

«Nos elRey fazemos saber a quantos este nosso aluara virem que ho conde de Penella, meu muito amado sobrinho, nos disse como nos lhe tinhamos feito merce do bulham da nossa cidade do Porto, assi como ho tinha Joham Rodriguez de Saa, e porque se nom achaua a doaçam que elle diso tinha pera se saber as pennas que por elle lhe sam concedidas, avemos por bem e queremos que da pubricaçam deste nosso aluara em diante ninhuũa pesoa de qual quer estado e condiçam que seja que nom posa fazer no dito bulham na moeda da dita cidade saluo com prazer e consentimento do dito conde ou de seu feitor ou rendeiro, nem isso mesmo ho posa vender a outrem senam a cada huũ delles so penna de quem ho contrario fizer ho paguar em quatro dobro, ametade pera quem ho acusar e a outra metade pera o dito conde ou seu rendeiro. Porem mandamos ao nosso veador da dita moeda e a quaes quer outros officiaes e pesoas a que esto pertencer que assi o façam notefiquar e comprir e guardar como neste aluara he comtiudo. Feito em Lixboa a dous dias de nouembro — Jorge Fernandez o fez — anno de mil e quinhentos e quatorze.»

(Torre do Tombo, *Misticos*, liv. 6, fol. cxxxb v.)

II

Observações de Damião de Goes sobre a quebra da moeda

Á semelhança de uma cova, que vae augmentado á proporção da terra que se lhe tira, assim a Torre do Tombo, quanto mais se explora,

tanto mais parece que fica por explorar. Ha meia duzia de annos a esta parte que bastantes elementos se teem colhido para a elucidação biographica de Damião de Goes, e, pela minha parte, não foi pequena a colheita que me coube offerecer ao público; mas todos os dias a inexgotavel mina vae dando o seu grãozinho, com que opulentar o thesouro. Aqui está uma nova producção do eminente historiador, em que elle demonstrou mais uma vez a variedade dos seus conhecimentos e a segurança do seu conselho. É um parecer que dá a El-Rei sobre a intentada quebra da moeda, cujos resultados perniciosos explana e exemplifica, tendo para si que seria muito mais vantajoso o augmentar, de preferencia, o valor da moeda. O documento acha-se consumido em partes, mas as palavras que faltam, ou se podem substituir sem grande difficuldade, ou não fazem tanta falta que o sentido geral não se comprehenda. Carece tambem de data e torna-se um pouco difficil, pelo seu conteudo, delimitá-la ao certo, mas afigura-se-me que o *Parecer* fôra já redigido em Portugal depois de Damião de Goes ter regressado definitivamente de Flandres, pois ha uma phrase que diz *nestes paços de Lisboa*. É curioso advertir que as observações que o illustre escriptor faz a respeito do Rei D. Fernando e do Duque de Bragança veem exaradas no cap. XX da Parte IV da sua *Chronica de D. Manoel*[1]. Tanto o documento, a que me estou referindo, como o que se lê no paragrapho seguinte, foram-me generosamente communicados pelo meu illustrado amigo Pedro A. de Azevedo, a quem testemunho aqui o meu reconhecimento por este e outros favores identicos.

«Sõr. — Se no atreuimento desta lembrança que lhe mando couber erro delle peço ha .v. a. perdam e se for em bem de seus Reinos mãde poer em obra ho que lhe della bem pareçer.

Dizem senhor que quer .v. a. aguora de nouo mãdar (quebrar) moeda que he cousa em que hos Reis cuidam semp(re ser) proueito, mas sailhes muitas vezes hao contrairo p(or que a) nouidade das moedas he mais dapnosa, e periu(dicial aos) Reinos que ha guerra, porque desta saem muitas vezes ..... e amisades, e da outra se segue ha carestia de ..... mantimentos e fructos da terra e asy das mercado(rias asy) naturaes como estrangeiras, ha qual carestia (se hũa) vez faz pee nunqua se mais de todo desareigua.

elRey dom fernando destruio mais estes Reinos e grãdes averes que achou dos Reis seus anteçessores com fazer muitas moedas nouas e maas, que com has guerras que teue com castella por que das guerras ouue fim, mas do preço das cousas (nunca) mais ouue baixa que has fizese tornar hao preço que dan(tes)

---

[1] Veja-se o meu opusculo *Estudos sobre Damião de Goes*, 2.ª serie, pag. 103.

Digitized by Google

tinhão, e per fim has taes moedas pella maa ley dellas em pouco tempo se anularão e apagarão com muita perda dos que has posuião.

Se .v. a. quisese fazer bõa moeda seguirseia della esta soo perda de se tirar pera foora do Reino porque hos mercadores não buscão senão proueito e se nas terras donde tractão não acham mercadorias de que tirem moor ganho que do dinheiro deste fazem suas carregações e este heo menos mal que pode proçeder de emnouar das bõas moedas porque não reçebe ho Reino outra perda que tirarem delle ha tal moeda com fiquarem has mercadorias por que se deu que he troqua de hũ aver por outro.

(v.) a. saiba que ho emnouar das moedas e variar dellas fiqua sempre por taxa ordinaria, e geral do preço das cousas e ysto lhe direy que sendo moço ouui dizer hao duque de bragança depois que veo da tomada dazamor, nestes paços de lixbõa ..... que sancta gloria haia quando mãdou fazer hos meos ..... que foy perguntandolhe .S. a. que lhe pareçia da tall ..... dizerlhe que lhe pareçia mal, porque hũas luuas ..... que valem aguora trinta reaes dixe elle se ham ..... dapreçar em meo tostam e asy foy porque loguo ..... poserão ha L.[ta] reaes e aguora vallem oitenta e ..... mesmo he em todallas outras cousas.

..... que .v. a. não estaa em tempo pera poder mãdar fazer ..... que Responda em ley, liga, e valia cõ has passadas posto ..... do mesmo peso pois pera a fazer maa, seria melhor ..... Reino como estaa, e não se mouerẽ mais nouidades pera perda de seus vassallos e sugeitos porque postoque v. a. aguora faça niso algum proueito por tempo ha grande perda que se haos seus hade recreçer lhe hade toquar a elle ..... solido e ha de ser deste modo que a quẽ tanto vençeo ha cobiça que mãdou per mercadoria ha estes Reinos moeda tam pesada cõmo ho sam hos pataquões de cobre que senão podem mouer sem muito trabalho pera niso fazer ganho Inliçito que muito mais se mouera ha mãdar cruzados que volumão muito pouquo e se poodem tirar de hũa nao em hum dia çem mil sem se sentir hos quaes sendo da ligua, ley e valia dos que v. a. dizẽ que quer aguora mãdar fazer, correrão pello Reino por naturães por que do cunho se não ham de conhecer quanto ha liga e ley ho ganho ha de ser tamanho ..... tudo hos farão Iguães e semelhantes ha estes no ..... e ham dentrar nestes Reinos tantos destes cruzados (que) quasy não se achara outra moeda do que se recrecera pello descurso do tempo acharẽse todollos vasallos e sugeitos de v. a. enganados e defraudados em dobro de suas faz(endas) por que querendose aiudar da tal moeda pera seus vso ..... tractos ho que cuidar que tem hum cruzado de seu se achara cõ ..... reaes e dehay pera baixo do que v. a. não pode reçeber senão p..... porque ha perda do seu pouo ha de Reputar por sua de m(aneira) que has cousas do tracto da mercadoria e dos mantimentos al(cem) sem mesura por caso da nouidade das moed(as) ..... has moedas tornarẽ a seu curso ordinario ..... deus conçede tempos prosperos fartos e pacificos ..... aquillo que se cõpraua por hũ cruzado de maa moe(da) ..... por quinhentos reaes de bõa moeda. .s. pellos ..... então caberão ha valia do mao cruzado e ..... hã daiumtar pera fazer quatrocentos e çento que se ..... e baixa da maa moeda que fazẽ asy hos ..... que sera tudo mais caro do acustumado ha ..... he tamanha que vem ha fiquarẽ hos homẽs ..... do dinheiro que pussuião e cuidauão ter bõa mo(eda).

Esta lembranca me pareçeo bem fazer a v. a. e lhe ..... que seria milhor negoçeo aleuantar has moedas douro e prata asy estrangeiras cõmo do Reino que sera causa dentrar muito dinheiro na terra pello ganho que se nelle fara e

Digitized by Google

deste modo v. a. achara ha muito pouco preço todo ho dinheiro que ouuer mester sem fazer tam fraquos partidos de sua fazenda como mãda fazer em vender retros ha doze por cento nẽ tomar dinheiro para as feiras de castella ..... çesara tamanho mal como he tomarse ..... ha doze por cento de hua feira pera outra ho que ..... fim auendo dinheiro no Reino ho qual ao presente não ..... aver senão com se aleuantarẽ has moedas.

(Al)em do atras ditto v. a. sera lembrado que eu lhe dixe estando nas (ca)sas do gouernador que nenhũ remedeo tinha pera se de todo poder desempenhar e pagar suas deuidas que com abaixar ha pimẽta alleuantar has moedas hao que v. a. não deu orelhas da qual opiniam ainda estou e he negoçeo que se avia de trazer de longe e com muito segredo tanto que avendose de fazer ha mão direita de v. a. ho não auia de dizer (a mão) esquerda porque sabendose todo ho trabalho que se niso tiuese tomado seria baldio e de pouco valor. nosso senhor acreçente hos dias de vida ha v. a. com muito descanso e prosperidade de todos seus Reinos e senhorios. = Damiam de goes.

(Torre do Tombo. — Gaveta 22, maço 4, n.º 2.)

III

Machina de fazer moeda

Pedro de Çarate, que tratava em Roma dos negocios dos cavalleiros do Santo Sepulcro, foi o auctor de um engenho de fabricar moeda com muita perfeição, sem auxilio de martello ou de tesoura, cuja acquisição propôs a D. João III, por intermedio de Balthasar de Faria, enviado de Portugal junto da Santa Sé. Çarate dava tambem por fiador da sua pessoa e da sua capacidade a Lopo Furtado de Mendonça, embaixador de Carlos V. Existe d'elle uma petição a el-rei, escrita em hespanhol, mas sem data nem designação do logar onde foi escrita. Deve ser todavia posterior a 1542, pois foi neste anno que Balthasar de Faria partiu para Roma a negociar especialmente a questão dos christãos novos. Ignora se se a proposta foi ou não acceita, não havendo noticia d'este facto nos nossos tratadistas de numismatica.

Eis agora o memorial de Çarate:

V. S. sera seruido de scriuir ha su Alteza sobre el negocio de las monedas y certificarle como con este ingenio se hara la moneda sin martillo ny tijeras pera la redondear y muy mas facilmente y entanta perfection como su alteza ha uisto por las muestras que le inbio per Valtasar de Faria de Roma las quales se las di yo. Viene su alteza ha ganar mucho com este ingenio mediante el qual se atajan muchos salarios y gastos.

Vltradesto se da perpetuo vando dos que hazen moneda falsa y alos que la çerçenan la buena y alos que la esbolronan porque luego que se vera moneda falsa o çerçenada se conoçera luego.

Enlo de mas como he dicho a V. S. yo negociare libremente con su alteza como debe hazer vn hombre fidalgo y quando su alteza querra hauer noticia de

Digitized by Google

mi Persona el señor Lope Urtado de Mendoça embaxador de su M.^d le dara bonissima relaçion y V. S. scriuira a su alteza que yo soi el mismo de quien Valthasar de Faria le scriuio de Roma y mi nonbre es Pedro de Çarate y el mismo que con su S.^t y la M.^d Çæsarea trata el negocio de los caualleros del S.^to Sepulchro de Christo N. S. sobrlo qual tanbien Bathasar ha scripto a Su Alteza.»

No verso. Emfornação da moeda pera o senhor sacretario ver.

(Torre do Tombo. — Fragmentos, maço 1.)

IV

Moedeiros na India

Conquistada Goa, lançadas as bases do nosso imperio oriental, tratámos de affirmar bem claramente o nosso dominio, por todos os meios com que se asseguram os direitos de posse e soberania. Levantámos fortalezas, estabelecemos arsenaes e estaleiros, e batemos moeda. Cabe a Affonso de Albuquerque, como fundador e organizador do nosso emporio, a honra e primazia de cunhar moeda portuguesa nos territorios por elle adquiridos para o Rei de Portugal. Em Goa, serviu-se elle, para este effeito, dos officiaes da terra; em Malaca valeu-se do prestimo de um bombardeiro italiano por nome João Nobre. Pelo decorrer dos tempos, ficaram funccionando na India tres casas da moeda: a de Goa, que era a principal, a de Cochim e a de Malaca. Não me foi possivel ordenar até agora a serie successiva dos mestres de cada uma d'essas casas, mas as listas que adeante publico, posto que incompletas, vem esclarecer, com elementos novos, a historia da amoedação portuguesa na India.

1 — **João Luis.** — Soldado e artifice, batalhou e trabalhou na India no tempo de Affonso de Albuquerque, a quem prestou relevantes e variados serviços. A sua aptidão e engenho prestavam-se para muitas cousas, e assim o vemos fundir artilharia e moeda, fabricar polvora, etc. Por estas circumstancias o inclui e biographei nos meus opusculos *O fabrico da polvora* e *Os fundidores de artilharia.* De uma sua carta, datada de Cochim a 2 de Janeiro de 1527, extraio o seguinte trechozinho, que diz respeito especialmente ao assumpto, de que ora me occupo:

«E asy no tempo de Affonso Dalbuquerque no cerco de Goa lla fiz moeda de cobre, com que paguaua os trabalhadores que seruiã nas obras.»

É este portanto o mais antigo fundidor português que appareceu na India.

Digitized by Google

2 — João Nobre. — Italiano, bombardeiro e entendido tambem em ourivezaria. Quando Affonso de Albuquerque resolveu mandar bater moeda portuguesa em Malaca, dirigiu-se a elle e lhe encommendou *que abrisse ferros pera cunhar moeda d'ouro, e prata, e chumbo, porque se nom laurava cobre em Malaca, e fizesse para cada cousa sua feição, o que assy fez muy concertadamente...*

Vide Gaspar Correia, *Lendas da India,* II, 255.

3 — Gaspar de Barros. — Ourivez. Mestre da Casa da Moeda de Goa. Succedeu-lhe em 1526 Antonio Mendes, de quem se trata a seguir.

4 — Antonio Mendes. — Ourivez, residente em Lisboa. D. João III o nomeou mestre da Casa da Moeda de Goa para succeder a Gaspar de Barros. A respectiva carta, de 29 de Janeiro de 1526, é do teor seguinte:

«Dom Joham cetc. A quamtos esta minha carta virem faço saber que comfiamdo de Amtonio Mēdez ouriuez̄ douro, morador na minha cidade de Lixboa, que nesto me sabera seruir como a meu seruiço compre, ey por bem de lhe fazer merce do oficio de mestre da moeda da minha cidade de Guoa pello tempo e com ho mãtimento e ordenado comtheudo en meu Regimēto, asy como o ora tem e serue Gaspar de Bairos, ouriuez̄. Notefiquo asy ao meu capitam mo͞or e veador da minha fazemda nas partes da Imdia e ao capitam feitor e oficiaēs da dita cidade de Guoa e lhes emcomemdo e mamdo que tamto que o dito Gaspar de Bairos acabar de seruir o tempo que tem por meu aluara, metam logo em pose do dito oficio ao dito Amtonio Memdez e lho leixem seruir e aver o mamtimento e hordenado na maneira sobre dita, por quamto qua foy ja exeminado per oficiaēs e he soficiemte pera me bem seruir em o dito carego segundo pareçeo per çertidam de dom Pedro de Castro veador de minha fazemda que peramte sy o mādou exeminar. E mamdo ao feitor e oficiaēs da minha casa da Imdia que nestas na͞aos que com hajuda de noso Senhor am dir este anno presemte de b.ᶜ xxbj lhe dem sua embarcaçã segundo forma de meu Regimemto e lhe leixem hir seruir o dito oficio sem lhe ser posta algũa duuida nem embargo e o dito Amtonio Mēdez jurara na minha chamcelaria que bem e verdadeiramemte syrua o dito oficio como compre a meu seruiço e bem das partes. Dada na minha villa dAlmeirim a xxix dias de janeiro — Fernam dAluarez̄ a fez — de mill e bᶜ xxbj annos. E eu Fernam dAluarez̄ a fiz sprever. E porem se outra pessoa for prouyda do dito carego amte deste cōpriseam primeiro quaēs quer prouisões que forem pasadas del-Rey meu senhor e padre, que samta gloria aja, ou minhas, e nam avera mais mamtimēto que dez mill reaes.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 36, fol. 34.)

5 — Antonio Marques. — Era ensaiador, mestre de balança e abridor dos cunhos da Casa da Moeda de Goa. Foi nomeado para o substituir Francisco Rodrigues.

Digitized by Google

6 — Francisco Rodrigues. — Em carta de 13 de Janeiro de 1526 fôra nomeado para o logar designado no numero anterior, em substituição de Antonio Marques. Francisco Rodrigues traspassara este officio em Antonio Mendes, mas parece que a transacção não foi auctorizada. D. João III passou-lhe nova carta a 12 de Janeiro de 1529.

«Dom Joham &c A quantos esta minha carta virem faço saber que por parte de Francisco Roĩz, ouriuẽz, me foy apresemtada hũa carta pernni asynada e pasada per minha chancelaria, de que ho teor tall he: «Dom Ioham per graça de D.ᵒ Rey de Purtugall e dos Algarues daquem e dalem mar em Africa senhor de Guine e da comquista, navegaçam, comercyo dEtiopia, Arabya, Persya e da Imdia, faço saber a vos meu capitam mo̅o̅r e gouernador das partes da Imdia e ao veador de minha fazenda em ellas e asy ao meu capitam, feitor e oficyaes da minha cydade de Goa, que comfiamdo eu de Framcisco Roĩz, ouryuez, que nysto me seruira bem e fiellmente como a meu seruiço compre, me praz de lhe fazer merce dos oficyos demsayador e mestre da balamça e abrydor dos cunhos da minha casa da moeda da dita cydade de Guoa por tempo de tres annos e com todo ho ordenado, proes e percalços que avya Amtonio Marquez, que os ditos oficyos seruio Porem vollo notefico asy e mamdo que tamto que acabar seu tempo a pesoa ou pesoas que dos ditos oficyos tenho prouido amtes deste metaes logo de pose delles ao dito Francisco Roĩz e lhes leyxes seruir e usar o dito tempo e aver o dito ordenado, proes e percalços asy como avya o dito Amtonio Marquez, que os seruio, sem duuida nem embargo algum, que a ello seya posto, o quall Francisco Roĩz jurou na minha chancelaria aos samtos avamgelhos que bem e verdadeiramente obre e use do dito oficyo guardamdo a mim meu seruiço e as partes seu dereito e tinha hum aluara dos ditos oficyos, que hera feito em Tomar a quatro dias de setembro do anno pasado de bᶜ xxb, o qual foy roto ao asynar desta. dada em a minha vylla dAlmeyrim a xiij dias de janeiro Manoel de Moura a fez anno de noso Senhor Jhesu Xᵒ de mill bᶜ xxbj. — Pedimdome o dito Francisco Roiz que por quamto elle trespasaua os ditos oficyos em Amtonio Mendez ouriuez e a dita sua carta se rompera pollo synall ao fazer doutra ao dito Amtonio Mendez a quall eu nã asynara por algũs respeytos lhe mamdase dar esta carta com o teor da dita carta que se asy rompera, e visto per mim seu requerymento por lhe nyso fazer merce me prouue dello e lhe mandey pasar esta carta, em que a prymeyra que asy tinha dos ditos oficios vay emcorporada de verbo a verbo segundo se por esta presente mostra Porem mamdo que asy se compra e guarde como nella he comtheudo sem outra duuyda nem enbargo que a ello seya posto, por que asy he minha merce. Gaspar Memdez a fez em Lixboa a xij dias de janeiro anno de mill bᶜ xxix E eu Demiam Diaz a fiz escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 50, *fol.* 8.)

7 — Pero Ruberte. — Mestre da Casa da Moeda de Goa e pae de Bastiam Ruberte, que lhe succedeu por seu fallecimento.

8 — Sebastião Ruberte. — Por morte de seu pae, de quem se tratou no numero antecedente, foi nomeado, para lhe succeder no cargo que exercia, em carta de 15 de Janeiro de 1551. Quatro annos depois,

Digitized by Google

em carta de 14 de Outubro de 1555, foi confirmado no mesmo cargo, encarregando-o porém especialmente do fabrico da moeda de ouro, que o governador Garcia de Sá mandára fazer. Esta particularidade torna a carta muito importante.

«Dom Johão &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que confiando eu de Bastião Ruberte, filho de Pº Ruberte, morador na cidade de Goa, nas partes da India, que no carguo de mestre da moeda da dita cidade me seruira com toda fieldade, diligencia e recado que a meu seruiço compre, e avendo respeito a seus seruiços, ey por bem e me praz de lhe fazer merce do dito oficio em dias de sua vida, com o qual avera outro tanto ordenado e mantimento como com elle avia o dito seu pay, per cujo falecimento vagou, e o seruira depois de compridas minhas prouisões que do dito carguo tiuer passadas a outras pesoas feitas antes desta. Noteficoo ao meu Viso Rey..... Dada em Almeirym a xb de janeiro — Adrião Luçio a fez — ano do nascimento de nosso Senhor Jhesũ xpo de de mil bº lj. A qual merce asy lhe faço avendo tambem respeito a Martym Afonso de Sousa, seruindo de gouernador da India, lhe fazer em meu nome merce do dito officio. Andre Soarez a fez escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 66, fol. 132.)

«Eu elRey faço saber a vos dom Pero Mazcarenhas, do meu conselho e meu vysorey nas partes da Imdia, que Bastiam Ruberte, mestre da casa da moeda da cidade de Guoa, me ẽuiou dizer que semdo Martym Afonso de Sousa gouernador das ditas partes o ano de bᶜ Rb lhe fizera merçe em meu nome do dito oficio em sua vyda e lhe mãdara pasar delle carta, e que seruimdo Guarçia de Saa de gouernador da Imdia lhe mãdara laurar e fazer na dita casa moeda douro, a qual ate emtão não fora feyta na dita moeda, e elle ha fizera de sorte e feyção que lhe fora mamdado pello dito Guarçia de Saa, e que fazemdose na dita casa as moedas douro e doutras sortes que lhe mandauão fazer, eu lhe confirmara o dito ofiçio e lhe mãdara pasar delle carta em forma, per vertude da qual seruia ate ora o dito carguo; pedimdome que por quamto pello tempo em diamte poderia aver allgũa duuida se avia elle de ser mestre da moeda douro que se laurase na dita moeda asi como ho he das outras moedas que se na dita casa laurão, ouuese por bem, avemdo respeito a seus seruiços e aos de seu pay Pero Ruberte, que o dito ofiçio seruio muitos anos, e a lhe ter feyto merce do dito carego per minha carta de lhe mãdar pasar prouisão pera elle seruir de mestre das moedas douro que se na dita moeda fizesem, posto que ao tempo que lhe do dito ofiçio foy feito merçe se não laurase na dita casa moeda douro allgũa, pello que ey por bem e vos mãdo que vos emformeis do que o dito Bastyam Ruberte diz e saybais se he auto pera seruir de mestre das moedas douro que se laurarem na dita moeda asy como ho he das outras moedas que se na dita casa fazem e achamdo pella emformação que delle tomardes que he auto pera iso ho metaes de pose do dito careguo e ho deyxeis seruir de mestre das moedas douro, prata e cobre, sem a iso lhe ser posta duuyda allgũa, fazemdo neste caso ho que vos pareçer justiça e mais meu seruiço for. Luis Nunez ho fez em Lixboa a xiiijº dias doutubro de jbᶜ lb.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 54, fol. 16.)

Vide Rodrigo de *Alviar* e Pero *Ruberte*.

Digitized by Google

9 — Gallaz do Avellar. — Ourivez de Lisboa. D. João III o nomeou ensaiador da Casa da Moeda de Cochim, e partindo elle para a India a exercer o dito cargo achou-o occupado por Fernão de Eslava. Em attenção ás despesas que fizera na ida e volta da sua inutil viagem, o mesmo monarcha, em 12 de Fevereiro de 1537, o nomeou ensaiador da Casa da Moeda de Goa.

«Dom J° &c. faço saber a vos meu capitam moor e gouernador nas partes da India e ao vedor de minha fazenda em ellas que eu fiz merce a Galaz do Avelar, ouryuez, morador na cidade de Lixboa, do oficio de ensayador da casa da moeda de Couchym por tempo de tres annos e com ho ordenado pello Regimento, indo elle a esas partes pera o aver de seruir e achou prouido o dito oficio Fernã dEslaua em sua vida e avemdo respeito a despesa que o dito Galaz do Avellar fez em yr e vyr e ao trabalho que nyso leuou, e per lhe querer fazer merce, comfiando que me sabera nyso bem seruir e o fara com aquela fieldade e deligencia e boom recado que a meu seruiço compre, ey por bem e me apraz de lhe fazer merce do oficio demsayador da moeda que se faz na cidade de Gooa, por quanto se ora achou ser auto e soficyẽte pera o seruir segundo o declarou per seu asynado Joo Queymado thesoureiro da moeda da cidade de Lixboa, o qual oficio syruira em tempo de tres annos com o ordenado conteudo em meu Regimento acabamdo seu tempo vagamdo os que delle sam prouidos per minhas prouisões ate desta (*sic*) Noteficouollo asy e mamdo que tanto que pella dita maneira ao dito Galaz do Avellar couber entrar no dito oficio demsayador da moeda de Gooa o metaes em pose delle e o deixes seruir os ditos tres annos e aver o dito ordenado cada anno e todolos proes e percalços que lhe direitamente pertencem sem nyso lhe ser posto duuida nem enbargo alguũ por que asy he minha merce e a carta do oficio densayador de Couchym se não ronpeo por elle dizer que a perdera e posto que apareça nã avera efeito e no registo della se pos verba como lhe fiz esta merce em satysfação da que tinha, e elle jurara na chancelaria aos santos avangelhos que bem e verdadeiramente syrua o dito oficio. Amtonio Soarez a fez em Evora a xij dias do mes de feuereiro do anno do nacymento de noso Senhor Jhesũ xpõ de mylb b^e xxx bij Fernã a fez escrever.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 24, fol. 31 v.)

10 — Rodrigo de Alviar. — Era cavalleiro da casa de El-Rei, tendo sido ourivez, durante largos annos, da Infanta D. Maria, ultima filha de D. Manoel. A pedido d'ella foi nomeado, por alvará de 26 de Setembro de 1565, mestre da Casa da Moeda da cidade de Goa, emquanto estivesse ausente Bastião Ruberte, de quem o officio era. Por outro alvará de 4 de Março de 1566 foi concedido a Rodrigo de Alviar que pudesse renunciar o cargo em Diogo Rodrigues Cabaço, filho de Jorge Rodrigues, contratado a se casar com uma sua filha. Este casamento porém não houve effeito, segundo o ajuste feito entre os paes dos noivos, porque Diogo Rodrigues já se havia consorciado com outra. Por alvará de 14 de Janeiro de 1568 foi passada nova

Digitized by Google

provisão para que Rodrigo de Alviar fosse mettido na posse do cargo sem renunciar no imaginado genro, Rodrigues Cabaço.

Esta notícia publiquei-a já no meu livro *Artes e artistas em Portugal*, pag. 118, aproveitando agora a occasião para rectificar um equivoco que ali se encontra. Na epigraphe saiu Pedro de Alviar em vez de Rodrigo, e só quasi no fim é que se menciona este nome. Este equivoco procedeu de certo por vir uma vez o nome de Pedro no documento do *Archivo Português Oriental*, fasc. v, pag. 654, d'onde a notícia foi extrahida. Este documento acha-se tambem registado na Chancellaria de D. Sebastião.

11 — **André Marques.** — Ourivez de ouro. Nomeado ensaiador da Casa da Moeda de Goa pelo governador Francisco Barreto, sendo confirmado neste officio por carta regia de 19 de Março de 1569.

«Eu elRey ffaço saber a vos dom Lujs de Tajde do meu conselho e meu Viso Rey das partes da Imdia que avemdo respeito a emformação que me emviou dom Amtão de Noronha que foy Viso Rey das ditas partes de Amdre Marquez ourjuez douro que seruja demsayador da casa da moeda da cidade de Goa e de como he auto pera o tall oficio ey por bem e me praz de lhe fazer dele merçe asj e da maneira que ho ele deue ser e como o serujo pela carta que lhe do dito oficio pasou Francisco Bareto serujmdo de gouernador das ditas partes e pelas prouysoes dos Vyso Reis pasados com ho qual oficio demsayador da casa da moeda da cidade de Goa o dito Amdre Marquez̄ avera oytemta mjll reaes de ordenado cada ano paguos pela manejra que ate gora se lhe pagarão pela dita carta de Francisco Bareto e avera os proes e percallcos que lhe dereytamente pertemçerem per meu Regymento notefiquo uolo asy e ao vedor de mynha fazemda nelas aque o conhecimento deste pertemçer e mando que dejxes serujr ao dito Amdre Marquez o dito oficio de emsayador da casa da moeda de Goa na maneira que dito he e avera o dito ordenado e os ditos proes e percallcos sendolhe prjmejro dado juramento dos samtos avamgelhos que bem e verdadejramente syrua o dito oficio goardamdo em tudo meu serujço e as partes seu direito de que se fara declaração nas costas deste que ey por bem que valha e tenha forca e vyguor como se fose carta ffeyta em meu nome e aselada do meu selo sem embarguo da ordenação do L.° segundo titulo xx que defemde que não valha aluara cuyo efeito ouuer de durar mais de huum ano e se registara nos L.os da casa da India demtro em quatro meses prjmejros seguymtes e vay por duas vias e avendo huum efeyto o outro se não comprjra e sera de nhuũ vygor Nycolau Luis o fez em Almejrym a xix de março de j̄ bc lxix e o dito Amdre Marquez̄ seruirá o tall oficio de emsayador da moeda de Goa na maneira que dito he em quamto eu ouver por bem e não mandar o contrajro e eu Duarte Diaz o fiz espreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, liv. 21, fol. 202.)

12 — **Affonso de Albuquerque.** — Era natural da India e, convertendo-se ao christianismo, recebeu o nome do conquistador de Goa,

Digitized by Google

querendo assim, por certo, o governador Mathias de Albuquerque honrar a memoria do seu glorioso antepassado. O mesmo governador o nomeou, por toda a vida, moedeiro das moedas de bazarucos de cobre e calaim.

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito a Afonso dAlbuquerque, cristão da tera se conuerter a nossa sancta fe e o prouer Matias dAlbuquerque, sendo Viso Rey da India, do cargo de moedeiro da moeda dos bazarucos de cobre e calaim que se laurão na Ribeira de Goa em sua vida per hũa patente, ey por bem e me praz de lhe fazer merçe de lhe confirmar o dito carego para que o sirua conforme a dita pateute em sua vida sem embargo do Regimento que ha na India que diz que os officios e caregos nas dytas partes se não possão seruir por mais tempo que tres annos somente: pello que mando ao meu Viso Rey ou gouernador das ditas partes da India, que ora he e ao dyante for, e ao vedor de minha fazenda em ellas, que cumpram e guardem e fação inteiramente cumprir e guardar este aluara como se nelle cõtem e valerá como carta &c. e se lhe passou por duas vias, cumprido hũu, o outro não averá efeito. Antonio de Paços o fez em Lixboa a xj dabril de mil bj^{c} e quatro Janaluẽz Soarez o fez escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. Filippe II, *Doações*, liv. 17, fol. 4.)

13 — **Gonçalo da Costa.** — Fôra provido no cargo de cunhador da moeda de ouro da cidade de Goa pelos serviços que prestára em diversas armadas e feitos militares, achando-se na batalha que o capitão Antonio Telles tivera com os hollandeses, perdendo nesta occasião um pé, que lhe foi levado cerce por um tiro de balla. Tendo fallecido, ficou sua viuva Theodosia da Fonseca, que casou pela segunda vez com Martim Gonçalves, de quem se trata em seguida.

14 — **Martim Gonçalves.** — Por ter casado com-a viuva de Gonçalo da Costa, foi nomeado para o cargo que este exercia, sendo a carta regia de confirmação, de 16 de Janeiro de 1651.

«Dom João etc. faço saber aos que esta minha carta uirem que por parte de Martin Gonçalues me foi aprezentado hũa carta feita em meu nome e asinado por dom Pheliphe Mascarenhas Visó Rei daquelle estado de que o treslado he o seguinte:

Dom João etc. aos que esta carta uiren faço saber que Teodozia da Fonceca uiuua de Gonçalo da Costa enuiou dizer por sua petição a dom Pheliphe Mascarenhas do meu conselho de estado meu uiso Rei e capitão geral da India que o dito seu marido fora prouido do cargo de cunhador da moeda de ouro em remuneração de me hauer seruido nas armadas de alto e baixo bordo e na batalha nabal que o capitão geral Antonio Telles teue con os enimigos de Europa

Digitized by Google

perder hum pé cerçio de hũa balla e por não ter outro comodo e que por seu felicimento ficara ella dita Thiodozia da Fonceca en grande pobreza e dezenparo con duas irmãs hũa uiuua e outra donzella me pedia lhe fizesse merce e respeitando ao referido do mesmo cargo en uida para seu cazamento e o seruir quem con ella cazar e en quanto uiuua poder aprezentar nelle hũa pessoa nelle para asi se poder manter dos ordenados proes e percalsos e que se lhe pasase carta e sendo uista a dita petição pello dito meu uiso Rei ouue por bem per despacho seu de dezaseis de maio deste anno de fazer merce a dita Thiodozia da Fonceca do cargo de que trataua para o poder seruir a pessoa que con ella cazase en dias de sua uida visto o que alegaua e por hũa certidão de Luis da Silua cura da igreia de Santa Lusia que prezentou, constou receber a Martin Gonçalues con a dita Thiodozia da Fonceca e con a dita petição e despacho do dito meu uiso Rey e certidão referida fez o dito Martin Gonçalues outra petição dizendo nella que pello despacho junto fora eu seruido fazer merce a dita Thiodozia da Fonceca do dito cargo de cunhador da moeda douro da cidade de Goa para a pessoa que con ella cazase en dias de sua uida e per que elle estaua cazado con ella na forma do sagrado consilio Tredentino como constaua da certidão do cura da igreia de Santa Luzia me pedia lhe fizesse merce mandar lhe pasar carta en seu nome do dito cargo para o seruir en dias de sua uida con o ordenado proes e percalsos que lhe direitamente pertençerem e ouuerão os pasados notifico asi ao uedor da fazenda geral da India ao thezoureiro da dita caza da moeda de ouro mais menistros oficiaes e pesoas a que pertençer para que asi o cunprão e fação inteiramente cunprir e guardar e metão en pose ao dito Martin Gonçalues do dito cargo de cunhador e lho deixen ter e seruir en dias de sua uida e hauer o ordenado proes e percalsos como dito he e elle jurara em minha chancellaria aos Santos Euangelhos na forma custumada e aprezentara suas folhas corridas no juizo dos feitos e o escriuão da matricula geral fara declaração en seu titulo do uencimento do ordenado e pague cincoenta xerafyns dos direitos da mea annata desta merce que he ametade do rendimento de hum anno como constou de hũa certidão do escriuão da moeda Manuel da Silua os quaes forão caregados ao thezoureiro Manuel Carualho a fs. 53 do L.º de seu resebimento como outro si constou por certidão de Domingos da Silua escriuão da dita mea annata dada em Goa sob o sello das armas reais da coroa de Portugal Manuel Rodrigues a fez a uinte de julho anno de seiscentos quarenta e noue e se pasou por tres vias hũa so hauera efeito o secretario Josephe de Chaues Soto Maior a fez escreuer dom Pheliphe Mascarenhas.

Pedindome o dito Martin Gonçalues que per quanto o uiso Rei dom Pheliphe Mascarenhas lhe fizesse merce en seu nome pella carta nesta incorporada do dito cargo de cunhador da moeda de ouro de Goa en sua uida por cazar con a dita Theodozia da Fonceca lhe fizesse merce mandarlho confirmar e tendo a tudo respeito hei por bem de fazer merce confirmar a nomeação que o dito uiso Rei nelle fez do dito cargo asi e da maneira que se conten na dita carta pello que mando ao meu Viso Rei da India lhe de a posse do dito cargo de cunhador da moeda de ouro da cidade de Goa para o ter e seruir en sua uida e auer o ordenado proes e percalços como dito he e o uedor geral de minha fazenda lhe dara juramento dos Santos Euangelhos que ben e uerdadeiramente a sirua guardando en tudo meu seruiso e direito as partes de que se fara asento nas costas desta carta que sera registada nos liuros do meu conselho ultramarino e caza da India da data della a quatro mezes primeiros seguintes e do conteudo nesta

Digitized by Google

se pora verba verbas (*sic*) no registo da carta nesta incorporada do L.º do dito estado esta se pasou por tres vias e pagara o nouo direito — Manuel dOliueira a fez en Lixboa a dezaseis de janeiro[1].»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João IV, liv. 22, fol. 60.)

15 — Angelo Fradique. — Em carta de 27 de março de 1613, o confirmou el-rei, por espaço de oito annos, no cargo de ensaiador da Casa da Moeda de Goa.

«Dom Felipe &c. faço saber aos que esta minha carta virem que avemdo respeito ao arcebispo governador prouer a Amgello Fadrique do cargo de ensayador da moeda da cidade de Goa por sua muita suficiemcia para o cargo e partes que nelle comcorrem e o Viso Rey Lourenço de Tauora lho confirmar depoes, ey por bem e me pras de lhe fazer merce do dito cargo de emsayador da moeda da cidade de Goa por tempo de oyto annos na vagamte dos prouidos amtes do tempo em que o dito Viso Rey lho comfirmou sem embargo do regimento que mãoda que os cargos da Ymdia se não siruão por mais tempo que tres annos e de o ter e estar seruindo e do Regimento em contrario com o qual cargo auera o ordenado que tiuer por regimento e todos os proes e percalços que direitamente lhe pertemcerem: Pello que mãodo ao meu Viso Rey ou governador das partes da Ymdia, que ora he e ao diamte for, e ao vedor de minha fazemda em ellas que tãoto que polla dita maneira ao dito Amgello Fadryque couber emtrar no dito cargo lhe dem posse delle e lho deixem seruir pollo dyto tempo e com o ordenado prois e percalços que lhe pertencerem como dito he sem lhe a ysso ser posto duuida nem embargo algum, e o vedor da minha fazemda da Ymdia lhe dara o juramento, de que se fara assento nas costas desta carta, que sera registada nos liuros da casa da Ymdia demtro de quatro meses, e se pasou por duas vias hũa so hauera efeyto. Pedro Luis dAlmeida a fes em Lixboa a vimtesete de março, anno de mil e seis centos e trese Amdré Campello a fis escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. Filippe II, *Doações*, liv. 30, fol. 150.)

16 — Jeronymo Lopes da Costa. — Era ensaiador da casa da moeda de Goa e em 1621, a 16 de fevereiro, pesou e avaliou as peças que pertenciam ao espolio de D. Estevam de Athaide, que trouxera Ruy de Mello de Sampaio, capitão que fôra da fortaleza de Moçambique.

«Sertifico eu Jeronimo Lopes da Costa, emsaiador da moeda desta cidade de Goa, que por mandado do prouedor mor dos contos deste estado Ambrosio de Freitas da Camara fuy a mesa do despacho dos ditos contos aos desaseis dias do mes de fevereiro de mil seis sentos e vinte e hum, onde o dito prouedor mor me ordenou pesase e avaliase as peças e cousas abaixo declaradas, que

---

[1] Falta o anno, que se pode deprehender pelas outras cartas registadas antes e depois d'esta, ser o de 1651.

Digitized by Google

herão as que entregou Ruy de Mello de Sanpaio, capitão que foi da fortaleza de Moçambique da copia da fazenda que elle tomou do defunto dom Estevão dAtaide, na dita fortaleza, que são as seguintes.

(Torre do Tombo. — Documentos remettidos da India, liv. 15, fol. 116.)

Segue-se a relação.

17 — Jorge da Cunha. — Era cunhador da moeda da cidade de Goa, no tempo de Filippe III, sendo promovido a ensaiador. Seu filho, Antonio da Cunha, substituiu-o naquelle logar.

18 — Antonio da Cunha. — Filho do antecedente. Em carta de 24 de março de 1636, foi confirmada a sua nomeação, por toda a vida, para o cargo de cunhador da moeda da cidade de Goa.

«Dom Phelipe &c. faço saber aos que esta minha carta virem que avendo respeito aos seruiços de Jorge da Cunha, estante na India, e a ter proçedido com satisfação no offiçio de cunhador da moeda da cidade de Goa atte ser promouido ao de emçayador da mesma moeda, e ao conde da Videgueira, sendo Viso Rei daquelle estado por uer no dito officio de acunhador da moeda, que elle largou, a Antonio da Cunha, seu filho, com obrigação de alcançar a comfirmação de mim dentro em trez annos por aluara de vinta sinco de agosto de seis centos e vinta sette, da qual obrigação se lhe porrogou o tenpo de requerer a dita comfirmação por outros trez annos ho conde de Linhares, sendo Viso Rei do dito estado por apostilla posta no mesmo aluara de quatro de janeiro de seis centos e trinta e sinco e a ter seruido nelle com sastifação; hey por bem de lhe fazer merce ao dito Antonio da Cunha de lhe comfirmar a que em meu nome lhe fez o conde da Videgueira do dito cargo de cunhador da moeda da cidade de Goa, em dias de sua vida, e que esta merçe aya effeito sem embargo do Rigimento e prouizão passada em sua corroboração que despoem que os prouidos das capitanias ou cargos do dito estado da India o não seyão mais que por trez annos, e pagou de mea annata mil e duzentos reaes, que he o mesmo que deue de chancelaria, que se carregarão ao thesoureiro João Pais de Matos afl 295 v. do liuro de seu ricibimento, e por firmeza do que dito he lhe mandey passar esta carta de comfirmação por min assinada e sellada com o sello pendente, que se cumprira imteiramente como se nella comthem sem duuida algũa, a qual se registara nos liuros de minha fazenda caza da India da data della a quatro mezes primeiros segintes, e se passou por duas vias: hũa soo avera effeito Bertolameu dArauyo o fes em Lisboa a vinta quatro de março anno de seis centos e trinta e seis. Affonso de Barros Caminha a fez escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. Filippe III, *Doações*, liv. 40, fol. 57 v.)

19 — Ruy Lourenço Batevias. — Serviu alguns annos de ensaiador da Casa da Moeda de Goa, e prestou tambem serviços militares, que lhe valeram cargos e mercês, ou promessas de uns e outros. Tinha uma filha casada com Simão Rodrigues de Almada, o qual lhe succedeu no cargo.

Digitized by Google

20 — Simão Rodrigues de Almada. — Em carta de 28 de Março de 1643 foi nomeado ensaiador da Casa da Moeda de Goa, pelos serviços que lhe couberam na successão de Ruy Lourenço Batevias por *meio de sua mulher*. Esta circumstancia indica-nos que elle era casado com uma filha do dito Batevias. Simão Rodrigues era filho de Fernão de Alvares.

«Dom João etc. faço saber aos que esta minha carta virem que hauendo respeito e pretencerem por sentença de justificação a Simão Rodrigues de Almada filho de Fernão dAluarez por mejo de sua molher os seruiços que Ruy Lourenço Batavias seu antecessor fez naquelle estado seruindo algũs annos de emçeador (*sic*) da moeda e na Armada do Canara, de capitão de hum nauio e cabo de outros e asim a aução das merçes que lhe estauão feitas do Abitto de Christo e vinte mil reis de tença de hũa viagem de Moçambique e os cargos de escriuão da matricola geral de Goa e da Alfandega de Mascate que não ouuerão effeito, que se lhe concederão por seus seruiços e pellos de seus jrmãos em concideração de tudo ey por bem de lhe fazer merçe do officio de emçayador da moeda do ouro da cidade de Goa em uida na uagante dos prouidos antes de dez de dezembro e o anno de seiscentos quarenta e hum em que vejo consultado pello conde de Aueiras Viso Rey da India esta merçe lhe faço alem das que pellos mesmos respeitos lhe tãobem fiz e auera effeitto sem embargo do Regimento e prouisões passadas por que se ordena que os que forem prouidos de hum carguo ou capitania da India o não seja de outro, com o qual officio hauera o ditto Simão Rodrigues dAlmada o ordenado que lhe tocar sem embargo de não jr declarado nesta Carta e da prouisão que sobre esto he passada em contrairo e todos os proes e precalços que lhe direitamente pretençerem pello que mando ao meu Vizo Rey ou gouernador das partes da India que ora he e ao diante for e ao ueedor geral de minha fazenda; em ellas que tanto que ao ditto Simão Rodrigues pella ditta maneira couber emtrar no ditto officio lhe dem posse delle e lho deixem seruir em sua vida e auer o ditto ordenado proes e precalços como ditto he sem lhe a isto ser posto duuida nem embargo algum e o ditto veedor geral da quelle estado lhe dara juramento dos Santos Evangelhos que bem e verdadeiramente sirua guardando em tudo meu seruiço e o direito as partes de que se fara assento nas costas desta Carta que sera registada nos liuros de minha fazenda e Caza da India da data della a quoatro mezes primeiros seguintes, a qual por firmeza de tudo lhe mandey passar por mim asinada e sellado com o meu sello pendente por duas vias hũa só hauera effeito Bartholomeu da Araujo a fez em Lixboa a vinte oitto de março anno de mil seiscentos quarenta e tres — João Pereira de Betancor a fiz escreuer = ElRey =.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João IV, liv. 16, fol. 47 v.)

21 — João Delgado. — Era cunhador da moeda de ouro da cidade de Goa, tendo renunciado o officio em Jeronymo Teixeira Rebello, de quem se trata em seguida.

22 — Jeronymo Teixeira Rebello. — Tendo João Delgado renunciado nelle o officio de cunhador da moeda de ouro da cidade de Goa, foi confirmado no mesmo logar, por doze annos, em carta regia de 15 de Junho de 1650.

Digitized by Google

«Dom João etc. faço saber aos que esta minha carta virem que en concederação dos respeitos por que Pedro da Silua que foy do meu conselho destado sendo Viso Rey da India deu em meu nome o officio de cunhador da moeda de ouro de Goa a Jheronimo Teixeira Rabello meu moço da Camara estante na India; por o propriatario João Delguado fazer renunciação delle e no mesmo ministerio ter siruido o dito Jheronimo Teixeira o anno de seis centos e trinta e noue, e no de quarenta e seis se enbargar com Domingos Fereira Biliago, Hey por bem de lhe fazer merce do ditto officio de cunhador da moeda de ouro de Goa por doze annos na vagante dos prouidos antes de quatorze de março de seis centos e quarenta e seis em que vltimamente o consultou o conselho vltramarino e esta merçe lhe faço sem embargo do Rigimento e Aluara passado em sua corroboração que defendem aos prouidos de officios da India podello ser mais que por trez annos e de não tirar portaria dentro do tempo ordenado com o qual officio hauera o dito Jheronimo Teixeira Rabello em cada hum dos ditos doze annos que o siruir o ordenado que lhe tocar, sem embargo de não hir declarado nesta carta e da prouizão que sobre hisso he passada hem contrairo e todos os proes e percalços que lhe dereitamente pertencerem. Pello que mando ao Vizo Rey ou gouernador das partes da India que ora he e ao diante for e ao veedor geral de minha fazenda em ellas que tanto que ao dito Jheronimo Teixeira pella dita maneira couber emtrar no dito officio lhe dem a posse delle e lho deixem seruir pello dito tempo de doze annos na vagante refirida de quatorze de março de seis centos e quarenta e seis e hauer o dito ordenado proes e percalços como dito he sem lhe isso ser posto duuida nem enbargo algum, e o dito veedor geral de minha fazenda lhe dara juramento dos Santos Avangelhos que bem e verdadeiramente sirua o dito officio guardando en tudo meu seruiço e o dereito as partes de que se fara asento nas costas desta carta que sera registada nos liuros do meu conselho ultramarino e caza da India da data della a quatro mezes primeiros segintes e do conteudo nella se porão verbas nos registos da carta que do dito officio se lhe passou pello meu Vizo Rey Pero da Silua, nos liuros daquelle estado, e este se passou por trez vias hũa so hauera efeito e pagara o nouo direito, Manoel dOliueira a fes em Lixboa a quinze de junho — Anno do Nassimento de Nosso Senhor Jessu Christo de mil e seis centos e sincoenta — o secretario Marco Rodrigues Tinoco a fez escreuer = ElRei =.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João IV, liv. 19, fol. 346 v.)

23 — Fernão de Eslava. — Era ourivez de ouro de el-rei D. Manoel. No inventario que se fez por morte deste monarcha[1] encontram-se tres verbas de peças fabricadas por Fernão de Eslava, as quaes faziam parte do guarda-roupa da *mourisca* (dança). Essas tres addições são do teor seguinte:

«It. huũa espada de prata de † (*cruz*) direita com algũas peças douro esmaltadas e sua cõteira douro esmaltada, que fez Fernam dEslaua, e nã se pos aquy o peso por que na recepta de Pº Carualho nã esta decrarado.» (x. v).

---

[1] Torre do Tombo, maço 158 do interior da extincta Casa da Coroa.

Digitized by Google

«It, mais dezasete pomtas gramdes esmaltadas de bramco e preto, que pesarão todas jumtamente cymquo onças e sete oytauas e sesemta graaõs, que fez Fernam d'Eslaua.» (fol. xiv, v.º).

«It. R.º dele mais huũ taily douro esmaltado todo de tres froll e tem no meo da face de fora hũa lua aleuamtada a quall tem huũ rosto no meo e nos quatro camtos da mesma façe estam quatro rostos tam bem aleuamtados e na facee do aveso he tam bem esmaltado de tresfroll com hũa rosa no meo de meio relevo e pelos quantos leua o dito taily chapas esmaltadas dos ditos esmaltes, que pesa cõ tres argolas douro em que andã as borlas quatro marcos e quatro oytauas e quoremta e huũ graão douro e tras demtro o dito taily hũa forma de pao por fortaleza em que amda crauado, cõ a qual pesa jumtamente quatro marcos e tres onças e tres oitauas e mea, *o qual fez* Fernã *dEslaua,* cõ sua gurnição de tres borlas de retros cremesỹ laurado douro de Genoa de busanylho e com seu teçido mourisco de retros e ouro metido em sua fumda de pano.» (fol. Riij.)

D. João III, em carta de 27 de Janeiro de 1530, o nomeou, por tres annos, mestre da Casa da Moeda de Cochim. Em carta de 27 de março de 1532, lhe ampliou a mercê por toda a vida. Em 1534 ainda existia no exercicio deste cargo, pois sendo nomeado Gallas de Avellar, o encontrou occupado por elle. Veja-se este nome.

«Dom Joham &c. faço saber a vos meu capitam mo̅o̅r e gouernador nas partes da India e aveador de minha fazenda em ellas e asy ao meu capitam da cidade de Cochym que comfiamdo eu de Fernã deslaua, ouriue̅z̅ que foi delRey meu senhor e padre, que samta grorya aja, que nesto me syruira bem e fielmente como a meu seruiço compre me praz de lhe fazer merce do oficio de mestre da casa da moeda de Cochym por tempo de tres annos e com ho ordenado em cada hum anno comtendo em meu Regimento. Porem vollo notefico asy e mamdo que tamto que acabar seu tempo a pesoa ou pesoas que sam prouidos do dito oficyo per minhas prouisoes feytas amtes desta emtam metaes loguo em pose delle o dito Fernã deslaua e lho leixes seruir e vsar do dito tempo e aver o dito ordenado na maneira acyma declarado, e elle jurara em a minha chancellaria aos samtos avamgelhos que bem e como deue obre e use do dito oficyo guardamdo a mym meu seruiço e as partes seu direito. Manoel de Moura a fez em Lixboa a xx bij dias de janeiro do anno de nosso Senhor Jhesũ Xº de mill bº xxx.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, liv. 39, fol. 35 *v.*)

Ha um Gonçalo Eslava, ourivez do ouro de D. João III, talvez seu irmão.

«Dom Joam &c. faço saber a vos, meu capitam mo̅o̅r e gouernador nas partes da Imdya e ao veedor de mynha fazemda em elas, que comfiamdo eu de Fernam deslaua, ouriuez, que nysto me seruiraa bem e fiellmente como a meu seruiço e bem das partes cumpre, queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e lhe faço merce do offycyo de mestre da casa da moeda de Cochym em

Digitized by Google

dias de sua vida com ho ordenado conteudo em meu regimento. Noteficouolo asy e vos mando que tamto que hacabar o tempo das pesoas que do dito oficio forem providas por minhas prouisoões amtes desta, metais loguo o dito Fernam deslaua em posse delle e lho leixay servyr e vsaar em sua vyda e haver o dito hordenado e todolos proes e percalços que lhe direitamente pertemcerem sem lhe niso ser posta duuida nem embarguo alguũ por que hasy he minha merce, e nam havemdo hy pesoa alguũa provyda por minha provysã seraa loguo metido em pose e servyraa pella maneira que dito he, e elle jurara na chamcelaria haos samtos avamgelhos que syrva bem e verdadeiramente goardamdo em todo a mim meu serviço e as partes seu direito, e paguou dordenado tres mill reaes na dita chancelaria que fiquam carregados em recepta sobre ho recebedor dela. Manoell da Costa ha fez em Setuvall a xxbij dias de março anno de nosso senhor Jhesuũ Xpo de ĵ bᶜ xxxij.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, liv. 16, fol. 31 v.)

De Fernão de Eslava existe uma interessante carta dirigida a el-rei, escrita em Cochim dois annos depois de lá estar exercendo o seu officio. Nella faz sensatas considerações sobre a venda do ouro, achando que nesta materia se devia seguir o systema, que determinara Affonso Mexia, vedor da fazenda. Emquanto ás moedas de ouro e prata importadas de Portugal, entende que seria preferivel e de muito maior interesse para o estado, o enviarem-se os metaes em barrinhas e não amoedados. Pede que lhe dêem um homem que o ajude no fabrico da moeda, assim como o tiveram os seus antecessores Gaspar de Barros e Antonio Mendes. Aconselha, por ser de grande vantagem, que se edifique uma casa da moeda propria para não se andar por casas de aluguer.

«Ho anno passado de ... escreui a uosa Alteza alguũas cousas que ha seruiço de uosa Alteza e bem de sua ffazemda compriam por serem de meu officio semdo certo que nyso ho siruo outro sy aguora ho faço pera com mais certeza ser Vossa Alteza emfformado pois tanto a bem de sua ffazemda e seruyço compre || Nos annos passados semdo Afomso Mexia veedor da ffazemda mamdaua que todo ho ouro de todas as partes que a esta çidade viese asi de Çoffala como de Manamcabo se uendese no tesouro de Vossa Alteza por ter espermentado ser muito porueito ha fazemda de uossa alteza ho que he asy por que quando asy se compraua no tesouro valiam os portugeses preço de cinquo mill cruzados que sam mais de quimze pardãos e aguora por se nam ffazer como damtes ualem os portugeses muito menos por que aguora ha carega nam os tomam mais que ha catorze e hũa tãga que sam quatro myll e dozentos e sesenta reaes e ysto por hos chatyns da tera auerem todo ouro a sua mão que das sobre ditas partes uem | asy que pois tanto ymporta a seruiço de vossa Alteza e bem de sua ffazemda deue mandar a seus officiães que ho ffaçam como em tempo de Afomso Mexia se ffazia e pera certeza dysto pode ser vossa alteza emformado delle. ||

Asy de uosa Alteza mamdar que nos cofres que pera qua uem venha ho menos ouro amoedado que poder ser prinçipallmente que nam seyam dobrões

Digitized by Google

porque he mais proueito vyr em baras ffinas por que tanto que os chatins da tera sabem que vem de laa portugeses e todo ho ouro amoedado abatem loguo o preço dos seus portugeses que sam poucos por tomarem os de vossa Alteza muytos em pouco preço | asy que he mais seruiço de vossa Alteza e proueito de sua fazemda vyr nos cofres ha mais soma em baras ffinas que em moeda lavrada como sempre vieram soomemte estes dous annos pasados que uieram muytos dobrões que foi perda a fazemda de uosa Alteza | e asy deue vossa alteza mamdar prata em baras como sempre veyo por que ffaz subir ho ouro e tambem nam vyr estes dous annos pasados nenhuas baras de prata ffez abater muyto nos portugeses por que a moeda he mercadorya que sobe e deçee e de todo esto pode vossa alteza ser emformado por Affomso Mexia que de qua muytas vezes lho escreveo. || Os mestres desta casa da moeda que amte mym foram a saber Gaspar de Bayros e Amtonio Memdez tyveram hũ omem pera os ajudar ho quall tynha soldo e mamtimemto e por que asy delle tenho muyta necisidade por ser soo ho paguo a mynha custa pelo que peço a vossa Alteza que me ffaça merçe de hum omem o qual vemça soldo e mamtimemto do dya que eu comecey a seruyr por ser a casa de muyto trabalho | asy deue vosa alteza mamdar que se ffaça hũa casa da moeeda por nam amdar por casas alugadas por que em dous annos que qua são foy mudada tres vezes. ||

O mestre da moeda de Couchim — Fernando Deslaua.»

(Torre do Tombo. — *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 91, doc. 71.)

24 — Gonçalo Eslava. — Alem de Fernão Eslava apparece um Gonçalo Eslava, talvez seu irmão ou parente. Relacionamo-lo aqui por afinidade de nome. D. João III o tomou por seu ourivez de ouro, e, em 10 de janeiro de 1522, lhe passou a seguinte carta de privilegio:

«Dom Yoham &c. A quamtos esta uosa carta virem fazemos saber que nos filhamos ora em nosa garda e emcomemda e por noso ouriuez douro a Gonçalo dEslaua pera nos dele seruirmos com seu oficio e porem rogamos a todos os gramdes destes Reinos e mamdamos ao tesoureiro de nosa casa e a todos os corregedores, juizes, justiças, oficiaes, pesoas, a que esta nosa carta for mostrada que ajam daqui em diamte ao dito G.º dEslaua por noso ouriuez e a outro nenhum nam e lhe nom façam nem comsymtam fazer nenhum noyo nem sem rezam nem costramgimento nem outro algum desaguisado por asy ser noso, mas de todos em jerall e de cada hum em espiciall receba omra favor e todo bom emparo como cousa nosa e de que gramde careguo temos, semdo certos que de o asy fazerdes nos fares em elo prazer e do comtrairo nos desprazeria, e per esta nosa carta mamdamos ao noso aposemtador e aos juizes e officiaes e pesoas a que esta nosa carta for mostrada que lhe dem omem omde quer que esteuermos pousada e camas de graça pera ele e sua molher e gasalhado e como se da aos nosos oficiaes macanicos e que tem uosa moradia sem embarguo da ordenaçam em comtrairo e se for em lugares omde ouuer ordenaçam depoousemtadoria mãdamos aos comtadores que per suas comtas tomarem que o que se despemder em sua aposemtadoria o leuem em comta aos oficiaes dela o que huns e outros asy compri sem nenhua duuida, por que asy he nosa merce. Dada em Lixboa aos x de janeiro. Symão de Matos o fez ano de mill bᶜ xxij anos.

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, liv. 51, fol. 3 *v.*)

Digitized by Google

25 — João Gomes. — Ourivez da prata. Sobrinho de Manoel Gomes, escudeiro da Casa Real. A pedido do tio, D. João III o nomeou, em carta de 4 de Março de 1552, por espaço de seis annos, mestre da Casa da Moeda de Cochim. Esta mercê lhe foi renovada, por mais duas vezes e por igual tempo, sendo a primeira, por D. João III, em 2 de Janeiro de 1557, e a segunda, por D. Sebastião, em carta de 11 de Março de 1564.

«Dom J.º &c. a quamtos esta minha carta virem faço saber que cõfiamdo eu de Joham Gomez, ouriuez, sobrinho de Manoel Gomez, escudeiro de minha casa, que no careguo de mestre da moeda da cidade de Samta Cruz de Cochim nas partes da Imdia, me seruira bem e fielmemte com todo recado e deligemcia que a meu seruiço compre, e avemdo respeito a mo pidir o dito M^el^ Gomez me praz e ey por bem de fazer merce ao dito Joham Gomez̄ do careguo por tempo de seis anos e com ho ordenado conteudo no Regimemto, acabamdo seu tempo ou vagãdo per qual quer vya que seja a pesoa ou pesoas que do dito careguo forem prouidas per minhas prouisões feytas amtes de dois de janeiro deste ano presente de b^c lij em que fiz a dita merce. Notefico o asy..... Dada em Emxobreguas a iiij dias de Março — Adrião Lucio a fez — ano do nacimento de noso Senhor Jhesuñ Xpo de jb^c lij. Amdre Soarez a fez sprever.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 68, fol. 41 *v.*)

«Dom Joam &c. A quamtos esta minha carta virem faço saber que avemdo eu respeyto a ĉformação que me foy dada do serviço que me faz Joam Gomez̄, ouriuez, no cargo de mestre da moeda de Cochim, de que foy prouido por mym por tempo de seis anos, ey por bem e me apraz por respeito de mo pedir Manoel Gomez̄, escudeiro de minha casa, de fazer merce ao dito Joam Gomez̄ do dito cargo por tempo de mais seis anos pera per todos serem doze anos, os quaes seis anos seruira, acabamdo de seruir per imteiro os ditos seis anos primeiros na vagamte dos prouidos do dito cargo per minhas prouisões feytas amtes desta e avera..... Dada em Lixboa a dous de janeiro — Adriam Lucio a fez — ano do nacymento de noso Senhor Jhesuñ Xpõ de jb^c lbij, e esta vay per duas vias, hũa delas se cumprira somente. Amdre Soarez a fez esprever.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 71, fol. 181 *v.*)

«Dom Sebastião &c. a quantos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito a boa informação que me foi dada de J.º Gomez, ouryuez de prata, e seruir bem e fielmente, como comprya a meu seruiço, o carrego de mestre da moeda de Cochym, de que elRei meu senhor e avo, que santa gllorya aja, lhe fez merce por tempo de xii annos por duas prouysões, ey por bem e me praz de fazer merce ao dito J.º Gomez do dito cargo de mestre da moeda de Cochym por tempo de seis annos, posto que pello Regimento ouuese de ser tres annos somẽte e com o ordenado cada anno contiudo no Regymento na vagante dos prouidos per prouisões feytas ãtes desta ou vagando per quallquer maneira que seja, a qual merce lhe faço como dito he alem dos xii annos de que o dito senhor o proueo do dito cargo, como dito he, e portanto o notefico asi ao meu Viso Rey e Gouernador, que ora he e ao dyante for nas ditas partes da India e ao uedor de minha fazenda em ellas a que o conhecimento desto pertencer e mandolhes que quando

Digitized by Google

pella dita maneira ao dito J.º Gomez couber ẽtrar nestes seis annos do dito cargo o metão de posse delles, e lhos deyxem seruir e aver o dito ordenado, como dito he, e os prois e precallços que lhe direitamente pertencerem, sem lhe a isso ser posto duuyda nem embargo alguũ, por que asi he mynha merce, e o dito meu Viso Rey e gouernador lhe darã juramento que bem e verdadeiramente sirua o dito cargo, da qual posse e juramento se fará decllaração nas costas desta que se registará no lyuros da casa da India dẽtro de quatro meses primeiros seguintes, e esta se lhe pasou per duas vyas, de que esta he a primeira e hũa dellas se cõprirá somente, e por firmeza do que dito he lhe mandei dar esta por mim asinada e sellada de meu sello pendente. Dada em Lixboa a xı dias de março Mateus Carualho a fez — anno do nacimento do noso S.or Jhesu Xpo de ɉbc lxiiijº. Manuel Gomez a fez escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria do D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 16, fol. 37.)

26 — Simão Garcez. — Ourivez do ouro na cidade de Lisboa. D. João III, em carta de 16 de janeiro de 1557, o nomeou mestre da Casa da Moeda de Malaca.

«Dom Joam &c. A quãtos esta minha carta virem faço saber que avemdo eu respeito a boa ẽformação que me foy dada de Symão Garçes, ourivez douro, morador nesta cidade, e por cõfiar dele que no cargo de mestre da moeda de Malaca me seruira bem e fielmente, como a meu seruiço cumpre, e por folgar de lhe fazer merce, ey por bem e me praz que ele syrua o dito oficio por tempo de seis anos e com ho ordenado cotheudo no Regymento na vagamte dos prouidos por minhas prouisões feytas amtes de dous dias de janeiro deste ano presẽte de bc lbij, em que lhe fiz a dita merce, e portamto o notefiquo asy . . . Dada em Lixboa a dezaseis dias de janeiro. Aluaro Fernandez a fez — Ano do nacymento de noso Senhor Jhesuu Xpo de quynhetos cymquoemta e sete. Amdre Soarez a fez esprever.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 71, fol. 181 v.)

27 — Bento Gonçalves Sardinha. — Era mestre da Casa da Moeda de Malaca, succedendo-lhe, por seu fallecimento, Antonio Rodrigues, de quem se trata em seguida.

28 — Antonio Rodrigues. — Por fallecimento de Bento Gonçalves Sardinha, foi nomeado mestre da Casa da Moeda de Malaca. A respectiva carta, de 9 de Março de 1598, não declara que elle fosse ourivez, dizendo apenas que elle era cavalleiro da Casa Real e que prestára serviços nas armadas e fortalezas fronteiras.

«Dom Phellipe etc. faço saber aos que esta carta virem que auendo respeito aos seruiços que nas partes da India me tem feitos Antonio Rodriguez caualeiro fidalgo de Minha casa nas armadas e fortalezas fronteyras ey por bem e me praz de lhe fazer merçe do officio de mestre da moeda da fortaleza de Malaca que vagou per fallecimento de Bento Goncaluez Sardinha o qual seruiraa

Digitized by Google

emquanto eu ouuer por bem e não mandar o contrayro, com o qual oficio não auerá ordenado algum á custa de minha fazenda somente os proes e percalços que lhe direitamente pertençerem Pello que mando ao meu Viso rey ou gouernador das partes da India que ora he e ao diante for e ao veedor de minha fazenda em ellas que dem ao dito Antonio Rodriguez a posse do dito officio e lho deixem seruir e auer os proes e percalços que lhe pertençerem como dito hee sem lhe a jsso ser posto duuyda nem embargo algum, e ele jurara em minha chancelaria aos sanctos euangelhos que bem e verdadeiramente o sirua guardando em tudo meu seruiço e as partes seu dereito de que se faraa assento nas costas desta carta que sera registada nos lyuros da casa da India da feitura della a quatro meses primeiros seguintes — Belchior Pinto a fez em Lixboa a noue de março de quinhentos nouenta e oyto Jan Aluarez Soares a fez escreuer.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. Filippe I, liv. 30, fol. 330 v.)

Sousa Viterbo.

Picote (Miranda do Douro)

Ás figuras publicadas n-*O Arch. Port.*, v, 143 e 336, de objectos existentes no Museu apparecidos nesta povoação, temos de accrescentar mais a seguinte, que representa em $^1/_2$ do tamanho natural uma lança

de cobre encontrada no seu castro. Foi desenhada com a maior fidelidade pelo meu camarada e amigo Tenente Fernandes de Macedo, e offerecida pelo Reitor P.^e^ Carvalho ao Museu de Bragança.

Bragança, Setembro de 1901.

Albino Pereira Lopo.

Noticias várias

1. Antiguidades dos arredores de Macieira de Cambra

Lê-se n-*O Seculo* de 19 de janeiro de 1902:

«..... monte de fórma conica e irregular. Visto de longe, nada apresenta de extraordinario, mas, estudado de perto e com attenção, podem os olhos do observador intelligente descobrir os fragmentos quasi apagados de um antigo acampamento romano. O povo chama-lhe *Crasto*

Digitized by Google

e attribue aos mouros esses pequenos vestigios de fortificações levantadas em volta do monte..... Hoje, quasi nada existe d'esse campo fortificado: apenas uma capellinha, cuja construcção é muito recente, mostra ao viandante que, nesse mesmo logar onde os santos se conservam rodeados de silencio e veneração, retumbavam outrora as trombetas do combate e da victoria. Diz o povo que, quando foram cavados os alicerces para a edificação da capella, os pedreiros encontraram uma grande camara de tijolo, onde estavam depositados alguns esqueletos ainda em bom estado de conservação».

O que se apura d'esta notícia é que ao pé de Macieira de Cambra ha um castro, que não data certamente da epoca romana, mas de epoca mais antiga; e que ahi se encontram sepulturas, que, porém, podem ser da epoca romana.—Cfr. o que se lê n-*O Arch. Port.*, III, 101.

2. Achados archeologicos

a) *Moedas romanas de Bucellas:*

«Em Bucellas, proximidades de Lisboa, foi encontrada por um tra balhador que andava no campo uma moeda romana, perfeitamente conservada .....

Do lado da effigie tem a seguinte legenda:—NERV ATRAIA NAVGGERIMFCAES—e no reverso: P. M. T. RPCOS. II. P. P[1].

b) *Machado de pedra de Valle de Messejana:*

Na herdade do Valle de Messejana, proximo da villa d'este nome, foi achado por um couteiro do Sr. José Domingues Fernandes, de Beja, um machado de pedra da epocha prehistorica.

É um dos exemplares mais bem conservados que temos visto. Parece ser de diorite, que se acha envolvida numa camada calcarea de mais de um millimetro de espessura. Tem 14 centimetros de comprimento e $5^1/_2$ de largura. Uma das extremidades termina em bico e a outra tem o gume sem o menor defeito.

São frequentes nas proximidades de Messejana os achados archeologicos, não só dos tempos a que a historia não alcança, como dos da dominação romana».

(*O Campo d'Ourique*, de 27 de Junho de 1901).

J. L. de V.

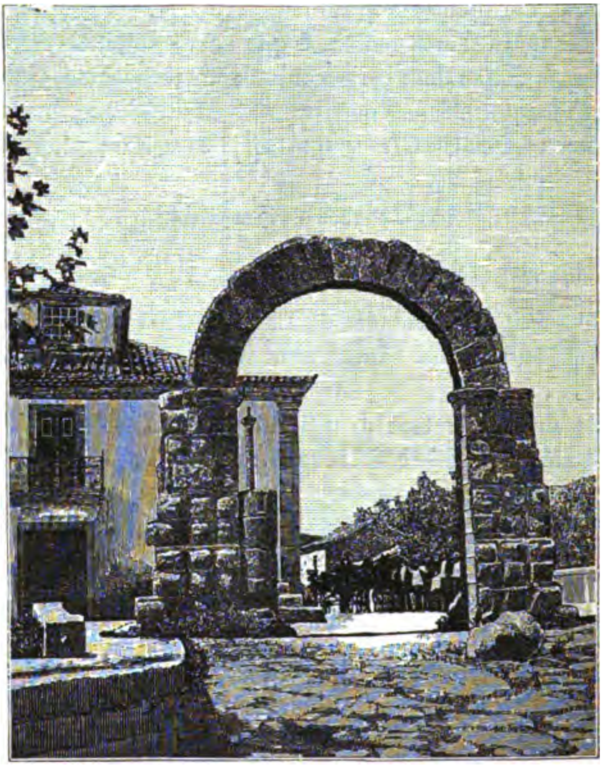
---

[1] [Supponho que estas legendas são, no anverso: IMP · CAES · NERVA · TRAIAN · AVG · GERM ·, e no reverso: P · M · TR · P · COS · II · P · P · A moeda é de Trajano (98–117 da E. C.).—J. L. de V.]

Digitized by Google

Arco romano de Bobadella

Publicaram-se já n-*O Archeologo Português* várias noticias relativas ás antiguidades de Bobadella: vide vol. II, 311 (extracto das Memorias Parochiaes); vol. III, 221 (extracto do *Dicc. Geogr.* de Cardoso); vol. V, 171 (restituição de uma inscripção romana).



Vide ainda sobre essas antiguidades os seguintes trabalhos:

Memoria historico-corographica do ditricto de Coimbra, por Henrique Secco, Coimbra 1853, pag. 103 sqq., onde o auctor cita, entre outras noticias interessantes, uma oitava do *Viriato Tragico* de Brás Garcia de Mascarenhas, canto IV;

Portugal antigo e moderno, por Pinho Leal, Lisboa 1873, s. v. *Bobadella,* no vol. I, pag. 405;

Relatorio da secção de archeologia da expedição da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, por Martins Sarmento, Lisboa 1883,

Digitized by Google

pag. 12-13 e 15-16, com o desenho do arco romano que existe em Bobadella.

Tendo-me o Sr. Francisco Ferreira Loureiro, da Figueira da Foz, offerecido cópia de duas photographias por elle tiradas do referido arco, visto de frente e a $^3/_4$, aqui publico as respectivas gravuras.

Como ainda não fui a Bobadella, tenho de, para a descrição do arco, me valer do que outros disseram.

Henrique Secco, pag. 103, falla de um arco de muitas columnas collocado no meio da praça da villa. Pinho Leal, pag. 405, diz: «Dentro da villa ainda existe de pé um arco de pedra lavrada, de muita magnificencia e antiguidade, que indica ser porta de muralha». Martins Sarmento, pag. 16: «O monumento mais bem conservado é um arco romano, defronte da igreja, mas em direcção cruzada com ella. A duzentos passos, para o poente, vêem-se restos de um segundo arco, igual ao primeiro, e de um ao outro corria uma calçada coeva d'elle, que seguia depois em direcções divergentes e mal determinadas, e que,

Digitized by Google

segundo informações que nos repetiram com insistencia, existe ainda excellentemente conservado quatro palmos abaixo da calçada actual». D'estas breves notícias, a de maior circumstancia é a última. Quanto ás muitas columnas de que falla Henrique Secco, eu não tenho mais noticias que possa dar.

J. L. de V.

Noticias archeologicas

1. Tumulos de Anna de Chaves, na Ilha de S. Thomé

«Foi vendido ha tempo um terreno do Governo, que incluia as ruinas da Igreja de S. João, onde se guardavam os restos mortaes de D. Anna de Chaves, fidalga notavel a quem se prende a historia d'esta Ilha. Não houve ninguem de bom senso que se lembrasse de trasladar os restos mortaes da respeitavel donataria com o respectivo tumulo para o cemiterio, tendo sido tudo demolido sem o menor reparo da Camara Municipal, a cujo presidente cabem graves responsabilidades, se tiver conhecimento do que muito judiciosamente escreveram Lopes de Lima, Allemão, Cunha Matos, Almada Negreiros e outros.

Nas ruinas da Igreja do Rosario existe ainda um tumulo de Maria Fernandes ou Maria Pires, o qual, naturalmente, leva o mesmo destino.

Chamamos a attenção da Camara Municipal para tão delicado assumpto».

(*Folha da Tarde*, de 25 de maio de 1900).

Nota.—Anna de Chaves era viuva de Gonçalo Alvares, a quem o almoxarife da Ilha de S. Thomé dera em 4 de maio de 1535 de sesmaria 300 varas de terra e mato maninho de trás da Ilha ao longo do Ribeirão da Lagoa «as quaes se começarão de medir do mar pelo dito Ribeirão a cima com sua testada da mesma largura da terra sairá de ginete dereytamente á serra». Era obrigado a roçar dentro de cinco annos os referidos terrenos. D. João III, conforme a carta registada na sua Chancellaria, liv. 67 de *Doações*, fl. 37 *v* (no Archivo Nacional) confirmou a Anna de Chaves a concessão em 24 de novembro de 1547. Anna não era nobre. Foi nesta Ilha que Portugal se começou a ensaiar nas grandes culturas tropicaes que tão grande desenvolvimento tiveram no Brasil, para onde tambem transplantou certos termos usados em S. Thomé, como *roça* e *crioulo.* Na bahia chamada ainda hoje de Anna de Chaves está edificada a capital da provincia das nossas reduzidas

Digitized by Google

possessões no golfo de Guiné. A influencia portuguesa em toda esta região foi extraordinaria. No Benim desde o seculo XV formou-se uma civilização interessante devida aos portugueses para lá attrahidos. As artes metallurgicas então desenvolveram-se com um feitio especial, como modernamente se pôde observar quando os ingleses occuparam e destruiram o antigo reino[1]. A sorte de Dahomé, país conquistado pelos franceses, não foi menos angustiosa. Este país em que os mulatos portugueses tinham conseguido tornar sua a lingua a official, foi, apesar dos esforços para ficar independente debaixo da protecção (!) de Portugal, incorporado no dominio colonial francês e entregue sem defesa á acção dos missionarios d'esta potencia. Na colonia allemã dos Camarões (Kamerun) ainda são conhecidas numerosas palavras portuguesas entre os habitantes da costa.

2. O palacio da quinta de D. Rodrigo, em Casevel

«A freguesia de Casevel é muito espalhada, e composta de casaes dispersos aqui e acolá. A quinta (de D. Rodrigo), por consequencia, encontra-se só, e eis porque a grande distancia se via o incendio.

O predio mede approximadamente 500 metros quadrados. É uma solida construcção. A fachada é do lado do nascente, tendo uma extensão de 30 a 35 metros, e de largura uns 14. Nos topos ha dois torreões quadrados, e ao centro um terrasso em feitio de varanda. Na esquina do torreão esquerdo ostenta-se o brasão de armas de D. Rodrigo, antigo dono da quinta».

(*Folha da Tarde*, de 25 setembro de 1900).

Nota.—Em 1758 (*Diccionario Geographico*) havia uma quinta chamada de Valle Forcadas, pertencente a D. Gastão José Coutinho. Seria esta a chamada de D. Rodrigo, que pertencia ao tempo do incendio a D. Anna Adelaide de Faria Pinto, viuva de José Joaquim da Fonseca Pinto?

3. Importante achado archeologico

«Penella.—C.— Em S. Simão pequeno logar da freguesia de Santa Eufemia, d'este concelho, á distancia de 4 kilometros, existe uma

[1] No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, numero commemorativo de abril de 1901, podem examinar-se os exemplares que vieram para Portugal.

Digitized by Google

ermida da invocação da Senhora da Graça, que tem a particular singularidade de pertencer a duas freguesias: a capella-mor á de S. Miguel e o corpo da capella á de Santa Eufemia. Em frente ha um quintal povoado de oliveiras pertencente á capella.

Ha pouco, andando um trabalhador a abrir uma cova para a plantação de uma tancha, encontrou á profundidade de 1 metro um lindo mosaico, formado de quadrados em pedrinhas meudissimas, brancas, de grandeza igual, cercada de orlas e de pedrinhas azues.

Um individuo que reside num logar proximo, tendo conhecimento do facto, foi ali e, mandando alargar a cova, notou que o mosaico se estendia em todas as direcções do referido quintal. Pretendendo extrahir uma parte d'esse mosaico, mandou demolir uma parede que separa o quintal pelo poente de uma propriedade que lhe fica em nivel inferior de 2 metros e, quando chegou á altura de 1 palmo d'aquelle mosaico, encontrou outro formado de lindos desenhos em pedra azul, branca, côr de rosa escura e côr de rosa desmaiada, de que recolheu alguns fragmentos.

Inquirindo de alguns individuos de idade, soube que ha mais de trinta annos o dono que então era d'aquelle quintal, e que foi quem mandou plantar aquellas oliveiras que ali se encontram, já achara, quando abriu as covas para estas, o referido mosaico, a que não ligou importancia. Este facto leva a acreditar que o mosaico se estende numa superficie não inferior a 100 metros quadrados.

O dono do predio, que pelo poente fica em socalco inferior ao quintal cêrca de 2 metros, andando ha cêrca de seis annos a repovoar uma vinha encontrou tambem á profundidade de 1 metro um pavimento ladrilhado de magnificos e largos tijolos, com rebordo dos lados, pavimento que parecia ser de um corredor.

Em outras propriedades contiguas teem tambem apparecido tijolos iguaes, e ainda ha poucos annos um lavrador, que andava lavrando terreno proximo, notou que em determinado sitio o arado se prendia a um obstaculo, que depois verificou ser a soleira de um largo portado.

Naquelle quintal, abrindo-se outra cova para oliveira, encontrou-se uma sepultura de alvenaria já em mau estado, dizendo o trabalhador que encontrou dentro da sepultura uma especie de cabeça, que quebrou com a enchada.

É tradição muito vaga que ali houve um convento ou cidade, sendo certo que não se encontram fragmentos de paredes, a não ser que estejam soterradas nos terrenos de cultura.

Em presença do mosaico não duvida que existiu ali uma edificação grandiosa.

Digitized by Google

Distante 1 kilometro, pouco mais ou menos, d'este sitio, andando-se a abrir um poço, tambem se achou, a cêrca de 1 metro de profundidade, um espaço da largura de 1 metro cercado de parede espessa de alvenaria, ladrilhado, de cêrca de 1 metro de altura, coberto por abobadelha de tijolo ordinario; dentro achou-se cal em bom estado de conservação.

Esta singular construcção prolonga-se na direcção de um monte, por baixo de uma estrada ordinaria que lhe fica alguns metros por cima; a cal está em massa humida. O que seria?»

(*O Seculo*, de 17 de maio de 1901).

4. Cofres mysteriosos

«Mourisca, 7.—Ha dias andando um carpinteiro e um trabalhador em Travassô a demolir uma casa, foi descoberto por este um farrapo na parede, e começando a puxá-lo, por curiosidade, cairam muitos pintos de prata. Procedendo-se á contagem verificou-se serem noventa e cinco. Na mesma casa, mas noutro local e por cima de uma porta, encontrou tambem o carpinteiro oito peças de ouro. O Sr. José Laranjeira, dono da casa, chegou na occasião em que se tinha encontrado o dinheiro. O trabalhador, que era seu criado, e o carpinteiro, immediatamente lh'o entregaram. O criado foi gratificado pelo patrão com cinco pintos e uma roupa nova, e as peças foram vendidas pelo Sr. Laranjeira a 16$000 réis cada uma, fazendo o comprador, que não deu agio, um bom negocio».

(*Vanguarda*, de 9 de junho de 1901).

5. Achado archeologico

«No antigo edificio da fabrica da polvora em Alcantara, que o Estado alienou por noventa e nove annos, procede-se a obras para a installação de uma fabrica de gelo. Quando hontem o trabalhador Domingos Antonio, morador na Serra de Monsanto, procedia á demolição de uma parede, deparou com um frasco de vidro contendo quatro moedas de prata, tendo gravadas a effigie de D. José I, um galeão e data de 1765. O caso produziu enorme alvoroço entre todo o pessoal operario, por constar que se tratava de um thesouro que se encontrara. Afinal, o mestre da obra tomou conta do frasco contendo as moedas para lhe dar o devido destino.

Digitized by Google

O edificio, que em 1500 era um convento, tinha as paredes revestidas de preciosos azulejos, que pouco a pouco foram desapparecendo, constando terem sido enviados para o estrangeiro».

(*Vanguarda*, de 9 de junho de 1901).

6. Uma igreja abandonada no Congo

Santo Antonio do Zaire, 11 de maio.

. . . .

«Continuando a viagem por caminhos agora bons, largos, planos, que uma carruagem podia bem pisar, vamos ter á igreja de Mpinda, depois de tres horas e meia de caminho.

A igreja em nada differe da mais humilde cubata. Mede uns 3 metros de comprimento, terá 2 metros de largura e metro e meio de altura. O cheiro é nauseabundo, devido aos morcegos que nella se aninham.

Esta igreja data do tempo dos frades italianos da ordem dos Capuchinhos, tendo sido seu ultimo ministro Frei Antonio, cujas ossadas ainda ali se encontram.

A gente de Mpinda era composta de resgatados; a obra dos missionarios tornou aquelles povos mais supersticiosos que os negros sem convivencia com o clero.

Abandonada a igreja, os santos de madeira foram apodrecendo pelo salalá, e os pretos se incumbiram de embrulhar aquelles objectos em pannos para evitar que dos troncos se separassem as cabeças d'aquelles milagrosos.

Lá estão no altar alguns objectos de prata, como a naveta e o thuribulo.

Ao lado da igreja está um sino de bronze, pesando mais de 40 kilogrammas. Este sino tem inscripta a data de 1700.

O povo, desde que morreu Frei Antonio, tomou a seu cargo a igreja, e elegeu elle um *padre*.

O actual eleito intitula-se «Padre Lemba do Novo Testamento». É pela ordem natural das cousas o mais finorio dos mpindas, e d'isso deu provas em acto continuo á sua eleição, roubando da cruz procissional o Santo Christo, e indo vendê-lo como feitiço a um povo do interior.

A cruz, que é de prata, existe actualmente em poder do rei Jorge, illustre soberano de um dos povos mussorongos de Santo Antonio.

Digitized by Google

O acto da missa tem um tanto de pittoresco. Lemba toca o sino e toda a gente dos povos proximos — Pinda, Tuco, Conde e Quini-mi-a-Nganga — acode á igreja.

Lemba faz umas contumelias, voltado para a igreja, simulando as dos padres, benze-se e, voltando-se, asperge com agua, por elle mesmo benta, os *fieis*, que logo ajoelham.

Se ha falta de chuvas, Lemba diz aos *fieis* que não chove porque Deus não quer molhar os santos; mostra-lhes os buracos no tecto e pede-lhes auxilio para a cobertura.

Recebidas as *esmolas*, os pretos voltam para as suas terras, e, se a chuva continua a faltar, Lemba toca a *fieis*, apanha-lhes mais dinheiro e diz-lhes que Deus vae dar chuva, mas com a condição d'elles voltarem para as suas povoações, sem nenhum falar no caminho.

Os pretos lá se vão crentes da verdade, mas outro, industriado por Lemba, põe-se a berrar a meio caminho o que faz indignar a Deus e prejudicar o milagre.

Só tenho pena do Governo não mandar guardar os objectos de prata, e remetter para o Museu Colonial o sino como recordação historica».

(*O Seculo*, de 14 de junho de 1901).

7. O Poço dos Mouros

«Este antigo poço, situado na estrada da circumvallação, em frente da Calçada do Poço dos Mouros, vae soffrer um grande e importante melhoramento, que era de ha muito reclamado. O poço tem uma abundante nascente, e, embora a agua seja salobra, é muito utilizada pelos moradores das cercanias para usos domesticos. Fica agora, alem de limpo, com as fendas vedadas, tapado por uma abobada de tijolo e ser-lhes-ha collocada uma bomba.

O poço é de grande profundidade. Acêrca da epoca em que foi construido e a razão da sua denominação pouco ou nada é conhecido, e nem consta que por aquelles sitios habitassem mouros. Sabe-se apenas que o poço é muito antigo, e, ao que parece, já existia no tempo de Pero de Alemquer, em 1491, o celebre marinheiro que acompanhou D. Vasco da Gama na viagem á India, e o qual vivia no «Cabeço de Alperche» na casa, mais tarde reconstruida, e que hoje tem o n.º 6, na Travessa do Calado, quasi em frente da Igreja da Penha de França.

Junto á mencionada casa, diremos ainda, construiu-se, após o terramoto de 1755, uma pequena ermida, onde esteve, por algum tempo,

Digitized by Google

a imagem de Nossa Senhora da Penha de França. Em memoria conserva-se uma inscripção gravada em letras brancas em azulejos azues.

Como dissemos, a nascente no poço dos Mouros é muito abundante, principalmente depois que ha annos lhe fizeram tres furos com uma broca. A agua chega todo o anno quasi á bôca do poço».

(*Diario de Noticias*, de 20 de junho de 1901).

8. Recolhimento do Rego

«Hei por bem fazer mercê a Margarida das Mercês e a Joaquina Ignacia, primeira e segunda regentes das recolhidas e convertidas de Nossa Senhora do Rosario, que se acham estabelecidas junto ao Grillo, das casas e quinta que foram de Custodio Ferreira Goyos e hoje estão nos proprios da minha Real fazenda, pela arrematação que na dita propriedade se fez no preço de quatro contos e oitocentos mil réis, por execução feita ao sobredito Custodio Ferreira, como fiador de José Luiz Serra, devedor da renda da commenda de Mertola, que se lhe arrematou pelo juizo da inconfidencia, cujo emprestimo lhe faço sem que fiquem obrigadas a pagar renda alguma das ditas casas, mas sómente o foro que fôr devido ás Religiosas do mosteiro de Odivellas, senhoras directas da referida quinta e casas, com obrigação de residirem n'ellas com o mesmo recolhimento na forma em que actualmente se acham, e lhes concedo licença para na sobredita propriedade poderem fazer as obras que lhes fôrem precisas para a sua accommodação, *sem que comtudo no caso de despejo lhes fique por isso a minha Real fazenda obrigada á satisfação* de bemfeitorias algumas; e com a *declaração* que lhe faço esta mercê em quanto Eu assim o houver por bem e não mandar o contrario. O conselho de fazenda o tenha assim entendido e faça executar com as ordens necessarias. Salvaterra de Magos em vinte e tres de fevereiro de 1788. — Com rubrica de Sua Magestade, Sebastião Xavier da Gama Lobo».

Por este decreto vê-se que o Recolhimento do Rego está estabelecido em um edificio que o Estado lhe *emprestou gratuitamente*, titulo que nunca pode dar-lhe direito de propriedade, pois que o possue em nome alheio, com obrigação de despejo, quando aprouver ao dono da propriedade.

O estabelecimento de recolhidas e convertidas, ao Grillo, com a invocação de Nossa Senhora do Rosario, que este decreto aposentou no edificio e quinta do Rego, foi incorporado com o das Servitas de Nossa Senhora das Dôres, do Largo do Leão, a Arroyos, ficando ambos no edificio do Rego, por decreto de 29 de maio de 1848, sendo-lhes tambem dados estatutos approvados por alvará de 13 de fevereiro de 1849.

Taes estatutos impunham noviciado, votos secretos e admissão, tudo regido pelo dogma de Santo Agostinho, com clausura perfeita».

(*O Seculo*, de 13 de julho de 1901).

Digitized by Google

«Numa rapida visita que fizemos ao edificio e capella, vimos excellentes esculpturas dos Apostolos, boas pinturas e um soberbo trabalho de talha dourada.

No chão da capella-mor encontra-se a seguinte inscripção, que reproduzimos a titulo de curiosidade:

AQUI JAZ
MARGARIDA DAS MERCÊS
DE MARÉ[1], FUNDADORA
DO REAL RECOLHIMENTO
DAS CONVERTIDAS
DO REGO, QUE FALLE-
CEU AOS 3 DIAS
DO MEZ DE
ABRIL DO ANNO
DE 1801, TENDO DA
EDADE 55 AN-
NOS, 4 MEZES
E 6 DIAS
REQUIESCAT IN
PACE

(*Diario de Noticias*, de 20 de julho de 1901).

9. Descripção de um batel do seculo XIV

Portugal, contra a opinião commum, não é por natureza país maritimo. As suas costas apresentam-se pouco rendilhadas para que se lhe possa dar essa denominação. Mas onde ellas se manifestam mais intensamente recortadas ahi se encontram os marinheiros mais audazes, como succede em Aveiro, Lisboa, Setubal e toda a costa do Algarve. Posteriormente, impellidos por espirito elevado, atreveram-se os portugueses a afrontar o mar largo em busca de novas terras.

Quando os portugueses do norte se apoderaram de todo o sul, terminaram, em consequencia de odios de raça e religião, as viagens á Africa que os musulmanos emprehendiam, do que resultou o abatimento nas qualidades nauticas dos habitantes das nossas costas. Foi então preciso animar com elementos mais modernos e christãos a marinha

[1] Não me foi possivel encontrar na *Chancellaria Real* nem no *Registo das Mercês* d'estes tempos noticias d'esta senhora.

Digitized by Google

nacional e recorreu-se por esse effeito aos paises mais adeantados nesse ramo. Vieram pois os Pazagnos a quem foram concedidos grandes privilegios.

O grande porto de Lisboa pôde tornar-se como uma escola, visto que já era uma escala entre o Mediterraneo e o mar do Norte e muitas vezes tambem um *terminus*.

Os termos nauticos portuguezes na sua maioria concordam com os das outras nações europeias, o que tambem succede nos nomes dos diversos objectos que se encontravam a bordo do batel, de que foi vendido metade em 1370.

A escritura foi feita no porto novo de Aldeia Gallega.

Como são poucos os documentos portuguezes sobre objectos nauticos durante a primeira dynastia, creio que publicando esta escritura será ella acolhida com estima por aquelles que se dedicam á archeologia naval, posto que o batel, de que se trata, pouco differente seja das modernas e modestas faluas.

Sabhã quantos esta carta de pura venda virẽn, que Eu Johã martinz dormyras, morador na aldea galega, Ribatejo, vẽndo e outorgo deste dja pera todo senpre a uos Domingas de deos, morador na çidade de lixbõa, Meatade duũ batel cõ a meatade de todolos aparelhos que o dito batel trage, que Eu ej, cõuẽn a ssaber: tres varas e duas fateixas de fero e huũ gouernalho cũa paa E dos Remos e masto e antena cõ toda ssua Ejxarcya e huũ treu e huũ caaure e hũa corda, a qual meatade de batel cõ a meatade de todos estes aparelhos lhi vẽndo por çerto preço, conuẽn a ssaber: Cen libras de dinheiros portugeesses que conhesco e cõfesso que dela Reçebj en bõos dinheiros cõtados, de que ssõn bẽn pagado e entrege. E mãdo e outorgo deste dia pera todo ssenpre que ela e todos sseus ssoçeçores, que depos ela veerẽ, aiã e logren e pessuiã a meatade do dito batel e meatade daparelhos e ffaça dele en ele todo aquelo que lhi prouger cõme de ssua propia coussa. E obrigo todos meus bẽes mouys e Rajz avudos e por auer a lhj liurar e deffẽnder a meatade do dito batel e meatade daparelhos, de quẽ quer que lho demãde ou enbarge, sse uõtades perdas e danos que a dita domingas de deos por esta Razõ veer que Eu lho cõponho cada huũ dja cõ dẽz ssoldos de pea, e per poder desta carta a meto en posse per affonso marinheiro da dita meatade de batel e meatade daparelhos. ffeita ffoj esta carta no porto nouo daldea galega, Ribatejo, vinte e dos dias de dezenbro. Era de Mil e quatroçentos e ojto Anos. Testemunhas Steuã caneiro e Steuã dominguez carneiro e affonso marinheiro e Johãne Anes, homẽ daluaro dominguez, alcaide e outros. Eu Johã gon-

Digitized by Google

çaluez, tabaliõ dEl Rej en no dito logo de Ribatejo, que por outorgamento do dito Johã martjnz esta carta escreuj e aqui meu ssinal ffiz que tal + he = iiij° ssoldos[1].

10. Achado de moedas romanas proximo de Mertola, em 1624

«Lo que hallamos cõ euidencia, y sin alguna duda es, que desde que los Romanos acá entraron; ay en Portugal este Apellido de Faria; porque auiendose visto en tiempos passados alguna medalla, o moneda Romana con estas letras FARIA [y yo vi vna en Genoua en las manos de vn Portugues que la lleuò de España entre otras de oro, y plata, que vendiò alli a vn Platero] se hallò el año 1634. a la margen de vn rio, cerca de la Villa de Mertola, vna olla de plata com màs de ocho mil medallas, o monedas del proprio metal todas del tamaño de la nuestra de dos reales. En vna dellas se via la cabeça de Mercurio [como suele pintarse con su galero y aletas] y del reuerso vna muger sentada, con vn globo en la mano derecha, de que sale vna hasta; y a los pies vna lança, y vn escudo con esta Inscripcion, ROMA, y en la circunferencia estotra: N. FARIA. Tienela oy en su poder Gaspar de Faria Seuerin, Executor mayor del Reyno, cuya copia tengo por certificaciones de Notarios publicos.

Parece que las letras de la circunferencia dizem NONIVS FARIA; que deuiò ser Nombre del Triunuiro Monetario, el qual hizo esculpir, o labrar aquella suerte de moneda; porque los tales Ministros teniã priuilegio para poner sus nõbres en ella como se vè claro de muchas que trae Sebastiano Erisso. Estos Triunuiros Monetales eran Presidentes de la Casa de moneda[2], segun Pomponio Leto de Magistrat, y otros Autores. Etc.»[3].

Pedro A. de Azevedo.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

1. Bazaruco inedito do seculo XVI

No tempo em que Mathias de Albuquerque governou o Estado da India Portuguesa, sob o titulo de Vice-Rei, o Senado de Goa, ou Ca-

[1] Archivo Nacional — Mosteiro de Chelas, maço 35, n.° 686.

[2] *Nota marginal ms:* Asim são os Crasbeks en Anveres que são monetarios, hoc est, presidentes da Casa da Moeda que neste anno de 1700 he francisco Crasbek.

[3] *Notas de Manoel de Faria y Sousa al Nobiliario del Conde D. Pedro,* pag. 34.

Digitized by Google

mara da Cidade, como tambem lhe chamavam, mandou lavrar bazarucos de calaim nos annos de 1595 e 1596, contendo symbolos que a historia hoje não pode precisar. (Aragão, *Descripção, etc.,* pag. 181).

Taes moedas, *que se gastavam depressa,* na frase sacramental dos sarrafos, peritos que o Senado havia consultado, por accordão de 26 de Agosto de 1592, sobre se conviria fabricá-las de futuro, são desconhecidas dos senhores numismatas europeus, e talvez mesmo na India não exista hoje competencia que possa dar a respeito d'ellas notícia circumstanciada. O metal com que eram fabricadas abonava plenamente a frase d'aquelles senhores do agio de então, cambistas ao ar livre, profundamente versados no judaismo do lucro. Ellas não chegaram á actualidade reconheciveis; perderam-se no anniquilamento da epoca.

A especie bazaruco, profusamente esfarrapada em valores minimos, o de cobre, ou o de calaim, deu causa a lamentaveis consequencias.

Arranjavam-se estivas *ad hoc* sempre que o cofre da Junta de Fazenda carecia de recursos, e mesmo quando o do Senado enfermava de igual modo. Estas entidades combinavam á maravilha no sentido de explorarem o povo, o paciente, cujos interesses eram sempre evocados na justificação dos escandalos monetarios que tinham de se emittir.

Nas necessidades instantes era preferido o calaim, porque elle, improprio para o fabrico de utensilios, não derivava para a terra firme, como succedia ao cobre, delicia de caldeireiros e fundidores particulares. O calaim, metal hybrido, oxydavel, sem importancia, sem valor real intrinseco, era o grande salvador nos lanços de maior aperto. Apesar das quebras nas fundições, era um fornecedor de recursos impagavel, insubstituivel! O valor mercantil do cobre em pasta era notavelmente superior ao da tutenaga em bruto, base da mistificação.

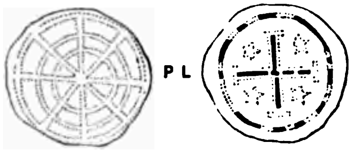
Calcula-se com que alegria os antigos moedeiros orientaes celebravam festas intimas sempre que novas estivas eram ensaiadas, para se conhecer qual fosse a mais productiva. O commercio não tinha voto naquellas orgias de laboratorio.

A numismatica hoje não conhece as modificações, tão variadas, do bazaruco, fabricado na epoca Filippina, de ominosa memoria; o que é grave, como vae ver-se.

Foi muito venerada e apreciada em Lisboa a moeda cujos desenhos apresentamos. Perfumava-a um certo cheiro de santidade ideal, e dizia-se fundida por ordem do Senado de Goa na epoca referida. Qualquer argumento abonatorio da origem não se expunha sob a mais incontestavel nitidez entre devotos. Havia uma questão de crença, que nunca basta ao investigador curioso.

Digitized by Google

Vimos a moeda e pedimos os desenhos ao feliz possuidor, no intuito de estudá-la. Repugnava-nos a lenda, aliás sympathica, na ausencia de razões, convincentes, plausiveis, que ninguem offerecêra.



Bazaruco

A moeda faz parte do notavel medalheiro indo-português do Sr. Coronel Francisco Augusto Martins de Carvalho, que a adquiriu na India, encontrada entre vulgaridades, que a phantasia de um hindu apreciára innocentemente e cedêra, a titulo de lembrança affectuosa, ao distincto militar.

Da classe de inutilidade, que uma criança não cobiçaria para seus brinquedos, a moeda passou para a veneranda seriedade da sciencia. Parece-nos que se não trata de uma das muito variadas especies do bazaruco, mandadas fabricar pelo Senado no tempo de D. Filippe I, apesar de ter no anverso as armas da cidade de Goa, a roda de S.ta Catharina de Alexandria, e no reverso a cruz da Ordem do Santo Sepulcro, cantonada de estrellas, em vez do escudo de armas do reino entre as letras monetarias G—A, typo este que é proprio de especies do mesmo metal, fundidas no tempo de D. João V, sob a denominação generica de *rodas*, em valores diversos, como se vê dos desenhos n.os 15 a 17 da estampa III do vol. 3.º da obra de Teixeira de Aragão, criadas pela Junta de Fazenda de Goa em resolução de 24 de Setembro de 1744. É certo que se trata de uma raridade de primeira ordem, unica conhecida. Os traços cheios são os que melhor se apreciam. Os traços de pontos continuos indicam o typo que tem de se completar mentalmente, e que a vista, bem armada, chega a descobrir, logo que o exemplar seja exposto a luz conveniente.

Que a moeda deve ser classificada no reinado de D. Filippe II parece não ter dúvida, attendendo a que neste reinado foram batidas moedas de cobre, em cujos reversos figura a cruz da Ordem do Santo Sepulcro, cantonada de estrellas, como se vê no n.º 4 da estampa I de Aragão. Esta semelhança de reverso com a moeda de que se trata parece destruir a hypothese de haver sido fundida no tempo de D. Filippe I, e, por conseguinte, por ordem do Senado. Este deu fructos monetarios no reinado de D. Filippe II, é certo, por alvará de 1 de julho de 1600, porem tal documento menciona claramente o typo emissivel:

Digitized by Google

tendo em uma face a esphera e na outra as armas do reino. (Aragão, *Discripção das moedas, etc.*, pag. 185).

Um exemplar com este typo existe no medalheiro do Sr. Julio Meili, de Zürich, muito bem conservado, com o peso de 3^{gr},20.

Pelas razões expostas suppomos que a paternidade do exemplar de que nos occupamos pertence á Junta de Fazenda de Goa, e não ao Senado.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

O Alto do Carocedo ou Carrocedo

Na amavel companhia dos meus camaradas e amigos, capitão Esteves, tenentes Manoel Vergueiro, e Carneiro, e alferes Dias, e Campos, fui um d'estes dias ao alto do Carocedo fazer uma excursão archeologica, desejoso de me esclarecer sobre o que havia á cêrca de umas vagas noticias que tinha de umas antiguidades que me diziam que nelle se viam. Gastámos no percurso duas horas e meia, proximamente, seguindo quasi sempre a estrada nova, que d'esta cidade vae para Mogadouro e atravessa a ribeira de Alfaião, um dos affluentes principaes da margem direita do rio Sabor, e ladeia depois o valle e a encosta do Penacal, passando na portella comprehendida entre a pequena elevação de Failde e o nosso alto, que torneia pelo poente, e segue em direcção a Izeda.

É um dos pontos mais elevados da margem direita da Ribeira, que, á vista, parece estar no mesmo meridiano de Bragança, mas que lhe fica um pouco a sudeste, e distante 10 kilometros, em linha recta. A sua configuração é a de uma pyramide conica, tendo a altitude de 853 metros, erguendo-se em contornos muito regulares que lhe dão, a quem o observa de longe, aspecto todo poetico pela sua projecção no ceu. A sua posição dominante e a constituição e declive das suas encostas eram condições que o tornavam preferido a qualquer outro ponto em que se quisesse estabelecer uma estação, naquelle tempo, em que a defensa natural era o principal elemento de resistencia e segurança. Derivando d'elle varias ravinas, que vão formando, em differentes sentidos, ferteis prados e hortas onde o homem encontra a abundancia e os recursos da vida, não podia deixar de ser o «refugio» dos primeiros que as cultivaram, e dos que tiveram por armas principaes o seixo roliço, e por habitação a cavidade do rochedo. Sobrepujando numa vasta redondeza todas as alturas, e apresentando um vastissimo

Digitized by Google

horizonte, absorve-nos no gozo da contemplação de um scenario que só a natureza, por grande e maravilhosa que é, nos póde dar.

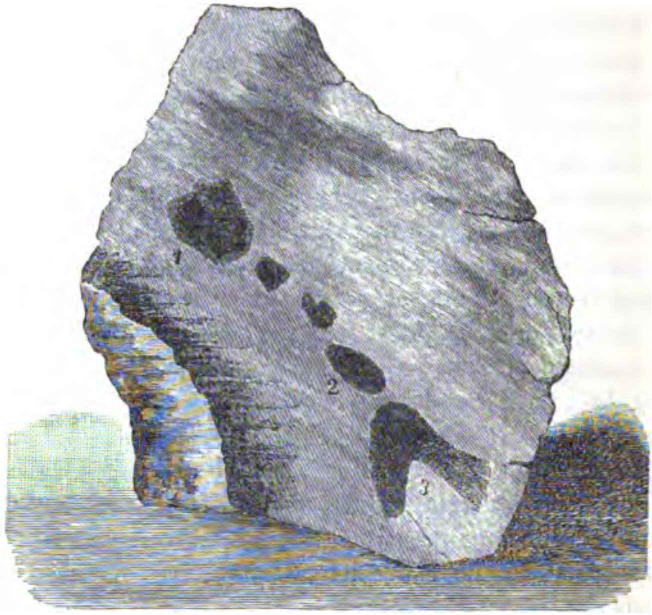
Das condições physicas d'este cabeço resultou a sua escolha para assento de um ou mais povoados que o tempo levou, e cujas cinzas estão escondidas pela espessura da mata de carvalhos que o cobre e que vão apparecendo á medida que o arado e o alvião revolvem aquelles campos em misteres agricolas. E é assim que ellas se começam a encontrar logo a partir da portella e subindo a encosta no sitio dos Barreiros, pela parte de cima de um castinheiral, entre o caminho velho e a estrada, numa terra lavrada pertencente a José Pires Gama, de Failde, que me mostrou os alicerces de uma casa, lousa furada, pias e pedras trabalhadas, de cantaria, pesos de pedra e barro «pondera», grande quantidade de tijolos, de fragmentos de louça e de telha de rebordo, algumas mós manuarias, pedaços de fustes de granito fino; e me informou que se dizia que em tempo se havia encontrado ali «a cabeça de ouro de um bezerrinho», que se acham ainda hoje muitos pregos e «ferragachos» e até moedas, como uma de cobre que elle tinha em casa, em que ainda se lia o nome de AVGVSTVS.

Estes restos da epocha romana ou lusitano-romana vão-se encontrando por todo o Cabeço, attestando assim a existencia de uma importante estação archaica, tanto pela sua extensão como pela grandeza dos seus monumentos, que foram em grande parte feitos de granito, a avaliar da grande quantidade de pedras e pedaços de cantaria trabalhada, mettidas nos muros das propriedades, nas paredes das casas, da igreja e ermida, que mostram pelo seu aperfeiçoado e lavores terem sido utilizadas para diversos fins, como tampas de sepulturas, lapides votivas e funerarias, para construcções, etc.; devendo tomar-se em consideração que o granito não o ha no local e vem de uma distancia talvez superior a 25 kilometros.

Mas é junto e nas immediações da ermida de Nossa Senhora da Assumpção, que se ergue no ponto mais elevado, no meio de um pequeno recinto de fórma elliptica, cercado de enormes fraguedos de seixo branco, que a nossa attenção mais é attrahida pela variedade de cousas que ali se vêem, que bem dignas são de estudo consciencioso e de observação demorada. Pois, de envolta com os vestigios da civilização romana mencionados, deparam-se-nos outros como: fragmentos de peças de cobre ou bronze e ferro pertencentes a objectos de adorno ou de serventia domestica, machados de pedra, como um que eu encontrei, já um pouco incompleto, e outro, que me deram, de silex muito perfeito e curioso; algumas «sartas», especies de contas grandes de pedra molar branca iguaes a uma que me mostrou uma

Digitized by Google

simploria mulher, que a tinha cosido dentro de um panno, guardando-a com todo o recato, porque dizia que possuia o condão de, trazendo-a ao pescoço, fazer dar mais leite ás mulheres, e por isso lhe chamava «leitor»; muitas sepulturas com ossadas, algumas, dizem, de dimensões muito superiores ás das da geração actual; notando eu que o esqueleto que vi numa estava voltado ao oriente e tinha só a cabeça resguardada por uma pequena lousa, como que para que a terra lhe não pesasse, disposição que me disseram dar-se nas outras, o que é mais um elemento valioso para o estudo das crenças e religiões d'estes sitios; uns signaes, que aqui vão figurados, que são incontestavelmente



1 Berço da Senhora. — 2 Pègadas da Senhora. — 3 Cova do Milagre

insculpturas prehistoricas, gravados na face sul de um rochedo logo ao sul da ermida a que denominam uns *berço da Senhora* por ter nella apparecido em vulto, outros *pègadas da Senhora* por se parecerem com as dedadas da planta de um grande pé, e ainda outros *cova do milagre,* por se extrahirem d'ella uns «poses» com que dizem se curam as maleitas e que não vem a ser mais do que o pó do seixo raspado pelo credulo, indicios que conjecturo de um «dolmen»; junto e do lado poente d'este rochedo, um carrasco de dimensões regulares, que mal se explica como vegeta, quasi sem terra entre as fendas de um fraguedo que fica a norte e perto da capella, e que é muito venerado por se lhe attribuir

Digitized by Google

a virtude de fazer soffrer tantos annos de «maleitas» quantas as folhas que lhe colherem, o que se relaciona com o antigo culto das plantas; finalmente, porções de fossos e muralhas de pedra solta em andares que juntamente com os fraguedos formavam uma fortificação, de grande valor para o tempo, que protegia este recinto dentro do qual nós, como vemos, ainda agora achamos as «pègadas» da passagem do homem nas idades mais afastadas e até nas já fóra dos aditos da historia!

D'este mesmo ponto se destaca, seguindo o declive da vertente e em direcção norte, um prolongado massiço de rochedos que se afigura uma muralha, e contam ter no extremo uma cavidade a que chamam a *caldeirinha* por ter a configuração de uma caldeira que, tocando-a, resoa muito; á distancia proximamente de 2:500 metros para nascente avistam-se os vestigios de uma pequena defesa, talvez uma atalaia; e para sudeste os de um grande castro a que chamam a «cidadella» que, pelas informações que colhi, parece ter servido de arraial ou acampamento de tropas que ficava em posição dominante da extensa explanada que vae para Izeda. A ermida tem a entrada ao norte, o que é raro nos templos d'estes sitios, e é de construcção recente, tendo só para justificar a sua antiguidade o arco da porta, que é de granito fino com alguns trabalhos em relevo, e algumas pedras de cantaria das paredes que indicam haverem pertencido a outro edificio. E, de facto, já ali houve outro templo, pelo que reza a tradição, muito maior do que a capella e que serviu de igreja até que se fez, com parte dos seus materiaes, a actual, que fica no meio do povo, cujo portico, voltado ao oeste, é de architectura moderna e muito elegante.

A povoação de Carocedo é muito pequena e formada por uma só rua, que se estende no dorso da encosta que do alto segue a direcção éste. Os seus habitantes são de trato simples e hospitaleiro, e contam, possuidos da mais viva crença, as lendas que envolvem o seu passado, ao qual se refere já *O Arch. Port.*, III, 152.

Estas ruinas e as suas lendas que noutro tempo, como se vê, despertaram tanto o sentimento religioso a ponto de aquellas serem visitadas pelos principes, e de até, dizem, a propria Senhora as não ter querido abandonar, apesar dos da proxima povoação de Failde empregarem todos os meios para a conservarem na sua igreja, chegando a fechá-la num caixão e a assentarem-se em cima, e ella a fugir sem ser presentida, estão hoje quasi que abandonadas e desprezadas, como se nada fossem e nada representassem. Estes monumentos vivos de passados longinquos, que tem sido poupados e até reverenciados pelas gerações que nos precederam, são agora mutilados pelos que a ignorancia leva a desrespeitar e destruir as memorias antigas.

Digitized by Google

E é assim que essa fraga, que tanta attenção e estudo nos merece, e que está cheia de signaes de precioso valor historico pela sua relativa raridade entre nós e por dizerem respeito aos tempos prehistoricos, cujos vestigios vão escasseando e estão quasi apagados, foi ha poucos annos em parte destruida pelos que foram a ella procurar pedra para a estrada!

Outro carrasco (arvore) que havia, aonde, como no que existe actualmente, se reuniram os devotos para agradecer os beneficios do Ceu, caiu aos golpes do machado profano que impiamente abateu a arvore que os vendavaes tinham poupado!

Bragança, Outubro de 1901.

Albino Pereira Lopo.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

427. S. Romão (Alemtejo)

Minas

«Pello meio della passa huma Ribeira (*sic*) chamada Asécca = como não tem seu principio de fontes, e só de agoas que chovem todos os annos se sécca pelo que dizem se chama *Asecca*.

Nesta minha freguezia, dizem que na herdade chamada = Cazarão dos frades Agostinhos = estão huns Minaraes de prata, enchofre e cobre, e me asegurão que no tal citio junto a freguezia de Sam Bras dos Mattos estam humas grandes covas ja á muitos annos feitas e delles dizem se tirara prata de que se fez hũa coroa a Senhora dos Remedios do Forte: e como logo veio neste tempo a noticia das guerras com Hespanha se levantou a gente que trabalhava, dizendo, não achavam mais que tirar». (Tomo XXXII, fl. 890).

428. S. Romão-de-Neiva (Entre-Douro-e-Minho)

Castello-de-Neiva

«Não he murada, nem praça de armas, na freguezia de Santiago de Castello de Neyva ha hum Castello antigo chamado o Castello de Neyva, de que ha poucos vestigios, do qual trata a Corographia Portuguesa no tratado quinto, capitullo terceiro continuando a noticia do termo de Barcellos, no julgado de Neyua, seria antiguamente inexpugnavel pella parte do Nascente, sul, Poente, por estar em cima de hum penhasco, que para estas tres partes hé ingremi e tam decliui que

o fazia impenetrauel, porem, para o Norte não he tão dificoltoza a sua entrada na discripção que faz da sua cituação o Autor da Corographia Portuguesa se enganou em dizer que o dito Castello está sobre o Mar, sendo certo pelo exame que fis que o Mar inda lhe fica em distancia mayor de meyo quarto de legoa sobre o Rio Neyua, he que está cituado, ficando lhe este Rio para o sul, de sorte que se de sima do penhasco em que está fundado lançarem huma pedra abaixo, sem duvida ha de cahir dentro do mesmo rio, sem outro impulso mais que o dispenho e a sua grauedade». (Tomo XXXII, fl. 903).

429. Romão (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas de uma cidade

«.....; a parte do sul no cacumen do monte chamado de Bustello estão ainda os vestigios de hũa (ao que parece) grande cidade destruida antigamente pellos Barbaros Bracarences, o que milhor constará do Parocho a quem pertense». (Tomo XXXII, fl. 917).

430. Romarigães (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade do Curral de Egoas

«Nam he murada, nem praça de armas, nam tem torres antigas só ha nos limites della vestigios de hum antigo Castelo de terra em o monte chamado a Cidade do Cural degoas, que fica para a parte do Norte, e todo está coberto de tojo». (Tomo XXXII, fl. 927).

431. Roriz [1] (Trás-os-Montes)

Minas de estanho. — Cercos dos Mouros. — Castello do Mau Vizinho

«Encoanto as minas que se mandão procurar declaro que ha no termo deste povo em a decida ao Rio Mouce de que logo falarej, aonde chamão *ao estanho* humas minas muito celebres que jam (?) dice (?) forão abertas com licença de sua Magestade ja averá o tempo pouco mais ou menos de perto de duzentos annos por Rodrigo de Sa

[1] De *Roderici*, gen. de *Rodericus*. Eis a serie dos nomes em *-ricus* em Portugal: *Alarici*, Ariz; *Anserici*, Anseriz; *Argerici*, Algeriz; *Ascarici*, Escariz; *Desterici*, Destriz; *Eirici*, Eiriz; *Ermorici*, Esmoriz; *Espanarici*, Espariz; *Flomarici*, Fromariz; *Frearici*, Freiriz; *Gonterici*, Gondoriz; *Hunerici*, Oriz; *Hilderici*, Alderiz, Aldriz; *Loderici*, Louriz, *Romarici*, Romariz; *Sauarici*, Sabariz; *Teodorici*, Turiz; *Viarici*, Viariz. Na Galliza, Mondariz.

Digitized by Google

que he do melhor estanho que se pode encontrar pois ainda ha taças delles que dizem tem muyta liga de prata, e mais dizem minheyros (*sic*) que tem vindo a vellas que todo este povo está asentado nas ditas minas.

E neste mesmo termo consta por tradição que ouvera asistencia de Mouros em duas partes em huma aonde chamão a São Tordão (?) de que não ha ja vestigios, e em outra aonde chamão a Castelim de que ainda ha vestigios de cercos donde habitavão». (Tomo xxxii, fl. 955).

«..... no seu decurso vay dar a hum castello chamado de Mao Vezinho o quoal cerca ao rredor dejxandolhe para elle tão somente huma aspera entrada por terra e muito angusta cuyo castello se tem por tradição hera dos Mouros e nelle se tem achado algumas prendas preciosas, cuio Castello ainda estão os vestigios das paredes argamassadas e fortissimas do altar de quoazi dois homens». (Tomo xxxii, fl. 957).

432. Ruivos (Beira)

Dolmens e sua exploração

«4. Posto que nos prezentes tempos se louva e pode louvar a Deus N. Senhor nesta freguezia e seos Limites em hũa Igreja Parochial e tres Ermidas, como fica ditto, comtudo, pareceme, *salva fide*, que nos antiquissimos (tempos) antes da Encarnação do Divino Verbo, já tambem, os indigenas e estrangeiros lhe tributavão humildes cultos, offerecendo-lhe sacrificios holoscaustos e pacificos segundo o preceyto do Exodo, cap. 20. Deutero. cap. 27. Josué. cap. 8; não só em quatro, mas em cinco altares, que, ainda neste limite existem de presente, quasi perfeitos do mesmo modo, que está hum junto á Villa de Códeceyro no Bispado da Guarda: o qual está em campo raso com sua pedra de meza em cima, a qual tem dezassete passos em circuito, e he quazi redonda, grossa, e tosca, estando as pedras, que a sustentão levantadas em forma circular e arrimadas hũas ás outras, ficando no meyo dellas, e de bayxo da pedra da meza hum vam á maneyra do de hũa fornalha de cozer pão.

Estão estes altares, dous juntos a referida Ermida da Santissima Trindade, hum da parte de tras em distancia de oito passos e outro para diante á parte do meyo dia em distancia de cem.

O terceiro está na demarcação dos Limites onde chamão Valdeiras.

O quarto está em distancia da supra ditta Ermida de São Paulo de quatrocentos passos para o Norte: e o quinto está mays adiante cem passos dentro de hum predio, chamado o Prado da Igreja.

Digitized by Google

E desejando eu investigar com euidencia a causa da factura de taes altares pelos montes mandey cavar dentro, e fora deste ultimo e da parte de fora apparecerão altamente enterradas e arrimadas ás pedras levantadas (em que se assentava a pedra da meza que ainda está ao pé dellas lançada em terra, e tem quinze passos em circuito) hũa pedra de pederneira do cumprimento de hũma pollegada, e do feytio de hũa costela de hum carneyro, e cinco de afiar quasi de cor azul claro, e quazi do cumprimento de hum palmo; e todas cinco do mesmo feytio, que são bem similhantes ao ferro de hũa junteira de Carpinteiro, porque de hũa ponta são estreitas e de quatro quinas, e da outra são largas e chatas e nesta tem gume, bem similhante ao de hũa junteira, ou de hum malho: todas estas pedras guardo em minha casa para prova e memoria.

Todos estes altares estão postos em campo raso com esta formalidade: que consta cada hum de cinco, ou seis, ou sette pedras de doze ou quatorze palmos ou mais de cumprimento; as quaes estão levantadas na terra em circulo, e arrimadas hũas as outras, e sobre ellas assenta a pedra da meza, ficando hum vão de bayxo redondo, como fica ditto: occupando cada hum dos altares quinze ou dezassete passos em circuito, e não menos, conforme a medida que a todos tenho tomado.

Prova-se que estes altares forão feytos á imitação daquelles que Deos mandou fazer. Primeyro: Porque todos estão em campo raso sem degrao algum. Segundo: Porque todas as pedras delles são uniformes, toscas e impolidas, sem que nellas se descubra o mais minimo signal, de que algum instrumento de ferro as tocasse; o que parece uniforme com o preceyto do cap. 20 do Exod. acima referido. Terceyro: Porque no referido cap. 27 do Deuter. se mandou o mesmo, precedendo duas condiçoens. Primeyra: Que levantassem hũas grandes pedras: *Eriges ingentes Lapides*. Segunda: Que as alizassem ou accpilhasem com hũa pedra: *Et calce laevigabis eos*=*Laevigabis eos calce*, tomando-se aqui o nome, *calx, pro Lapide*.

E achando eu hũa pedra de pederneira, e cinco do feitio de junteira enterradas ao pe do altar acima, já fica claro, que estes altares forão feytos a imitação daquelles que Deos mandou fazer; e que estas pedras sirvirião para assacalar as do altar. E se algum me replicar: que nas taes pedras de meza não se acha escripta a Ley, que nos referidos cap. 27 do Deuter. 8 de Josué se mandava escrever? Respondo: Que os caracteres só podião formar-se com tinta sobre a meza do altar, ou sobre outra cousa que em cima da mesma se puzesse, pois de outra maneira não os podião entalhar nas pedras, por

lhe estar vedado o uso de ferro em taes pedras; e sendo assim como claramente se prova, fica sem fundamento a instancia. Tambem ha em diversas partes d'este Limite sepulturas antigas, abertas em marmores, da mesma medida das ordinarias d'estes tempos»[1]. (Tomo XXXII, fl. 1072).

483. Runa (Estremadura)

Inscripções em letras antigas

«Em pouca distancia do lugar tanto para a parte do Nascente, como do Poente, tem descuberto a cazualidade varios vestigios, que indicão ter havido em outros tempos pouoações naquelles citios. Na parte do Nascente, onde hoje se vê a quinta das Pedreneiras abrindoce no anno de 1739 o alicerce para a mesma quinta se acharão varias sepulturas com capas de pedra, e nellas varios caracteres de letras antigas, que se não souberão entender. Pouco mais assima desta quinta na aldea do Penedo abrindose em outros annos antes alicerse para huma adega se descobrirão varias pedras que indicavão couza de templo da antiguidade como erão bazes, colunas, capiteis, pedestais, e outras diversas com seus lauores antigos, dos quais ainda hoje existem algumas. Na parte do Poente junto á aldea de Monte Rey ha hum chafaris antiquissimo, e huma fonte de cantaria e alvenaria, e outras muitas couzas que testificam o mesmo que se julga». (Tomo XXXII, fl. 1079).

484. Sá (Entre-Douro-e-Minho)

Campas de igrejas

«Ha memoria que ouve aqui homes de armas Cains e Bessas, corruto vocauollo Cames e Vessas e outros muitos de que não ha memoria, somente muitas campas na igreja com armas». (Tomo XXXIII, fl. 7).

485. Sá (Entre-Douro-e-Minho)

Tijolos antigos. — Britonia

«He sim tradiçam antiga que nesta freguezia de Santa Maria de Sá no lugar de Louredo esteve antigamente situada a cidade antiga de Britonia, que foy destruida e arrasada pelo barbaro Almaçor (*sic*); e desta verdade dam testemunho alguns signais; porque dizem os Lauradores que todas as veses que neste sitio (que consta hoje de vinhas) cavão alto aparecem muytos e varios tejolos de varios termos, signais que indicão o referido; e se extendia esta cidade pella

Digitized by Google

grande parte da freguesia de Britiandos[1] contigua e immediata a esta donde se presume tomara o nome. Disto na milhor opiniam dá testemunho Frey Leam na sua Beneditina Lusitana, e da corografia Portuguesa consta que no dito Lugar de Louredo estivera o Mosteiro Maximo de Frades Bentos, etc.» (Tomo XXXIII, fl. 23).

436. Sabrosa (Trás-os-Montes)

Castello antigo. — Estrada da Mourisca

«Esta Serra (*de Sabrosa*) está quasi de nascente a poente e em o fim para a parte do nascente tem hum castello munto antigo e em bastante altura, murado de redondo com duas ordens de muro bem fortificadas, mas estam já arruinadas, e para a parte do Norte e poente de cada huma tem dous fossos grandes, e em o fim deste Castello ha hum boracam para baixo da terra aonde se tem mettido caens de caça e não tornaram a sahir, e se tem lançado pedras abaixo e sae grande ecco por causa do estrondo que ellas fazem, como que deçem por escadas abaixo: dentro dos muros d'este ainda ha vestigios de cazas, e do seu alto deste se avistam oito castellos, primeiro o de Chires distante meia legoa, segundo o de San Fins, distante hum-a legoa, terceiro o de Fauaios distante hum-a legoa, coarto o de Provezende distante hum-a legoa, quinto o de Sam Martinho distante meia legoa, seisto o de Lamego distante coatro legoas, setimo o de Penedono distante sinco legoas, oitavo o de Namam distante sinco legoas; tambem delle se avista a Serra da Estrella em a provincia da Beira, a serra do Maram que devide esta Provincia da do Minho, a Serra de Siabra em o reino de Castella, a serra da Senhora do Vizo, e se descobre parte do Bispado de Lamego e da Guarda; tem esta serra em as suas faldras para a parte do Norte hum-a estrada munto plaina e munto antiga e desuzada, a qual chamam da Mourisca, que vem findar a Veiga deste Povo, e acaba em o rio Pinham, onde chamam o Salto, posso em que antiguamente esteue hum-a ponte de pao de que ainda hoye ha vestigios». (Tomo XXXIII, fl. 56).

Pedro A. de Azevedo.

---

[1] Britiandos provém de *Bretenandus*. Esta palavra compõe-se de *Brete*, provavelmente *Britus*, e de *Nandus*. *Britus* ainda se encontra em *Britarius* d'onde se deriva *Briteiros*. O suffixo *-arius* não é raro nos nomes germanicos. A derivação de *Britiandos* de *Britonia* é absurda.

Digitized by Google

Inscripção romana de Almeirim

Por intermedio do meu particular amigo Dr. Henrique Cardoso Martins de Meneses (Margaride), de Guimarães, obtive ha tempos para o Museu Ethnologico, offerecida pelo Sr. Conde do Sobral, que a encontrou na sua quinta do Casal Branco, a 4 kilometros de Almeirim, uma lapide calcarea com inscripção tumular, figurada na estampa junta (segundo uma photographia). Aqui lhe faço algumas notas:

V. 1. Não falta palavra nenhuma, posto que seja frequente a fórmula completa D · M · S ·

V. 3. Restituo assim a linha: [V]XORI *AN* XXI. Poderia depois do ultimo I haver outro I, vindo então o numero a ser XXII.

A pedra está quebrada, não se sabe pois se haveria mais alguma linha, mas creio que não.—Superficie da lapide: 0m,295 × 0m,18; espessura: 0m,025. Altura das lettras: 0m,035.

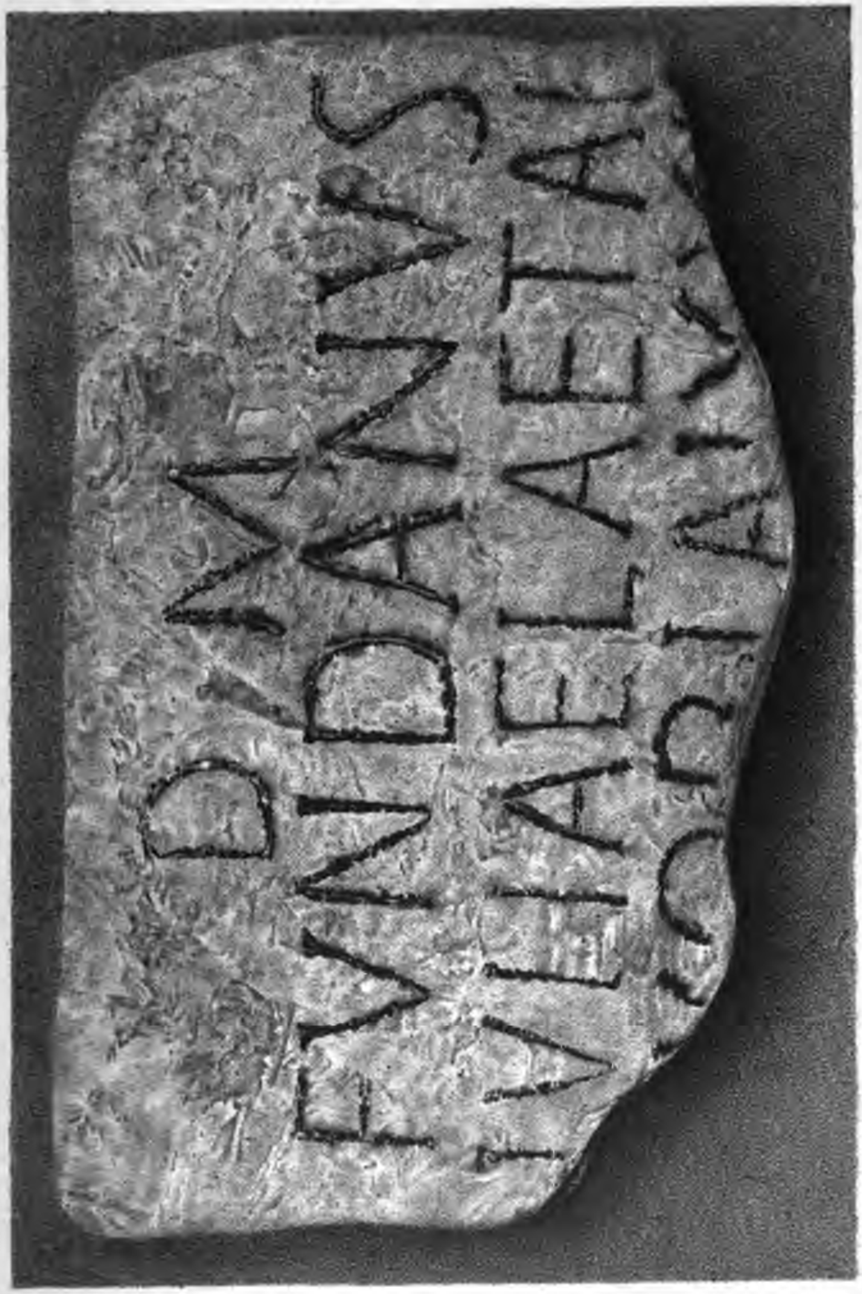
A inscripção é pois como se segue: *D. M. Fundanus Iuliae Lactae uxori, an(norum) XXI* ou *XXII,* o que significa: «Aos deuses Manes. Fundano consagrou este monumento a sua esposa Julia Leta, fallecida na idade de 21 (ou 22) annos».

A pedra, diz-me o Dr. Henrique Cardoso, em carta de 6 de Março de 1900, em resposta a outra minha, foi encontrada «na occasião em que se cavava a terra para metter uma vinha, não se sabendo se estaria lá desde a primitiva, ou se teria em tempos sido transportada para lá, vinda de outro local. Não foi encontrado juntamente com ella nada mais, e o local não apresentava vestigios alguns de sepulturas, nem de cousa alguma. Anteriormente haviam sido encontrados na mesma propriedade, mas a distancia, uns pequenos vasos, lampadas e outros objectos, que pareciam de uso romano, na occasião tambem de revolver a terra para plantação da vinha». D'estas noticias se conclue que, se a lapide não estava já *in loco,* não devia ter vindo de longe, e que a quinta do Casal Branco foi uma estação romana.

Como Almeirim não figura no *Corp. Inscr. Lat.* senão com dois insignificantes fragmentos epigraphicos (vid. n.os 4634 e 4637), e como a archeologia d'esse concelho não estava ainda representada no Museu Ethnologico, recebi com muito prazer a dadiva que, tanto o Sr. Conde do Sobral, como seu genro o Sr. Dr. Henrique Cardoso, se dignaram fazer-me, pelo que lhes dou mais uma vez os meus cordiaes agradecimentos.

J. L. de V.

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno........................	1$500 réis.
Semestre....................	750 »
Numero avulso...............	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em **carta registada** ou em **vales de correio**, ser dirigida ao administrador d-*O Archeologo Português*, Museu Ethnologico, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. VII ABRIL E MAIO DE 1902 N.os 4 E 5

RECEIVED
APR 7 1911
...BODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Epigraphia christianò-latina: 81.
Sociedade Archeologica da Figueira: 98.
Duas estátuas romanas: 100.
O Cerro de Penhas Juntas: 101.
Instrumentos de bronze: 102.
Estudos de numismatica colonial portuguesa: 107.
Noticias numismaticas: 118.
Candeias arabes do Algarve: 119.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 123.

Este fasciculo vae illustrado com 16 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII ABRIL E MAIO DE 1902 N.os 4 E 5

Epigraphia christianó-latina

Uma inscripção inedita

a) *Procedencia da lapide que a contem:*

S. Pedro de Arcos, ou Santa Maria do Valle, é pelo seu passado e pelo seu presente uma das mais importantes freguesias do concelho de Arcos-de-Val-de-Vez. Tem actualmente a denominação de Nossa Senhora do Valle. Dentro do seu perimetro perduram ainda vestigios archeologicos de vários epocas, a attestarem que aos mais antigos tempos podem seus habitantes guindar as tradições locaes. Não poucas mamôas pelos visos das collinas que emmolduram o feracissimo valle em que assenta a freguesia, ruinas de castros ainda bem accentuados nos relevos do terreno, vestigios embora apagados da epoca romana, e restos de uma curiosa necropole medieval podem ser outros tantos titulos de um archaico nobiliario, que se hoje não se archiva em rolos de pergaminhos, nem scintilla em escudos enxaquetados, não vale menos para enriquecer as estantes dos museus e illustrar as paginas das revistas.

O mais antigo templo christão do povoado colloca-o uma velhissima tradição oral numa eminencia contigua aos castros; d'elle não ficaram ruinas apparentes; os vestigios de um vasto cemiterio christão localizam á sua parte, do outro lado do valle, um centro religioso posterior, ainda hoje representado pela actual igreja da freguesia. No terreno occupado pelas sepulturas vêem-se restos de paredes, que se diz serem de outra igreja, que teria sido predecessora da que subsiste, construida em 1701. O adro actual e rocios da freguesia vizinham com a antiga necropole, se é que nalguns pontos, por trás da igreja, se não sobrepuzeram. Com o tempo, esse chão duas vezes sagrado, para a archeologia e para a piedade dos nossos maiores, veiu

Digitized by Google

a ser terra de lavradio, primeiro na posse da propria igreja, depois na do arrematante dos passaes, que o foi um dos seus abbades.

Presentemente parte do local apresenta algumas transformações, mas ainda assim os vestigios do antigo cemiterio, com suas sepulturas abertas no salão duro, reconhecem-se facilmente. Chama-se o sítio *Murteira,* da abundancia de murta que por ahi se cria espontaneamente, e acaso será uma das testemunhas sobrevivas das plangentes loas, com que eram alli inhumados ainda á moda antiga, nos seus cofres de tijolo, alguns dos valentes e ignotos cooperadores da nossa nacionalidade.

Em uma parede, que fecha o quinteiro da casa de habitação, recentemente construida no local da necropole, está mettida uma pedra com letreiro, em caracteres de typo romano-degenerado, encontrada ha algumas dezenas de annos, e procedente do mesmo cemiterio.

Essa pedra, sensivelmente trapezoide, se completarmos o canto que lhe falta, mede no seu maior comprimento apenas $0^{m},87$ e na largura da cabeceira $0^{m},44$. É uma lage granitica de tosca superficie, em que se abriram no sentido da sua maior extensão tres linhas de caracteres, profundamente gravados. Na posição em que se acha embutida na parede, a pedra offerece leitura normal, mas, se a suppusermos posta sobre uma sepultura, a leitura tinha que se fazer lateralmente. Assim collocada, uma pequena cruz, chamada grega, encimava a campa, e o epitafio.

Com estes elementos, a sua authenticidade é irrefragavel. E não é esta uma circumstancia de somenos valor, attendendo a que tal epitafio demonstra que, ainda em seculos não muito afastados, estavam em voga formularios reconhecidamente visigodos[1].

[1] Attamen, cum tituli illi ad Visigothorum fere tempora vel etiam recentiora pertineant omnes... (Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.,* praef. I).

Digitized by Google

b) Origem da parochia:

Antes de proseguir, e com o fim de esclarecer uma referencia da epigraphe, que é o principal objecto d'esta notícia, preciso dizer que a parochia na sua remota origem foi, como não é raro acontecer, um pequeno mosteiro ou cenobio, de fundação anterior, e porventura seculos, á monarchia portuguesa. De um documento do tempo de D. João I (a. D. 1388) se infere que S. Pedro Darcos já existia na vida de D. Tareja, porque a Rainha expressamente o menciona ao fundar em terras proximas o outro mosteiro de Santa Maria de Ermello[1].

As *Inquirições* de 1258 são expressas em consignar em S. Petri Darcus, predecessora de Nossa Senhora do Valle, a anterior existencia de um mosteiro coutado, ao tempo d'ellas já dissolvido, embora não houvesse ainda um seculo, se são exactas as conclusões a que me leva

---

[1] O documento é uma carta de D. João I a Fr. João Martins, Abbade de Ermello, a qual transcrevo na integra de fol. 477 *v*, do Tombo da freguesia de Nossa Senhora do Valle. A cópia que nelle se encontra é authentica. Póde tambem ver-se no Liv. 2.º de D. João I, fol. 60 e Liv. 1.º fol. 178, no Archivo Nacional.
«Dom Joam por graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceupta & A quantos esta carta virem fazemos saber que Dom Frey Joam Martins Abbade do nosso Mosteiro de Santa Maria de Ermello nos disse que a Raynha Dona Tareja nossa bisavó a que Deos perdôe edificara o dito Mosteiro e o naon acabara asy como inda agora he e o edificara no julgado de Soayo que he terra de montanhas hermas e lhe leyxara herdades em as ditas montanhas e em outros lugares e pollas guerras que foram ataqui e pollas grandes mortindades que elle e todo seu Convento se nom podia manter e postoque morresse algum frade, que pollo lugar que era de montanhas e polla mingoa das rendas, que nom haviam, que nenhum queria hy entrar por frade e que a dita Raynha mandara que se o dito Mosteiro nom podesse manter asy por guerras, como por mortindade, como por outra qualquer guiza que seja, *que se tornasse o Sam Pedro Darcos*, que he no julgado de Valdevez e das quaes cousas nos fez certo por Lourenço Annes Fogassa a que dello demos encarrego, que o dito Mosteiro se nom podia manter sem alguma outra ajuda e nos fizemos pregunta ao dito abbade e elle nos disse que se poderia manter se lhe desse a Igreja de Soayo e a Igreja de Britello do Arcebispado de Braga que parte com a freguesia do dito mosteiro; Porem nos a honra da Virgem Maria nossa defensor e destes Reynos em cujo louvor he edificado o dito mosteiro, concerando as muytas e estremadas grassas que do seo filho bento arrogo della sempre recebemos asy em guarda do nosso corpo como em exalsamento dos ditos Reynos, especialmente na Batalha e Campo que ouvemos com os Castelhãos dandonos delles vitoria maravilhosa mais polla sua misericordia, que pollos nossos merecimentos e polla grande devação que em ella sempre ouuemos e havemos e porque vemos que he servisso de Deos lhe damos a Igreja de Soayo, que faria della camara por a mesa do dito abbade e lhe damos mais

Digitized by Google

o estudo paleographico da inscripção. Combinando este resultado com a nota das Inquirições, poder-se-ha plausivelmente deduzir a epoca aproximada do abandono do pequeno cenobio pelos reinados de Affonso II ou Sancho II. A lapide seria o mais tardio documento da sua existencia naquelle logar.

c) *Estudo paleographico da inscripção:*

Embora, logicamente, a leitura de uma inscripção seja o resultado do exame de cada um dos seus caracteres e consequencia da sua interpretação, inverterei os termos para anteceder o estudo paleographico do epitafio com a sua leitura completa.

Aqui está pois, o que diz a campa:

[*In*] *hoc locum requi* | + *esset f(a)m(u)l(u)s chr(ist)i ordo* | *nius cumfr(ater) in era.* Corrigindo, vem a ser: *In hoc loco requiescit famulus Christi Ordonius cumfrater in era...*

---

a Igreja de Britello para os frades do dito mosteiro e que elles possam poer em ellas capellães que as regam e dem os Sacramentos aos freguezes das ditas Igrejas e nos lhe damos ao dito mosteiro as ditas Igrejas deste dia para todo o sempre..... Dante em a cidade de Braga sinco dias de janeiro Elrey o mandou Gonçallo Lourenço a fez era de mil e quatrocentos e vinte e seis annos». Este documento demonstra sufficientemente a existencia de um cenobio em S. Pedro Darcos, do qual era por assim dizer filho o de Ermello, onde ainda se encontram formosos trechos do estylo romanico, neste caso perfeitamente datados. As Inquirições de 1258 parecem ommissas á cêrca d'aquella *collatione*, mas na verdade o que ha, é nada menos que um erro do amanuense, que escreveu *S. Salvatoris Darcus* onde devia estar *S. Petri Darcus*. Não posso aqui versar essa questão, mas bastará notar: que, sendo irrefragavel a existencia de S. Petri Darcus no tempo de D. Thereza, as Inquirições tê-la-hiam ommittido entre as freguesias do Judicato de Valle de Vice; que, embora por mera coincidencia exista actualmente na area d'este mesmo judicato uma freguesia com a denominação de S. Salvador (da Villa), é parochia de criação muito recente (sec. XVII); e finalmente, que os logares referidos nas Inquirições como de uma *S. Salvatoris Darcus*, que então não existia, pertencem todos ainda hoje, como então, á *collatione S. Petri Darcus*. Para dar á publicidade as razões da minha affirmação, só me falta ensejo de ordenar os apontamentos relativos. Para o actual caso, o que pois importa, é saber que as Inquirições confirmam a existencia de um mosteiro de S. Petri Darcus, coutado por D. Affonso Henriques e até transferido mais tarde para Ermello, cuja fundação se deve a D. Tareja. Aqui transcrevo o texto das Inquirições: «Item in collatione Sancti Salvatoris Darcus (aliás *S. Petri Darcus*)... jurati dixerunt que el Rey non é padrom. Item que é couto per padroes, et que o coutou Rey don Alfonso o primeiro (et aqui seive primeiramente o moesteiro d Armelo et dixerunt que aqui o coutou el Rey don Alfonso 1.º, et o abbade et os fratres sacarom no d aqui et poserom no in aquel logar que chamam Armelo)»...

Digitized by Google

Em face de uma epigraphe como esta, muda quanto á sua data[1], o primeiro problema, que surge, é assignar-lh'a. E é tambem, creio, o unico embaraço que ahi se nos depara.

O exame paleographico de uma inscripção e, ao lado d'elle, o estudo comparativo da sua formula, quando é possivel, devem ministrar, regra geral, os mais seguros elementos para o descobrimento da sua idade. Neste epitafio, porem, não valerá menos uma circumstancia, que se poderá dizer ethnographica, e que o distingue de todos os que pude conhecer pelas obras consultadas.

Vamos, pois, á paleographia dos caracteres.

A simples comparação da presente epigraphe com as que, em Hübner (*Inscr. Hisp. Christ.*), tem os n.os 147 e 234, pareceria fazer descobrir nas tres um ar de coevidade, respirando porventura maior rudeza a de Santa Maria do Valle. Aquellas duas são: uma da Gallecia, das Asturias outra, o que mais as aparenta todas tres. Se, porem, este simples confronto nos póde levar ao mesmo seculo das de Hübner (o x), talvez, singularizando o exame dos caracteres[2], nos vejamos impellidos para uma epoca algo mais recente.

Assim: ◇ que, na inscripção de que me occupo, é bem caracteristico em *locum* e, pela dureza do granito ou impericia do abridor, é dubio em *hoc*, apparece nas epigraphes christãs de Hübner, até aos fins do sec. x, e principalmente então, vendo-se ainda em uma do seculo seguinte[3]. No resto da inscripção, vêem-se tambem os OO, embora mal defenidos; o que é vulgar succeder.

---

[1] Epitafios christãos sem notação de data não são caso insolito. Eram lavrados ainda em vida d'aquelles a quem haviam de pertencer, segundo um antigo costume christão. (Veja-se Martigny, *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, s. v. *Sépultures*). Recolheu Hübner alguns d'estes, e em outros a era foi indicada por uma fórma incompleta, apenas pelo numero redondo pertencente ao seculo; a restante especificação ficava á espera do dia derradeiro. Na presente epigraphe, talvez por acalentar ainda o *cumfrater Ordonius,* ao tempo da sua piedosa disposição, a esperança de attingir o seculo futuro, nem tanto aconteceu. Menos do que isto já para Hübner era enigma; das suas inscripções datadas só pelo seculo, escreveu elle: ut postea mortis annus mensis dies accuratius adderentur quod tamen nescio qua de causa deinde neglectum est. (Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.*, praef. pag. 6).

[2] Creio piamente que Hübner, para definir a idade da presente epigraphe, não teria necessidade de tão demorado exame; o seu solido conhecimento d'estes assuntos dava-lhe uma promptidão de vistas que de todo me fallece: instincto scientifico que só se adquire ao fim de longos annos de estudo e observação.

[3] Este ◇ em losango, data já, segundo Ferreiro (*Lecc. de Arqueologia Sagrada,* pag. 414), do sec. vi, e Hübner colheu-o na peninsula em epigraphes do sec. vii (Hübner, *Inscr. Hisp. Chr.*, n.os 100, 119 e 172), em uma do sec. ix (id. n.o 146) e do sec. x em os n.os 272 e 274, estas tres ultimas das Asturias e Galliza. Vid.

Digitized by Google

Outra letra, cujo caracter se aproxima do da anterior e que a acompanhava, é o [angular, que penetrou pelo sec. XI dentro, sendo todavia mais frequente nas lapides dos sec. IX e X, descriptas por Hübner [1]; mas segundo Ferreiro (*Lecc. de Arqueologia sagrada,* pag. 413 e 415) tambem apparece em monumentos do sec. XII. É certo que a fórma de C redondo não andava abandonada, vendo-se nalgumas inscripções C C e [[simultaneamente [2]. João Pedro Ribeiro cita em varias inscripções portuguesas o emprego do [visigotico ainda no sec. XII e até na segunda metade do sec. XIII (a. D. 1272) [3].

Parece pertencer á familia paleographica das duas letras antecedentes o S anguloso ou quadrado, e facilmente se acreditaria que as tivesse acompanhado. Comtudo, em confronto com as restantes, não tende senão a rejuvenescer o epitafio do Valle, visto que o seu apparecimento na peninsula coincide com a vinda da letra francesa nos fins do sec. XI e com a sua definitiva generalização pela segunda metade do sec. XII. Em Hübner ainda não se encontra, nem mesmo no *Supplementum.* Dom de Vaines diz que elle se adapta especialmente aos seculos VIII e IX, e decerto se refere ao seu país; mas Chassant dá-o em inscripções do sec. VIII até ao XVI [4]. João Pedro Ribeiro parece

---

ainda em Hübner (*Inscr. Hisp. Chr.,*) os n.os 213, 216, 259, 212, 258, 276 e 268, que são do sec. XI, e todos teem só o O. No *Inscr. Hisp. Chr. Suppl.,* de Hübner, a epigraphe n.o 488 tem o ◇, e é do sec. XI; do sec. X apparece nas dos n.os 486, 495, 496 e 497.

[1] O [é um dos typos mais persistentes; refere-o já Cagnat (*Cours d'épigraphie latine*), embora diga que é raro e proprio de epocas baixas; em Hübner encontra-se numa inscripção já do sec. V e para mais do C. Bracaraugustanus (n.o 135); a sua voga nos seculos IX e X e nas provincias septentrionaes da Hispania demonstra-se nas epigraphes dos n.os 147, 231, 232, 234, 237, 238, 272, 274, 276, 242, 251, 246, 252, 255, 256, 271; mas vae-se encontrando ainda em os n.os 268 e 276 que já são do sec. XI. Por junto, da Lusitania, Betica e Tarraconense tem Hübner apenas tres epigraphes com o [quadrado (vejam-se n.os 210, 223 e 277). No *Inscr. Hisp. Chr. Suppl.,* o [póde ver-se nas epigraphes 495, 496, 497, 505 do sec. X e 474, 481, 488 e 506 do sec. XI.

[2] Não ha exemplo de monumento exclusivamente composto de letras quadradas, diz Dom de Vaines (*Dictionnaire raisonné de Diplomatique,* vol. I, pag. 437).

[3] Veja-se *Dissertações chronologicas,* tomo IV, dissert. XV, pag. 122. Do sec. XIII cita inscripções dos annos (a. D.) 1219, 1235, 1245 e 1272. Póde ver-se empregado em um epitafio do sec. XII na *Revista Archeologica,* I, 110.

[4] É digno de nota que em nenhuma epigraphe reproduzida por Hübner se encontra o S apesar do largo periodo de seis seculos (V a XI) que o seu trabalho abrangeu. Que significa isto na epigraphia da peninsula? Não me parece que haja negligencia graphica, onde se encontram tantos exemplos que a não suppõem. Poderá então inferir-se que na Hespanha não era usado por aquellas

Digitized by Google

notá-lo em inscripções nossas do principio do sec. xiii, e, como attribuição de maior antiguidade, póde ver-se em um epitafio que se conserva no Museu do Carmo e que têm a data correspondente ao anno 1197; ahi vem elle associado ao [ainda em uso, como aliás João Pedro Ribeiro tambem o aponta. Na vetusta igreja de S. Christovam de Coimbra (hoje substituida) existia outro epitafio datado da E. 1207 (a. D. 1169) que tambem tinha o S[1]. O uso porem d'este typo estava longe de ser exclusivo; em todo o caso no titulo do Valle não ha de outros. Em resumo: esta letra parece ser, com a sigla a que adeante me referirei, uma das que rejuvenescem a epigraphe do Valle.

Os outros caracteres não abonam mais que estes a antiguidade do monumento; ao contrario encontram-se em Hübner ainda nas mais recentes inscripções que elle colligiu, que vem a ser as do sec. xi, e portanto não contrariam radicalmente uma attribuição mais moderna para este epitafio. Os caracteres não surgem nem desapparecem de subito, mórmente em regiões afastadas e agrestes. Nestas considerações

---

epocas? O que me parece é que foi uma das letras que nos veiu com a introducção da franceza; Merino (*Escuela de leer letras cursivas*, pag. 146) traz um abecedario geral gotico (romano-degenerado) onde se vê o [e o ◇, mas onde falta o S. João Pedro Ribeiro (tomo iv, dissert. xv, pag. 121) assignala o principio do sec. xii como epoca em que a letra gotica (*id.*) já tinha resaibos de francês; Muñoz y Rivero (*Manual de Paleografia*, pag. 24, 28 e 29) diz que a letra francesa se introduziu em Hespanha nos fins do sec. xi, se generalizou no sec. xii e foi exclusiva no sec. xiii, tendo-se tornado commum em França no sec. ix e x, o que corresponde com o que Dom de Vaines diz do S. Creio pois que esta letra pertence na peninsula ao sec. xii e principalmente ao xiii. No Museu do Carmo (catal. 1892) ha uma inscripção do sec. xi (a. D. 1081) em que os S S são ainda curvos. Veja-se Dom de Vaines, *Dictionnaire raisonné de Diplomatique*, (1774), pag. 228, tomo ii e 437, tomo i, e Chassant, *Dictionnaire des abréviatures latines et françaises du moyen âge*, pag. 86.

· A influencia do typo francês não podia limitar-se á letra cursiva, mas a monumental havia tambem de resentir-se da novidade.

[1] João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, iv, pag. 122. *Catalogo do Museu de Archeologia* do Largo do Carmo (1892), n.º 2670; este epitafio está muito bem lavrado em letras ditas onciaes no catalogo e, nisso, distancia-se enormemente do de S. Pedro do Valle, cujo parecer é rude; é de Coimbra como o que cito em seguida, que encontrei por copia no *Antiquario Conimbricense* de 1842, n.º 8. Pode ver-se tambem *Paleografia visigoda*, Munoz y Rivero (1881), pag. 47. Na ponte do Porto (concelho de Amares) que corta o Cavado e inicia a celebre Geira, vêem-se nos quatro primeiros arcos da margem direita (os unicos que pude observar) diversos signaes de canteiros, constantes de letras, que mais me parecem medievaes que romanas, e entre ellas o S e outro em que os traços horizontaes sobresáem aos verticaes. Não falta lá um bello suastika. (Veja-se *Milliarios*, de Martins Capella, pag. 59.)

Digitized by Google

incluo as seguintes letras MHΛTᑫY; as duas ultimas porem, já não se encontram no sec. XI[1], mas não se poderá negar que a rudeza do sitio não facilitasse, longe dos centros de irradiação, a persistencia d'estes typos archaicos, ainda alem de um seculo em que Hübner os considera como expirados.

No epitafio do Valle ha porem uma sigla que merece algumas palavras, porque inutil seria procurá-la em Hübner[2]. É o signal Ͻ fazendo aqui parte da abreviatura ϽF̄R (*cumfrater*)[3]. Rivero conhece esta sigla na paleographia visigoda, com a significação de *con* (*cum*). «É um C invertido em cujo centro existe quasi sempre um ponto e é collocado dentro da linha e no principio das palavras». Foi usado nos documentos latinos do sec. XII e posteriores[4], e decerto o seu emprego

---

[1] Não são levianamente deduzidas de Hübner principalmente as minhas conclusões. Para não sobrecarregar o texto com minuciosidades, sou lá mais conciso. M encontra-se nos titulos de Hübner com os n.os 34, 128, 156, 172, 216, 220, 223 e 276, sendo todos, menos o ultimo, estranhos ao noroeste da peninsula e comprehendendo os seculos VIII a XI. O H é caracter mais frequente e quiçá de mais antiga voga, pois vê-se desde o sec. VI nas epigraphes de Hübner, assim numeradas: n.os 2, 33, 34, 35, 44, 60, 64, 65, 82, 84, 86, 99, 108, 117, 128, 155, 156, 165, 172, 214, 216, 220, 223 e 276; esta só das Asturias. É ainda fórma mais archaica a do Λ que apparece já no sec. V (Bracara), teve grande uso no sec. X e attinge o sec. XI. Podem examinar-se os titulos n.os 2, 55, 64, 65, 86, 115, 135, 148, 158, 210, 214, 221, 222, 223, 228, 232, 233, 234, 235, 246, 250, 252, 255, 266, 268, 271, 272, 279, e 284. T é outra fórma caracteristica da degeneração dos caracteres romanos, e vê-se já citada por Cagnat para o sec. II; nas epigraphes da peninsula encontra-se desde o sec. VII (Hübner, n.º 119) até ao sec. XI (*ob. cit.*, 216); sendo porem mais frequente no sec. X; veja-se Hübner, *ob. cit.*, n.os 34, 119, 128, 148, 214, 221, 225, 228, e 234. Ferreiro (*ob. cit.*, pag. 413) encontrou-o ainda no sec. XII. O ᑫ em Ferreiro (*ob. cit.*, pag. 411) vem num monumento do sec. VI (veja-se pag. 411) e em Hübner, desde o sec. VII (n.os 117, 158 e 172) até o sec. X em os n.os 138, 255 e 274. Por ultimo, as epigraphes do sec. VI ao X teem o Y (veja-se Hübner, *ob. cit.*, n.os 33, 44, 82, 158, 214, 225 e 255, e em Ferreiro, *ob. cit.*, pag. 408).

[2] Nada tem de commum com a sigla do epitafio os signaes dos titulos de Hübner, n.os 264 e 272 *e*. Em o n.º 117 (sec. VII) vem para significar *cum* a abreviatura C.

[3] Ninguem poderá suppor que aqui se trata do *confirmo* dos diplomas medievaes.

[4] Veja-se Muñoz y Rivero, *Manual de paleografía española*, pag. 91, 93 e 118 e *Paleografía visigótica*, pag. 96. Diz este auctor que esta sigla deriva da epigraphia romana, onde em todo o caso, segundo Cagnat (*Epigraphie romaine*, pag. 367, 358 e 82) tinha significados especiaes; mas é de crer que, na escrita documental, fosse retomado pelos amanuenses do sec. XII para significar *cum* em todos os casos de composição de palavra. Confirma isto Chassant, *Dictionnaire des abréviatures latines et françaises du moyen âge*, XXIX, XXXIV, XXXVI, XLVI e pag. 109. Cfr. Dom de Vaines, *ob. cit.*, vol. II, pag. 327.

Digitized by Google

obedeceu á voga das abreviaturas que o novo typo graphico acarretava. O phenomeno de passarem letras e siglas dos amanuenses para a epipraphia é consignado nos livros da especialidade [1].

Este minucioso exame paleographico do titulo de S. Pedro do Valle tornava-se necessario para afastar a impressão de maior ancianidade, que porventura o aspecto de algumas letras pudesse produzir.

D'este estudo parece-me resultar que teria sido no sec. XII, e mais plausivelmente na sua segunda meação, que este epitafio foi lavrado [2]. E, comtudo, a sua parecença com outros do sec. X, já citados, é muito visivel. Será a persistencia dos typos paleographicos que Hübner notou em especial na epigraphia espanhola? (Hübner, *ob. cit.*, pref. pag. XIV) [3].

A rusticidade da campa, condizendo com a humildade e o agreste do ignorado cenobio a que ella estava ligada, affirma-se ainda no irregular traçado das linhas da inscripção, e na sua desigual distribuição. Emquanto a primeira letra tem a altura de $0^m,09$, a penultima mede $0^m,07$ e a derradeira $0^m,05$. Se a pedra não foi partida por esse lado, não sei como caberia depois a era.

Nenhuma dúvida offerece a abreviatura de *famulus* e a de *Christi*, variante do conhecido chrisma monogrammico; exemplos vêem-se em Hübner, etc.

d) *Formula da inscripção:*

Seguir-se-hia agora o estudo da formula epigraphica do epitafio do Valle. Não julgo que possa d'ahi saltar alguma luz para a sua attribuição chronologica.

---

[1] Veja-se Chassant, *ob. cit.*, pref. XV; e Cagnat, *ob. cit.*, pag. 10 e 21.

[2] Neste titulo não apparece nenhuma letra oncial e comtudo ha-os coevos com letras visigodas e onciaes promiscuamente, como se póde ver no já referido *Antiquario Conimbricense*. É certo que, em escrita monumental, succedeu ao typo visigotico ou romano-degenerado o monacal (chamado commummente gotico e allemão) e isto pelo fim do sec. XIII. Veja-se Muñoz y Rivero, *Idioma y Escritura de España*, pag. 26; J. P. Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, IV, pag. 121 e *Memorias da Acàdemia*, XI, pag. 142).

[3] Não me detenho com o exame das letras conjuntas ou compostas da lapide; a que indica a syllaba RE encontra-se v. g. em Hübner (*ob. cit.*) n.º 223 no sec. X; a união do O com o R é ainda mais commum e vem numa epigraphe do sec. XI, n.º 276 de Hübner. Esta inscripção, sem o S quadrado e a sigla de *cum*, poderia sem anachronismo paleographico attribuir-se ao sec. VII ou VIII. E é isso que lhe dá um ar accentuadamente visigodo.

Digitized by Google

De longe vem a formula inicial adoptada; já do sec. v na Italia, do sec. v e vi na Gallia, e na Hispania traz Hübner epigraphes dos sec. vi e vii com a ampliação do simples *hic* para *in hoc loco, in hoc tumulo,* e do sec. x duas, uma da Gallecia (229) e outra da Tarraconensis (282). O *Supplementum* acrescentou uma do sec. x; é a do n.º 461. Quanto á idade do epitafio em vista, parece-me apenas poder genericamente inferir que ainda em seculo recente a formula *in hoc loco* não estava banida[1].

A designação de *famulus Christi* tambem não se póde attribuir a nenhuma epoca em particular, sendo porém muito commum nos epitafios da peninsula, no tempo dos visigodos[2].

Ha porem no titulo do Valle, relativa ao defunto, uma indicação decerto menos vulgar, porque em Hübner nenhuma identica se encontra, a qual singulariza muito o monumento de que trato. É a qualificação *cumfrater,* dada ao sepultando.

Confrades ou *familiares* eram, segundo Viterbo (*Elucidario,* s. v. *Familiares*), pessoas seculares que faziam doação dos seus bens aos mosteiros, com o fim de dar remedio ás proprias almas, tornando-se participantes dos bens espirituaes da ordem em que se confreiravam e cujo habito por vezes vestiam[3]. Este costume encontra-se, no dizer do A., referido nos documentos do sec. x a xiii[4]. E é, na ethnographia religiosa d'aquelles seculos, um facto que me parece importante para o fim que tenho em vista, qual o da idade do epitafio do Valle. Julgo curiosa por isso mesmo a epigraphe, talvez até singular. Este Ordonho

---

[1] Nas *Inscriptiones christianae,* de Rossi, vem do a. D. 482, n.º 877, *in hunc locum requiescit,* e do a. D. 457, n.º 798, *in hoc loco quiescet.* Em *L'épigraphie chrétienne en Gaule,* Le-Blant refere a pag. 16, tom. i, a formula *in hoc tumulo.* a. D. 491; *in huc loco requievit,* do sec. v (pag. 85), e nas *Inscriptions chrétiennes de la Gaule* o principio *In hoc loco requiescit famulus Dei* (i, pag. 65 e ii pag. 667 a). Em Hübner podem ver-se os titulos dos n.os 31, 60, 99, 174, 184, 189, dos seculos vi e vii, n.º 215 do sec. ix, da Betica e Tarraconense, todos excepto um da Lusitania. Com tão diminuta collecção de epitafios, é decerto arriscada qualquer conclusão tocante a formulario, quer com relação a logares, quer a periodos restrictos.

[2] Hübner, *ob. cit.,* pref. pag. xi; *Arch. Port.,* i; Le-Blant (*Man. de l'épigraphie chrétienne*), pag. 78.

[3] Cfr. Du Cange, s. v. *Familiares.* Cita as *Leges Alfonsinas,* ix, R. Cast., part. i, tit. 13, lege 7, na qual se diz: *Familiares* son llamados, o *confrades,* los que tomam señal de habito de alguna orden et moran en sus casas seyendo señores de lo suyo e non se desamparan dello.

[4] Podem ver-se alguns nas *Memorias da Academia,* tom. vi, part. ii, mem. v de Caetano Amaral e tom. vii, pag. 25 e 49, mem. de Fr. Aragão Murato.

Digitized by Google

era pois um *oblato* do mosteiro de Santa Maria do Valle, de que hoje nem os alicerces se reconhecem.

Finalmente encontro-me ainda por isto conduzido ao periodo dos mesmos seculos a que me levou, embora com mais precisão, o exame dos outros caracteres da lapide.

Nenhuma epigraphe traz Hübner pertencente a um *Ordonius,* nome que aliás seria commum nas populações do oeste da peninsula do seculo IX e seguintes. Veem apenas referencias aos reis d'aquelle nome. Ainda em documentos do sec. XII apparece e porventura em mais recentes [1].

De barbarismos grammaticaes, o epitafio de Santa Maria do Valle dá-nos exemplo da troca do ablativo pelo accusativo, com a aggravante da má concordancia *in hoc locum;* do *c* pelo *s* (*requiesset*)*;* do *i* pelo *e* (*id.*)[2].

e) *Idade da epigraphe:*

Já vimos que este epitafio é attribuivel ao sec. XII e principalmente á segunda metade.

Referindo a idade d'este epitafio á chronologia portuguesa, teriamos pois que elle póde ser do reinado de Affonso Henriques ou ainda talvez, contemporaneo de Sancho I, apesar da estranhesa que causa o encontro de uma epigraphe visigoda, pelo emprego e pelo typo, em pura epoca portuguesa.

Parece-me ser esta a attribuição mais provavel, a hypothese mais segura; advertindo que em inscripções não datadas, pertencentes a uma região em que não abundam, como testemunha Hübner (pref. pag. VI e VII), é melindroso precisar restrictamente uma era, emquanto não for conhecido maior numero de lapides. Em todo o caso, a conclusão a que cheguei parece conter-se nos elementos de que me servi, e nos que foram ministrados quer pelos paleographistas que consultei e deixo indicados, quer por algumas outras inscripções a que me referi. Portanto, se érro, não é por absurdo, creio eu. Algum factor ignoro, nesse caso, que devia conhecer.

---

[1] Nas Memorias Parochiaes da freguesia de *Ermello,* onde o cenobio do Valle tinha uma filial, falla-se num sítio que conservava até então o designativo de Ordonho.

[2] Casos semelhantes se vêem em Hübner, menos o *s* por *c* (Hübner, *ob. cit.*, n.º 99, 101 e 174), em Rossi, (*ob. cit.,* n.º 798, pag. 346) e na *Revista Archeologica* (pag. 25, I).

Digitized by Google

f) Antiga exploração da necropole:

O cemiterio a que pertenceu a lapide do confrade Ordonio foi, caso bem pouco vulgar, explorado no sec. XVIII, com intuitos archeologicos. E mal imaginariam os meus leitores que, prestando esse valioso serviço, vão encontrar neste longinquo recanto do país um amigo pessoal de Cenaculo!

No cartorio da freguesia de Nossa Senhora do Valle existe um velho Tombo, para o qual o abbade Francisco José Lourenço do Valle Correia e Freitas, que parochiou aquella freguesia desde 1769 até aos primeiros annos do seculo de 1800 (em 1804 era nomeado o seu successor), compilou os documentos mais importantes e os papeis mais curiosos do antigo cartorio da igreja. Logo ás primeiras folhas do desbotado volume se encontra, entre outras, uma curiosa notícia do nosso cemiterio, escrita do punho de Fr. José de S. Lourenço, monge cisterciense, irmão d'aquelle abbade e que seu hospede era na primavera de 1782[1].

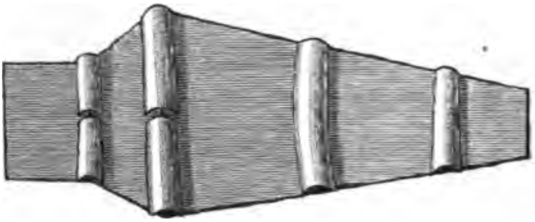
Na integra vou trasladar este interessante documento, embora a sua introducção padeça, em parte, de um vicio do tempo, a prolixidade, e o final se deva talvez referir a uma epoca archeologica diversa da que agora me occupa. Para mais, o erudito monge illustrou o seu trabalho com quatro figuras, que não podem deixar de ser reproduzidas fielmente tambem, pelo seu grande valor.

«A antiguidade que por si é estimavel, porque nella apprendemos e conhecemos muitas noticias occultas e perdidas na Historia para a qual nos subministra esclarecidos soccorros e porque chegamos a saber a differença, a vantagem e decadencia das Artes, penetrando juntamente a razão, o ingenho e os costumes dos seculos anteriores; não só é digna de ser amada mas tambem de se procurar. E sendo eu um dos que a contemplaram na licção da Historia; passei ao maior grau de a gostar com as provas da experiencia. Já ajudado de tam deleitavel pratica vi que este accento do Valle, pelo bello horizonte em que está situado, seria tambem antigamente povoação romana ou mais antiga. Inquiri d'estas gentes se sabião qualquer notícia e conheci que nellas não havia outra que a dos mouros e que nem esses aqui estiveram. Desprezada tanta ignorancia, principiei, contemplados os horizontes, a mandar cavar, e logo na segunda vez que foi no dia 20 de Abril de 1782 no campo que confronta com as terras de João da Cunha do Cotto, descobri uma grande *lage* que cobria um sepulcro do comprimento de 10 palmos e dois e meio de largura feito de *grandes tijollos* e coberto de *grossas telhas ao gosto romano,* cheio por dentro de *terra e carvões* e calçado por fóra com

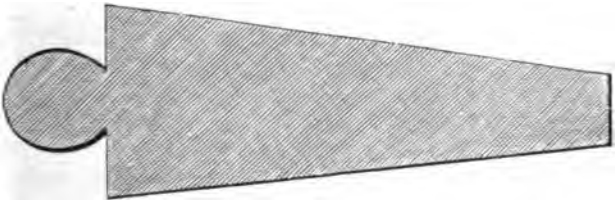
[1] Uma extensa referencia a este collaborador do grande bispo de Beja póde ver-se n-*O Arch. Port.,* IV, 283.

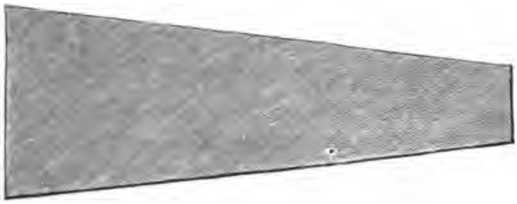
Digitized by Google

varias pedras, que *mostravam ter servido em algum rico edificio*. A figura do tumulo é a seguinte vista da parte de cima:



No dia 9 de Março e no seguinte mandei cavar no campo da *Mortueira* que por corrupção se chama vulgarmente *Murteira*[1], e apparecerão mais 38 sepulcros lavrados perfeitamente dentro do salão, uns *descobertos* e outros curiosamente *tapados com lages*. Somente continham dentro de si *terra com carvões* por cima e entre ella. *Ha muitos mais sepulcros* neste campo junto da parede que está á mão direita no caminho onde está o Cruzeiro defronte da Eira que fica á esquerda indo-se pelo caminho acima. Tambem em cima d'este tal campo está uma devesa em terra mais alta e nella se vêem ainda muitas aberturas no salão, que são parte dos sepulcros que alli houve, desfeitas a outras (?) com o salão que tem caido por estar mais eminente. No principio d'esta devesa descobri uma parede bem feita com todas as pedras assentadas em barro, assim por fóra como por dentro, a qual vinha pegar á esquina da parede defronte do Cruzeiro. Tinha de comprido 38 palmos e de largo 5. Mais adeante para o meio do dia no campo da Mortueira descobri debaixo da terra uma parede de casa quadrada e dentro d'ella uma lareira e cacos de louça grossa e pedaços de ferrugem. Dentro do ambito d'estas paredes se achava muita *telha romana* quebrada que tem differente figura da nossa e é *mais grossa do que os tijollos de que hoje usamos*, com muito *carvão de madeira* queimado. Signaes evidentes de terem sido estas casas abandonadas, e consequentemente arruinadas e nunca reedificadas. Os ditos sepulcros que na altura de quatro dedos, um ou 3 palmos de terra se podem achar, teem as seguintes figuras:





Note-se que estes sepulcros todos são mais compridos que um homem e bastantemente fundos. É tudo isto obra da gentilidade romana que costumava queimar os cadaveres e guardar as cinzas em urnas ou tumulos conforme lhe parecia, os quaes tinham nos campos junto dos caminhos para os passageiros se lembrarem de que eram mortaes. Tem mais estes sepulcros os *pés para o oriente.*

Á minha imitação, um rapaz chamado Manoel Antonio filho de Rosa da Cunha do logar da Costa da Bouça descobriu no seu *campo das Pedrosas* muito e grande tijollo sobre paredes e nellas muitos pilares de pedra, o que eu por ser impossivel descobrir-se todo o campo, conjecturo ser ornato de algum magnifico sepulcro, o qual descobri na mesma obra e era muito comprido todo *forrado de lages.*

No dia 26 de Dezembro de 1782 descobri nos Oiteiros da parte do norte junto da quinta de *Prados,* em cada cume dos taes oiteiros, um sepulcro, cuja obra se compunha de uma parede forte e grossa de pedras assentadas em barro formada em figura oval. Dentro da circumferencia que teria de comprido 15 palmos, estavão debaixo da terra quatro ou cinco lages levantadas, as quaes quasi juntando-se em cima, em fórma de fornalha, estavão cheias de terra e no fundo a um canto uma urna de barro do feitio de uma tijella assentada em barro com carvões e terra dentro de si. A figura da urna, que tambem era da grandeza de uma tijella, é a seguinte:

Até aqui chega o interessante relatorio. D'elle se conclue [1] que as sepulturas eram cavadas em forma de trapezio, tendo algumas um nicho circular para a cabeça do defunto. Uma d'ellas era guarnecida lateralmente de tijolos, e coberta de telhas ao gosto romano, cousas que Fr. José distingue claramente [2]; trinta e oito eram simplesmente

[1] Ficam portanto excluidas as excavações no Campo das *Pedrosas* e nos taes oiteiros ou elevações ao norte da quinta de *Prados;* no primeiro diz-se hoje no sitio, que em tempo appareceram lá sepulturas de *tijolos;* nos taes oiteiros, o que hoje se vê, pode ser tomado por uma grande mamôa arrasada, mostrando sulcos de explorações. Proximo, encontra-se ainda uma verdadeira mamôa com parte da anta, segundo informação fidedigna.

[2] Os tijolos a que a narração se refere não são certamente *tegulae,* mas verdadeiros tijolos lisos e rectangulares (*lateres*) como outros que foram encontrados nas sepulturas christãs e provavelmente coevas de Giella (Arcos); inedita ainda a respectiva noticia. *Tegulae* eram as *telhas romanas,* que no dizer de Fr. José appareceram no interior da tal casa incendiada e decerto provinham do seu telhado. Essa *telha romana* tinha *differente figura* da contemporanea d'elle e era mais *grossa* do que os *tijolos* do seu tempo, portanto não se tratava de *imbrices.* Assim havia sepulturas forradas lateralmente de tijolos lisos, tapadas com *tegulae,* e, pelo que se conclue de uma das figuras, protegidas ainda as juntas com *imbrices.* Se, quando o auctor do manuscripto refere a telha romana, preten-

Digitized by Google

abertas no saibro, algumas desprovidas de qualquer cobertura artificial, outras cuidadosamente tapadas com lages.

A primeira sepultura encontrada, que parecia pela construcção ser de pessoa mais graduada[1], media $2^m,22$ de comprimento e $0^m,55$ de largura; tomadas em geral, eram todas mais compridas que um homem. Interiormente não continham mais do que terra e carvões, que o amigo de Cenaculo attribuiu á incineração dos cadaveres da gentilidade. Por fim todas as sepulturas eram orientadas.

g) ***Estado actual das sepulturas:***

Concorda inteiramente com estas indicações o que ainda hoje se póde ver, e o que eu soube por informação directa de um trabalhador, que assistiu a remeximentos de terra que, ordenados por dois abbades da freguesia do Valle[2], constituiram duas verdadeiras devastações archeologicas.

A necropole, situada em encosta voltada para o quadrante de O. S., abrangia algumas dezenas de sepulturas, sendo umas tapadas com lages, outras com tijolos. Em algumas destacava-se bem o nicho para a cabeça do defunto.

Vagamente me informaram que um dos tumulos deu «uma especie de enxada» e outros tijelas de barro[3].

---

desse designar uma telha semi-cylindrica, nem diria «telha ao gosto romano», nem compararia a sua espessura á dos tijolos do seu tempo.

[1] Note-se ainda a circumstancia de ser sepultura de duplo cofre; a tampa superficial era uma *grande lage;* depois é que estavam as *telhas ao gosto romano.* É curioso ainda o aspecto d'essa sepultura, que é o de um verdadeiro telhado romano, composto de *tegulae* e *imbrices;* mas esta disposição sobreviveu e muito á civilização do imperio, entrando pela media idade fóra. Cupulas byzantinas do sul da França ainda conservam restos d'essa cobertura. (Veja-se Felix de Verneilh, *Architecture byzantine,* pag. 42).

[2] O trabalhador chamava-se Pires; inquiri-o em 1895. O primeiro abbade era Antonio Pereira Coelho, que o foi desde 1843 até 1870; o segundo era Bento José de Araujo e Sousa Gama, que esteve no Valle desde 1870 até 1891. Este comprou o passal da igreja e no sítio do cemiterio fez uma casa e várias outras obras. O Pires assevera que a lapide appareceu na necropole, sem poder affirmar que cobrisse alguma sepultura.

[3] Esta informação é muito vaga para que eu não receie vê-la desmentida em futuras explorações do cemiterio do Valle. Refiro-a, porque o caso nem seria novo, nem deschristianizava a necropole. Quem sabe o que seria a «especie de enxada»? Mobiliario funebre? Casualidade? Enxada ou não? De foicinha, ha mais que um exemplo em sepulturas christãs; veja-se *Tardinghen et les sépultures sous dalles,* par l'abbé H. Debout, pag. 50, onde se refere outro achado identico feito pelo celebre P.^e^ Cochet em sepulturas christãs medievaes. As tijelas junto dos esque-

Digitized by Google

A minha exploração pessoal foi, por um conjunto de circumstancias contrarias, limitada a uma sepultura já revolvida. Naquella parte da propriedade onde se encontra a eira, via-se bem desenhado no salão amarello um trapezio alongado de terra negra, cujo comprimento era de 2 metros e largura media $0^{m},50$. De envolta com o humus, encontravam-se fragmentos de tijolos de rebordo (tegula). A profundidade da sepultura não era superior a $0^{m},1$, o que se explicava pelo desengrossamento operado no terreno quando fôra das obras, para o nivelar.

Sobreposição de enterramentos de duas epocas historicas successivas não poderia dar-se. As sepulturas estão abertas no saibro virgem da encosta. Hoje no terreno que foi cemiterio existe uma casa com suas dependencias agricolas e junto da casa ha uma leira que dá pão e em que o arado vae alternadamente descobrindo e enterrando pedaços de tegulas.

Se, como vimos, o formulario da epigraphe do Valle era o visigodo, e se, apesar de pertencer ella a um seculo ao qual se não pode com rigor adaptar já aquella designação, esse formulario estava ainda em uso, pelo menos naquelle afastado recanto, não devemos admirar-nos de encontrar parallelamente nos ritos funebres a conservação de muitos usos antigos.

Ora o modo de inhumação, observado na necropole do Valle (como em outras mais do concelho dos Arcos) é ainda caracterizadamente visigodo[1], mas não só visigodo, senão tambem proprio de outros bar-

---

letos, na mesma ordem de sepulcros, são quasi uma vulgaridade nos tempos a que os archeologos franceses chamam merovingicos, e anteriormente tambem. Podem ver-se: *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, par l'abbé Martigni, s. v. *Eau bénite*; *Leccion de arqueologia sagrada*, por A. L. Ferreiro, pag. 42; *Noções de archeologia*, por Possidonio da Silva, pag. 150; *Étude sur les sépultures barbares*, por Barrière Flavy, pag. 114; e de entre as numerosas monographias que se occupam de cemiterios barbaros, esta, ao acaso: *Le cimitière franc de Briares-sur-Essone*, par Leon Dumuijs (in *Congrès archéologique de France*, 1892). A necropole do Valle, por conservar e revelar o processo inhumatorio adoptado pelos barbaros, inclusivamente pelos visigodos, podia ainda apresentar mais do que essa analogia. Infelizmente, neste capitulo da archeologia nacional, que é que se tem explorado?...

[1] O certo é, porem, que o emprego da tegula e da lage como forro de sepultura existia nos ritos das gentes que os barbaros aqui encontraram. Citarei apenas necropoles nacionaes: *Ferrestello* (*Arch. Port.*, II, 70), *Molião* em Lagos (*Arch. Port.*, V, 103 e VI, 100), sepulturas de *Athey* em Mondim de Basto (*ib.*, III, 70), e de Mertola (*ib.*, V, 243), etc. Para exemplificar sepulturas dos barbaros forradas de tijolos de rebordo, poderia organizar longa lista, referindo as explorações feitas em França. Podem ver-se referencias em *Les sépultures barbares* de Bar-

Digitized by Google

baros. E necropoles teem apparecido no país, da epoca romana, em que o processo inhumatorio é ainda identico.

h) Considerações finaes:

Para a rigorosa attribuição chronologica, não tiro pois d'aqui elemento algum, mas tambem não se me pode argumentar com os resultados da exploração d'este cemiterio, para recuar a ancianidade da epigraphe a seculos anteriores áquelles a que presumo que ella pertence.

É realmente muito pouco o que pois nos deu o exame d'estas sepulturas. Para o conhecimento da idade do epitafio, valeram principalmente o seu exame paleographico e a referida singularidade ethnographica. Para o da civilização a que o cemiterio pertence, serviu o estudo do formulario da lapide. Mas nunca seria para desprezar uma exploração conscienciosa e scientifica d'esta necropole e de outras identicamente caracterizadas[1]. Ficam assim incognitos alguns factores importantes que d'ahi poderiam advir para o estudo d'esta epoca entre nós.

O mobiliario funebre, se o houve, as variantes das inhumações, os caracteres dos cranios e a duração da necropole, seriam factos de utilissimo conhecimento, que por emquanto nos permanecem inteiramente escondidos. Sem elles, o estudo da epigraphe é apenas uma folha de um capitulo truncado e incompleto.

Oxalá se possa dotar o Museu Ethnologico com mais algumas antigualhas d'esta natureza. A lapide conserva-se embutida numa parede baixa á direita do portal da quinta, e baldados teem sido os meus esforços para conseguir que os seus actuaes donos enriqueçam com ella o dito Museu, nobilitando-se a si mesmos com esse acto de justa generosidade. Suspeitosos do seu valor, sentem esteril orgulho em a conservar na sua guarda, receando em vão desestimá-la com a transmissão para Lisboa.

Fevereiro de 1902.

FELIX ALVES PEREIRA.

rière Flavy, pag. 41 e 42, e *Les sépultures sous dalles,* par H. Debout, pag. 38, 39 e 53; e *L'épigraphie chrétienne en Gaule* de Le Blant, pag. 31. Uma grande parte das inhumações dos barbaros era feita em simples fossas e os cadaveres encerrados em caixões de madeira, dos quaes resta a pregaria; mas alem d'estas havia os sarcophagos, as sepulturas de lages, de tijolos e as emparedadas. Os adornos e adminiculos do vestuario e peças do armamento são para o explorador o mais importante indicio da natureza d'estas sepulturas. Não se encontrando d'estes documentos, o caso pode tornar-se duvidoso. (Veja-se *Revista de Guimarães,* xv, 95).

[1] Conheço-as no meu concelho em *Giella* e em *Parada.* Mas tenho informações de outras.

Digitized by Google

Sociedade Archeologica da Figueira

6.ª sessão plenaria

Sob a presidencia do socio effectivo Sr. Manoel José de Sousa, secretariado pelo Sr. Pedro Fernandes Thomás, realizou a Sociedade Archeologica da Figueira a 6.ª sessão plenaria, no dia 12 de outubro de 1901, numa das salas do Museu Municipal. A sessão foi muito concorrida de socios e de senhoras.

Pelo Sr. Dr. Santos Rocha foi lido um relatorio dos trabalhos de exploração realizados durante o anno de 1900–1901[1]: os trabalhos realizados no Crasto, freguesia de Tavarede; os importantes trabalhos feitos em Santa Olaia (concelho da Figueira da Foz); o resultado dos seus estudos nos museus de Paris no verão do corrente anno, etc. Este documento corre impresso.

Por ter terminado o primeiro triennio, procedeu-se á eleição da nova direcção. Foram depois apresentados e lidos pelos seus auctores os seguintes trabalhos:

Crenças e superstições populares do concelho da Figueira da Foz, pelo socio Sr. Fernandes Thomás. O auctor referiu-se á adivinhação do futuro por meio das cartas (cartas de empenho e cartas de agradecimento) dirigidas aos santos de maior veneração no concelho. Em seguida tratou dos amuletos, que dividiu em dois grupos: amuletos que se referem a phenomenos naturaes e amuletos referentes a phenomenos sobrenaturaes.; mostrou em seguida que os do primeiro grupo tendem a desapparecer com os progressos da sciencia, e que todas estas superstições passaram insensivelmente do paganismo para a religião christã. Alludiu por fim aos ex-votos de Pompeios (Italia) e aos da Nossa Senhora da Encarnação de Buarcos.

Restos das mais antigas construcções da Figueira e arredores, por F. Ferreira Loureiro. Neste trabalho apresenta o auctor photographias e descripções de alguns typos de construcções antigas ainda existentes, e a descripção de trajes e costumes antigos da Figueira.

O lagar luso-romano do Valle do Marinho, no Algarve, por Pedro Belchior da Cruz. É um lagar aberto no grés. Sobre este trabalho fez o Dr. Santos Rocha uma dissertação sobre o funccionamento dos lagares romanos.

Necropole de Alcalar. Relatorio dos trabalhos realizados pelo Dr. Joaquim Jardim, em dezembro de 1900, pelo Dr. Santos Rocha. O auctor chamou a attenção do auditorio para o descobrimento de summa impor-

[1] Vid. *O Archeologo Portugês*, VI, 99.

Digitized by Google

tancia feito naquella necropole, um dolmen de cupula, *constituido por uma abobada* de silhares convergentes, typo de meia laranja, feito com placas de schisto e argilla. Este caso é inteiramente novo na architectura dolmenica, e accusa, segundo a opinião do auctor, influencia manifestamente oriental, indicando tambem que a ultima phase do neolithico do Algarve não deve recuar-se para alem das relações da peninsula com os antigos navegadores vindos do oriente mediterranico.

O trabalho, bastante extenso, é acompanhado de desenhos e photographias de objectos recolhidos na referida necropole, e que se acham no Museu Municipal.

O Dr. Santos Rocha, ainda sobre o mesmo trabalho, tratou dos graes de pedra, de que se obtiveram quatro exemplares completos e parte d'outro. Fez notar a differença entre aquelles graes e os primitivos, de que mostrou exemplares encontrados nas estações do concelho da Figueira. Os graes continuaram a usar-se na epoca chalcoli thica e actualmente são elles ainda usados por muitos povos selvagens. Os graes de marmore, de que se não conhecem exemplares senão na Peninsula, foram recolhidos pela primeira vez pelo Rev.do Antonio José Nunes da Gloria, parocho de Bensafrim, a quem a archeologia deve assignalados serviços.

O Dr. Santos Rocha referiu-se depois ao fim para que aquelles graes eram destinados, a tatuagem, e fez uma prelecção sobre esta, assignalando-lhe origem remotissima. Explicou depois como se tatuaria o homem primitivo, apresentando as materias de que poderia fazer uso; mostrou como na sociedade moderna a tatuagem é usada pelos marinheiros, criminosos, etc.

Ainda a proposito d'uma concha de *Triton nodif.,* recolhida no referido dolmen, fez o mesmo conferente ver que o homem primitivo se teria utilizado d'ella como instrumento musico, como hoje fazem ainda os nossos pescadores. Notou que na idade da pedra deveriam existir outros instrumentos musicos, mas que, constituidos naturalmente por substancias de facil destruição, tinham desapparecido pela acção dos seculos. Para comprovar tal asserção apresentou muitos instrumentos gentilicos, feitos de substancias destructiveis.

Materiaes para o estudo do neolithico no concelho da Figueira (2.ª parte), por Pedro Belchior da Cruz. É um complemento do importante trabalho scientifico do Dr. Santos Rocha, *Antiguidades Prehistoricas do concelho da Figueira.*

As necropoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias, por A. dos Santos Rocha. Esta necropole, da idade do cobre, foi explorada pelo auctor em dezembro de 1900.

Digitized by Google

Estudo sobre um artefacto pre-romano de ouro descoberto no Algarve, por A. dos Santos Rocha. Este trabalho versa sobre uma interessante peça de ouro proveniente do Algarve, e que apresenta todos os elementos decorativos encontrados na Citania de Briteiros, e semelhança perfeita com os discos de ouro encontrados em Mycena por Schliemann, e que serviam de adorno dos punhos das espadas.

Dezembro de 1901.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Duas estátuas romanas

(Dadiva ao Museu Ethnologico Português)

Entre muitos e valiosos objectos que ha pouco tem entrado no Museu Ethnologico, avultam duas estatuas romanas que o Sr. Visconde da Amoreira da Torre se dignou offerecer-lhe. Estas estátuas foram encontradas em Mertola no sec. XVI, e, em virtude das vicissitudes a que os monumentos archeologicos, como todas as cousas, estão sujeitos, achavam-se ultimamente numa propriedade que aquelle illustre titular possue ao pé de Montemór-o-Novo.

Os leitores farão idéa do merito d'ellas, e portanto do valor da offerta do Sr. Visconde, lendo um artigo que o Sr. G. Pereira inseriu em 1890 na *Revista Archeologica*, IV, 169 sqq., artigo acompanhado de dois desenhos. Em occasião opportuna serão photographadas e descriptas n-*O Archeologo*.

Em reconhecimento do acto de generosidade e patriotismo que o Sr. Visconde da Amoreira da Torre praticou, privando-se da posse particular d'estes objectos para os offerecer ao Museu Ethnologico, onde ficarão sendo patrimonio commum de todos os estudiosos, e constituindo importantes documentos da epoca lusitano-romana, publicou-se no *Diario do Governo*, n.º 52, de 6 de março de 1902, a seguinte Portaria de louvor, assignada pelo Sr. Ministro das Obras Publicas, a quem os serviços archeologicos estão merecendo, para honra do nosso país, a mais intelligente e desvelada protecção:

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria—Direcção Geral das Obras Publicas e Minas—Repartição de Obras Publicas.— Sua Majestade El-Rei, tendo conhecimento da doação que fez o Visconde da Amoreira da Torre ao Museu Ethnologico Português, de duas estatuas romanas de marmore, de sua propriedade, de subido e incontestavel valor archeologico, existentes, pelo menos, ha dois seculos na sua quinta titular: ha por bem ordenar que, em seu real nome, seja

Digitized by Google

louvado o Visconde da Amoreira da Torre pelo seu elevado proceder, privando-se de dois raros exemplares da arte romana do nosso país para enriquecer aquelle Museu.

Paço, em 25 de fevereiro de 1902.=*Manuel Francisco de Vargas.*

J. L. DE V.

O Cerro de Penhas Juntas

Bem lhe condiz o nome, e da sua configuração se originou, pois é um alto, «cerro», cercado todo de fragas, «penhas», muito proximas, «juntas», umas das outras. Digno é de se fallar d'elle por cousas lá se verem, que sabidas devem ser, e não ignoradas, dos que gostam de observar os vestigios das gerações passadas. D'estes a attenção alli fica presa, e alonga-se o entendimento em conjecturas, procurando explicar quaes os povos e os tempos em que estes trabalhos se fizeram.

Grandes foram, na verdade, para perfurarem em tantos pontos aquelles rochedos, abrindo enormes e profundas galerias em procura de metal, que, por pedaços encontrados e algumas escorias, presumimos ser estanho. Muitas riquezas mineraes houve neste sitio, pois em todo elle, de comprimento de cêrca 3 kilometros, se encontram aberturas e outras obras que foram de minas. Em partes, notam-se pedaços de mós manuarias de pedra local, e signaes evidentes de casas sem cimento, de fossos, e muralhas de pedra solta; e, caso curioso e raro, até espaços cobertos de pedras de 3 a 4 palmos, postas de pé, com a ponta aguçada para cima, dispostas para impedirem a passagem, á maneira das nossas defensas accessorias das estaquinhas ou estrepes. Eu o experimentei, e custoso me foi sair do recinto, em que, menos cauteloso, entrei.

Em cinco sitios do terreno que percorri, menos de metade, depararam-se-me estas estações, sendo uma o «murio», como lá dizem, fóra do Cerro, junto e sobranceiro ao pequeno ribeiro, que, vindo do lado da povoação, o torneia pelo nascente. É a mais ampla e deteriorada, por se terem aproveitado das pedras para construcções de muros de propriedades, casas e de um moinho que está logo alli. Partindo d'este ribeiro, cheguei só ao marco trigonometrico, e, nesta altitude de 846 metros, admirado fiquei do vastissimo horizonte que observava: ainda que sejam vulgares taes panoramas nestes logares, comtudo este accentuada impressão me causou.

As tradições são vagas e vulgares, attribuindo-se isto aos mouros, como já se disse n-*O Arch. Port.*, VI, 109, os quaes ahi deixaram

Digitized by Google

muitos thesouros guardados por demonios, que saem ás vezes aos pastores e sonhadores em fórma de bezerros pretos. Todavia nellas, e friso bem isto que se dá sempre em circumstancias identicas, descobri o fio que prende a estas minas a origem da povoação actual, que d'ahi tambem tirou o nome de «Penhas Juntas».

Ésta aldeia é das melhores da vertente occidental da serra de Nogueira e encontra a estrada nova que da Torre de D. Chama vem a Bragança. Dista para sudoeste d'esta cidade 22:500 metros em projecção, e assenta a 2 kilometros para nordeste do Cerro num lombeiro que separa as aguas do rio Tuella, que lhe corre a 4:000 metros a poente, e do ribeiro, seu affluente da margem esquerda. Nella ha uma igreja de construcção moderna, pois uma das «historias» que contam, e que não deve passar despercebida, é que as suas pinturas foram feitas com côres tiradas do «buraco das tintas», que me apontaram no Cerro, que não pude examinar pela altura a que está e pelo escarpado da rocha não permittir subir sem escada, que não possuia. Ainda assim este buraco pareceu-me ser feito para extrahir minerio, e a sua denominação provir de uma camada esverdeada que cobre quasi todas as fragas. Mas o que é facto, é que nesta tradição está a ligação de dois povoados que se succederam — perto um do outro emquanto á distancia geographica, mas immensamente afastados na medida do tempo!

Bragança, Novembro de 1901.

Albino Pereira Lopo.

Instrumentos de bronze

Ainda é cedo para tentar em Portugal a reconstituição da historia dos tempos chalcolithicos e do bronze. Falham por emquanto os caracteristicos — que surgem parca e espaçadamente, numa lentidão e indigencia desesperadoras, mercê da causa primordial do seu descobrimento — a mera casualidade, que é quem de ordinario os exuma do *esconderijo,* os assoalha do thesouro do fundidor ou do mercante, os patenteia ao profanador da sepultura secular. Acrescente-se que não raro da jazida millenaria caem logo obscuramente no cadinho reductor do caldeireiro ou entram desproveitosamente em ignoradas collecções privadas ou se dispersam em destinos similarmente ignotos.

Não é, pois, superfluo o registo publico de quantos instrumentos d'aquelles tempos o cultor da palethnologia indigena possa colligir, bem que o exemplar archivado esteja calcado em moldes banaes á mingua de aspectos e pormenores interessantes.

Digitized by Google

O grau de certeza da futura synthese ethnographica da idade cuprica ha-de oscillar em proporcionalidade directa com a complexidade e extensão da serie de factos conhecidos e parcellarmente estudados. E ainda: a notação perfeita da carta archeologica do país, a organizar um dia, ha-de obviamente depender da densidade do grupo de objectos vulgarizados com a assignação precisa da sua localização chorographica.

Esta a justificação da notula subsequente.

*

Os dois *celts* figurados nas gravuras 1 e 2 representam duas phases industriaes de uma das epochas do periodo tsiganiano; são do grupo classico denominado *morgiano* por lhe servir de typo o mobiliario da celebre estação palafittica de Morges no lago de Genova, cantão suisso de Vaud.

Fig. 1.ª Machado de cunha ou chato, encontrado em Arneiro de Albufeira, Salvaterra de Magos.

Typo dos mais singelos, nu de ornamentações, que tanto opulentam os *celts* congeneres da Inglaterra, da Escossia, da Irlanda, etc. A forma ainda é modelada pelos machados neolithicos e chalcolithicos, mas já não exhibe aquella faceta de peculiar rudeza, que é caracteristica dos alvores da industria metallurgica.

Divisa-se-lhe ainda nos bordos a linha das rebarbas produzidas pelo ligeiro extravasamento do metal candente no molde univalve. Mas é tambem perceptivel o trabalho de correcção pela martellagem que as rebateu, produzindo o boleamento pronunciado dos bordos.

As faces, lisas e approximadamente symetricas, foram martelladas para augmentar a densidade do metal e a resistencia do instrumento; deviam ter sido tambem polidas, especialmente no gume que a precedente operação mechanica alargara em amplo semi-circulo.

Dimensões: comprimento $0^{m},158$; largura maxima no gume $0^{m},11$ e no cabo $0^{m},04$; espessura media $0^{m},011$. Peso: 650 grammas. Materia: o bronze. Pelos trabalhos de Chantre e Schreiber sabe-se que machados identicos teem sido encontrados em França e na Allemanha; Evans descreve exemplares semelhantes descobertos no Reino Unido, na Hungria e mesmo no Mexico.

Fig. 2.ª Machado de talão redondo e duplo anel ou aselha, achado com outros de inedito destino sobre a cumieira de um monte proximo de Caminha. É o *palstave* vulgar, tão diffundido em Hespanha e Portugal e cujo apparecimento tem sido registado na Inglaterra, na Escossia, na Irlanda e na França, ainda que em menor abundancia.

Digitized by Google

O exemplar que descrevo e salvei da obscura e humilde funcção de *pesa-papeis*, não chegou a ser usado. Esta circumstancia e a de ser encontrado com outros similares persuadem-me de que constituiam todos o *thesouro* de um fundidor ou de um negociante. Não preciso, porém, este ponto, porque foram baldados os esforços para averiguar das condições de jazida e demais pormenores do achado.

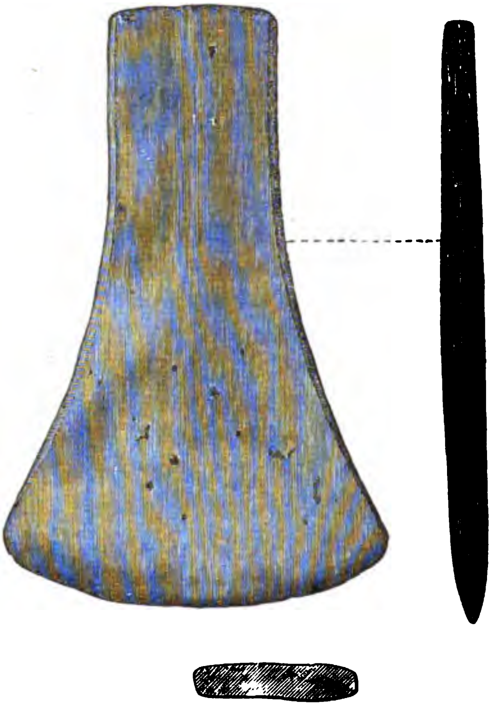


Fig. 1.ª — Machado de Salvaterra

O instrumento conserva adherente a cabeça de fundição e mostra bem salientes as rebarbas formadas pela fuga do metal em fusão através das fissuras provenientes da imperfeita juxtaposição do molde duplo. As suas superficies são rugosas e revelam, mesmo através da *patina*, a falta das operações metallurgicas posteriores á fundição — a martellagem e polidura. A linha do gume, quebrada em angulo obtuso, não documenta o uso do machado, mas a fractura accidental, muito antiga, a imperfeição do molde ou da operação da fundição.

Ao instrumento pode applicar-se perfeitamente esta observação de Evans: «A en juger par l'état imparfait des outils et des armes trouvées dans quelques dépôts des fondeurs de bronze anciens, ... il semble

Digitized by Google

probable que les fondeurs échangeaient souvent leurs marchandises à peu près telles qu'elles sortaient du moule .....; les acheteurs les terminaient eux-mêmes»[1].

As canelluras do *palstave* são muito estreitas ($0^m,0125$ a $0^m,011$) e pouco profundas ($0^m,0055$ a $0^m,0035$), de modo que o diaphragma

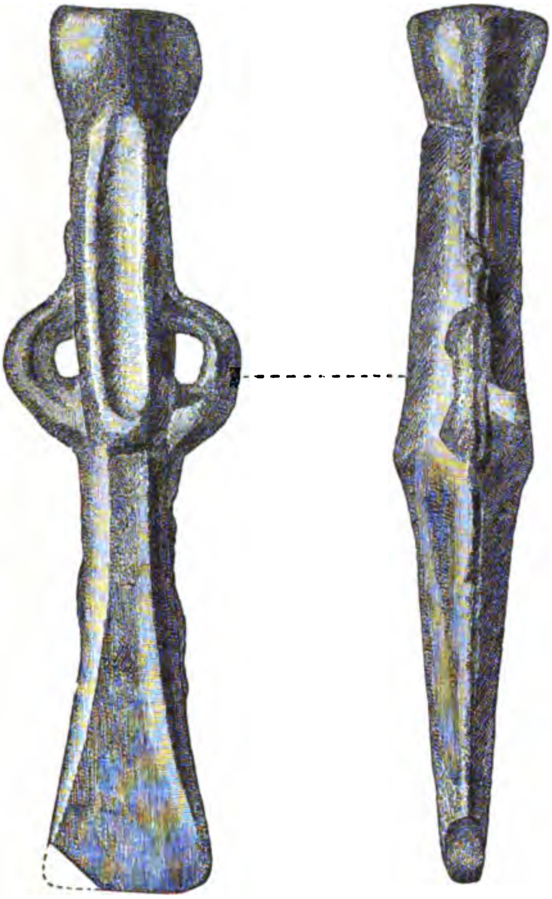


Fig. 2.ª — Machado de Caminha

intermedio exhibe-se muito espesso ($0^m,021$) e o talão apertadissimo. A secção transversal é hexagonal. Como no precedente, nota-se neste a ausencia completa de qualquer ornamentação, quer nas faces e nos

[1] *L'âge du bronze,* pag. 493.

Digitized by Google

bordos, quer no diaphragma, onde apparece ás vezes para auxiliar a segurança do encavamento. Dimensões: comprimento com a cabeça de fundição $0^{m},229$; largura provavel no gume $0^{m},044$; espessura na altura do talão $0^{m},0325$ e no gume $0^{m},0085$. Peso $1^{k},150$. Metal: bronze.

Fig. 3.ª Escopro ou cinzel de bronze, encontrado a pequena distancia de um muro e a diminuta profundidade do solo, junto da linha raiana do Barroso, concelho de Montalegre.

Fig. 3.ª — Escopro do Barroso

As faces maiores são de igual largura e convexas na linha do comprimento, convergindo symetricamente para formar o cabo e o gume bem aguçado.

Nas faces menores distinguem se bem as linhas das rebarbas, rebatidas a martello.

A secção transversal dá um rectangulo; a longitudinal é lenticular.

O instrumento foi usado: mostra-o a falha de metal no cabo determinada pela percussão; indicia-o a polidura do gume.

Dimensões: comprimento $0^{m},105$; largura $0^{m},0345$; espessura na parte media $0^{m},095$. Peso $245^{g},0$. Metal: bronze.

Os typos d'este escopro são bem conhecidos.

Porto, 1901.

José Fortes.

Digitized by Google

Estudos de numismatica colonial portuguesa

2. As officinas monetarias de Damão nos seculos XVII e XVIII

Os jesuitas moedeiros

Em 22 de janeiro ultimo fomos agradavelmente surprehendidos com a recepção de um exemplar do livro *Noticias e documentos para a historia de Damão,* edição de Bastorá, 1900, que o auctor, o Sr. Antonio Francisco Moniz junior, nos offereceu.

Esta obra, eminentemente historica, veiu revelar um facto ignorado: a existencia de uma officina monetaria em Damão no seculo XVIII.

O auctor descobriu provas, ineditas, d'este facto, cuja notícia será por certo recebida com agrado pelos estudiosos, que gostam de conhecer assumptos novos referentes á numismatica indo-portuguesa. Com taes elementos, e com as informações constantes do documento n.º 53, inserto a pag. 509 do vol. III da *Descripção geral,* etc., de Teixeira de Aragão, reconstrue-se o passado monetario de Damão.

O vice-rei D. Lourenço de Tavora, por alvará de 22 de agosto de 1611, a instancias do senado de Damão, cidade em que a moeda destinada aos trocos era escassa, concedeu licença para que o bazaruco de cobre, moeda local, fosse ali fabricado; porem bazaruco de lei, obtendo-se de cada quintal de materia prima as moedas que o seu valor de pasta houvesse de produzir, levadas em conta as despesas e as quebras do fabrico, isto é, ordenava-se a abstenção de lucros para o senado. Esta concessão era identica a outra que o mesmo vice-rei, pela provissão de 15 de janeiro d'aquelle anno, concedêra ao senado de Baçaim. Ambas as cidades obtiveram, pois, o direito de vexar o povo em perfeita identidade de principios.

Ignora-se com que animo o povo de Baçaim supportou o bazaruco, imposto a titulo de necessidade.

Sabe-se que o senado de Damão, logo ao fazer as primeiras emissões, mostrou competencia para escandalos gananciosos, que tomaram posteriormente vigoroso incremento, apesar da prohibição expressa na regalia concedida, e sabe-se tambem que os falsificadores particulares ergueram tenda á sombra do *laisser faire* d'então.

Nesta odiosa violencia contra os interesses do povo, o bazaruco damanense, não se contendo nos limites do territorio onde lhe cumpria circular, derivava para o sul, onde o commercio o repellia desdenhosamente.

Em breve as queixas incommodaram o vice-rei D. Jeronymo de Azevedo, que mandou, por alvará de 18 de maio de 1613, suspender

Digitized by Google

a cunhagem. Não cassou a licença, que o seu antecessor concedêra, declarando que carecia de pessoalmente syndicar de factos incriminados para deliberar com acêrto opportunamente, por certo receando que do assumpto derivasse enxovalho para a sua dignidade de magistrado, justiceiro e digno que era, perante a metropole. O senado equilibrava-se com a sagacidade de seus vereadores, e os falsarios acompanhavam-no, apesar de não terem recebido convite previo para servirem de comparsas naquellas scenas dramaticas de fabrico, contagem e emissão. Suppomos que as moedas da epoca são as do typo n.º 5 da est. I da obra de Aragão. Não temos visto outras que, com acêrto, se possam julgar obra do senado

Em 1617 entraram em scena os jesuitas. Não satisfeitos com a expansão mercantil, que os engrandecia nas colonias, principalmente no Brasil, pensaram nos meios que deveriam empregar para que uma nova mina de interesses concorresse para o engrandecimento da Companhia. Foi visada a opulencia de lucros côm que o senado mantivera o brilho proprio durante os dois annos, escassos, em que fôra o criador da maravilha monetaria.

O jesuita, convicto de que o senado e o povo deviam tornar-se tributarios de seus interesses e viverem na absoluta dependencia de seus designios, não lhe bastando a influencia religiosa, algo vexatoria naquella epoca de obscurantismo e de ambições machiavelicas, deliberou assenhorear-se da baixa situação monetaria damanense, a melhor fonte de receita e mais appetecida. Foi rojar-se aos pés de D. Jeronymo de Azevedo, que, com a provisão de 22 de março de 1617, cassou a licença ao senado e a transferiu para a reitoria do collegio das onze mil virgens, annexo ao convento de S. Paulo, propriedade e residencia dos padres da Companhia de Jesus, deixando á afrontada corporação apenas a faculdade de intervir nas intenções da reitoria, sempre que esta emittisse bazarucos de tutenaga, metal escolhido para o fabrico.

O reitor do collegio montou a officina monetaria no armazem da administração do mesmo estabelecimento, na sua propria casa, e fez-se moedeiro!

Até ao anno de 1695 parece que não houve reparos da corporação syndicante a respeito da qualidade ou quantidade dos productos de fabrico jesuitico. E notavel que até hoje não tenham apparecido provas materiaes do luxo monetario d'esse tempo. Não se presume com que symbolos foram fundidas. Naquelle anno os jesuitas, apesar da opulencia com que viviam em Damão, passeando nas ruas conduzidos em palanquins agaloados de ouro, principescamente, no testemunho do viajante italiano Gemelli Careri, que então visitou a cidade, accordaram,

Digitized by Google

em capitulo secreto, que a tutela do senado era intoleravel. Urgia que se pedisse emancipação, completa e formal, considerada de inteira justiça a liberdade para o culto da *bazarucada*[1]. Ei-los novamente em romaria até ao palacio do vice-rei, que então era o conde de Villa Verde, homem de largo folego administrativo e de audaz iniciativa. As razões que ponderaram são desconhecidas. O teor da provisão de 18 de junho do mesmo anno, arrancada ao vice-rei, jaz, infelizmente, ignorado, porém a ideia principal resalta de quatro documentos historicos, notavelmente interessantes e ao deante transcriptos na integra, que o auctor da obra que começámos por citar encontrou, compulsando o liv. I do registo de cartas patentes e provisões do antigo senado de Damão, a pag. 147 sqq. Pela sequencia dos factos inclinamo-nos a julgar que o jesuita não se contentou com aquella victoria; outra planeou e obteve.

No *Archivo Português Oriental* e no *Chronista de Tissuary,* de Cunha Rivara, preciosas narrativas de actos da administração portuguesa no Oriente, faltam referencias á epoca em que findou a regalia, dada pela provisão de 15 de janeiro de 1611 ao senado de Baçaim. Pode presumir-se que este concorrente incommodasse o moedeiro damanense com a superioridade de seus productos, a cujo fabrico presidiria espirito economico e digno, agradavel ao povo, que não se queixava nesta epoca. A queixa soa longe e passa a gerações futuras, transmittida pela historia; esta conhece-a, mais ou menos nos seus pormenores, se aquella deu causa a providencias energicas de occasião. Não se protestou; por conseguinte o senado de Baçaim portou-se dignamente.

Na occasião da romaria até á cidade de Goa a influencia jesuitica logrou a annullação da regalia de Baçaim, assimilando-a em seu proveito, mercê da amabilidade de um vice-rei, o Deus a quem melhormente supplicára.

A ordem seria dada secretamente? Houve uma especie de portaria surda, não registada, para que não fosse conhecida da critica do futuro? Que o que quer que fosse de estranho foi concedido demonstra-se pela existencia de moedas assignaladas com as marcas monetarias D e B, que significam Damão e Baçaim.

Quem, pela historia, conhece o caracter do jesuita, independente e altivo, póde por ventura julgar que elle conjugasse ideias com ideias alheias no intuito de obter larga circulação para a sua fazenda em terras do norte? isto é, que a contento do antagonista, e de accôrdo com elle, criasse nova moeda? Não é crivel. Dois exemplares de moedas fundidas pelo jesuita, depois de emancipado e duplameute victo-

[1] Esta palavra encontra-se nos proprios documentos antigos.

Digitized by Google

rioso, existem na riquissima collecção de numismas indo-portuguezes que possue o Sr. Julio Meili, residente em Zürich. Eis os desenhos.

Estas moedas, como se vê, são variantes entre si, distanciadas apenas por onze annos; comtudo a fabrica é identica. São duas notabilissimas raridades.

As differenças de pesos são sensiveis, por quanto a primeira moeda, a que falta um pedaço, tem grammas 18,90, e a segunda, completa e magnificamente bem conservada, pesa menos; apenas grammas 16,10. Veremos como outras differenças de pesos e diametros motivaram polemica azeda entre o senado e o jesuita no anno de 1755.

O jesuita produziu obra bem visivel. As letras monetarias D e B, de collossal grandeza em relação ao typo dos anversos, claramente se referem ás duas cidades. São symbolos fallantes. Nestas moedas, desde o circuito granulado até ao modulo, tudo é vasto e pesado, como a architectura sacra d'aquelle tempo. Os escudos de armas do reino, de gravuras barbaras, mostram o estylo e o gosto do desenhador damanense, o ourivez, o pobre que vagueava de aldeia em aldeia, de habitação em habitação, em busca de trabalho, sem officina, vivendo de situações do acaso a triste vida nomada d'outrora, semelhante áquella de ourivez hindu nas provincias de Bardez e de Sattary, o vagabundo artista da actualidade.

Digitized by Google

Nos reversos a cruz da Ordem de Christo, que era insubstituivel, porque se tratava de intervenção sacerdotal, ampla e grandiosa, accusava o anno do fabrico e a ideia da redempção, ideia que convinha lembrar quotidianamente aos povos, não esquecida a letra da antiga ordenança de 1634, a qual dissera aos moedeiros do Oriente que os dizimos da India eram propriedade e gozo do mestrado d'aquella Ordem.

O bazaruco, tendo recebido as marcas de Damão e Baçaim, como um escravo que pertencesse a dois senhores, vagueou de uma para outra cidade. Elle era apresentavel e sympathico. Provavelmente gozou de fama e teve o perfume da respeitabilidade do fabricante. Não era indigesto aos paladares, apesar de não ser mais do que um mal, necessario a alguem, criado como providencia immaculada, e até porque desde o anno de 1667 as moedas estrangeiras de cobre, calaim e tutenaga não corriam em Damão, nem nas cidades de Chaul e Baçaim e territorios annexos, por deliberação do Conselho da Fazenda de Goa, tomada em 9 de julho do mesmo anno. (Aragão, documento n.º 95).

As moedas que apresentamos tiveram o valor de dez bazarucos, o maior valor de então em moeda de tutenaga, pois que «na conformidade da resolução do Conselho da Fazenda de 18 de abril de 1720, para atalhar os abusos commettidos na alteração das estivas dos bazarucos *pela administração das terras do norte* (allusão clara a Damão), se determinou que as moedas de dez bazarucos tivessem o peso de 396 grãos de tutenaga (19,80 grammas), e nesta proporção se deviam lavrar as suas fracções». (Aragão, pag. 283).

A moeda de 1723, antes de quebrada, teria este peso.

Póde ajuizar-se das condições do fabrico em 1734, reveladas pelo exemplar d'este anno, sabendo-se que desde 1716 o preço de cada quintal de tutenaga bruta regulava por 60 xerafins, e que o de calaim valia cêrca de 100.

Em 1734 foi misturado chumbo, mais barato que o calaim. O exemplar d'este anno tem menos peso e .... mais fraude. Que rendoso foi o mister de moedeiro damanense!

No reinado de D. José, em pleno seculo XVIII, o senado de Damão, o nobre senado, não via com olhar prazenteiro a opulencia do jesuita, a qual contrastava com a decadencia em que, apesar de nobre, ia vivendo, e d'aqui derivou a triste questão que entre elle e o Padre José de Andrade, então reitor do collegio, se produziu. A *bazarucada,* appetecido pomo, originou a discordia e as consequencias. Teve logar o incidente em 1755.

O jesuita por tal modo vexára os mercadores e botiqueiros com abundancia de *bazarucada,* fundida nesse anno e no anterior, com peso di-

Digitized by Google

minuido, que o senado, em accordão de 22 de abril, resolveu convidá-lo a recolher as emissões em giro. O Reitor do collegio das onze mil virgens, ufano com a prerogativa e benesses d'ella derivados, nas epistolas que dirigiu ao senado em 23 e 28 do mesmo mês, allegou de sua justiça numa linguagem, quasi rude, em que ha resaibos de polidez ficticia. Longe de confessar que no campo do abuso fôra muito alem das fronteiras marcadas na concessão, allegou que a antiga intervenção do senado caducára em 1695. Que a delicadeza jesuitica já não devia bradar: agua vae. Que a sua provisão era independente, livre, e, approveitando o ensejo, expunha a calva do senado á luz do sol, accusando-o de esbanjar na razão de dez mil xerafins de prata mensalmente, quantia esta que se não comparava com o pretendido vexame imposto pela misera *bazarucada* de sua lavra, e, finalmente, declarando-se erudito em theologia, a melhor valvula de segurança contra desmandos de consciencias, varria o formidavel golpe de intimidação que o senado lhe vibrára. Naquella maré de censura o jesuita considerava-se a pequenina onda em mar em que a corporação de vereadores era a vaga altiva.

São desconhecidas as respostas do senado aos argumentos do inimigo, que se revestira da firme e serena attitude do innocentemente culpado. É de crer que as respostas fossem pobremente fundamentadas, filhas de esmagadora humildade intellectual. O senado, o antigo insurrecto chronico, bravamente insurgido em nome do povo, caira na situação desesperada do vencido. Leiam-se os documentos comprovativos da questão, provas cujo sabor exquisito dão a norma do estylo epistolar da epoca.

Para alem do anno de 1755 não ha noticia de novas emissões em Damão. O fio da extranha contenda quebrára-se, como se quebra um fio de linha nas mãos de um descuidado. Talvez não labore em erro quem pensar na energica intervenção do Marquês de Pombal em semelhante assumpto. Elle dispunha de meios, infalliveis, com que obrava prodigios de administração. O moedeiro teve de archivar a ferramenta e de fechar a officina, em prejuizo de onze mil virgens, que tantas eram as pseudo-interessadas no negocio, irremediavelmente perdido para sempre.

Fica provada a existencia da officina monetaria de Damão no seculo XVIII, denunciada pelos documentos que se seguem, os quaes justificam a interpretação dada ás letras monetarias D e B, que figuram nas moedas cujos desenhos apresentamos; estes documentos são, como dissemos acima, extrahidos das *Noticias de Damão,* do Sr. Moniz Junior, pag. 227 a 237.

Digitized by Google

Copia do registo da resposta que o Senado de Damão dirigiu ao p.e reitor

Recebemos a carta de V. Rma. e nella o que nos relata sobre a factura da bazarucada e asentandoce este Sennado o inconveniente de não encontrar a bazarucada nova com a velha deve V. Rma. mandar fabricar com divizão aquella que pretende fazer de tres rodas para vir no conhecimento de mais rustico só afim de não servir de prejuizo ao pouvo. A relligioza pessoa de V. Rma. G.e D.s m.s an.s. Em meza de vereação 1.º de Abril de 1753.—José de Souza. (Mais tres assignaturas).

Outra

M. R. Sr. P.e Administrador José de Andrade. Ontem que se contavão 21 do corrente nos reprezentou o pouvo d'esta cidade expecialmente os mercadores e botiqueiros que pela muita abundancia de bazarucada que V. Rma. tinha mandado fazer se achavão privados de trazerem os necessarios para esta praça por serem conduzidos para as terras extranhas fora dos nossos dominios, especialmente os mantimentos que para estes se conduzirem lhe era preciso mueda de prata, esta se não achava na terra senão com grandes avanços e a bazarucada que não corria principalmente a nova nas ditas terras e ainda para se venderem os generos de seus contratos na terra lhe he imposivel por se ter em primeiro a prata pella muita bazarucada e este muita falta do seu valor intrinzico. E ponderando este Sennado a justiça que asiste aos ditos mercadores e a necessidade que delles temos para conduzirem os necessarios para a conservação desta Praça que do contrario ficará em grande esterilidade nos pareceo ser justo recolher V. Rma. a nova bazarucada que mandou fazer o verão passado e o prezente por ser feita sem a intervenção deste Sennado na forma da Provizão de 22 de Março de 1617 do Sr. Dom Hyeronimo de Azevedo V. Rey que foi deste Estado e assim o esperamos da V. Rma. para socego e a quietação deste pouvo. G.e Deos a pessoa de V. Rma. m.s a.s. Em Meza de Vereação 22 de Abril de 1755—José de Souza (e mais tres assignaturas) fl. 147.

Copia do registo da resposta do p.e reitor

Sres. Vereadores e mais off.es do nobre Sennado. Receby a carta de V. M.e de 22 do corrente e a ly com a devida atenção. Responderey em particular a cada hum dos pontos della com a possivel clareza. Primeiramente venero a representação desse nobre sennado em materias de tanta ponderação, porem ainda que com V. M.e sinto a novidade que me dizem tem cauzado a grande abundancia de bazarucada de que se queixa o povo, e mercadores destes destrictos e a falta da mueda de prata com que elles querem desculpar o não conduzirem mantimentos e outros viveres necessarios para a conservação desta cidade, não posso comtudo deixar de reparar em que sahindo do cofre de El-Rey Nosso Senhor cada mez pouco mais ou menos dez mil xerafins em prata e as vezes ainda mais, toda esta desgraça, e só avulta a bazarucada que assim a do anno passado como a deste toda hé muito menor cantia. Pello do que n'este collegio se cambou então e agora: porquanto se os mesmos mercadores sahirão agora com a bazarucada antiga que talvez guardacem como costumão esperando ocazião de acharem nella avanço, ou se de fora se tem introduzido mueda da mesma, ou de outra forma

Digitized by Google

não he culpa minha, nem amim me pertence obviar esta dezordem. E reparo tambem em que o mesmo pouvo e mercadores sabendo, como amim me consta que no Armazem desta Administração se bata esta ultima e a penultima bazarucada então mesmo não requeressem ou a suspensão da factura, ou ao menos o cambio da mueda, antes esperassem que se fizessem as costumadas despezas e se apheasse o necessario trabalho o que se não faria, nem se emprenderia, quando o mesmo povo não frequentace este collegio pedindo bazarucada e se esta frequencia não tivesse precedido se faria escuzado a tomar eu dinheiro a ganhos, para a compra da tutanaga, para o transporte, para os direitos de Surrate e para os mais gastos inevitaveis a factura da mueda e assim quando nesta materia houvesse, ou parecesse haver alguma culpa, aos mesmos queixosos se deve atribuir, e não a quem com o risco, e com o trabalho, pertendeo remediar a falta de bazaruco que o mesmo pouvo encarecia, e verificavão effectivamente o seu encarecimento. Concorrendo para alguns depois de feita a bazarucada até que em outras partes mercadores por auctoridade propria comessarão a demenuhir o preço da mueda dando de mais por cada rupia alguns janavadis como em outras occasiões costumão dar menos pela mesma rupia, alteração e novidade que se deve reprovar. E no que os mercadores alegão sobre o não correr a nova mueda por ser esta demenuta ainda no valor intrinzico, parecerá a alguem muito justificada rezão. mas olho as cousas com olhos limpos, qualquer prudente julgará muito pello contrario. He certo que nem esse nobre Sennado, nem tambem os mesmos mercadores ignorão que a demenuição do preço desta nova mueda foi industria consultada e aprovada pella prezente vereação e pello Governador Antecedente Francisco Palermo de Souza não só para se atender ao exorbitante preço que então tinha a tutanaga a qual nunca a tem certo: mas tambem e principalmente para se evitar d'este modo a extracção de bazaruco para outras terras a qual experimentava a cada passo esta praça grande falta desta mueda. E assim um como o outro motivo desta aprovada deminuhição consta de uma carta desse mesmo Sennado escrita ao P.e Manoel Machado em 22 de Fevereiro de 1743. E nem assim me parece acertado o dizerem os queixosos que esta dita mueda falta ainda o valor intrinzico porque o valòr de mueda se não toma sempre da materia que ella se faz: mas pella mayor parte, se toma da estimação arbitraria sem atenção a materia: o que se prova de que em alguns reinos a mueda corrente he cera, em outros solla, em outros caury, e em outras couzas que em sy são de nenhum ou de infimo valor, e na estimação valem por mueda. Da mesma sorte na mueda de tutanaga ainda que tenha mais ou menos pezo não falta o valor intrinzico por quanto so tem o da estimação e do preço que se lhe poem não como tutanaga mas sim como mueda. E claramente se vê isto na mesma bazarucada antiga da qual, como eu mesmo observey cada mueda tem diverso pezo e nem porisso vale mais a mueda de dúas rodas que peza menos, nem he possivel que esta mueda saya com igual pezo porque alem de que a forma se gasta com o uso tambem as vezes nella cahe mais ou menos calda. E quanto ao que V M.ᵉˢ dizem de lhes parecer justo que eu recolha a bazarucada d'este anno e do verão passado respondo que para se evitar qualquer desordem e qualquer indigencia nesta jurisdição se me não dificlcutaria recolher toda a dita bazarucada quando eu ou a força ou por meyo de estartagemas tivesse mettido casa de cada qual porem como assim não sucedeo antes pelo contrario o Povo continuou pedindo neste collegio bazarucada por cambo. me teria lugar para dizer, que eu lhe fiz favor lhe não fiz injustiça, e que por nenhum titulo estou obrigado a receber a dita

Digitized by Google

bazarucada. Nem eu mandey bater esta mueda para lhe dar logo o consumo; mas sim para que sendo a feita conservasse em caza, para poder depois acudir qualquer necessidade que podia sobrevir em tempo em que não fosse possivel a conducção da tutanaga e quando o mesmo povo não viesse a pedilla, eu me daria por satisfeito com que ella me ficasse em caza para os gastos domesticos: e com efeito por este mesmo motivo se não destribuhio a todos os que a pedião. Nem eu mandei vender bazarucada pellas ruas; nem convoquey ao povo para vir cambar neste collegio. E assim tenho respondido ao ponto de recolher a bazarucada. E só acressento que com outros meyos se pode e talvez se deve atender ao sucego e bem da Praça. Mas não he bem que passemos em claro o motivo que V. M.ª na sua carta me espressa para eu dever recolher a dita bazarucada que vem a ser o de ser ella feita sem intervenção desse nobre Sennado na forma (diz a mesma carta) da Provizão do Illmo. e Exmo. Sr. Dom Jeronimo de Azavedo V. Rei da India. He este hum ponto em que principalmente se funda toda a justiça que V. M.ª achão em eu recolher a bazarucada porem como o mesmo ponto se extriba em principios falliveis, menos he, do que parece a rezão: por quanto por esta eu tenho a certeza de que a dita Provizão só falla em mueda de cobre, que em certos, ou em certo tempo, se bateo talvez depois se suspendesse com ordem contraria. E por outra parte tenho por infallivel, que na dita Provizão se não determina, que não possa esta Administração bater mueda bazarucada e de tutanaga sem intervenção do nobre Sennado: antes acho no Livro da mesma Administração outra Provizão em que não he ao nobre Sennado mas sim a esta Administração concedeo o Illmo. e Exmo. Sr. Conde de Villa Verde V. Rey tambem deste Estado ordenando na mesma para bater mueda de bazaruco quando fôr necessaria e esta Provizão até agora não foi revogada e he muito posterior ao do Illmo. e Exmo. Sr. Dom Hyeronimo de Azavedo—por que alem de que todos sabem que o dito Illmo. e Exmo. Sr. Conde governou a India muitos annos depois das datas das duas Provizões se vê claramente que a dita Administração he setenta e oito annos mays moderna pois que a que está registada nesse nobre Sennado foi passada em 22 de Março de 1617 e a dita Administração foi passada em 18 de junho de 1695 o que exposto consta que eu não tinha obrigação de esperar intervenção do nobre Sennado para a factura da bazarucada quando o pouvo me representava haver necessidade d'ella e assim se me não deve fazer carga de a ter feito sem motivo e muito menos posso nem devo ser condenado em recolhella bem he que quando da factura ou do cambo da mueda se lega algum grande prejuizo a republica não poderia eu extranhar por parte do nobre Sennado se me fizesse antecedentemente algua representação nem deixaria de obedecer lhe quando me emsinuasse como necessario o bater esta mueda para o bem comum isto he o que se me offerece e fico sempre muito penhorado pelos preceitos d'esse nobre Sennado. D.ˢ G.ᵉ a V. M.ª m.ª ann.ˢ Collegio 23 de Abril de 1755. José de Andrade.

Outra carta do mesmo reitor

[1].....Diz esta carta que para se fabricar esta mueda (bazaruco) com cunhos novos foi necessario a intervenção do nobre Sennado, ca isto digo que confesso que para os novos cunhos e deminuição de pezo foi necessaria a intervenção do dito nobre Sennado, não por que a Administração com o nobre Sennado nem elle

[1] A primeira parte d'esta carta está illegivel.

Digitized by Google

com ella possão alterar ou diminuir, ou innovar cunhos de mueda por que isto he regalia dos Principes. E em cazos da necessidade o he tambem dos seus Lugares-tenentes: mas em circunstancias em que havia autualmente grande necessidade da mueda inferior e em que se não podia esperar determinação da corte foi necessario haver convenção com a republica para se poder fazer, o que em semelhantes cazos, e distancias permite o direito, e não concorreo esta intervenção porque carecesse d'ella esta Administração precisamente para a factura da mueda de bazaruco por que esta se lhe concede independente de intervenção algua, e só com a limitação de durar, só athe se ordenar o contrario. He verdade que não concede a dita provizão faculdade para se mudarem preços nem pezos e porisso no tempo em que se havia dar principio esta nova bazarucada se tomou para a deminuição do peso, novidade do preço sobre cunho o consentimento do nobre Sennado e tambem do Governador que então era Francisco Palerma de Souza e se ainda para a factura da mesma bazarucada sem respeito ao novo preço e ao novo cunho interveio o nobre Sennado não foi talvez, por que o padre Manuel Dias e quem lhe sucedeo requereo ao mesmo nobre Sennado no principio a sua intervenção nem pedisse licença para bater mueda. mas requereo o mesmo nobre Sennado ao dito P.e que mandace bater mueda de bazaruco para o meneyo necessario da cidade e que não bata para se dizer que a factura da pura bazarucada carecia da intervenção do nobre Sennado pois a mencionada Provizão lhe concede em casos de necessidade Licença, e assim nem o nobre Sennado deve intervir na factura da ordinaria bazarucada nem tambem deve nem pode mandar a mesma Administração a cantidade de dinheiro que se deve empregar na tutanaga para o effeito da mueda ainda que eu não nego que não possa representar em nome da republica que não convem em tal ou tal circunstancia para o bem comum haver bazaruco novo ou haver mais ou menos bazarucos. Fallo com mais clareza. Huma cousa é fazer-ce mueda e outra cousa é fazer-ce mueda de mayor ou menor preço do mesmo ou diverso cunho e de maior ou de menor pezo em materias que de sy tem ou não tem valor intrinsico. A primeira mueda em casos de necessidade pode fazer e a tem feito muitas vezes esta Administração. Mas a segunda mueda nem com a intervenção do nobre Sennado nem sem ella a pode fazer por que para isso lhe não tem dado os Principes previlegio algum, nem a dita Administração nem ao mesmo nobre Sennado e se elle o tem não pertendo impedir-lhe o uso delle: mas na suposição, de que o não haja, só nas circunstancias do tempo em que se deo principio a esta mueda nova olhado distancia dos lugares e perigo do demoramento se podia dispor o que se dispoz na materia da bazarucada. E como depois daquellas circunstancias e depois de feita e cambada a primeira bazarucada continuou o pouvo a frequencia deste Collegio pedindo mueda para o cambo por estar já estabelecida e admitida pello pouvo a dita nova mueda se mandou fazer algua pouca para satisfação do mesmo pouvo ao qual não tinha bastado a contia que o nobre Sennado determinou. E passado algum tempo se vio outra vez o concurso dos militares e de outros pedindo bazarucos nas portas deste Collegio a vista do que eu considerando que para o diante havia de ser mayor falta desta inferior mueda antecipadamente por ver que não acharia depois ocazião oportuna para o transporte da tutanaga a mandey vir e por não advinhar a futura concurrencia de bazarucada de fora mandey bater a mesma mueda já estabelecida e introduzida com universal concurso para poder achar com ella ao pouvo em circunstancias da necessidade. Dizem V. M.e que se for precisa para a factura da primeira bazarucada a inter-

Digitized by Google

venção do nobre Sennado, tambem era precisa a mesma para a outra que depois se fez; e a isto respondo, que suposto ter esta Administração licença para bater mueda de bazaruco, quando for necessaria e suposto ter já o pouvo acertada a nova mueda, que com algua deminuição e com novos cunhos com aprovação da republica e do governo da Praça sem contradição algua e suposto tambem que da forma da nova mueda se não segue prejuizo algum do comum nem ao particular não era preciza nova intervenção desse nobre Sennado. E se a mueda de que falamos não corre como na primeira carta de V. M. se expressa nas terras do inimigo por ser a dita mueda diminuta no pezo, he sem duvida que isto mesmo se pertendeo tambem quando em prezença de V. M.ᵉˢ, que como veridicos não negarão esta verdade se assentou, que se diminuisse o pezo e da carta para o P.ᵉ Manoel Machado se infere bem tudo isto. Alem de que amim me consta que esta mesma mueda corre nas terras do inimigo sem embargo da deminuição pouca ou muita do pezo para que quem toma semelhante mueda dando seus e feitos ordinariamente não olha para o pezo mas sim para o preço que lhe he totalmente intrinzico. Antes se quizermos falar em mais rigor esta mueda se não pode chamar geralmente demenuta por quanto a demenuição em alguas muedas he muito limitada e em outras das mesmas he nenhuma o que eu tenho observado pezando tres rodas antigas com tres rodas novas e não achey diversidade se bem que algumas pezão hum pouco menos mas a mesma diversidade se acha nas muedas de bazaruco antigo e bem duvido eu de que se algum dia a tutanaga fôr algua couza mais cara se possa tirar o gasto que se faz para sahir a bazarucada não havendo mais diminuição do pezo da mueda. E já eu disse que se o pouvo e os mercadores não queriaõ mais bazarucada nem a queriaõ com este preço e cunho devião requerer logo como já disse a suspenção da factura para que nem elles nem quem concorreo com os gastos ficasse com o prejuizo. Nem digão que ignoravao a factura da mueda para que evidentemente consta que elles o saberão e eu me quexo de que elles se callassẽ em tempo em que não faltava quem os induzisse. No tocante a admiração que V. M.ᵉ me significão acerca de eu contradizer os pontos que na provisão citada na penultima carta de V. M.ᵉ se contem digo que dexando de parte o que no Livro 1.º das reaes ordd. no tt.º 66 e no § 3 me permitia o direito não tem V. M.ᵉ tanto de que se admirem da minha resposta como da informação que me derão alguas pessoas que tem lido por vezes o Livro desse nobre Sennado os quaes assim como falarão verdade no tocante a permição de se fazer mueda de cobre e a revogação della a poderião fallar tambem no mais e me fez acreditallas a provizão desta Administração a qual alem de ser mais moderna não faz menção de algua outra nem mais antiga nem emcontrada: e mostrando estes fundamentos cheguey a duvidar e se na reprezentação de V. M.ᵉ haveria algua equivocação e não me expliquey daquella sorte por ignorar a honra de semelhantes Tribunaes, nem supor que elles custumão faltar a verdade nem tambem por que saiba que muitos Sennados cheguem a governar reinos e Imperios principalmente aonde não ha rey nem Imperadores de cujos exemplos estão cheyos os Livros e o mundo — e fico interado do contheudo da Provizão que V. M.ᵉ me remetem mais antiga do que a minha 78 annos e tão diversa da minha que aonde está de V. M.ᵉ limitada cotia. determina intervenção do nobre Sennado e restringe circunstancia só daquelle tempo, a minha concede a licença geralmente independente de qualquer intervenção e concede a faculdade de bater mueda de bazaruco com o mesmo preço athe se ordenar o contrario.

Digitized by Google

Ly a dita provizão maš das palavras della não descubro os indicios da descarga de consciencia que V. M.ª della me ensinuão: mas em pontos que jogão com a concieneia nem era necessario fallar aquella Provizão nem era precizo que V. M.ª com a sua interpretação me pertendessem ainda que sem efeito intimidar para que para saber dirigir a mesma concieucia e ainda as de outros me mandou a minha religião estudar Teologia por muitos annos e não me custou pouco o escapar da obrigação que ella me punha para ca publicamente a ensinar com tudo isto fico muito pronto para obedecer os preceitos de V. M.ª cujas pessoas DEos G.ª m.ª a.ª Collegio 28 de Abril de 1755. José de Andrade. cit. Liv. de reg. pg. 152.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Noticias numismaticas

1. Leilão de moedas e medalhas portuguesas e outras

A Casa Liquidadora de D. Maria Guilhermina de Jesus, Avenida da Liberdade n.^{os} 93 a 113, realizou leilões de uma collecção numismatica nos dias 5 a 12 de Janeiro de 1902.

As moedas portuguesas, brasileiras, visigoticas, romanas, arabes e algumas estrangeiras, em numero de 1:178, obtiveram preços superiores aos dos leilões transactos, realizados na mesma casa. As 492 medalhas portuguesas, contos, pesos, senhas e veronicas, foram vendidas por quantias que excederam a espectativa geral.

O catalogo [1], elaborado obsequiosamente pelo numismata o Sr. Manoel Joaquim de Campos, foi illustrado com uma estampa de desenhos representativos de alguns dos mais notaveis especimes. Alem de alguns numismatas portugueses, residentes no Brasil, fizeram-se representar e licitaram: a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, H. Nerong, de Hamburgo, J. Meili, de Zürich, J. Schulman, de Amersfoort, e a Universidade de Leiden. Assim se mostra que a numismatica portuguesa não deixa de prender as attenções dos amadores estrangeiros.

2. Catalogo do museu do Porto

O interessante *Catalogo das moedas da India e Africa portuguesas que possue o Museu Municipal do Porto,* em folheto de 36 paginas, formato em 4.º, 1901, foi mandado imprimir pela Camara Municipal

---

[1] *Catalogo de uma importante collecção de moedas portuguesas,* etc. Lisboa, s. d. (1901), in-8.º gr., 81 paginas.

Digitized by Google

da mesma cidade. O auctor, o Sr. Manoel Joaquim Pereira, guarda do Museu, descreve 96 exemplares indo-portugueses e 83 africanos com a seguinte distribuição, por metaes:

Moedas		Metaes				
		AV.	AR.	AE.	PL.	Total
India		4	44	41	7	96
Africa	Oriental	-	1	9	-	10
	Occidental	-	30	43	-	73
		4	75	93	7	179

X.

Candeias arabes do Algarve

1. Candeias de bronze

N-*O Arch. Port.*, v, 247–248, fallei da existencia de uma candeia metallica encontrada no Algarve, na freguesia de Cacella.

Aqui reproduzo o desenho (fig. 1.ª).

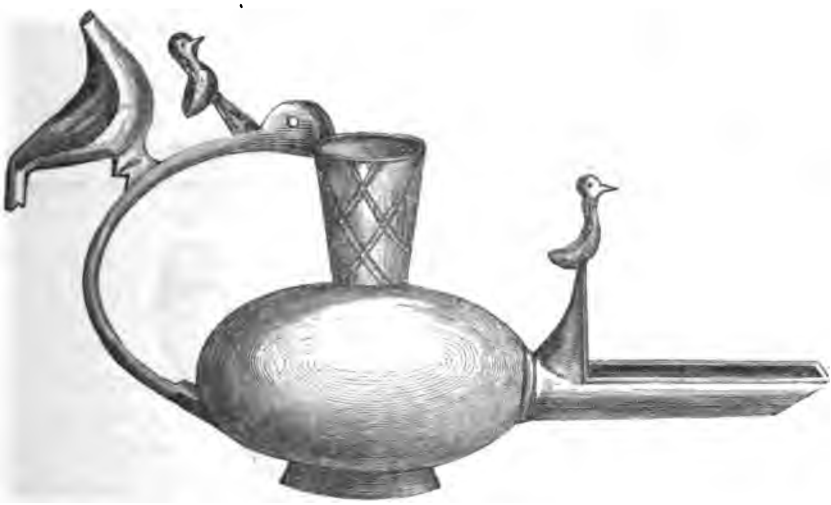


Fig. 1.ª — Candeia metallica de Cacella

A proposito d'esta candeia disse eu no citado artigo que ella devia ser da epocha visigotica, ou mais provavelmente da epocha arabe.

Digitized by Google

Posteriormente á publicação d-*O Archeologo* li na *Revista de archivos, bibliotecas y museos,* de Madrid, III (1899), pag. 7 sqq., um artigo do Sr. D. Rodrigo Amador de los Rios intitulado *Industria hispano-mahometana, — Lucernas ó candiles de cobre,* onde elle descreve e figura varios objectos semelhantes a este, e sobre cuja origem arabiga não póde haver dúvida, pois que alguns contêm inscripções arabes. Como mais semelhante ao do Algarve, é aquelle que reproduzo adeante na fig. 2.ª, que vem na estampa I d'esse artigo.

Fig. 2.ª — Candeia metallica de Hespanha

Fica assim averiguado que a candeia algarvia é da epoca arabe e não da visigotica.

*

A titulo de comparação, publíco tambem adeante um desenho (metade do tamanho natural) de uma candeia (ou candieiro) de bronze,

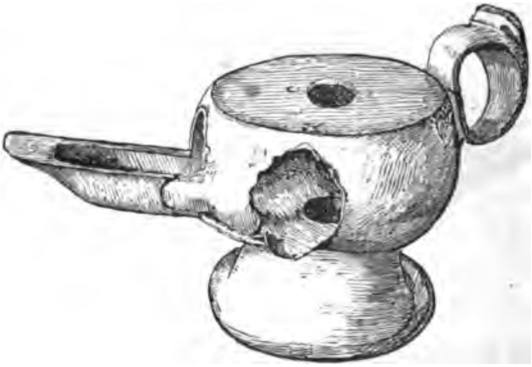


Fig. 3.ª — Outra candeia metallica de Cacella

Digitized by Google

proveniente igualmente de Cacella, e que o Museu Ethnologico possue por mercê da generosidade do Rev. P.e Jacintho Augusto Quintino, illustrado parocho algarvio (fig. 3.a).

Este objecto compõe-se de um deposito circular que tem inferiormente uma especie de collo oco mais estreito; adeante ha um bico de fórma do da candeia representada na fig. 1, o qual devia ter um companheiro, que já falta, existindo no logar d'elle um buraco. Os dois bicos não estavam parallelos, mas de modo que formavam angulo. Na parte posterior do depósito ha uma pequena asa, que é diversa das das duas candeias figuradas acima, mas que se assemelha a uma das representadas na *Revista de archivos,* pag. 13; esta asa parece estar mutilada, pois teria primitivamente qualquer prolongamento. O deposito tem, tanto em cima como em baixo, uma abertura circular, onde devia fixar-se um varão ou tubo metallico.

2. Candeias de barro

É frequente encontrar no Algarve (e no Alemtejo se encontram tambem não raro) candeias de barro arabes do typo representado adeante (fig. 4.a), segundo um exemplar existente no Museu Ethnologico, e proveniente da primeira d'aquellas provincias, de local indeterminado.

Fig. 4.a — Candeia de barro do Algarve

Este typo é, pois, commum: bico aberto e cannellado, que faz lembrar um bico de pato; deposito arredondado, de cuja parte superior se eleva o collo alto e estreito; asa redonda e grande, que une o collo ao deposito. O barro é pela maior parte das vezes branco, e ora é liso, ora vidrado, no todo ou em parte. Segundo o Sr. Amador de los Rios, no artigo ha pouco citado, são tambem de barro branco as candeias hispano-mahometanas encontradas na Andaluzia (pag. 8).

Aos exemplares de candeias arabes do typo indicado, possuidos pelo Museu Ethnologico, juntei ha tempo um exemplar raro e interessante,

Digitized by Google

pelo facto de ser ornamentado, e de se differençar dos outros no aspecto geral. Infelizmente está bastante mutilado. Figuro-o nas gravuras juntas (fig. 5.ª e 5.ª-A): a primeira representa o objecto visto de lado, a segunda o fundo ou base do mesmo[1].

Fig. 5.ª (vista de lado) — Candeia de barro de Silves

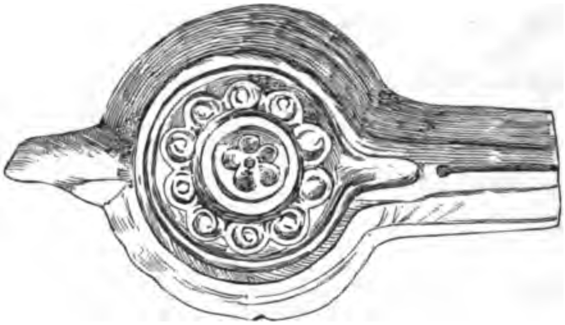


Fig. 5.ª-A — A mesma vista do fundo

Do bico e da asa só resta parte; o deposito tem a fórma de um tronco de cone, e apresenta em cima, perto do bico, um pequeno orificio, que corresponde ao collo nas outras candeias, e em frente d'esse orificio dois mamillos um tanto salientes. Na parte superior e inferior do deposito ha ornatos, como consta das gravuras: na parte superior e central uma rosacea dentro de uma cercadura formada de quatro arcos de circulo, que alternam com outros tantos angulos (como em certos reversos de moedas de D. João I), e tudo dentro de um circulo, vendo-se alem d'isso dentro dos arcos e em algumas das petalas da rosacea grupos de tres pequenos circulos dispostos em triangulo; na parte inferior

[1] Os desenhos que serviram para se fazerem as gravuras d'este artigo, com excepção da primeira e da segunda, foram executados sob a direcção do Sr. Jorge Collaço.

Digitized by Google

e central, tambem uma especie de rosacea, mas diversa da primeira, dentro de dois circulos, que a seu turno estão dispostos numa epicycloide em cujos arcos se vêem pequenos circulos. Dos lados do deposito partem sulcos que continuam no bico, e nelle se ramificam em parte. Esta candeia apresenta ainda vestigios de vidrado.—Provém de Silves, e fez parte da collecção archeologica do Dr. Teixeira de Aragão, que foi ha pouco tempo vendida e infelizmente dispersada.

J. L. de V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

487. Salhariz (Trás-os-Montes)

Torre feita pelos Mouros

«Se acha hũa Torre junto da Igreja que dizem foram feitas pellos mouros e tera de largor ou de ancho trinta palmos digno de altura que em outro tempo dizem fora munto mais alta e de largor terá seis palmos que hoje serue de caza em que rezide o cura que asima fica dito». (Tomo xxxiii, fl. 162).

488. Salvaterra de Magos (Estremadura)

Etymologia popular

«He o nome desta Terra, Salvaterra de Magos, cujo nome e cognome, ha noticia que o tomar dos feiticeiros que antigamente vierão desterrados para esta terra: porque, segundo narrão os mais antigos, herão estas partes humas montanhas, para as quais mandavão os Ministros do Santo Officio os feiticeiros, bem como agora os mandão para Castro Marim, e como o degredo para esta terra os livrava daquelles carceres estes mesmos lhe chamavão terra salva; sendo as primeiras partes aonde se virão cazas em esta terra feitas pellos tais, em hum citio a que chamão Magos por este sempre lá asistirem, ficando por esta cauza chamandoce Salvaterra de Magos». (Tomo xxxiii, fl. 231).

489 Sameiro (Beira)

Fonte e estrada dos Mouros.— Pia de marmore. — Machado de cobre. — Busca de thesouros

«Na serra neste Lemite da parte do Norte ha uma fonte de meyas ladeyras pera sima chamada a fonte dos moyros, a qual consta por tradissam que era de cantaria, mas nom ha hoje vestigios de tal cantaria por estar tudo entulhado e cuberto de matos, e defrontte da tal torre, distante hum tiro comprido de balla de espingarda aonde chamam o

Digitized by Google

Azinhal dos Moyros se acha huma pia em pedra marmore, que me dizem parece ser feita a pico, e neste azinhal andando hum moço guardando cabras haverá sinco ou seis annos a esta parte achou huma pica ou venabullo de metal amarello, que nam se sabe, se era bronze, ou se que era, porquanto a quebrou, e meteu em huma parede sem a mostrar a pessoa que podece destinguir o que era, e procurando a para se averigoar de que metal era a nam achou, isto me dice o mesmo moço que he homem de verdade; e do alto da serra athe o simo da fonte chamada dos moyros, vem huma estrada chamada a estrada dos moyros que se deviza mais de distancia de huma legoa por entre os Rochedos da mesma Serra, e toda esta estrada está cheya de pedras, que tem cahido da mesma serra, e coberta de mattos de argueyra; no simo desta estrada principia o corredor chamado o corredor dos moyros que está em todo o cume da serra neste lemite, no qual corredor está hum passeyo com seos assentos de pedra a maneyra de milheira, e de altura de tres palmos pouco mais ou menos, e de comprimento de des ou doze varas de medir e nam se deviza estes assentos se foram feytos por arte ou se sam naturais, as iuntas das toças estam direytas, e igoais como se focem tiradas á Regoa; e alguns feychos das toças passando eu por este sitio, vi levantados e tirados do seu lugar e procurando para que tirariam aquellas pedras? me responderão os companheyros qua era effetyo da coriosidade de alguns homens que tendo bom thezouro nos seos officios procuravão achar minas nos Rochedos, e procurando eu se tinhão achado alguma couza? me responderão, que só trabalho e dor». (Tomo XXXIII, fl. 270).

440. Sande (Entre-Douro-e-Minho)

Pena cobertoura. — Habitação dos Mouros

«Não ha serra digna de memoria. Pella parte do poente tem hum monte que entesta na freguezia chamado o pena cobertoura no alto com grandes penedos». (Tomo XXXIII, fl. 329).

«...hũa serra chamada a falperra que começa no monte de Santa Marta aspero e alto existe hũa Ermida da mesma Santa entre grandes penedos, dizem foi habitada de mouros». (Tomo XXXIII, fl. 321).

441. Sande (Entre-Douro-e-Minho)

Quatro sepulturas chamadas dos Quatro Irmãos. — Cidade Cytania

«Neste lugar de coatro Irmãos se vê para a parte do Norte na estrada que discorre de Guimarães para Braga coatro sepulturas de

Digitized by Google

pedra fina que se não sabe memoria certa das pessoas que nelas existem; por que huns dizem serem de coatro irmãos que tiuerão pendencias e que neste lugar se matarão hums aos outros; a mim me parece ser manifesto engano pela rezam de se verem as mesmas sepulturas com decencia para aquelles tempos pois se ademirão nas suas cabeceiras esculpidas Cruzes da Ordem de Christo; e com especialidade em tres delas deleniadas Espadas, e a vista disto me persuado ser isto do tempo dos Templarios e não dos coatro Irmaos que o vulgo affirma se matarão naquele citio». (Tomo XXXIII, fl. 334).

«Admirace nesta freguezia... o monte ou serra da Cidade Cytania que foy habitação dos Mouros». (Tomo XXXIII, fl. 335).

442. Sandim (Entre-Douro-e-Minho)

Supposta cidade de Eufrasia.— Torre

«He tradiçam antiga que na Casa de Sergude tinha principio a cidade de Eufrazia, e que continuando pello valle da freguezia abayxo chegauà ou pasaua a de S. Pedro de Jugueiros circumuizinho, a meia distancia de huma legoa.

No lugar de Passos tem huma torre que está coasi demolida e aroinada a qual se dis he de Andre Luis da Villa de Guimarães e hoie de seu genro D. Antonio de Alem Castro (*Lencastre*), porque antigamente nella recolhia as suas abultadas rendas, que tem nesta freguesia, que hoie lhe lebam os caseyros a villa de Guimarães a sua nuua caza chamada Villa Felor. No lugar da Torre desta freguezia se dis ouuera huma Torre de que hoie não ha bestigios, mas sim desta casa ou Torre procedeu a familia dos Sandes, que tomarão o nome da freguesia Sandim». (Tomo XXXIII, fl. 370).

443. Sanfins (Trás-os-Montes)

Fortalezas antigas.— Achado de moedas romanas.— Mina de ouro.— Mausuleu

«Tem o destrito desta freguesia duas Fortallezas antigas huma no destrito do lugar de Cheyres no sittio chamado o Castello que pella parte do occidente acerca o rio Pinham está quasi tudo desmantellado, e só pela parte do rio se vem alguns vestigios de muralha em huma rocha tam escarpada, que parece innacecivel athe as mesmas aves.

«O Castello chamado aqui vulgarmente de Santa Margarida esta no mais alto deste monte chamado Serra do Villarelho mostra ser obra grande no tempo antigo tem inda muros em partes de onze e doze palmos de alto e outras esta razo com a terra inda tem duas entradas para a fortaleza huma da parte do Norte outra ao poente,

Digitized by Google

mostra a largura da muralha ter nove ou des palmos, alem destes tem mais muros em circuito que occupavam meyo quarto de legoa em redondo a maior parte destes estam arruinados dentro da fortaleza principal esta hum monte de pedras, que mostra ser castello, tem mais junto aos muros alicerces de humas piquenas casas. Aqui tem aparecido algumas medalhas de prata que pela inscrição tinham *Cesar Augustus*, tem mais aparecido muytos tijollos lavrados que mostravam serem de algumas officinas e muytas medalhas de cobre». (Tomo XXXIII, fl. 382).

«Ha tradiçam que no sitio chamado a Silva se tirara ouro mas que por ordem da Magestade se mandara tapar». (Tomo XXXIII, fl. 383).

«No adro desta Igreia da parte do meyo dia onde esteve a Igreia velha está hum Mausulleu que tem sobre a pedra da sepultura a effigie de huma espada com hum arco de pedra lavrada por sima e dos lados guarnecido de cantaria lavrada, tem de comprimento desoito palmos e de largo oito». (Tomo XXXIII, fl. 384).

444. Sanfins da Castanheira (Trás-os-Montes)

Castro habitado pelos Mouros

«Ha tambem nesta ribeira (*de Mouce*) no termo da quinta de Parada desta freguesia hũa fortaleza com seus muros muitos já derrubados, chamada por seu nome o *Castro* que por tradição dos antigos se dis foi habitação dos Mouros». (Tomo XXXIII, fl. 390).

445. Sanhoane (Trás-os-Montes)

Madorras

«Ha tambem neste termo hum monturo de seixos grande com terra mesturados e em direitura no termo dito onde chamam a pena mosqueira estam outros dois a que chamam madorras nam se sabe para que faziam os ditos, dizem que deles dauam fachos nas guerras». (Tomo XXXIII, fl. 406).

446. Santarem (Estremadura)

Inscripções. — Casa subterranea

«No meyo desta Povoação de Alcaçova he que está fundada a Parrochial Igreja desta freguezia e da banda de fora da porta principal estão duas sepulturas razas as quais tem abertos nas lages os seguintes letreiros o primeiro diz assim por estas formais palavras:

ESTA SEPULTURA HE DE FERNÃO RODRIGUES
E DE SEUS HERDEIROS.

Digitized by Google

E o segundo diz:

SEPULTURA DO LICENCIADO FREY MANOEL DE SOUZA PARROCO QUE FOI DESTA IGREJA. PEDE HUA AVE MARIA.

E no adro estão duas pedras sepulcrais com as inscripçoins que se segue a que está da parte direita tem as letras que abaixo vão copiadas [1]. Quer dizer a inscripção desta sepultura segunda que está da parte esquerda da porta da Igreja [2]». (Tomo XXXIII, fl. 453).

Está a estatua (*de Santa Iria*) voltada para a parte da villa e na face do padrão que lhe corresponde se vê gravada a seguinte inscripção [3].

Por bayxo logo deste distico está gravado o escudo das armas da Villa de Santarem: e na outra face do padrão que corresponde ao meyo-dia se vê gravado o seguinte distico [4].

Tambem não encontro no cartorio o anno da fundação desta Igreja (*de São Martinho*) nem o tempo em que se erigio freguezia. Acho sim duas sepulturas que ainda hoje se conseruão huma do mestre Mendo cuja inscripção he o seguinte [5].

No adro da mesma Igreja está huma pedra Romana em que se lê o seguinte [6].

Outra se acha na capella mor com o Letreiro das seguintes palavras [7].

«O dia em que se lavrou a primeira pedra (*na reedificação de* (*S. Martinho* foi a 9 de Mayo de 1716 e em lugar mais superior em que se deitou a mesma pedra na parte esquerda sahe hum letreiro do theor seguinte [8].

«Consta que esta Ermida de S. João (de Alparão) he sagrada com cruzes pertencentes ao auto da sagração que se achão pelas paredes e Corpo da Igreja tem hum arco que divide a Capella mór, e a parte esquerda da Capella da mesma se acha hum Caixão que tem hum Letreiro com as seguintes palavras [9].

---

1 Já impressa no *Corp. Inscr. Lat*, II, 327.
2 Já impressa no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 328.
3 Já impressa em Vasconcellos, *Historia de Santarem*, I, 377.
4 Id., *ibid.*, I, 377.
5 Id., *ibid.*, I, 270.
6 Id., *ibid.*, I, 270.
7 Id., *ibid.*, I, 270.
8 Id., *ibid.*, I, 269.
9 Id., *ibid.*, I, 275.

Digitized by Google

Descobrem-se mais dois Letreiros muito antigos e já imperceptiveis os caracteres das Letras hum defronte do que asima vai ponderado, outro ao pé da pia da agoa benta a parte direita da porta principal esté o motivo porque não vão copiados nesta deliberação[1]». (Tomo XXXIII, fl. 502).

«Pertence aqui fazer menção de huma Caza chamada dos Mouros situada aonde chamão a Barroca de que já dei noticia ao intorrogario (*sic*) dessimo quarto pertensente ás Cazas do Ilustrisimo Conde de Obidos e he a dita caza subteranea fabricada de abobeda de tejolo muyto antigua e na entrada o portal he nobre de pedraria laurada, e he mais provavel segundo a tradição que achey nas memorias desta notauel caza em que concordão os curiozos das antiguidades que servia de Caza de refresco no tempo do Estio desta ilustre familia dos Condes de Palma e Obidos». (Tomo XXXIII, fl. 514).

«A primeira sepultura que se vê logo á entrada da porta principal desta Igreja (*do Santissimo Sacramento*) tem hum Padrão com a inscripção seguinte[2].

447. Santiago de Lanhoso (Entre-Douro-e-Minho)

Castello dos Mouros. — Inscripção que se não lê

«Pela parte de tras deste Templo no fim da rocha ou penedo está huma Torre ou Castello antiquissimo já de huma quina arruinado por cauza de hum rayo que ali cahio, cujo castello he uulgar tradiçam foy habitado por Mouros, quando povoaram este Reyno e caminhandosse mais pello pé delle para a parte do Norte se encontra huma praça por modo de Baluarte já aruinado em parte, e para a parte do Poente se vê huma porta feyta ao forte e com valentia aonde se acham varias letras nas pedras abertas que se ignora o que dizem, e encostado á porta virado ao Poente se acha hum Baluarte já em parte aruinado. A torre ou Castello he forte, e bem levantado neste Castello e seu circuito se meteo a Serenissima Rainha Dona Thereza, etc.» (Tomo XXXIV, fl. 625).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

---

[1] Nesta Igreja está hoje estabelecido um museu pouco florescente. *Ignoti nulla cupido.*

[2] Esta e as outras inscripções seguintes estão publicadas na *Historia de Santarem*, I, 249 e 250. Os parochos limitaram-se, quasi sempre, a transcrever da obra mencionada as noticias que tocavam ás suas freguesias.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno........................	1$500	réis.
Semestre....................	750	»
Numero avulso...............	160	»

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a Manoel Joaquim de Campos, MUSEU ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. VII — JUNHO DE 1902 — N.º 6

RECEIVED
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense: 129.
A situação da Heraldica em Portugal: 134.
Numismatica indo-portuguesa: 143.
Inscripção christã de Mertola do seculo vi: 144.
Antiguidades dos arredores de Setubal: 146:
Mosaico romano de Alcobaça: 146.
Archeologia de Trás-os-Montes: 149.
A xorca de ouro de Cintra: 155.
Notas de Archeologia Artistica: 156.
O Museu de Estacio da Veiga: 157.
Bibliographia: 158.

Este fasciculo vae illustrado com 10 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII — JUNHO DE 1902 — N.º 6

Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense

Na necropole prehistorica do valle de S. Martinho (Cintra), muito bem explorada pelo Sr. Maximiano Apollinario, e por elle descrita n-*O Arch. Port.,* II, 210 sqq., encontraram-se algumas sepulturas, de fórma interessante, que o Sr. Apollinario com razão comparou á das de Alcalar (Algarve). Eis aqui a planta das sepulturas de Cintra (fig. 1.ª).

As sepulturas de Alcalar, a que me refiro, constam de camara redonda abobadada e de galeria. A camara nas sepulturas de Cintra

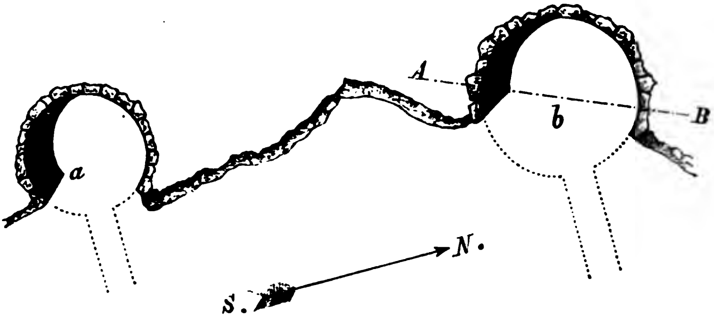


Fig. 1.ª — Sepulturas de Cintra

estava arruinada, e da galeria só tenues vestigios restavam. Para justificar melhor a comparação estabelecida pelo Sr. Apollinario entre os monumentos de Cintra e os do Algarve, aqui reproduzo, na fig. 2.ª, a planta de uma das sepulturas de Alcalar, segundo a gravura publicada nas minhas *Religiões da Lusitania,* I, 296, para onde tinha ido das *Antiguidades monumentaes do Algarve,* vol. III, est. III.

Digitized by Google

O Sul do nosso país apresenta varios outros typos semelhantes, como se póde ver no referido vol. das *Religiões*, p. 293 sqq. Comparaveis a estas sepulturas são de algum modo as grutas funerarias artificiaes de Palmella: *ob. cit.*, p. 229.

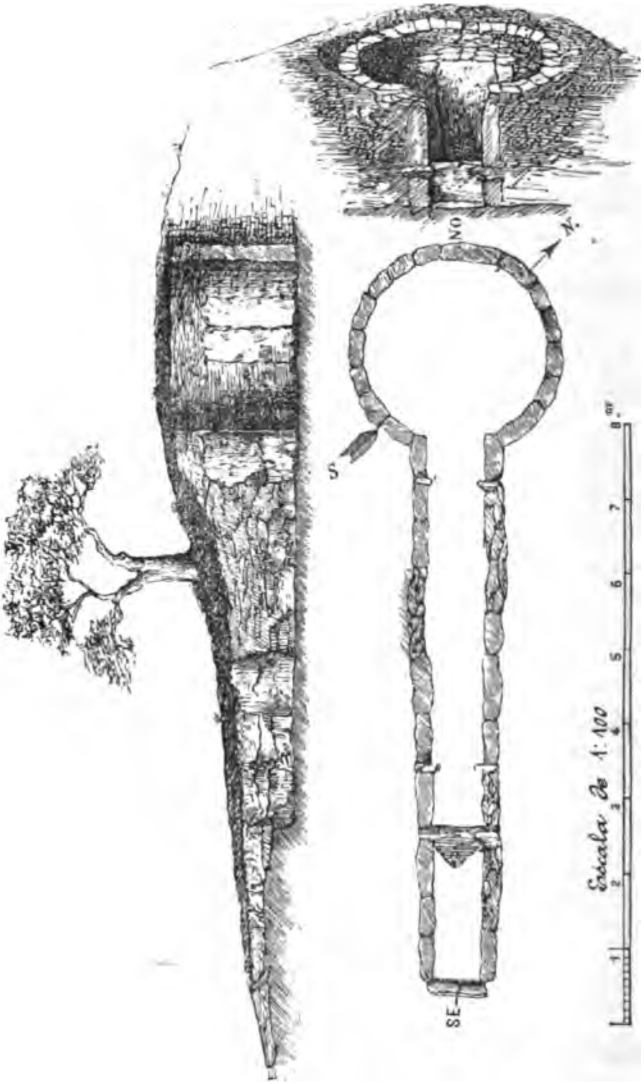


Fig. 2.ª — Sepultura de Alcalar (Algarve)

Póde ainda levar-se mais longe a comparação.

No vol. XXXVIII, Maio–Junho de 1901, da *Revue Archéologique*, p. 465, ao dar-se conta de um livro do Sr. Arthur Martin intitulado *Le tumulus de Tossen-ar-run en Yvias* (Costas do Norte), publica-se

a planta que, com a devida venia, reproduzo[1] na fig. 3.ª, e diz-se: «Le tumulus fouillé et publié par M. Martin nous donne un exemple

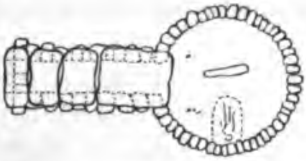


Fig. 3.ª — Sepultura de Yvias (França)

unique encore en Bretagne de caveau funéraire en forme de coupole. M. Martin rapelle à ce propos les tombes à coupole de Mycènes.

Fig. 4.ª — Sepultura de Mycenas (Thesouro de Atreu) — Córte

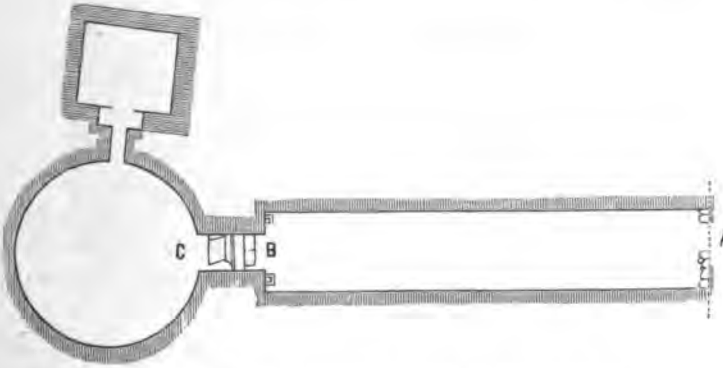


Fig. 4.ª — Sepultura de Mycenas (Thesouro de Atreu) — Planta

Les tumulus de l'Écosse, de l'Irlande et des archipels du nord de la Grande-Bretagne, avec leurs chambres voûtées en encorbellement,

[1] Os desenhos que serviram para a gravura das fig. 3.ª, 4.ª e 5.ª foram executados sob a direcção do Sr. Jorge Collaço.

Digitized by Google

fournissent des points de comparaison plus voisins. Le caveau n'a servi qu'à une seule sépulture». O mobiliario encontrado consistiu em instrumentos de pedra e em fragmentos de ceramica grosseira, mas talvez o tumulo já não contivesse na occasião da exploração todo o mobiliario primitivo.

Plantas, alçados e noticias dos tumulos gregos de cupula podem ver-se em Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art,* VI, Paris 1894, p. 396 (tumulo perto do *Heraeum,* ou templo de Hera, entre Mycenas e Argos), p. 406 (*Vaphio,* na Laconia), p. 418 (Eleusis), p. 453 (*Messara,* em Creta). Em Mycenas propriamente dita é famoso o tumulo conhe-

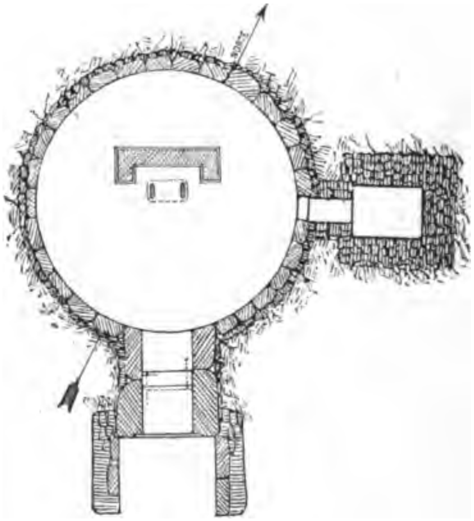


Fig. 5.ª — Sepultura de Orchómeno (Grecia)

cido pelo nome inexato de *Thesouro de Atreu;* dou aqui uma gravura (fig. 4.ª), que representa um córte e a planta d'elle, — extrahida do livro do Dr. Carlos Schuchhardt, intitulado *Schliemann's Ausgrabungen,* Leipzig 1891, p. 176[1].

Como se vê da planta, o tumulo consta de corredor ou δρόμος, de camara redonda e de uma pequena camara (quadrangular) lateral. Como se vê do córte, a camara principal é abobadada. As dimensões d'este tumulo são porém maiores do que as dos do Sul de Portugal. Diz Schuchhardt a respeito da construcção da crypta ou camara: que ella é formada de 33 fiadas circulares de pedras, collocadas horizontalmente

[1] Vide igualmente Perrot & Chipiez, *ob. cit.*, est. III.

Digitized by Google

umas sobre as outras, e que se vão successivamente apertando de baixo para cima, até que no topo a camara é fechada por uma unica pedra [1].

Nas camaras sepulcraes de Cintra o Sr. Maximiano Apollinario observou analogo processo de construcção: «cada fiada fórma sacada

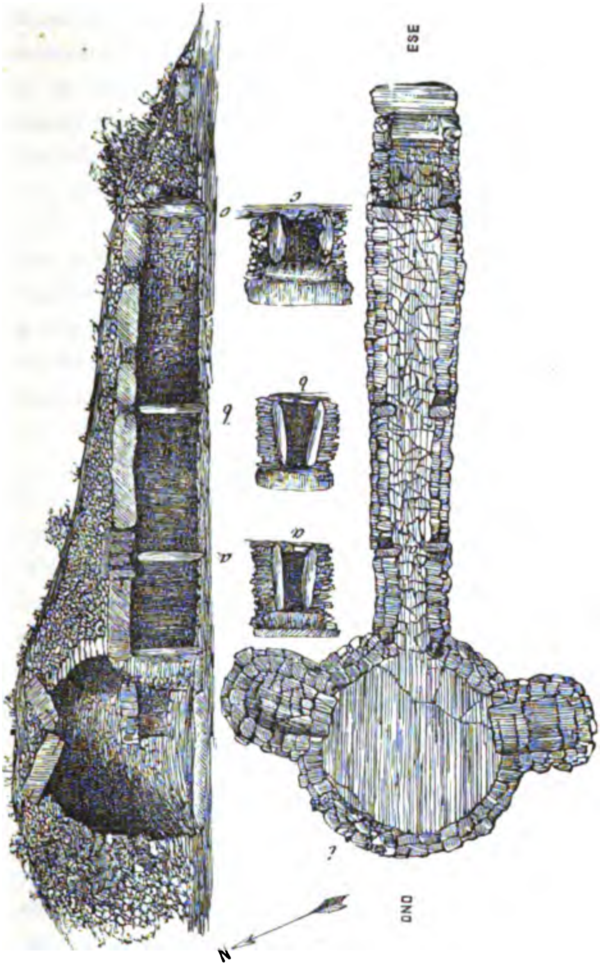


Fig. 6.ª — Sepultura de Alcalar (Algarve)

sobre a que lhe fica subjacente, de modo que o seu diametro interno diminue de baixo para cima, o que dá ao recinto a fórma de um tronco de cone» [2]. Cfr. tambem o que de Alcalar se diz nas *Religiões*, I, 302 sqq., segundo as observações feitas por Estacio da Veiga.

---

[1] *Ob. cit.*, p. 178.

[2] *O Arch. Port.*, III, 212.

Digitized by Google

Eis na fig. 5.ª a planta de mais um tumulo de cupula grego (de Orchómeno, na Beocia), reproduzida do livro já referido, de C. Schuchhardt, *Schliemann's Ausgrabungen*, p. 354[1].

Em Alcalar encontrou Estacio da Veiga tambem tumulos que, como o de Mycenas, acima descrito, tinham ao lado da camara principal uma ou mais camaras secundarias: *vid.* a fig. 6.ª, que extráio das *Religiões da Lusitania*, I, 303, segundo as *Antiguidades do Algarve* do mesmo auctor.

Taes tumulos tem bastantes analogias com os dolmens; não devem, porém, os do nosso país considerar-se como evolução local ou autochtone d'elles, em virtude dos parallelos que acima estabeleci. Pelo que toca á data, póde dizer-se que os tumulos portugueses pertencem ao fim da epoca neolithica e primeira idade dos metaes. Dos de Cintra diz o Sr. Apollinario: «Até ao estado actual das explorações, o mobiliario é neolithico puro; não se encontrou o menor vestigio de metal. Não podemos, porém, ainda affirmar que esta estação não pertença ao periodo de transição do neolithico para a epoca dos metaes, mas só o apparecimento de algum objecto de metal nos poderá legitimamente levar a essa hypothese»[2]. Posteriormente á publicação d'este artigo, o Sr. Manoel Joaquim de Oliveira, dono do terreno em que estavam os tumulos, encontrou nelle, por occasião de trabalhos agricolas, alguns objectos de cobre ou bronze, que, por amavel intervenção do Sr. Lopes Gonçalves, de Cintra, teve a bondade de offerecer ao Museu Ethnologico; a hypothese do Sr. Apollinario acha-se pois plenamente confirmada. Nos tumulos abobadados gregos, da civilização mycenense, tambem, como é sabido, se encontraram, ao lado de objectos de pedra e de ouro, objectos de bronze.

J. L. DE V.

A situação da Heraldica em Portugal

Em 1829 o rei de armas Portugal, Isidoro da Costa e Oliveira, com o fim de cohibir abusos que lhe prejudicavam mais o cofre pela carencia dos competentes emolumentos, do que provavelmente lhe offendiam a sciencia heraldica, dirigiu uma representação ou requerimento a D. Miguel, então rei de Portugal.

Em 1 de dezembro de 1829 foi recebido o requerimento no Tribunal do Desembargo do Paço, juntamente com um aviso do Ministro dos Negocios do Reino, que ordenava que a mesa consultasse o que

[1] E cf. Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, VI, p. 441.

[2] *O Arch. Port.*, II, 221.

Digitized by Google

lhe parecesse sobre o assunto. Em 5 do mesmo mês e anno mandou o Tribunal em portaria, que o desembargador corregedor do civel da côrte da 1.ª vara, o Dr. José Freire Gameiro, averiguasse o que havia de fundado no requerimento do rei de armas e informasse consequentemente.

Encetou o Dr. José Freire os seus trabalhos a 7 de janeiro do anno seguinte, nomeando escrivão das diligencias Antonio Maria de Sori. Aos 23 de janeiro foram ouvidas, em casa do juiz corregedor, para maior commodidade, quatro testemunhas de pequena qualidade, apresentadas pelo rei de armas, e passados logo a escrito os seus depoimentos, que corroboravam os ditos d'aquelle funccionario. Em 3 do mês seguinte informou o Dr. Gameiro a mesa que eram exactas as affirmações do requerente, mas que a este é que competia fiscalizar o que estava legislado sobre o assunto e querellar dos criminosos ou transgressores, ficando todavia superior á opinião d'elle informante o que fosse do *real agrado*. Logo no dia immediato ordenou o Tribunal que o Procurador da Coroa houvesse vista do informe do juiz; o que se verificou, conformando-se o Procurador com o parecer do informante.

Então a 18 de fevereiro, reunida toda a mesa, pareceu a esta o mesmo que ao juiz informante e ao Procurador; do que de tudo se fez consulta em 11 de abril, que o rei confirmou em 19 do mesmo. Assim terminou o processo sem que o rei de armas, que pretendia livre de cuidados fazer entrar em ordem os recalcitrantes, pudesse conseguir o seu desejo.

Não pretendo aqui enumerar as queixas do rei de armas nem tão pouco assignalar as numerosas leis existentes sobre armaria; só tomo a permissão de dizer que desde o tempo de Isidoro da Costa e Oliveira não tem cessado de augmentar o desconhecimento da existencia de repartição competente por onde se passam cartas de brasão, o que em verdade não seria grande perda, se com isso não estivesse soffrendo a archeologia portuguesa.

Até 1834, termo do *ancien régime*, á qualidade de nobre ou fidalgo era inherente certo numero de privilegios, que hoje, mercê do triumpho completo dos legistas, tem apenas valor historico. A lei moderna do Estado não reconhece, pelo menos de direito, nem separa, o nobre sequer, ou melhor o descendente do antigo nobre, do que o não é[1]. O distinctivo da nobreza, o signal que indicava o nobre, era o brasão. Se este tão vulgarizado estava em 1829, quando ainda eram vivas as

[1] Pretende-se fazer uma distincção entre *nobre* e *fidalgo*. Um *parvenu* póde ser nobre, mas não fidalgo (filho de algo). Nada d'isto porém encobre a realidade.

Digitized by Google

tradições de uma casta onde o Estado escolhia com mais frequencia os seus funccionarios, a ponto de muitas pessoas se ornarem com o escudo de armas, sem que no cartorio da nobreza ficasse noticia do facto, não é de estranhar no tempo presente, em que o rei de armas é uma cariatide da casa real, os amadores de titulos vetustos se envolvam em symbolos que, em tempos remotos, podiam ser mais custosos de alcançar.

Actualmente não é só o descredito, que a facilidade de usar brasões originou, o unico motivo da decadencia heraldica em Portugal: o peor inimigo que o escudo de armas attrahiu para si está occulto nas repartições de fazenda, sempre prestes a surprehender aquelle que por seus titulos nobiliarchicos se torna merecedor de suspeita. Dá-se o caso, a maioria das vezes, que áquelle não corresponde hoje uma posição pecuniaria independente, e nestas circunstancias a victima ha de declinar a sua situação, ficando baldado o intento fiscal.

Se o Estado por vezes intenta fazer progredir os estudos archeologicos e historicos, outras vezes, por falta de harmonia entre as diversas funcções d'elle, vae causando perda irreparavel em obrigar involuntariamente a desapparecer certos padrões de valor. Os empregados de fazenda, com paciencia louvavel mas melhor cabida em archeologos, formaram para uso proprio cadastros de todos os brasões de armas que se encontravam implantados em edificios particulares dentro dos circulos de cobrança, e com elles feitos pretenderam levantar dos respectivos proprietarios a contribuição sumptuaria. O apego á ostentação não foi tão forte que os lesados acceitassem de boa mente a intimação, e para se esquivarem a ella mandaram muitos d'elles apear das fachadas dos seus solares o escudo que lá lhes dava realce, o qual ainda por uma piedosa attenção, quer procurando melhores tempos, quer descanso final nos alicerces de qualquer edificio, ficou esperando a sua sorte nos pateos.

Porem não só os descendentes do fundador do edificio foram compellidos a exonerarem-se das respectivas pedras, ao que elles com um pouco de sacrificio escapariam: tambem proprietarios, que nada tinham de nobres, a cujas mãos vieram edificios brasonados, sendo-lhes primeiramente indifferente a existencia ou a não existencia de escudos nas portadas dos seus predios, tornando-se-lhes pesada, agora, a conservação d'aquellas recordações, que aliás lhes não pertenciam, não hesitaram em as retirar d'elles.

É certo que houve alguma commoção em certos circulos com estes factos, sem que com isso, porem, se chegasse a alcançar resultado apreciavel.

Digitized by Google

Resumindo estas considerações, pode-se affirmar que os dois fautores principaes da decadencia da heraldica em Portugal são os seguintes:

a) Desconhecimento da terminologia e da composição heraldica nacional, que se confunde com as estrangeiras, o que provém da falta de um forte poder central.

b) Pesados impostos sobre o uso dos brasões, o que provoca o emprego não auctorizado d'elles, quasi geralmente.

Uma secção importante da heraldica é a que trata das divisas das povoações. Tambem não existe aqui grande ordem.

É muito remota a permissão real concedida ás cidades e villas de usarem distinctivos, parecendo até ser constitutivo de um concelho o ter divisa. D. Dinis em 1302 deu a Borva, hoje Borba, *sina e sello*[1]. Foram-se constituindo depois concelhos aos quaes não foi concedida divisa no acto real ou se perdeu memoria do caso; um dia veiu uma camara que, attentando na falta, a procura remediar, mandando collocar escudos de phantasia nas bandeiras e nos edificios municipaes. Outras vereações mais honradas recorrem, como unica repartição competente, á Secretaria dos Negocios do Reino que lh'os faculta generosamente.

Existe um trabalho illustrado de Vilhena Barbosa, intitulado *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brasão de armas,* 1860 a 1862, onde porém o estudioso nem sempre encontrará o que pretende.

O Sr. Visconde de Sanches de Baena publicou, em 1872, um trabalho que intitulou *Archivo heraldico-genealogico:* ahi se contém a descripção de brasões de individuos de que houve conhecimento nos registos. No mesmo anno publicou um *Indice heraldico,* onde se descrevem os brasões de diversas familias. Tanto um trabalho como outro não possuem estampas.—Poderia ainda citar um importante trabalho sobre brasões, mas não está ainda completo nem é accessivel ao público, em virtude de ser edição reservada.

Seguem-se as peças do processo que se formou a requerimento do rei de armas:

Logar do sêllo da Causa Publica.—Senhor.—O Rey de Armas Portugal tem a honra de levar submissamente ante o Throno de Vossa Magestade a seguinte Reprezentação. Sendo a Nobreza hum firme, e

[1] *Chancellaria de D. Dinis,* III, 20. J. P. Ribeiro, *Dissert.,* III, 2.ª parte, 190.

Digitized by Google

inabalavel esteio do Throno, em que os Soberanos tanto confião, assim pelos seus Serviços nas Guerras, como vantagens na Paz, cumpre que ella se conserve intacta, seguida e jamais confundida, Alvarás de 23 de Novembro de 1616 de 13 de Novembro de 1651, e Ley de 3 de Agosto de 1770 in principio; e competindo a sua fiscalização e boa ordem ao Supplicante segundo o legislado na Ordenação Livro 5 Titulo 92 assim como dezignar a todos os Fidalgos e Nobres do Reino os seus Escudos de Armas, que só pelo Rey de Armas Portugal podem ser mandados illuminar, Ley de 8 de Abril de 1605, não podendo tão pouco impremir-se livros alguns de Armas e de familias, sem serem por elle revistos, Alvará de 11 de Maio de 1607; igualmente lhe compete vigiar que ninguem uze de Armas que lhe não pertenção, ou que nos Escudos se aumente, ou deminua alguma couza arbitrariamente; não pode o Supplicante ver sem dôr, no menoscabo destes Previlegios, e no desprezo das Leys, offendidas estas, e confundida a pura Nobreza, como hoje acontece; porque muitas pessoas, assim na Capital, como por todo o Reyno uzão, por hum intoleravel abuzo, de Armas sem lhe competirem, suppondo alguns que lhes basta ter seu Avô, ou Pay tido Brazão de Armas para logo delle se servirem e uzarem, sem previa Habilitação perante o Rey de Armas Portugal, e sem que este lhes dezigne em Diploma proprio, as Armas de que cada hum deve uzar com as respectivas differenças, conforme as Leys da Armaria recomendadas no citado Titulo 92 do Livro 5.º das Ordenaçoens: imaginando outros que podem aumentar, ou diminuir *ad libitum* as suas Armas, alterando por este modo a integridade dos seus Escudos; e uzando outros, finalmente de Corôas, quando aliás não pertencem a nenhuma das Altas Classes, e Gerarchias da Fidalguia aquem compete privativamente, esta Nobre Insignia, rezultando de todo o exposto acharem-se muitas Armas cheias dos mais notaveis erros da Arte Heraldica e Leys da Armaria apezar de ficarem sugeitos ás penas fulminadas na referida Ordenação Livro 5.º Titulo 92.

Sendo igualmente da privativa attribuição do Rey de Armas Portugal, como Fiscal da Armaria, o conceder as licenças para se levantarem as Armas Reaes, ou outras quaes quer, em Taboletas publicas, sem a qual ninguem as pode levantar, devendo os que o pertenderem, requerer com o Titulo do seu Previlegio, afim de lhes conceder a referida licença, que fica registada no Livro competente do Cartorio da Nobreza, o que não obstante, ninguem a exige. Em cujos termos— P. a Vossa Magestade se Digne dar promptas, e terminantes providencias—E. R. M.ce—O Rey de Armas Portugal, *Izidoro da Costa e Oliveira.*

Digitized by Google

R. com Avizo do Secretario de Estado dos Negocios do Reino do 1.º de Dezembro de 1829 para consultar o que parecêr.

Manda El Rei Nosso Senhor para o Dezembargador Corregedor do Civel da Corte da primeira vara informe com o seo parecer procedendo as averiguações necessarias. Lisboa 5 de Dezembro de 1829. — *Duas Rubricas.*

Cumpra-se e para Escrivam das delegencias precisas nomeio Antonio Maria Sori. Lisboa 7 de Janeiro 1830. = *Gameiro.*

Logar do sêllo da Causa Publica. — Autos de Requerimento feito immediatamente e Remetidos em virtude de Portaria do Tribũnal do Dezembargo do Paço para informe de Rey de Armas Portugal como nelle se declara.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil outocentos e trinta. Aos sete dias do mez de Janeiro do ditto anno nesta cidade de Lisboa e meo Escriptorio, Como Escrivão nomeado Authoei o Requerimento do Rey de Armas Portugal, Portaria e Despacho de cumprace que tudo aodiante se segue de que fiz este Termo que Eu Antonio Maria Sori o Escrevy.

Logar do sêllo da Causa Publica. — Aos vinte e tres dias do mez de Janeiro de mil outocentos e trinta em esta Corte e Cidade de Lisboa e Cazas de morada do Doutor Jozé Freire Gameiro Juiz Corregedor Proprietario da primeira vara do Juizo da Correição do Civel da Corte, onde Eu Escrivão de seo cargo vim e sendo o ditto Menistro ahi prezente por elle forão perguntadas e Imqueridas as Testemunhas que por parte do Recorrente Rey d'Armas Portugal lhe forão aprezentadas cujos seos nomes e dittos se seguem de que para constar fis este Termo que Eu Antonio Maria de Sori o escrevi.

José Vás de Carvalho e S. Payo segundo Escripturario da Contadoria Fiscal do Exercito, morador no Largo de S. Paullo, Freguezia do mesmo Santo, idade trinta annos Testemunha Jurada aos Santos Evangelhos e do costume disse nada.

E perguntado elle Testemunha pello contheudo no Requerimento feito a Sua Magestade pello Rey de Armas Portugal disse que sempre ouvio dizer desde que tem uzo de rezão que somente compete ao Rey de Armas mandar illuminár as Armas que a cada hum compete nos seos Brazoens segundo a geneologia dos Seos Ascendentes; Sendo outro sim verdade que muitas Pessoas uzão das Armas que os seus Antepassados tiverão pellos seos Brazoens sem de novo se justeficarem.

Digitized by Google

Hé tambem verdade que nesta Cidade se vem muitas Armas em Taboletas ás portas dos estanqueiros e de outros officios mecanicos com os letreiros que dizem «Prevellegiados da Caza Real» porem elle testemunha está persuadido que a illuminação destas e de todas as Armas competem ao Rey de Armas Portugal e mais não disse e assignou com o dito Menistro e Eu Antonio Maria de Sori o Escrevi.=*Gameiro*=*José Vaz de Carvalho e Sampaio.*

José dos Reis e Souza Reposteiro da Camera de Sua Magestade, morador na traveça de S. Joze Numero vinte e seis Freguezia das Merces idade de trinta e sinco annos Testemunha Jurada aos Santos Evangelhos e do costume disse nada.

E perguntado elle Testemunha pello Contheudo no requerimento feito a Sua Magestade pello Rey de Armas Portugal disse que sempre tem ouvido dizer desde que tem uzo de rezão que Somente Compete ao Rey de Armas mandar illuminar as Armas que a cada hum compete nos seos Brazoens segundo a Geneologia dos seus assendentes sendo outro sim verdade que muntas pessoas uzão das Armas que os Seos Antepassados tiverão pellos seos Brazoens sem de novo se justeficarem. He tambem verdade que nesta Cidade se vem muntas Armas em Taboletas ás Portas dos Estanqueiros, e de outros officios mecanicos com os letreiros que dizem «Prevellegiados ou da Caza Real» porem elle testemunha está persuadido que a illuminação destas e de todas as Armas competem a o Rey de Armas Portugal e mais não disse e assegnou com o ditto Menistro e Eu Antonio Maria de Sori o Escrevi.= *Gameiro*=*José dos Reys e Sousa*

Raimundo Jozé Gomes da Silva Escripturario em exercicio na contadoria das Ilhas Adjacentes e Dominios Vltramarinos, morador na Rua de S. Jullião e da mesma freguezia idade quarenta e seis annos Testemunha Jurada aos Santos Evangelhos e do costume disse nada.

E perguntado elle testemunha pello contheudo no Requerimento feito a Sua Magestade o Senhor Rey Dom Miguel primeiro pello Rey de Armas Portugal disse que sempre ouvio dizer desde de que tem uzo de rezão, e mesmo por [que] o Avo delle Testemunha ter sido Escrivão da Nobreza, que Somente compete ao Rey de Armas Portugal mandar illuminar as Armas que a cada hum compete nos seos respectivos Brazoens, segundo a Geneologia dos Seos Ascendentes, Sendo igualmente verdade que muitas Pessoas uzão das Armas que os Seos Antepassados tiverão pelos seos Brazoens sem de novo se justeficarem, Hé outro sim certo que nesta Corte se vem muntas Armas em Tabo-

letas ás Portas dos Estanqueiros e de outros Officios Mecanicos com os letreiros que dizem «Prevelegiados ou da Caza Real» porem elle testemunha está persuadido que a illuminação destas e de todas as Armas competem ao Rey d'Armas Portugal e mais não disse e assignou com o dito Menistro e Eu Antonio Maria de Sori o escrevi. = *Gameiro* = *Raimundo José Gomes da Silva.*

Caetano Vás Carvalho e São Paio Ajudante do Sacretario da Junta dos Juros dos Reaes Emprestimos, morador no largo de São Paullo e da mesma Freguezia idade trinta e quatro annos Testemunha Jurada aos Santos Evangelhos e do costume disse nada.

E perguntado elle Testemunha pello contheudo no requerimento feito a Sua Magestade Fedelissima o Senhor Rey D. Miguel primeiro, pello Rey de Armas Portugal disse que sempre ouvio dizer desde que tem uzo de Rezão que somente compete ao Rey de Armas mandar illuminar as Armas que a cada hum compete nos seos respectivos Brazoens Segundo a Geniologia dos Seos Ascendentes sendo outro sim verdade que muntas Pessoas uzão das Armas que seos Antepassados tiverão pellos seus Brazoens sem de novo se justeficarem; Hé tambem verdade que nesta cidade se vem muntas Armas em Taboletas ás portas dos Estanqueiros e de outros officios Mecanicos com os letreiros que dizem «Prevelligiados ou da Casa Real» porem elle Testemunha está persuadido que a illuminação destas e de todas as Armas competem ao Rey de Armas Portugal e mais não disse e assignou com o dito Menistro e Eu Antonio Maria de Sori o escrevi. = *Gameiro* = *Caetano Vaz de Carvalho e Sampaio*

E os faço concluzos Antonio Maria de Sori o Escrevy.

Senhor. — Manda Vossa Magestade que informe com a minha opinião o requerimento que levara a Augusta Prezença de Vossa Magestade o Rei de Armas Portugal em q pede providencia ao grande abuzo de que cada hum a seo aprazimento sem as formalidades e requezitos precisos uzão nos seus Escudos de Armas que lhes não pertencem, e as alterão, ou já pertencendo-lhes as não illuminão por elle Rei de Armas, assim como allevantarem Armas Reaes ou outras quaisquer em Taboletas publicas sem licença sua, alem de outros abuzos mais, que em seu requerimento accusa em menos cabo das Leis da Armaria. A justificação prova os abuzos de que trata o requerimento mas achandose muito miudamente Legislado para os casos em questão na ordenação do Livro 5 titulo 92 só me resta o arbitrio de lembrar que sendo o

Digitized by Google

Rei de Armas Portugal, a quem compete fazer as declaraçoens precisas acerca d'objecto de que se trata, e como tal hum Fiscal dos abuzos, deve exigir o competente titulo do sugeito, de quem desconfiar ou souber que uza individamente d'Armas que lhe não competem, ou comprehendido em algum dos outros casos, que accusa, e achando-o comprehendido requerer a Authoridade competente para lhe formar culpa em conformidade da Legislaçam do Livro 5 titulo 92 que mui circunstanciada e decisivamente Legislara a este respeito. Esta a minha opinião Mas Vossa Magestade Resolvera o que for do seo Real agrado: Lisboa 3 de fevereiro 1830.=O Dezembargador Corregedor do Civel da Corte da primeira vara, *José Freire Gameiro.*

Haja vista o Procurador da Coroa Lisboa 4 de fevereiro de 1830.= *Duas rubricas.*

O Recorrente Rej de Armas Portugal não pede Providencia detriminada, mas indetriminada para cazos que possão acontecer á maneira dos que tem acontecido; e me persuado que uzando elle do direito que unicamente lhe compete pello § 2.º da Orden. Liv. 5 titulo 92 e do modo que pondera o Informante com quem me conformo não ha mister e escusada será outra alguma Providencia, que ao Recurrente não pertence requerer.= *Uma rubrica.*

Pareceu a Meza conformando se com o juiz informante, e com o que pondera o Procurador da Coroa, que havendo na Lei providencias estabelecidas para se atalharem os abuzos de que o Supplicante se queixa nenhuma outra se carece dar, e se torna portanto ociosa e inattendivel a Supplica do recorrente bastando-lhe fiscalizar a observancia da Lei. Lisboa 18 de Fevereiro de 1830.=*Sete rubricas.*

Fez Consulta em 11 de Março de 1830[1].

PEDRO A. DE AZEVEDO.

---

[1] Archivo Nacional, *Desembargo do Paço, Côrte, Estremadura e Ilhas*, maço 1573, n.º 4.º A consulta apresentada a D. Miguel foi assignada pelos seguintes sete desembargadores: Gomes Ribeiro, Ferrão, Lencastre, Teixeira Coutinho, Arriaga, Bastos e Pedrosa. Á margem da referida consulta, que é escrita em bella calligraphia e constitue um resumo do processo que fica impresso, razão pelo que se não publica, está o seguinte despacho de D. Miguel: «Como parece á Mesa. Palacio de Queluz aos dezanove de Abril de mil oitocentos e trinta.=M. R. (*Miguel, Rei*)». *Desembargo do Paço, Côrte, Estremadura e Ilhas,* maço 2153, n.º 126.

Digitized by Google

Numismatica indo-portuguesa

Com a devida venia transcrevo da *Revue belge de Numismatique*, LVIII, 1902, pag. 214, a seguinte apreciação feita pelo Sr. Julio Meili, de Zürich, ao livro do Sr. Manoel Joaquim de Campos intitulado *Numismatica Indo-Portuguesa*, publicado em Lisboa em 1901. Não sómente é lisonjeiro para Portugal o serem apreciadas lá fóra com louvor, por especialistas competentes, os trabalhos emprehendidos com consciencia por compatriotas nossos, mas é-o tambem em particular, no caso presente, para *O Archeologo*, por se tratar de dois numismatas que tem honrado com a sua collaboração as paginas d'esta revista.

J. L. de V.

A l'occasion des fêtes du IV^e^ centenaire de la découverte du chemin maritime aux Indes orientales par le navigateur portugais Vasco da Gama, qui eurent lieu à Lisbonne en mai 1898, M. Manoel Joaquim de Campos y fit, dans les salons de la Société de Géographie, dont il est membre, une exposition de sa belle collection de monnaies indo-portugaises. Maintenant M. Campos vient de publier, dans les *Bulletins* 4 à 7, 18^e^ série, de la dite Société de Géographie, sous le titre de: *Numismatica Indo-Portuguesa,* le catalogue détaillé et raisonné de sa collection de 568 pièces. Ce catalogue, imprimé par la «Imprensa Nacional» de Lisbonne, forme un volume de 256 pages et représente vraiment un travail de mérite, qui est non seulement très intéressant par la description minutieuse des pièces de la collection de M. Campos même, mais bien aussi par les informations instructives que l'auteur a pu nous donner par suite de son examen de trente-six collections analogues, publiques et privées, dont il cite les noms. Pour se mettre en état de trancher des doutes sur beaucoup de points qui, jusqu'à présent, étaient mal définis, M. Campos a pris la peine de procéder à l'examen de tant d'autres collections et il a, certes, contribué à éclaircir un bon nombre de questions. Il est vrai du reste, M. Campos le confesse lui-même, qu'il reste encore beaucoup d'ouvrage à faire pour arriver à dissiper toutes les ténèbres qui planent sur ce terrain, mais il faut espérer que sa belle publication fera revivre davantage l'intérêt particulier que mérite la numismatique indo-portugaise, dont les éléments datent leur naissance du commencement du siècle des découvertes.

J. Meili.

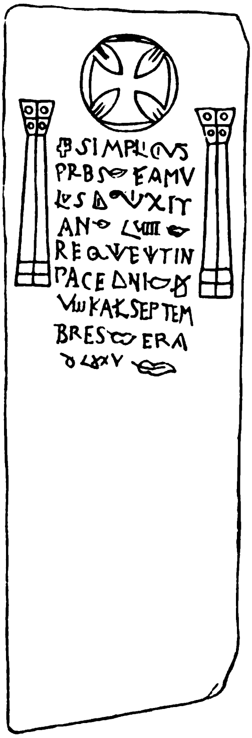
«E porque sou e sempre fui amigo de brevidade, em nenhũa das cousas que vos contar serei prolixo».

Fr. Amador Arraiz, *Dialogos*, II, fl. 104, ed. de 1604.

Digitized by Google

Inscripção christã de Mertola do seculo VI

A inscripção de que vou fallar já foi publicada por E. Hübner na sua obra intitulada *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum,* Berlim 1900, p. 12, mas, como por um lado a estampa e o texto que Hübner deu d'ella estão imperfeitos, e como, por outro lado, esta inscripção já não existe infelizmente em Portugal, reproduzo-a aqui, segundo uma photographia que o meu amigo o Sr. João Manoel da Costa me offereceu. A mesma inscripção saiu tambem n-*O Arch. Port.,* I, p. 181, com algumas imperfeições.



Lapide de marmore, de 1^{m},40 de altura, de 0^{m},48 de largura, e de 0^{m},04 de espessura, encontrada em 1886 ao pé da igreja do Carmo, no quintal de Manoel de Oliveira. Estas informações foram-me dadas tambem pelo Sr. Costa, que viu e examinou o monumento com todo o cuidado.

A inscripção está gravada, em parte, entre duas pilastras com base e capitel, sendo este ornamentado com quatro pequenos circulos. Por

Digitized by Google

cima da inscripção ha uma cruz de braços iguaes inscripta num circulo, e cantonada por dois pequenos traços ornamentaes,—cruz semelhante á dos Templarios e ás de consagração dos templos.

A inscripção, depois de desfeitas as abreviaturas e de separadas as letras que estão inclusas noutras, diz:

☧ *Simplicius presb(yter), famulus D(e)i, vixit an(nos)* LVIIII; *requievit in pace D(omi)ni die* VIII *kalendas Septembres era* DLXXV.

Notas ao texto:

L. 1. O monogramma pelo qual começa a inscripção, e que se distingue na photographia, falta no texto de Hübner. Este monogramma alterna frequentemente nas inscripções christãs com est'outro: ☧. Taes monogrammas chamam-se *chrismas*. Ora apparecem inscriptos em circulos, ora vem sós; tambem ás vezes tem aos lados um *alpha* e um *omega*. Existem d'elles muitas variedades.—O nome *Simplicius*, derivado de *simplex*, parece representar a ideia de humildade christã, ideia que se exprime não raro, por varios modos, nesta classe de inscripções.

L. 2. A respeito da abreviatura PRBS, diz Hübner, *loc. cit.*, p. 12, nota, que lhe parece ter sido escrita por êrro. Ao sabio epigraphista escapou que tal modo de escrever se encontra noutras inscripções da mesma epocha, por ex.: CARVSVS PRBS QVI FVIT AD DEI OFFICIO PARATVS [1]; e tambem: HIC REQVIISCIT IN PACE ANICITIANVS VB PRBS. SCAE COM. AECL [2]. Nellas a abreviatura PRBS significa *presbyter*, e eu não estaria muito longe de crer que representará uma fórma popular **presbyterus*, deduzida do genetivo *presbyteri*, fórma que de mais a mais corresponderia á grega πρεσδύτερος (comparativo de πρέσδυς).

L. 3. Hübner escreveu por extenso *Dei*, mas o texto sòmente contém D com I incluso; por isso pus na minha transcripção o *e* entre parenthesis.

L. 6. Nesta linha o D, atravessado por um traço, significa *die*. Falta no texto de Hübner.

Esta lapide, pela sua antiguidade, pois é do anno de 537, correspondente á era de 575, indicada na inscripção, e pelos desenhos que contém, constitue interessante documento historico da antiga igreja myrtiliana, e igualmente uma amostra da arte esculptural d'aquelles tempos. Pena é que ella não esteja no Museu Ethnologico, onde existe a maior parte das lapides christianò-medievaes de Mertola!

J. L. DE V.

---

[1] Le Blant, *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*, t. II, Paris 1856, pag. 9.

[2] Le Blant, *ibidem*, numa nota a pag. 433 (inscripção de Como, na Italia).

Digitized by Google

Antiguidades dos arredores de Setubal

2. Povoação romana de Alferrar

Com esta epigraphe escreveu o Sr. Márques da Costa n-*O Arch. Port.,* II, 10, uma notícia circumstanciada do local, e dos vestigios romanos que nelle se encontram, por fórma tão verdadeira, que acho ocioso fazer nova descripção, pois esta não seria mais do que a repetição do que aquelle senhor disse.

Portanto limito-me a juntar a notícia do achado de duas moedas imperiaes de cobre, e de um fragmento de vaso de barro saguntino ornamentado, de que dou gravura, segundo uma photographia.

Setubal, 1901.

Arronches Junqueiro.

Mosaico romano de Alcobaça

No dia 24 de Abril de 1902 recebi o seguinte telegramma do Sr. Vieira Natividade, de Alcobaça: «*Venha já. Mosaico romano risco perder-se. Urgente*». Enviei a Alcobaça, na tarde d'esse mesmo dia, um empregado do Museu, para se informar do que se passava, e tomar as providencias que fosse possivel tomar.

No dia 25 chegou-me um officio do Sr. Administrador do concelho de Alcobaça, sobre o mesmo assunto.

Do que li nesse officio, e do que me contou o empregado do Museu que foi a Alcobaça, vim a saber que no campo de Pedrógão, junto da aldeia da Póvoa, freguesia de Cós, concelho de Alcobaça, havia apparecido um mosaico romano digno de conservação e estudo.

Depois de ter escrito ao Sr. Administrador do concelho e ao Sr. Vieira Natividade, agradecendo-lhes as suas communicações, e dizendo-lhes o mais que julguei a proposito, parti eu proprio para Alcobaça em 29 de Abril, levando em minha companhia o Sr. Julio Garcia,

Digitized by Google

conductor de obras publicas em serviço no Museu Ethnologico. No mesmo dia, de tarde, fui, com os Srs. Natividade e Garcia, ao local do apparecimento do mosaico.

Este occupa uma area de uns 100 metros quadrados, e acha-se a uns 0^m,8 abaixo do solo actual. Não está ainda todo descoberto. O mosaico é polychromico: tem ao centro, inclusa num circulo, como em um medalhão, uma cabeça humana ou divina, com coroa radiada, e em volta muitas figuras, como animaes, um vaso de flores, etc., e tambem desenhos geometricos[1].

Alem do seu valor geral como documento artistico, o mosaico tem, em particular, muito merecimento historico e archeologico, já porque se relaciona com outras antiguidades romanas, algumas da mesma especie, apparecidas por toda aquella região (Alcobaça[2], Porto de Mós[3], Leiria[4]), já porque são muito poucos os mosaicos que, em troços grandes como este, e de mais a mais com figuras, existem em Portugal.

Parece-me, pois, da maior conveniencia e urgencia o seguinte:

1.º que este mosaico seja considerado monumento nacional,—porque, se o não fôr, e com toda a brevidade, corre

---

[1] Por ora não pódo fazer-se do mosaico descripção minuciosa, pois, como disse, não está ainda todo descoberto.

[2] Das antiguidades romanas de Alcobaça se encontram já algumas noticias em Fr. Bernardo de Brito, *Mon. Lus.*, parte I, liv. III, c. XI, e em Viterbo, *Elucidario*, I, s. v. «Alcobaça»: o tumulo romano a que elle se refere, e que é do seculo III da E. C., acha-se hoje no Museu Archeologico do Carmo. Cfr. tambem: Hübner, in *Monatsbericht der Königl. Akad. des Wissensch.*, 1861, p. 772; *Corp. Inscr. Lat.*, II, 351 sqq.; *Boletim* dos Archeologos do Carmo, I, 8; e *Museu Español de Antigüedades*, II, 235. O Sr. Vieira Natividade possue varios objectos d'essa epoca na valiosa collecção archeologica que organizou em sua casa, em Alcobaça: vid. do mesmo: *Roteiro archeologico dos coutos de Alcobaça*, 1891, e *As grutas de Alcobaça* (extr. da *Portugalia*, t. I, fasc. 3), onde vem algumas noticias das antiguidades romanas; e cfr. *O Arch. Port.*, I, 104, e V, 79.

[3] Monumentos romanos de Porto de Mós (inscripções, objectos de barro e de ferro, moedas, etc.) encontram se na collecção particular do Sr. José Callado, outro estudioso da archeologia local. No castello d'aquella villa ha ainda hoje duas inscripções romanas. Cfr. tambem *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5237 sqq. No Museu Ethnologico existem alguns objectos de lá, offerecidos pelo Sr. Callado.

[4] Leiria é a antiga *Collippo*, de que falla Plinio (*Nat. Hist.*, IV, 113) e de que restam inscripções romanas. No castello ha ainda hoje bastantes inscripções, e uma d'ellas, pelo menos, muito importante: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 36 sqq. Ha annos appareceu ao pé da cidade um optimo mosaico romano, que actualmente se conserva no Museu Ethnologico: vid. *O Arch. Port.*, V, 330. Já antes do apparecimento d'este tinham apparecido outros: vid. *Archivo Pittoresco*, I, 125, e *Boletim* dos Archeologos do Carmo, I, 24.

Digitized by Google

risco de se perder completamente, em virtude do notorio vandalismo do nosso povo [1];

2.º Que o respectivo terreno seja expropriado por utilidade publica,—no que não se gastará quantia superior a 50$000 réis;

3.º Que em volta do mosaico se construa um edificio que o defenda da acção nefasta dos agentes naturaes, e da barbárie dos homens,—o que não causará despesa superior a 100$000 réis,—podendo a chave d'este edificio ser entregue a qualquer das auctoridades parochiaes da localidade.

Assim se fará obra meritoria, em beneficio da sciencia, e se dará exemplo e lição ao público, mostrando-se-lhe que os monumentos archeologicos devem ser conservados, e que as estações officiaes cuidam d'isso competentemente.

É possivel que de uma excavação realizada nas vizinhanças do mosaico, por occasião da construcção do projectado edificio, resulte o descobrimento de outras antiguidades. Pelo campo se encontram agora, á superficie do chão, restos de *imbrices*, fragmentos de *opus Signinum*, etc. Os objectos importantes, por ventura lá descobertos no futuro, poderiam ficar reunidos dentro da casa, ao pé do mosaico.

Já n-*O Archeologo Português*, v, 200, por occasião de fallar do mosaico apparecido em Tralhariz, —que não sei em que estado se acha hoje,—, citei um exemplo de conservação de um mosaico *in loco*, na Allemanha. Em todos os paises civilizados se dá, effectivamente, grande apreço aos mosaicos: eu tenho-os visto conservados e resguardados com todo o carinho em varios museus, como nos de Barcelona, Madrid, Paris, Lião de França, Berlim, Dresde, Colonia, Tréveros,—para não citar outros. Alguns d'estes mosaicos vem reproduzidos, em ponto pequeno, nos catalogos, como no *Catalogue sommaire des musées de la ville de Lyon*, pag. 205, e no *Catalogo del Museo provincial de antigüedades de Barcelona*, 1888, pag. 103. Sobre os mosaicos de Tréveros ha mesmo um trabalho especial, intitulado *Römische Mosaiken aus Trier und dessen Umgegend*, por Wilmowsky, 1888, com magnificas estampas.

Um dos mosaicos lusitano-romanos, de que fallei a cima, na nota a respeito de Leiria, mosaico muito interessante, a julgar da figura e des-

---

[1] É sabido como, por exemplo, os bellos mosaicos romanos de Milreu, ao pé de Faro, tem sido pouco a pouco destruidos por quem lá vae para os ver! Cfr. *O Arch. Port.*, IV, 223.—D'estes mosaicos até já chegaram fragmentos a Leiden! Ahi encontrei eu um ou dois, no Museu Archeologico, em uma das minhas viagens á Hollanda.

Digitized by Google

cripção que vem no citado volume do *Archivo Pittoresco* (1857–1858), consta-me que foi levado para Inglaterra,—certamente por pessoa mais cuidadosa da nossa archeologia do que nós proprios. Num artigo publicado no periodico inglês *Illustrated London News*, de 2 de Agosto de 1856, acêrca d'esse mosaico, e reproduzido no *Archivo*, diz-se o seguinte, depois de se fallar do apparecimento e trasladação de outro mosaico, de Cirencester: «Muito fôra para desejar que num país, como Portugal, onde tantos vestigios das artes romanas se acham indubitavelmente enterrados no chão, se olhasse com igual desvelo para os restos da antiguidade, e se fizessem as necessarias diligencias para se estudar a sua historia, e segurar a sua boa conservação; mas infelizmente, por effeito da ignorancia provinciana, taes reliquias, quando por acaso se tem encontrado, hão sido descuidosamente destruidas, para se satisfazer a algum fim immediato».

Palavras tão desoladoras não podem ter applicação no caso presente; é por isso que, tanto ao Sr. Vieira Natividade, que, segundo já vimos a cima, cultiva com affecto e proveito a archeologia lôcal, como ao Sr. Francisco Eliseu Ribeiro, digno Administrador do concelho de Alcobaça, devem tributar-se muitos louvores pelo interesse e calor que tem tomado nesta cruzada da salvação do mosaico da Póvoa de Cós. Oxalá ella obtenha o resultado que se espera!

Lisboa, Maio de 1902.

J. L. DE V.

Archeologia de Trás-os-Montes

1. Concelho de Moncorvo

Ha tres annos que possuo os seis instrumentos de pedra que vou mencionar, offerecidos pelo meu muito amigo P.e Adriano Guerra, de Moncorvo, dos quaes cinco foram encontrados na Lousa e um em Maçores.

a) Instrumentos da Lousa

1.º Um machado de schisto ardosiano, muito negro, de fórma de uma pyramide quadrangular, de secção transversal rectangular, de faces nada planas, sendo uma convexa, com uma nervura em todo o comprimento no centro, e a outra algum tanto concava, de bordos em angulo recto um pouco abatidos, de gume formado pelo desengrossamento por igual de ambas as faces, muito convexo e com a aresta cortante, em arco de circulo, de vertice rombo, pouco liso, assim como o resto do machado, á excepção do gume que é muito bem polido.

Digitized by Google

O comprimento do instrumento é de 0^m,14, e a largura na base é de 0^m,05, e no vertice, onde foi tirado um fragmento pelos exploradores, de 0^m,020.

2.º Um machado muito pouco elegante, de schisto ardosiano pardacento, da fórma de pyramide, pouco regular, de secção transversal rhomboidal, de 0^m,01 de comprimento, de 0^m,055 de maior largura na base, de vertice rombo de 0^m,02 de maior largura e de maior espessura 0^m,043, terminando obliquamente em razão de falha na pedra numa das suas faces.

É instrumento grosseiro e bastante pesado, com o gume convexo, pouco arqueado e formado á custa de ambas as faces, que concorreram em partes iguaes pelo desengrossamento para esse fim.

A superficie é desigual, com algumas depressões que facilitavam o seu manuseamento.

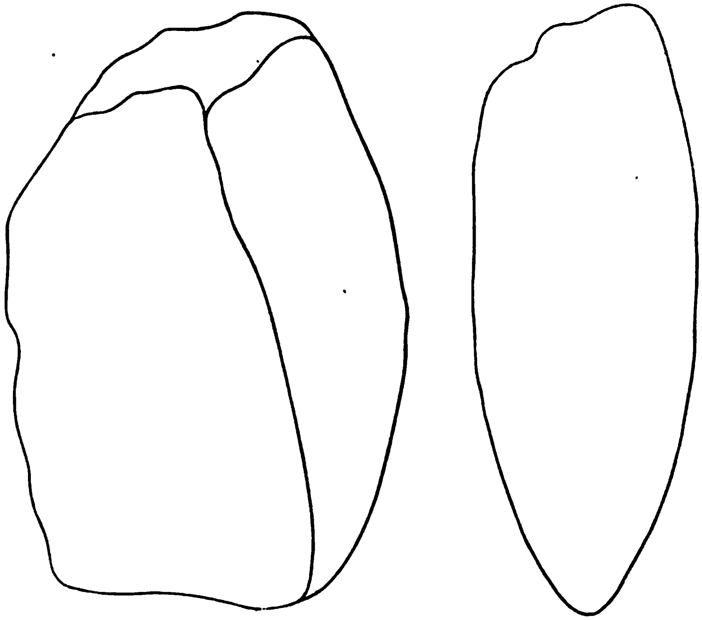


Fig. 1.ª — Maior comprimento 0^m,11; maior largura 0^m,055; maior espessura 0,^{m}043

3.º Um machado de schisto ardosiano, de 0^m,12 de maior comprimento, de 0^m,039 na maior largura, e de 0^m,35 na maior espessura, de gume cortante, bem polido, formado pelo desengrossamento dos bordos, sem facetas determinadas, levemente convexo, com a aresta do gume (ou fio) pouco adelgaçada, com uma grande falha devida a fractura recente.

Digitized by Google

As faces do machado não foram alisadas, e tem varias depressões em que assentam os dedos e facilitam o uso do machado, sendo uma sensivelmente convexa do meio para as extremidades e a outra concava em sentido contrario.

O vertice é arredondado pelo desengrossamento das faces e bordos, e tem de diametro $0^m,02$, — muito semelhante ao de outros machados de Parafita e Carrazedo do Alvão.

4.º Outro machado da mesma pedra que os dos numeros anteriores, nada elegante, de $0^m,128$ no maior comprimento, de $0^m,048$ na maior largura, de $0,^m040$ na maior espessura, de fórma de um ellipsoide, de gume pouco convexo, formado pelo desengrossamento *dos bordos* em angulos quasi rectos no terço inferior e abatidos no resto da extensão, de secção transversal rhomboidal, de vertice obliquo por causa de uma falha no calhau que se aproveitou para o instrumento, arredondado pelo desengrossamento das faces e bordos, apparece com o fio do gume pouco cortante e com depressões naturaes na maior parte da extensão das faces.

Uma das faces do gume está bem alisada, mas por polir, e a outra mal alisada. É instrumento pesado, como o do n.º 3, e que não dá signal, assim o outro, de ser empregado com auxilio de cabo ou gastalho.

5.º Dos instrumentos da Lousa é este o menos imperfeito e menos grosseiro.

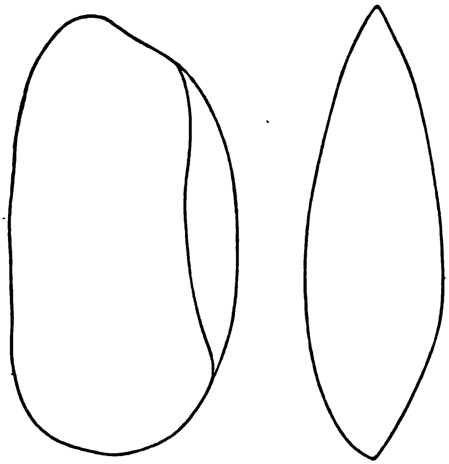


Fig. 2.ª — Maior comprimento $0^m,08$; maior largura $0,^m045$; maior espessura $0^m,025$

A sua configuração geral é a de pyramide, de secção transversal rhomboidal, adelgaçada nas extremidades, de modo que dá na base um gume de fórma convexa e dirigido segundo uma das diagonaes

Digitized by Google

do rhomboide, como se viu num machado de Parafita, e no vertice outro gume que se encontra mal representado, em virtude de fracturas evidentemente produzidas pelos trabalhadores que fizeram a exploração.

As dimensões são: 0^{m},080 para o maior comprimento, 0^{m},045 para a maior largura e 0^{m},025 para a maior espessura.

b) Instrumentos de Maçores

É da mesma pedra que os da Lousa, da fórma de pyramide de secção transversal em trapesio, truncada, com uma das faces e os bordos alisados e a outra face por alisar com uma grande concavidade natural no terço inferior.

Apresenta o gume formado á custa dos bordos desengrossados igualmente, pouco convexo e pouco cortante.

Tem no maior comprimento 0^{m},125, na maior largura 0^{m},049 e na maior espessura 0^{m},027.

2. Concelho de Santa Martha

Em Coucieiro, numa propriedade do meu amigo Luis Teixeira de Mesquita Queiroz, alem de pedaços de tijolos em grande quantidade, encontrou-se uma sepultura de tijolos, semelhante ás de Athey de que dei notícia n-*O Archeologo,* vol. III, p. 70.

Offereceu-me o Sr. Queiroz um tijolo d'essa sepultura.

Na Cumieira, no sítio das Moradias, numa propriedade do Ill.^{mo} Sr. José Joaquim Baptista, por occasião da plantação de bacellos, encontraram os trabalhadores grande quantidade de tijolos partidos, grossos e com um grosso rebordo muitos d'elles, dois bronzes pequenos muito mal conservados, que parecem de Constancio II ou Constante II, e outros objectos que vou mencionar, por me parecer importante o achado ou seu conjunto:

1.º Um espheroide de granito de grão grosso, muito liso, de 0^{m},1 de comprimento no eixo maior e 0^{m},08 no menor, com uma fractura recente em forma de calota de esphera.

2.º Um pedaço de tijolo, de côr cinzenta, de 0^{m},08 de espessura, 0^{m},16 de comprimento e 0^{m},14 de largura, bem cozido, proprio para construcção de paredes, fornos, etc.

3.º Fragmentos de tijolos vermelhos de 0^{m},025 de espessura, de rebordos com encaixes proprios para se ligarem a outros, de modo que pudessem construir uma sepultura, como as de Athey. (*Arch. Port.*, III, p. 71).

4.º Um pedaço de tijolo de 0^{m},12 de comprimento, de 0^{m},025 de espessura, com um bordo, de 0^{m},025 na de espessura e de 0^{m},02 de

Digitized by Google

altura, arredondado, morrendo numa meia canna bastante profunda, de 0^{m},01 de largura, de barro avermelhado, grosseiro, pouco alisado em ambas as faces.

5.º Outro pedaço de tijolo, de barro vermelho, bem cozido, com um bordo e meia canna, como a do antecedente, com uma depressão no bordo, propria para encaixe com outros tijolos.

6.º Um pedaço de uma talha (?) grossa, de forma semelhante ás que se encontraram nas sepulturas de Athey. (*Arch. Port.*, III, 71), e que cobriam o angulo formado pelo encontro das faces lateraes na parte superior das mesmas sepulturas.

É de barro vermelho, bem cozido, de 0^{m},02 de espessura e com a face externa ou superior muito lisa, e muito pouco na outra face opposta a esta.

7.º Quasi todo o fundo de uma amphora, de 0^{m},012 de espessura nas paredes, de côr cinzenta, com uma porção de carvão intimamente unida ao barro, que, pela côr e unctuosidade, me parece igual ao de outras amphoras, que não podem deixar de se classificar como funerarias, e o carvão como animal.

8.º A quarta parte, pouco mais ou menos, da bocca de um vaso de grandes dimensões, em dois pedaços, de barro vermelho, de 0^{m},6 a 0^{m},7 de diametro (na bocca), com um forte rebordo com duas molduras circulares em relevo, separadas por uma meia canna muito perfeitas e bem alisadas, assim como o resto de toda a face externa do fragmento, bem cozido, de 0^{m},025 de espessura, e de massa pura e fina.

9.º Um fragmento da bocca de um vaso de grande capacidade, de barro vermelho, muito bem cozido, perfeitamente alisado, de 0^{m},115 de comprimento, de 0^{m},062 de espessura, com um forte rebordo, descaindo obliquamente de cima para baixo e de dentro para fóra, terminando num angulo agudo a que se segue uma face inferior de 0^{m},01 de largura, que vae acabar numa gola de 0^{m},028 de largura muito funda, em cuja extremidade superior começa logo a formar-se o bojo. A porção de vaso correspondente á bocca, rebordo e gola, é em curva muito sensivel.

10.º Um caco de um vaso de grandes dimensões, quasi quadrado, que se partiu logo abaixo da bocca do vaso a que pertencia, de barro acinzentado, bem cozido, em que se nota uma faixa obliqua em relevo, que devia tornear o bojo do vaso, e a que vem ter um pequeno sulco, que se subdividiu em dois ramos com a fórma de um Y.

É o unico objecto em que se vê este principio de ornamentação.

11.º Um pedaço de vaso de barro avermelhado, de 0^{m},015 de espessura quasi quadrada, tendo cada lado 0^{m},12 de extensão, muito

Digitized by Google

liso, com duas cintas estreitas arredondadas em relevo bem distinctas, separadas por uma meia canna, com umas manchas negras na face interna, que parecem devidas a carvão animal.

12.º Um pedaço de (tijolo?) de barro avermelhado, de fórma triangular, com dois lados resultantes de fractura recente, e com o terceiro arredondado e intacto, em arco de circulo de curvatura tão pronunciada que exclue a ideia de poder pertencer a um vaso de bocca horizontal.

A configuração do restante parecé ser de um vaso de forte bojo, e apresenta a $0^{m},07$ do bordo concavo uma faixa em relevo seguindo a curvatura do mesmo, com manchas escuras na face externa entre o bordo concavo e a faixa, devidas ou ao terreno em que esteve mettido, ou a carvão a que estivesse unido.

13.º Um pedaço de vaso de barro acinzentado, pouco perfeito, mas alisado, sem molduras de especie alguma, com a boca mais espessa ($0^{m},03$) do que o resto do corpo do vaso ($0^{m},02$), começando o bojo a formar-se de uma maneira abrupta tres centimetros abaixo da circunferencia da mesma.

Era um dos vasos de maior bojo entre todos os encontrados.

14.º Parte da bocca de um vaso de pequenas dimensões, de bocca larga e de barro tão fino que não parece ser da epoca dos outros objectos descriptos.

Neste parece que foi empregado verniz, e fica-se em duvida se será de origem moderna e que fosse levado ao local onde se encontraram os outros.

Na Azinheira, numa propriedade, ha um aqueducto ou caminho coberto de grande extensão, de cantaria, que não sabem os habitantes da quinta aonde leva nem onde acaba.

Por occasião da plantação de bacellos descobriram uma construcção de fórma arredondada, da qual, no dizer da gente pouco illustrada, ou melhor, rustica, *saíam braços em toda a roda* como num rodizio de um moinho ordinario de fórma de estrella. Não fazemos ideia do que possa ser, e sabemos apenas que esta construcção esteve descoberta por algum tempo e que a cobriram outra vez.

Numa quinta proximo, pertencente á familia do meu illustradissimo collega e velho amigo Dr. Francisco de Salles da Costa Lobo, tem sido achadas pelos caseiros muitas moedas romanas, e entre ellas uma de bronze, mediana, de Constantino Magno, que me offereceram.

Da rapida descripção dos restos dos vasos que me vieram á mão, da qualidade e configuração dos tijolos, e da existencia de carvão, que não será difficil reconhecer como animal, parece-me muito provavel que na Cumieira existiu um cemiterio romano.

Digitized by Google

Ainda não explorei o local onde appareceram estes fragmentos, que foram recolhidos ao acaso e me enviaram para aqui.

É tal a quantidade de tijolos, que hoje fazem muros com elles.

Villa Real, 28 de Fevereiro de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.

A xorca de ouro de Cintra

Lembrar-se-hão os leitores da magnifica xorca de ouro, achada em Cintra, de que lhes fallei n-*O Arch: Port.*, II, 17, num artigo acompanhado de um desenho da mesma[1]. Esta xorca era não só o mais bello objecto archeologico de ouro que existia em Portugal, mas de certo, pelo seu peso, —1:262 grammas!—, um dos mais ricos que havia! Pois dou aos leitores hoje a triste nova de que esta preciosidade, que convinha que ficasse em um museu português, foi por seu antigo dono vendida ha meses a um museu de Londres![2]

D'esta catastrophe, —que não posso empregar outro nome—, são varios os culpados. Não quero porém entrar em pormenores. O antigo possuidor da xorca tentou, é certo, vendê-la cá; ninguem comtudo o attendeu: uns achavam caro o objecto, outros não lhe ligavam maior importancia, outros parece que até se riram! Realmente o preço pedido a principio (em 1895) era exorbitante: 4:000$000 réis! E elle tambem me aterrou a mim; todavia, para o fim, tinha baixado até 2:000$000 réis, e mesmo baixaria a 1:800$000 réis, segundo o que me consta.

No commércio nem sempre ha prudencia: é por isso que muitas cousas archeologicas se perdem. Se o dono do xorca tivesse pedido logo de começo um prêço razoavel, eu tê-la-hia adquirido para o Museu Ethnologico; mas o prêço pedido era de mais! Ainda assim, as pessoas que podiam resolver o assunto não o resolveram, e o possuidor, que não é dado a estudos archeologicos, nem estava bem no caso de avaliar se da acquisição ou não acquisição da xorca adviria gloria ou desdouro para a historia da archeologia nacional, e que além d'isso se sentiu desanimado por bater em vão a muitas portas, aproveitou o melhor ensejo de venda que se lhe offereceu, e cedeu a xorca a um museu estrangeiro por 2:000$000 réis.

Fique exarada aqui a menção d'este desastre, a ver se de futuro se evitam outros semelhantes.

---

[1] Cfr. tambem *Boletim* dos Archeologos do Carmo, VII, (3.ª serie), p. 77.

[2] Não sei a qual, mas talvez ao Britannico, que é aonde vão em geral parar todas as obras primas da arte, da archeologia e da bibliographia, que escapam a outros museus ou bibliothecas.

Digitized by Google

Para preencher o logar que a xorca de Cintra devia occupar archeologicamente num museu do estado, temos de nos servir agora de um desenho ou de uma reproducção galvanoplastica; é verdade que isso está de acordo com os nossos habitos, pois costuma dizer-se que Portugal vende a cortiça aos estrangeiros para depois lhes comprar as rolhas!

J. L. de V.

Notas de Archeologia Artistica

4. Ainda Bugareo

O meu prezado amigo o Sr. Commendador G. J. Carlos Henriques, que com tanta dedicação estuda as antiguidades de Alemquer, sua patria adoptiva, informa-me de que na freguesia de Santa Quiteria de Meca existe, e existia já em 1601, um casal denominado *dos Bugareos*.

E sabe-se que existia já em 1601, porque nesse anno lavrou o tabellião de Alemquer, Antonio Barbosa, uma escriptura pela qual um barbeiro, morador ao Carvalhal de Meca (Santa Quiteria), vendeu a Ruy Dias de Meneses, fidalgo da casa real, morador em Lisboa, duas terras no sítio *dos Bugareos*.

Relacionar-se-ha porventura esta designação com o artista a quem me referi a pag. 66-67 do vol. VI d'*O Arch. Port.*? Proximo da Batalha, em cujas obras trabalhou Boytac, ha um logar com o nome de *Boutaca*, derivado, provavelmente, do appellido do celebre architecto.

Ruy Dias de Meneses é personagem conhecida, e cuja existencia ficou largamente assignalada nos documentos officiaes do tempo. Era, effectivamente, fidalgo da casa d'el-rei, e escrivão da fazenda real, encarregado, como seu pae e seu avô, da repartição dos mestrados e ilhas. No tempo de Filippe II (de Portugal), a cujo conselho pertenceu, desempenhou o cargo de secretario dos despachos e mercês, cumulativamente com o de secretario de estado da repartição da India, Brasil, Mina e Guiné. Em 1632 foi jubilado «por estar mui surdo»; e em Junho de 1633 era já fallecido. Seu pae, Duarte Dias de Meneses, que fôra secretario da casa d'el-rei D. Sebastião, e do seu conselho, morreu em Alcacer Kibir, onde lhe ficou um filho captivo, o qual acabou a vida no captiveiro [1].

José Pessanha.

[1] Vid. *Corp. Chronol.*, parte I, maço 112, doc. 128;—D. Filippe I, liv. 5.º de *Doações*, fl. 113 e liv. 6.º, fl. 215;—Filippe II, liv. 20.º de *Doações*, fl. 187 *v*, liv. 21.º, fl. 79 *v*, liv. 23.º, fl. 158 *v*, liv. 26.º, fl. 93, e liv. 35.º, fl. 146;—e D. Filippe III, liv. 26.º de *Doações*, fl. 115.

Digitized by Google

O Museu de Estacio da Veiga

Na *Portugalia,* I, 656 (fasciculo 3.º), diz o meu amigo o Sr. Joaquim de Vasconcellos que o museu de Estacio da Veiga desappareceu por inteiro em Lisboa.

Para aquietação dos animos, convem observar o seguinte.

A collecção archeologica organizada por Estacio da Veiga comprehendia duas partes, á hora do fallecimento do benemerito archeologo:

1) o Museu do Algarve, pertencente á nação, e depositado ao tempo na Academia das Bellas Artes;

2) e a parte que pertencia propriamente a Estacio, e que constava de objectos que existiam, uns na sua casa de campo em Cabanas da Conceição, concelho de Tavira, e outros na sua habitação em Lisboa.

Por decreto de 20 de Dezembro de 1893, referendado em boa hora pelo nobre e patriotico Ministro o Sr. Dr. Bernardino Machado, o Museu do Algarve passou a fazer parte integrante do Museu Ethnologico, fundado na mesma data com titulo de *Museu Ethnographico Português;* e lá se acha hoje.

A outra parte foi comprada quasi toda pelo estado á familia de Estacio da Veiga, e encorporada igualmente no Museu Ethnologico, como se diz na *Rev. Lusit.,* III, 199. Cfr. o que tambem escrevi nos *Ensaios Ethnographicos,* I, 281 n. e 282, e n-*O Arch. Port.,* I, 218.

A collecção de Estacio da Veiga não está pois perdida. É certo que só á minha paciencia e paixão se deve o não se ter extraviado grande parte d'ella, e o achar-se hoje quasi toda reunida (digo-o sem vaidade: e comprehende-se facilmente que eu tenha excellentes razões para o dizer!); mas, emfim conserva-se,—pelo menos tudo o que o Museu Ethnologico recebeu [1].

Esta collecção, no seu conjuncto, esteve já exposta no edificio da Academia das Sciencias, onde primeiro se installou o Museu Ethnologico; actualmente anda sendo transportada, com o resto do Museu, para o edificio dos Jeronymos (Belem).

J. L. de V.

---

[1] Alguns dos objectos conservados primitivamente na posse particular foram dispersos pela familia de Estacio: por exemplo, o bracelete de ouro, figurado nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, est. XXII, vendeu-o ella, antes de 20 de Dezembro de 1893, a um ourivez da Rua da Palma, em Lisboa, onde em vão depois o procurei; o formoso anel arabe do Algarve, que Estacio trazia no dedo, comprou-o, segundo me consta, S. M. El-Rei; uma das grandes placas de schisto prehistoricas de que se falla nas *Antiguidades monumentaes do Algarve* desappareceu de Cabanas, onde estava; algumas grandes facas de silex descritas *ibidem* desappareceram de lá igualmente.

Digitized by Google

Bibliographia

Archeologia Christã, por Albano Bellino, Lisboa 1900, 290 pag.

O Sr. Albano Bellino, archeologo bracarense, publicou um novo livro, intitulado *Archeologia Christã,* com o qual veiu enriquecer o patrimonio archeologico nacional, fazendo nelle a coordenação completa de quantos monumentos, e não são elles poucos nem de pequeno valor, que a arte christã deixou nas duas mais antigas cidades do Minho e nos seus arredores. O serviço que o Sr. Albano Bellino presta assim á historia da archeologia portuguesa é valiosissimo. Naquella região encontram-se realmente edificios religiosos de respeitavel antiguidade, e tanto mais dignos de apreço quanto, em volta de muitos d'elles, gravitam factos importantes, quer da nossa historia nacional, quer da primitiva historia da Igreja portuguesa. E não só edificios, mas alfaias de altissimo merecimento, vinculadas tambem a tradições indubitavelmente antigas e respeitadas, se guardam preciosamente nos thesouros de muitas igrejas e capellas d'aquella provincia. Estas riquezas ficam, depois do livro do Sr. Albano Bellino, archivadas indelevelmente para o conhecimento da arte antiga christã em Portugal. Por isso diziamos que este trabalho representa um serviço importantissimo prestado á archeologia historica nacional.

Quer isto dizer que ha inteira concordancia de opiniões entre nós e o illustre autor da obra, a respeito da attribuição de alguns monumentos de que se occupa? Evidentemente não; em tão vasto campo de observação e em face de tão numerosas producções da antiga arte christã, não datadas, seria impossivel obter absoluta conformidade de voto. Tanto mais que são ainda restrictos entre nós estudos de archeologia monumental. Para exemplificar, apenas destacaremos a nossa divergencia do parecer do Sr. Albano Bellino na antiguidade outorgada á curiosa igreja de S. Miguel-do-Castello (Guimarães)[1]; crêmo-la algo menos antiga; a opinião que o A. attribue a Vilhena Barbosa e ainda a de Filippe Simões[2] afiguram-se-nos mais conciliaveis com a diffusão

---

[1] *Archeologia christã*, pag. 43.

[2] O parecer de F. Simões é que esta igreja é coeva da Cedofeita (seculo XI e inicio do seculo XII), contudo do seculo XII e talvez XIII (a minha duvida versa sobre a leitura de uma inscripção) conheço eu, em Arcos de Val-de-Vez (Tavora), uma capella que parece até estrezida sobre a de Guimarães. Veja-se *Reliquias da architectura romanico-byzantina em Portugal,* por A. F. Simões, pag. 20; *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes,* tomo V (1888), pag. 2; *Monumentos de Portugal*, por Vilhena Barbosa, pag. 106 e *Abécédaire ou rudiment d'Archéologie*, par De-Caumont, pag. 294 e 380.

Digitized by Google

das formas architectonicas caracteristicas de cada seculo[1]. A forma do portal com sua archivolta e a da porta lateral (lado sul), que não se vê na estampa, mas que é bastante caracteristica, não são, a meu ver, elementos que não devam pesar no criterio do archeologo. Ainda outra discordancia: o precioso sino de S. Geraldo, rejuvenescemo-lo alguns seculos, relativamente á idade que lhe confere o Sr. Albano Bellino[2]. Prece-nos que a paleographia[3] terá difficuldades em acceitar a conclusão a que o Sr. Bellino chegou, apesar da exactidão da leitura com que aliás concordamos. E, não obstante, a critica epigraphica poderia com direito levantar suspeição contra a authenticidade de um letreiro, em que o modo de datar fosse ANNO DÑI MILE em vez de ERA M ou ERA MILLESIMA, tratando-se do tempo de que se trata. O velho bronze da Sé de Braga, embora não seja senão do seculo XVI, como julgamos (1501), constitue, no seu genero, uma antigualha rara. Podem a razão e o acerto não estar do nosso lado, mas nem isso desmente a sinceridade com que assim pensamos, nem o contrario deslustra o valor do trabalho do operoso archeologo. Incondicional homenagem prestamos a quem com tanta fadiga colligiu esse rico inventario de antiguidades nacionaes; muito devem ao seu autor os estudiosos do país e os de fóra que pela nossa arte se interessem.

Entendemos porém que não deve repousar sobre os louros o Sr. Albano Bellino. A archeologia historica é exigente, e o patrimonio nacional de antiguidades tem direito de pedir mais alguma cousa, a quem com tanta dedicação tem mostrado que o sabe zelar. Muitos dos monumentos, cuja descripção e historia este livro encerra, merecem monographias especiaes, particularizadas, e d'ellas carecem mormente debaixo do aspecto architectonico[4]. Esses modilhões uniformes ou va-

---

[1] Não para fazer indicações bibliographicas, que seriam desnecessarias, mas para darmos fundamento ao nosso juizo, referiremos algumas obras que, neste assunto, nos vão educando; são ellas: *Archéologie Chrétienne*, de Bourassé; *Archéologie Religieuse*, de Mallet; o magnifico compendio de Gaborit, *Manuel d'Archéologie*; a riquissima obra de J. Guilhabaud, *Monuments anciens et modernes*, com numerosas monographias e esplendidas gravuras; as *Reliquias*, de Filippe Simões; os *Elementos de Archeologia e Iconographia Christã*, de Sousa Monteiro; *Archeologia Christã*, de Possidonio; *Monumentos arquitetónicos de España; Lecciones de Arqueologia Sagrada*, de L. Ferreiro; etc., etc.

[2] *Archeologia christã*, pag. 55.

[3] Firmamo-nos em J. P. Ribeiro (*Dissertações chronologicas e criticas*, tomo IV, dissertação XV), e em Hübner (*Inscr. Hisp. Christ.*), etc.

[4] Lembra-nos, por exemplo, a igreja de S. Salvador de Montelhos, de que a *Archeologia Christã* se occupa a pag. 34. Moveram-nos uma grande curiosidade

Digitized by Google

riados, esses capiteis phantasticos ou figurados, esses fustes ornamentados ou lisos, essas profundas archivoltas de lavores geometricos, esses espelhos arrendados, as bases romanicas com patas ou de molduras corridas, a presença ou ausencia de contrafortes e a sua forma, as linhas de uma fachada, a planta de um edificio, a construcção e o genero de uma abobada, os vestigios ou a inteira falta das cupulas bysantinas ou dos madeiramentos latinos, a averiguação das influencias que de cada estylo ou escola sobresaem na fachada, na planta, no apparelho, na ornamentação..., quantos problemas não encontrará o Sr. Bellino, detendo-se agora com olhar perscrutador deante das venerandas reliquias architectonicas, que ainda esmaltam as duas velhas cidades e os seus campos! O livro do Sr. Bellino é, como disse, um inventario erudito, recamado de prodigas referencias historicas; mas o que a archeologia nacional agora pede a quem tão desinteressadamente a serve, é o complemento d'esse largo trabalho, o preenchimento d'esse grande programma, o estudo especial, demorado e completo de cada monumento em separado. Lance-se o nosso amigo a essa tarefa com a vontade que lhe não falta, e verá a numerosa prole gerada do seu proprio livro, quando elle se desdobrar em monographias especiaes, illustradas com representações irreprehensivelmente nitidas de todos os elementos architectonicos ou decorativos de cada monumento ou de cada alfaia, que isso é conveniente, documentadas com a reproducção paleographica e absolutamente exacta de cada letreiro, que isso é essencial, quando este sirva para a comprovação escrupulosa da sua idade, ou para o conhecimento perfeito de algum problema, a que se ligue.

Na fórma, o livro do Sr. Albano Bellino é um volume de 290 paginas, precedidas do retrato do autor, repletas de indicações interessantes e ornadas com 66 photogravuras, que, a falar verdade, nos estimulam a curiosidade de saber mais, e o desejo de ir ainda ao intimo das cousas.

Agradecemos o exemplar com que o nosso amigo e desinteressado escritor nos brindou, e felicitamo-lo pelo seu trabalho, valioso em si, como acabamos de mostrar, e valioso como exemplo, bom para ser seguido.

Lisboa, Maio de 1902.

Felix Alves Pereira.

essas reliquias architectonicas, depois que lemos no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* (tomo VIII, 1898, pag. 18) um curto, mas notavel, estudo do professor Ernesto Korrodi, que crê ver nessas ruinas um dos vestigios mais antigos da architectura religiosa existentes em Portugal, porventura na peninsula, e por isso mesmo dignos de grande apreço.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500	réis.
Semestre	750	»
Numero avulso	160	»

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, Museu Ethnologico, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. VII AGOSTO E SETEMBRO DE 1902 N.os 8 E 9

RECEIVED
APR ... 1911
PEABODY MUSEUM

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevêz: 193.
Espada antiga: 209.
Estudos de numismatica colonial portuguesa: 210.
Antiguidades dos arredores de Evora: 218.
Um inventario do seculo xiv: 223.
Moeda inedita de 4$400 réis de D. Affonso VI: 234.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 237.

Este fasciculo vae illustrado com 17 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII — AGOSTO E SETEMBRO DE 1902 — N.os 8 E 9

Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevêz

De 1893 datam as minhas primeiras excursões archeologicas pelo concelho dos Arcos de Valdevêz. Aguçára-me o appetite a travessia da *Chã do Mezio* nas epocas da popular romagem da *Senhora da Peneda,* santuario escondido numa profunda anfractuosidade das serras da *Gavieira.* Nessa chã, pela beira do caminho, as antas ora se encontram, ora se avistam, destacando os seus contornos mamiformes, hemisphericos, sobre a arida planura da montanha, apenas forrada de tojo rasteiro e fetos bravos. Por menos que se fosse lido nos costumes dos povos, que nos legaram estes restos solemnes do seu culto pelos mortos e das suas crenças immateriaes, o esplendido planalto do *Mezio,* senhoreando larguissimo horizonte, que dilue imperceptivelmente as suas ultimas balisas pelas longes nebrinas do ceu, insinuava o evocar d'essas idades mysteriosas, que desafiaram com suas obras a furia cóga e inclemente das tempestades de vária especie, desencadeadas ha tantos seculos.

O indolente chouto dos machos que, graças á firmeza das suas exiguas e curtas patas, incapazes porém de vacillarem sobre a aresta de um calhau ou de resvalarem no lagedo de uma calçada, são as cavalgaduras preferidas pelos frequentadores d'aquella celebre romaria, dava-me tempo a relancear a vista pelas suaves ondulações da elevada charneca, e a lobrigar por ella fóra as antas desmontadas, que sobrepujam nutridas mamôas. Abeirando-me d'ellas, sentia-me invadir d'aquella indefinida nostalgia de tempos que nenhum de nós viveu, de epocas que nenhum de nós conheceu, e que nos permanecem encerradas num segredo quasi impenetravel. Mas depois, cada um de nós que pensa desvanecido no nosso progresso, no porvir da nossa raça, considera-se

Digitized by Google

humilhado por motivo da incapacidade para tambem transpôr, com monumentos da nossa mão e do nosso genio, apenas meia duzia de seculos, ao olhar aquelles rudes mausoleus de grandes povos, que aliás passaram com o mais magestoso desprezo da sua missão historica e na mais feliz inconsciencia de quejandas preoccupações da civilização. E não obstante, ainda hoje nos torturam, e victoriosamente, com a ansia de sabermos quem eram elles e de onde vinham, legando-nos os seus esqueletos; que lingua fallavam, mostrando-nos a sua escrita rupestre; que crenças professavam, insculpindo as pedras informes; que genero de luta pela vida lhes occupava a existencia, enthesourando-nos cuidadosamente as suas armas, a sua ceramica, as suas joias, as suas insignias.

Estas reflexões sempre me povoavam o espirito quando, ao atravessar debaixo de um sol descoberto as núas serras d'aquelle meu concelho, noutros tempos provavelmente uberrimas de vegetação, encontrava restos da antiguidade, a principio sem intento de mais do que de os ver, e depois, irresistivelmente, com o plano bem determinado de os estudar e registar, esquadrinhando-lhes recessos.

Foi assim que, por um despertar lento de natural curiosidade, comecei a archivar em repetidas digressões os sinaes que pelo concelho ainda apparecem das civilizações archaicas. Ora pesquisava, guiado pelo onomastico, como na *Chã de Arcas*, na *Serra da Anta*, ora me dirigia pela suspeita em que me punham a situação e relevo de uma eminencia, umas vezes por informação ou notícia alheia, outras quasi a esmo, sem motivo definido. Muitas mamôas encontrei que não podiam reconhecer-se a mais de 20 metros de distancia; tão deprimidas e arrasadas que ninguem as via. Claro é que isto acontece sempre nas regiões accidentadas ou nas povoadas.

D'estes trabalhos resultou a ideia de um reconhecimento archeologico do concelho, reconhecimento que, se não é completo na parte que abrangeu, vem em todo o caso revelar a positiva existencia de restos de grande numero de monumentos megalithicos numa região onde apenas eram conhecidos uns seis [1].

Não vae ainda pois acabada a tarefa, e por isso não a acompanho de uma carta archeologica, que ficaria incompleta. Não pude até agora percorrer senão as montanhas da margem esquerda do Vêz e não todas;

[1] Seis antas na Chã do Mezio regista o meu amigo dr. Leite de Vasconcellos na sua «Excursão ao Soajo» em 1882; o *Minho Pittoresco* dá-nos a gravura de outra do mesmo local, que provavelmente é uma das seis, porque varias se acham á borda do caminho.

Digitized by Google

são extensas, desertas e por vezes asperas e invias. A cada eminencia que se alcança, parece que a terra logo se dobra e desdobra; surgem para deante outros accidentes imprevistos, córregos atulhados de penedia, ingremes quebradas desnudas, ou manchadas de giestaes arborescentes, etc. E o dorso das serras, as chãs das cumeadas, as portellas ou passadouros dos altos, é indispensavel calcurreá-los todos, aos zigue-zagues, procurando as mamôas como quem procura agulha em palheiro. É nesses pontos que principalmente se encontram megalithos.

Da margem direita não conheço as montanhas; sei que ha tambem por lá muito que notar, mas d'esse lado os relevos são menos penhascosos e mais suaves, e a região tem menos de deserta que a outra. O reconhecimento deverá ser menos fatigante.

Não me occupo agora senão das antas. A descripção dos castros, tambem numerosos, fica adiada sem compromisso de tempo. E util seria fazer o estudo parallelo d'estas antiguidades.

Antes de começar, porém, o inventario d'aquelles monumentos, farei algumas considerações que os abranjam num volver de olhos geral.

Em primeiro logar não pude encontrar nenhuma denominação generica que *a voz do povo* applicasse ás antas. Casas dos mouros, thesouros ou celleiros d'elles, cortelhos..., são os termos que encontrei na gente analphabeta e na illustrada.

E, comtudo, ha no onomastico uma *Serra da Anta,* a qual tem os restos de um megalitho que já ninguem conhece pela nomeada propria; ha uma *Chã das Arcas,* onde encontrei dois grupos de mamôas tambem ignoradas, uma *Bouça da Anta*, uma *Leira de Anta* (*Leira Dantes,* cfr. S. Paio Dantes, citado por M. Sarmento), etc.[1]. Estes termos ficaram pois no onomastico, mas a sua intelligencia perdeu-se pelo menos em algumas regiões[2]. De onde se poderá inferir, que este phenomeno está ligado a causas locaes, hoje indecifraveis. A natureza

[1] Por um documento, tive notícia de um ponto chamado *Alto da Arca de Sangrou,* que ainda não pude visitar. O termo *modorrão* existe tambem, mas locativamente, applicado a um castro da freguesia de *Eiras.* Villa-Amil (*Castros y mamoas de Galicia,* pag. 201), refere-se a um castro gallego, denominado *Modorra dos Mouros.* Em Alijó chamam modorras ás antas (*Arch. Port.*, IV, 181). Vejam-se as *Religiões da Lusitania,* por Leite de Vasconcellos, I, 251 sqq.

[2] Isto não succede com os castros. Embora o povo hoje não saiba affirmar nitidamente que foram povoações (em alguns talvez só temporarias), uma sombra de tradição ainda parece reconhecer-se no contar que, entre castros fronteiros,

Digitized by Google

funerea d'esses monumentos tambem de todo se obliterou da memoria das populações. E aqui o facto é mais generico. Parece que houve um hiato historico dilatado entre a epoca do levantamento, utilização e reconhecimento das antas e uma civilização ulterior mais ou menos distanciada, que inteiramente ficou ignorando o verdadeiro destino dos megalithos. As tradições, d'esta forma, extraviaram-se por completo. O assunto é digno de meditar-se [1].

O concelho dos Arcos de Valdevêz tem uma balisagem natural pela crista das vertentes todas de um só rio, o Vêz. É de certo uma singularidade topographica. Este rio, affluente do Lima, reune exclusivamente aguas da orographia do concelho. Os castros estenderam-se ao longo das alturas que mais de perto cingem o valle primario, tal como linhas parallelas de fortificações que se escalonassem para defender os áditos d'esta região de serras. Os castrejos procuravam a contiguidade das veigas ferteis que atapetam o fundo do valle e que o esteiro do Vez refresca, para nellas exercerem a agricultura ou pastorearem os rebanhos. Reservaram em regra as alturas para as suas moradias e quiçá as sombras das frondentes montanhas para asylo de seus mortos. É uma lembrança commovedora e que dogmatiza bem a dignidade do homem perante a natureza: a do culto piedoso e solemne que os povos, ainda no inicio das civilizações, prestaram aos seus defuntos. E é isso o que d'elles nos ficou. Póde bem dizer-se que principalmente a archeologia prehistorica é uma grandiosa elegia.

Mas regressemos d'estes devaneios, que em todo o caso não são pura fantasia, e olhemos para as antas que dormem abandonadas nas montanhas d'este concelho.

Ou porque tenham desapparecido das baixas, não deixando mais vestigios que os toponimicos, ou porque de facto não tenham jamais lá existido, o que é certo é que as antas de maiores dimensões não se vêem senão nas mais elevadas altitudes do systema orographico do concelho; ahi tambem os seus constructores encontravam já soltas e inadherentes pela acção do tempo as grandes lages com que capeavam

havia rivalidades e combates. Como é preciso que o archeologo se não deixe fascinar pela apparencia archaica de uma tradição, devo dizer que no concelho dos Arcos, no seculo XVII, pela invasão do exercito de Pantoja, emquanto os hespanhoes avançavam por uma margem do rio, os portugueses iam-nos incommodando pela outra, ferindo-se por vezes alguns combates de um contra o outro lado onde se encontram castros. O que ha a favor da tradição archaica, é que esta tradição tambem existe noutros pontos, por exemplo, na Galliza. (Villa-Amil, *Castros y mamoas de Galicia*, pag. 197 e 205).

[1] Cfr. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, I, 258.

Digitized by Google

essas camaras sepulcraes. O transporte não offerecia insuperaveis embaraços, nem pela distancia, nem pelas escabrosidades do terreno. (Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques,* pag. 152 e 156).

Nas eminencias inferiores e em situações proximas de alguns castros, topam-se antas de menores proporções, tanto pelo que respeita á mamôa, como ao dolmen propriamente dito. A região é menos aspera, os granitos menos denudados e portanto menos expostos á poderosa corrosão do gelo e das chuvas. Os grandes calhaus teriam de ser talhados na rocha viva e arrancados; só os de dimensões medianas é que poderiam encontrar-se quasi apparelhados.

Todas as antas são constituidas por pedras que não tem o menor sinal ou vestigio de trabalho humano nas faces externas.

a) *Chã das Arcas* (4 antas):

Foi a toponomia do logar que me levou a procurar as antas da portella assim denominadas (vid. *Religiões da Lusitania,* por Leite de Vasconcellos, pag. 254, Cartailhac, *ibid.,* pag. 147 sqq. e *Arch. Port.,* I, 350). Não me enganei na minha presumpção[1]. A *Chã das Arcas* occupa um local situado entre os marcos designados na carta geodesica n.º 4 com as cotas 443 (*Penacova*) e 471 (*Cumieira*), e na geographia administrativa do concelho está situada nos limites das freguesias de *Grade,* do *Valle* e de *S. Payo.* Marca um ponto da linha divisoria das aguas do Vêz e do Lima. Contiguo lhe fica o *Côto da Pena,* castro de que restam alguns vestigios[2]. Quanto a antas, encontram-se, descendo d'este alto, quatro pequenas mamôas em dois grupos distanciados cêrca de 700 metros. O grupo mais proximo do castro da *Pena* compõe-se de duas pequenas mamôas quasi contiguas, tendo de altura 1 metro a 1^{m},5. Em Setembro de 1895, que foi quando visitei este sítio, já só existia um dos tranqueiros de uma das antas. No logar da camara restava apenas uma depressão ou escavação. A mamôa era

---

[1] Não quero com isto significar que alguem na região dê o nome de *arcas* aos dolmens. Se na realidade, estas *arcas* eram monumentos prehistoricos ou marcos não o juro. Divisão territorial que alli houvesse, desconheço-a. Naquelle ponto tocam-se as terras de duas freguesias, que se chamam *S. Pedro darcos* (hoje N.ª S.ª do Valle) e *S. Payo darcos,* aquella anterior á monarchia, esta muito antiga tambem. Se *arcos* e *arcas* tivessem o mesmo sangue etymologico, estava explicado o nome da villa dos Arcos de Valdevêz, cuja séde é *S. Payo darcos* e sobre cuja origem se tem fantasiado a capricho. Tem a palavra os cavadores d'estas linhagens da palavra.

[2] Para a banda do norte distinguem-se ainda dois ou tres patamares caracteristicos; e no alto, do mesmo lado, alicerce de um lanço de muro, entre dois penedos.

Digitized by Google

constituida de terra á mistura com cascalho graudo. Em uma d'ellas informaram-me que, havia pouco, tinha sido inhumado um touro... Aviso a surpresas de exploradores incautos.

Do chão recolhi um caco grosseiro e um fragmento de utensilio de pedra (gneiss alterado) obtido na natureza, mas com signaes de aproveitamento pelo homem. Lembra os do *castello de S. Miguel-o-Anjo* (*Arch. Port.*, I, 6). Não podia provir do castro proximo por transporte natural. Havia ao lado d'este grupo uma pequena elevação de terra, que deixava duvidas acêrca da sua definição. Poderia ter sido uma mamôa arrasada e desfeita.

O segundo grupo compõe-se de outras duas mamôas, distantes uma da outra uns 100 metros. São das mesmas dimensões e do mesmo aspecto que as anteriores. Roubadas as pedras. Este grupo acha-se a NO. do marco geodesico 471 (*Cumieira*).

b) *Chã do Torrão* (3 antas):

Visitei este sítio da freguesia de Gondoriz[1] em Agosto de 1895. D'elle se desfruta vasto panorama. A este tempo pois se refere o estado dos monumentos que descrevo.

No mappa geodesico n.° 1 deve collocar-se esta chã entre os pontos 350 (*Selim*) e 415 (abaixo e a O. de *Villa-Boa*), no caminho de *Boa-Vista* (O. de *Selim*) para este ponto 415. Á distancia de dois kilometros existe um logar, ainda hoje habitado, com o nome de *crasto*. Se não fosse esta circunstancia, não se lhe reconheceriam signaes d'aquillo que provavelmente foi.

São tres as mamôas d'este grupo. A mais meridional é um pequeno *tumulus* de terra misturada com cascalho. Desappareceram já as pedras da anta e ficou só a depressão central, como corpo de delicto do sacrilegio.

A segunda mamôa, tambem violada, encontra-se a 80 metros da primeira, mas está tão junta á terceira e ultima que os perimetros

---

Á superficie da terra topam-se alguns restos ceramicos, analogos na pasta aos de outros castros. Nos flancos informaram-me que tem apparecido enterrados *porrões* com cinzas (urnas funerarias). Ha a lenda do *olho marinho* (como em outras estações); isto é, não se pode cavar em determinado ponto, defronte do ribeiro de *Carralcova* (que se avista), com risco de rebentar um olho de agua. Prende-se-lhe tambem a *tradição de luta* com os *Crastos do Valle*, que lhe ficam a distancia e em situação inferior para sul. A denominação de *Côto da Pena* parece conservar a memoria de alguma pedra porventura com valor archeologico, mas que hoje em vão se procura.

[1] Na bôca do povo é Gundriz (de *Gunderici*).

Digitized by Google

das duas se cortam. O meu guia, a quem eu acabava de explicar o destino d'estes monumentos, que para elle eram thesouros do tempo da mourama, commentou, ao ver estas duas mamôas:

—Então, senhor, isto aqui era marido e mulher!

No concelho não conheço segundo exemplar d'esta especie de geminação de mamôas.

Tem cada uma a circumferencia de 70 metros e a altura de 1 metro a $1^{m},5$, o que quer dizer que são das mesmas dimensões que as da *Chã das Arcas*. Do chão recolhi fragmentos ceramicos, sem ornamentação alguma, trabalhados á roda, mas de pasta e aspecto claramente archaicos.

c) *Alto* ou *Chã do Mezio*[1] (16 antas):

O *Mezio* é uma vasta portella, uma larga e alta chã, flanqueada aproximadamente a NE. e SO. pelos montes do *Guidão* (1:217 metros) e do *Gião* (798 metros), e atravessada pelo caminho de *Cabana-Maior* para *Soajo*. O seu relevo contem-se nas cotas maximas de 728 e 716 e na minima de 640, ponto exactamente obtido na trajectoria d'aquelle caminho. (*Vide* Carta n.° 1 da Commissão geodesica). É uma situação elevada e, para quasi todos os lados, a vista é soberba e o horizonte dilatado. O estuario do Lima fica-lhe a SE., e d'alli se observa como este pittoresco rio, depois de serpentear por entre serras de tortuosos flancos, vae adormecer ao longe em manso e estirado leito pelas veigas da Correlhã até ao Oceano[2].

As notas que se seguem foram por mim tomadas num minucioso exame que passei ás mamôas do *Mezio* em Outubro de 1895. Havia dois annos porém que eu já tinha descoberto algumas.

As antas do *Mezio* podem marcar-se na referida carta desde um ponto a E. da cota 728, seguindo pelas dos n.os 661 e 640 até proximo

---

[1] *Mezio* ou *Homezio* é antigo termo português, que ficou no onomastico nacional. Não é este o unico *Mezio*. Pode ver-se: *Elucidario*, s. v., «omizio»; *Revista Lusitana*, I, 52; *Panorama*, II, 379; *Historia de Portugal*, de Schaeffer, I, 250. Em *Avis* chamam gado do *Almezio* (vid. *Revista Lusitana*, IV, 227) ao gado do monte. Em Castro-Daire e Lamego ha *Mezios*.

[2] Não sei se é ás antas do *Mezio* ou a outros vestigios que ainda não topei, que Fr. Lourenço do Valle, amigo de Cenaculo, se quer referir em uns manuscriptos existentes na Bibliotheca de Evora, segundo apontamentos do meu amigo Leite de Vasconcellos: «Hoc etiam mire vidi in monte *Homezio*, juxta Soajo. Ampliora sunt igitur aedium, terra sub gravi carbonibus, lateribusque vestigia fortuito delecta fossoribus, et quae quondam fuisse incendio sepulta testantur».

Digitized by Google

do ponto 716. É uma linha um pouco encurvada, mas orientada proximamente de N. para S.

São quinze as antas que lá encontrei: um polyandrio em ponto reduzido. Infelizmente todas saqueadas e muitas destruidas; a triste mamôa com a excavação central. Castro algum lhe fica proximo; é já a região da montanha inculta, em outro tempo talvez coberta de frondoso bosquedo[1].

Começarei a descripção d'estes monumentos pelo mais septentrional, ao fundo do elevado cone do *Guidão* (1:217 metros).

1.ª Mamôa de terra e sarulho, como todas as outras; mede de circumferencia 59 metros e de altura ao centro 2 metros sobre o nivel do terreno circumjacente. As alturas d'estes monumentos foram calculadas por estimativa; os circuitos foram medidos á fita metrica com o possivel rigor.

A anta acha-se destruida e destroçada, com excepção de dois dos esteios ou tranqueiros.

2.ª A mamôa tem as mesmas dimensões.

Existem as ruinas da anta, cuja tampa mede $2^m,10 \times 1^m,50$. Dista da anterior 500 metros *plus minus*[2].

3.ª A circumferencia do monticulo artificial dá 30 metros; a altura aproximadamente é de 1 metro. Nem uma só pedra escapou. Fica a 70 metros da anterior.

4.ª É a melhor de todas. Encontra-se a 40 metros da antecedente, para SE. Conserva-se a mamôa com seus 59 a 60 metros de circuito e a crypta figurada na fig. 1.ª (corte e planta nas figs. 2.ª e 3.ª). Quando se avista esta mamôa nada faz suspeitar a conservação da camara sepulcral, porque está inteiramente enterrada. Subindo porém ao cume do monticulo, depara-se-nos logo uma grande lage, ainda em parte coberta de terra (em 1895), e que tem á vista $3^m,10 \times 1^m,80$. Esta lage

---

[1] D'essa secular vestidura resta ainda talvez um bello pedaço, na chamada *Mata do Ramiscal*, que occupa as margens do ribeiro de *Cabreiro* a 2 kilometros das nascentes (1:208 metros) até cêrca de 8:000 metros abaixo. Essa esplendida mata é o mais incondicional logradouro de vandalos que se pode crer em terras de civilização. Povoam-na carvalhos e azevinhos.

[2] Á distancia aproximada de 100 metros, na direcção em que venho, encontra-se uma elevação de terra e sarulho, não emergindo totalmente do terreno, mas só metade, porque a outra parte confunde-se com o relevo do monte. Esta elevação é coroada por uma lage de $2^m,90 \times 2$ metros, que se apoia por um lado na rocha natural e pelo outro descansa sobre um calhau de forma arredondada. Duvido que tudo isto seja obra do homem. Mas terá sido aproveitada? (Vide *Revista de Guimarães*, XVIII, 26). Registo em duvida.

Digitized by Google

é uma das tampas ou capas da anta; todas as outras acham-se occultas ainda. É claro que este monumento foi já saqueado, mas conserva ainda todas as suas pedras nas respectivas posições. Os violadores inespertos atacaram-no pelo lado do O., cavando junto a dois dos esteios ou tranqueiros, até conseguirem desviá-los um pouco para fóra, e formar assim uma abertura, uma especie de escotilha, por onde apenas póde introduzir-se um homem, descendo-se.

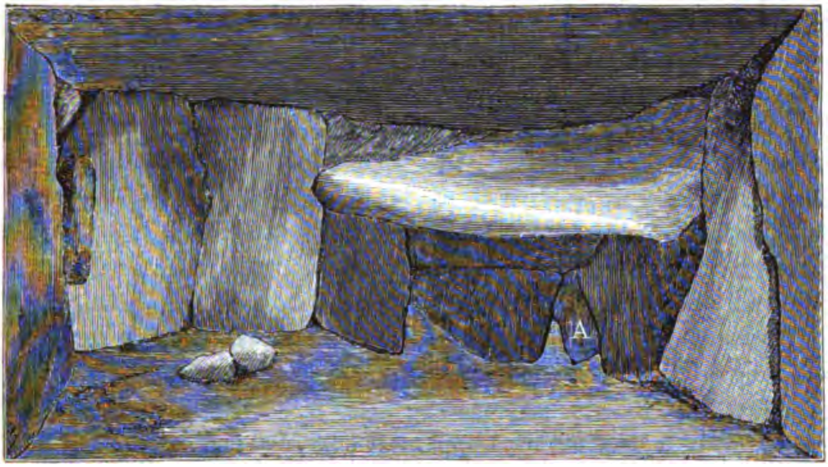


Fig. 1.ª

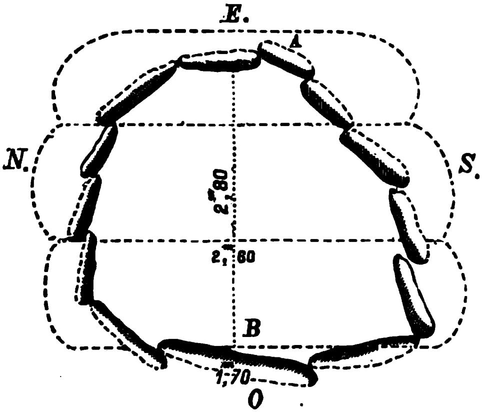


Fig. 2.ª

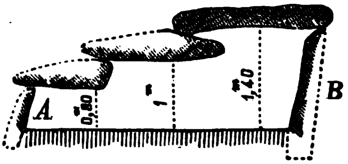


Fig. 3.ª

Entrando-se na camara ou crypta, nota-se que todas as pedras conservam ainda os seus logares, sustentando as de supporte tres grandes lages que capeiam a anta. O pavimento é de terra negra e mede $2^m,80 \times 2^m,60$, sendo aproximadamente circular. A entrada propria da anta parece ter sido para E., na pedra A. Conclue-se isso pelo exame da

Digitized by Google

disposição dos pés-direitos relativamente uns aos outros. Como se póde verificar na planta da camara, estas pedras estão dispostas não de-topo mas de-coberta, isto é, sobrepondo parte das suas faces menores. D'esta sorte, a vedação das juntas era tanto quanto possivel completa, porque as pedras ajustavam-se pelas faces lisas, naturaes, e não pelas fracturas irregulares e toscas. Este processo de construir tem sido reconhecido em outras explorações (Cfr. *O Pantheon*, n.º 1, artigo de Martins Sarmento, sobre as antas do Valle de Ancora). As primeiras pedras collocadas pelos constructores megalithicos teriam sido os tranqueiros da entrada propria da anta; successivamente viriam outras encostando-se ás que as precediam e sobrepondo-se em parte.

Do córte da anta tambem se pode inferir qual o processo de assentamento das padieiras; a primeira collocada teria sido a mais proxima da entrada; sobre essa correu a segunda e por ultimo a terceira. A pedra A deve ter sido a porta, e como tal collocada em ultimo logar. Parece-me que por ahi deviam ter começado exploradores mais avisados. O esteio ou tranqueiro opposto á entrada mede, na parte visivel interiormente, $1^m,70$ de largura por $1^m,40$ de altura, que pois representa a maxima altura interna da camara funeraria.

5.ª A 150 metros aproximados para SE. da referida mamôa encontra-se outra de dimensões apparentemente iguaes. Parece ter tido uma pequena galeria com $2^m,80$ de extensão e de largura $0^m,80$; orientada NO.–SE. A lage superior tombada é sensivelmente circular com 2 metros de diametro. Alem d'esta pedra, conservam-se algumas de supporte.

6.ª Pequena mamôa, com os seus contornos já pouco perceptiveis, o que torna impossivel medi-la. Não é mais alta que 1 metro. A crypta não teria mais de 1 metro de diametro, a julgar pela posição de alguns supportes. Este monumento encontra-se a cêrca de 300 metros para SE. do anterior.

7.ª A 150 metros da mamôa antecedente, caminhando-se porém no rumo de NE. para SO., encontra-se outra com 55 metros exactos de circuito e a altura de $1^m,5$ a 2 metros. Existe a lage superior ainda pousada sobre alguns tranqueiros, que formam um recinto circular com o diametro de 2 metros.

8.ª Torneando um pouco para S., avista-se uma mamôa junto ao caminho. As suas dimensões são identicas ás da primeira que descrevo, isto é, mede 60 metros de circumferencia e de altura 2 a 3 metros. Da anta só ficou o sitio.

9.ª Voltando para SO., á distancia exacta de 30 metros topa-se com outra mamôa no mesmo estado da anterior e tão intacta como ella.

Digitized by Google

10.ª Á distancia de 6 metros certos para S. ha ruinas de uma mamôa pequena, completamente saqueada e que de alto não tem mais de 0^m,50.

11.ª Regressando á 8.ª mamôa e andando para SE. 160 metros, depara-se-nos outro *tumulus*, cuja altura não ultrapassa 1 metro, e em circuito é inferior áquella, com a qual e mais com a 9.ª forma um triangulo.

12.ª Partindo agora da 9.ª para S., á distancia de 55 metros medidos, tocam os pés em uma mamôa, desprovida já de pedras, e tendo 70 metros de redor com 3 aproximados de altura ao centro.

13.ª Medindo 23 metros do ultimo *tumulus* para ENE., vê-se novo monumento, completamente depredado, distando da 9.ª mamôa 40 metros e formando triangulo com essa e mais a 12.ª Não chega a ter 1 metro de altura.

14.ª Afastada da anterior 80 metros ha outra mamôa na direcção S. É das de maior typo d'este polyandrio, restando da anta os supportes, elevando-se acima do *tumulus* de terra 1^m,5. Parece ser a que vem figurada no *Minho Pittoresco*. Será difficil dizer hoje desde quando data o desaterro do dolmen.

15.ª É uma mamôa de 2 metros aproximadamente de altura que está situada a 65 metros de distancia da anterior para SSO. Deixaram-lhe por favor um tranqueiro.

16.ª Esta mamôa encontra-se entre o *Mezio* e *Bouças-Donas* do outro lado de uma ribeira e a algumas centenas de metros da 1.ª Não a vi eu, mas um companheiro meu d'estas digressões que me merece credito.

Como costumo, indago sempre se a voz popular tem para esta especie de monumentos alguma designação especial. Não a encontrei ainda. Explicaram-me que aquillo eram casas dos mouros, esperas das batidas ao lobo... A lenda do passado e a realidade do presente!

Não devo deixar de me referir a uns curiosos enfileiramentos de pedras, mais ou menos com as formas de lages, desenhando na planura da montanha figuras muito irregulares no traçado e nas dimensões. Algumas d'essas lages teem 1^m,5 de altura, e largura igual, o que lhes dá respeitaveis dimensões. O transporte d'estas pedras teve de effectuar-se por distancia de algumas centenas de metros, desde as quebradas circumdantes. Tudo está muito destroçado, mas conhece-se que em outro tempo marcavam recintos fechados, embora da maior irregularidade. Hoje ha muitas interrupções. Caracter archeologico não creio que tenham. É certo que, perguntando eu a um guia montanhês o que queriam dizer aquellas pedras, elle me explicou que eram *bouças*

Digitized by Google

do tempo dos mouros[1], o que a meu ver, não é bastante para lhes dar valor archeologico. Relação com as antas, não me parecem ter; e a prova está na 4.ª mamôa, que é atravessada por duas das taes vedações. Chamam-se *bouças de João Paz.*

d) *Chã do Porrêdo*[2] (1 anta):

Este local pertence á freguesia de S. Jorge e fica nos limites d'esta e de N.ª S.ª do Valle. Sendo pouco extenso, não é facil determinar-lhe bem a situação na carta geodesica n.º 4, mas parece estar comprehendido nos pontos designados com as cotas 348, 378 e 470, vertentes do rio Lima.

Percorri estes sitios em Setembro de 1895, e ainda não voltei lá depois d'esse anno.

A mamôa que lá existe é das de maior typo d'este concelho. Contei-lhe 64 metros de circuito, mas de alto apenas $1^{m},5$. É preciso, creio eu, presumir que a primitiva elevação d'estes monumentos deve ter sido maior; o que actualmente as protege é o mato; *in illo tempore* eram decerto abrigadas pela vegetação arborea circumdante.

Do que era mais difficil livrar-se uma anta, era da rapina; e assim nesta perdeu-se tudo, menos... o que era intransportavel. A escavação que ficou, mede seis passos por tres.

Os monumentos d'esta limitada região apresentam uma particularidade que me feriu a attenção, e não só a mim mas a um guia que me acompanhava e que, a respeito de prevenções litterarias, mal saberia ler.

O *tumulus* é constituido de terra e cascalho grosso, abundante no monte, mas em redor da camara ou das suas ruinas estão collocadas, contiguamente, series de pequenas lascas de pedra em disposição imbricada inversa, isto é, assentes como as lousas de um telhado de ardosia, mas de tal forma que são as inferiores que recobrem as superiores e não vice-versa. O meu guia designou esta disposição por um termo feliz, dizendo que eram pedras *entelheiradas;* e são-no, mas inversamente.

---

[1] Bouça é um pedaço de monte, fechado por parede, isolado do restante baldio, para que a vegetação se desenvolva a salvo do dente do gado. É propriedade particular. Constitue, penso eu, o modelo e methodo a seguir na arborização gradual das nossas montanhas. Monte é, na linguagem d'estes sitios e em sentido restricto, o maninho.

[2] *Porrêdo* poderá vir de *pôrro* (alho) e designar abundancia d'elles (Cfr. arvoredo, vinhedo).

Digitized by Google

Se este systema de construir as camadas externas das mamôas se inspirava na intenção de as tornar mais consistentes, necessidade acaso reclamada neste sítio por motivos que hoje não adivinhamos, ou talvez improprias para a vegetação, pareceu-me que na verdade bem sagazmente andaram os nossos prehistoricos avoengos. A erosão da mamôa devia ser quasi nulla durante muitos seculos, e a anta ou propriamente o jazigo funebre, embora fosse construido por pedras de pequenas dimensões, como era presumivel que o fosse naquelle sítio, por não haver de outras, deveria ficar muito melhor protegido contra a rapina. Resgatava-se assim por uma construcção especial a immunidade que deveria provir do megalithismo ritual.

O monumento era em 1895 cortado lateralmente por um caminho.

e) *Alto das Raposas* (4 antas):

Subindo da *Chã do Porrêdo* no rumo E., alcança-se o *Alto das Raposas.* Ao dobrar o pendor do monte para a cumieira, em um penedo ha este signal o qual, conforme a posição do observador, pode considerar-se com o vertice para cima ou para baixo. As linhas cheias indicam a parte em que se reconhece trabalho humano; a ponteada a parte em que elle é discutivel. É de $0^{m},20$ o comprimento das hastes maiores.

1.ª Logo a seguir encontra-se uma mamôa que tem 22 metros de circumferencia. Destroçada como as que seguem.

2.ª A 40 metros de distancia ha outra medindo no circuito 35 metros.

3.ª Está 12 metros distanciada, e é sensivelmente igual.

4.ª Outra mamôa dista 17 metros, e apresenta as mesmas dimensões.

Estas mamôas estão numa direcção proximamente de O. para E. Das suas camaras só existe a depressão central, e os proprios *tumuli* tendem a desapparecer, pois já só tem $0^{m},70$ de altura, apesar de serem *entelheirados,*—aproveitemos o termo.

f) *Alto de Sobredinho*[1] (1 anta):

Continuando a subir o monte encontra-se outra mamôa.

---

[1] *Sobredinho* é deminutivo de *Sobrêdo* que está no mesmo caso de *Porrêdo;* isto é, vem de *Sôbro.* Devo esta indicação ao Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, que me diz mais, que *Sobrêdo* existe no onomastico de Vianna do Lima e de Villa Real; e cfr. *Sobrêdo* que se encontra em Trás-os-Montes, Beira e Extremadura. Na Galliza ha muitos *Sobrêdos* e pelo menos uma *Sobrêda.* Em Oliveira do Hospital ha o dolmen da *Sobrêda* (vid. *Portugalia,* I, 13).

1.ª Esta apresenta a feição e o aspecto das anteriores e acha-se no mesmo estado.

g) *Côto de Villar de Ossos* (6 antas):

Ainda no mesmo local, subindo sempre, mas desandando um pouco para N., em uma eminencia que fica sobranceira ao logar de *Villar de Ossos*, descobre-se novo grupo de monumentos d'esta natureza, ao todo 6, e tão desfeitos que mal destacam o seu relevo. Não teem mais de 25 metros de circumferencia.

São construidos de terra e lascas de pedra, colhidas á superficie do monte, onde se encontram em grande cópia. Ainda é bem patente a disposição especial a que acima me refiro.

Em nenhum outro ponto do concelho encontrei mamôas construidas por esta fórma.

Em uma monographia intitulada *Contribution à l'étude des marchets* (separata do tomo XXI dos *Annaes* da Sociedade Archeologica de Namur) pelo barão Alfredo de Loë (1895), encontra-se a descripção de alguns *tumuli* belgas, designados com a locução *marchets*, em que se poderá ver alguma analogia com estas mamôas formadas, como aquelles, de cascalho quasi só. Nas dimensões esses monumentos ainda se aproximam dos nossos (altura $0^m,50$ a $1^m,5$; diametro 3 a 18 metros). Não quero por isto estabelecer filiação, mas notar o facto e insinuar que causas identicas devem ter produzido factos analogos em todas as regiões. Os *marchets* encontram-se em sitios elevados, incultos e agrestes; as mamôas *entelheiradas* tambem, mas aqui a abundancia de lascas suggeriu de certo aos constructores d'estes monumentos a imbricação do cascalho exterior. Os *marchets* são tambem protegidos por cascalho irregular, mas muito conjunto.

h) *Lamas do Vêz* (6 antas):

Nas quebradas setentrionaes do ponto mais elevado (1:415 metros) da orographia de Entre-Lima-e-Minho, o *Alto da Pedrada*, sito na parte da serra de Soajo denominada *Outeiro-Maior*, entre as cotas 1:258 e 1:288 metros da carta geologica n.º 4, dilata-se uma larga planicie, a que chamam *Lamas do Vêz*, porque ahi brotam, por entre a urze e os piornos, os fios de agua que engrossando gradualmente vão formar o curso do rio Vêz.

A esta já respeitavel altitude, encontrei em 1894 seis bellas mamôas, cujas dimensões não pude tomar com rigor, mas que me pareceram semelhantes ás do *Mezio*. As antas foram saqueadas e derruladas. Pertencem, pois, á classe das antas megalithicas do concelho,

Digitized by Google

podendo as do outro typo (*Chã das Arcas, Porrêdo, Alto das Raposas* etc.) considerar-se como tendo sido antellas, a julgar pelas dimensões do que resta.

i) *Chã do Calcado* (2 antas):

O *Calcado* é uma lomba de serra que na carta geodesica n.º 1 tem a cota de 1:250 e fica a SE. do marco lá inexactamente designado com o titulo de *Peneda* em vez de *Pedrinho* [1]. Nesta chã existe uma bella anta, alterada bastante, cuja camara mede interiormente $1^{m},30$.

Como actualmente serve para *espera* nas batidas ao lobo, é isso o que nos respondem os habitantes da região quando se pergunta pelo epitheto de tal construcção.

A 60 metros para E. da mamôa anterior encontram-se ruinas de outra.

j) *Alto do Campello* (1 anta):

Este ponto, situado na mesma serra, e na freguesia da Gavieira, tem a cota de 1:155 metros e encontra-se à 1:000 metros ao Sul do marco da Cesta [2] (1:131 metros) e a NE. do *Pedrinho.* Vê-se ahi uma

---

[1] Esta inexactidão provém naturalmente de informação confusa prestada pelos guias ao distincto engenheiro que levantou a carta geodesica nesta região. O marco a que na carta n.º 1 se assigna o titulo *Peneda*, é conhecido pelos habitantes com o nome de marco do *Pedrinho*, e teve a cota de 1:373. Pertence á freguesia de *Sistello*. *Peneda* é o nome de um logar que se encontra na mesma carta ao centro de um quadrilatero formado pelos marcos Penameda (1:258), Rajada (1:081), Veiga (1:139) e Agua Santa (1:139). É um ponto situado no fundo de um valle agreste, e nelle existe um santuario (N.ª S.ª da Peneda) muito concorrido, em duas romarias do anno, por gente do Norte, do Minho e da Galliza. Pertence á freguesia da *Gavieira*. Esta grande serra tem sido designada pelos que consultam esta carta com a epigraphe de serra da *Peneda*, em consequencia da facilidade com que salta á vista a palavra *Peneda* (aliás *Pedrinho*) escrita em letras maiusculas, mas deverá ser chamada *Serra de Soajo* [1], porque o seu ponto culminante (*Pedrada*, 1:415 metros) está dentro de limites da freguesia de *Soajo*. Da evidencia com que na carta da Commissão Geodesica se apresenta a palavra *Peneda* (1:373 metros), provém esquecer-se o ponto mais elevado da serra, situado numa collina chamada *Outeiro-Maior*, cujo cimo restrictamente é conhecido por *Alto da Pedrada* e sito a 1:415 metros de altitude, o ponto mais elevado do norte do país depois do Gerez.

[2] De *cista* deve provir, mas não no sentido archeologico. Talvez o local dê a decifração do nome.

---

[1] Isto não impede que se possam chamar serras da *Gavieira* as montanhas situadas na area da freguesia da *Gavieira*, embora sejam seguimento da cordilheira principal ou *Serra de Soajo*.

Digitized by Google

anta do maior typo da região, anta cuja lage superior de forma elliptica mede $3^m,20 \times 2^m,40 \times 0^m,50$ de espessura (fig. 4.ª).

Fig. 1.ª

Como serve hoje de abrigo ao gado que pastoreia no monte, ouvi darem-lhe o nome de *cortelho*. O sítio, onde se levanta este monumento é a *Mota do Olho Marinho*[1]. No dizer de um pastor que me mostrou esta respeitavel mamôa, foram os mouros que fizeram tal obra: — *Homens, senhor, não podiam!* accrescentava elle.

k) *Serra da Anta* (1 anta):

Em área das freguesias de Portella e de Sistello, desde o logar da *Mourisca* até ao côto da *Estrica,* está a serra chamada da *Anta,* onde effectivamente visitei as ruinas de uma. Na carta tem o local inexactamente o nome de *Mendoiro*[2] e conta 796 metros de altitude. Da anta não se vê mais que a mamôa. Apesar do nome da serra, ninguem me sabia dizer onde era o megalitho.

l) Junto ao caminho que liga as duas freguesias de *S. Jorge* e *Ermello,* antes de chegar a *Villar de Ossos,* existiam em 1897 as ruinas de uma anta, já sem pedra alguma.

São estas as 46 antas de que posso dar notícia exacta, porque as visitei todas, menos uma. Restringindo-me, porém, á área do concelho dos Arcos de Valdevêz, posso ainda indicar algumas por informação, nas freguesias de *Gondoriz* (sítio de *Entre-côtos*), do *Valle* (logar de *Paredes*), da *Miranda* (ao S. e ao N. do *Castello*), do *Extremo* (*Bragandêllo*), da *Portella* (sobre o sítio da *Lagoa* e no *Penedo do Lobo*), e de *Padroso,* — sem comtudo estar habilitado a dizer o seu numero. D'esta

---

1 Villa-Amil (*Castros y mamoas de Galicia*) dá o nome de *motas* a umas protuberancias ou elevações de terra que tem encontrado no cimo de alguns castros gallegos.

2 *Mendoiro* é sítio que fica na vertente norte d'esta mesma serra.

Digitized by Google

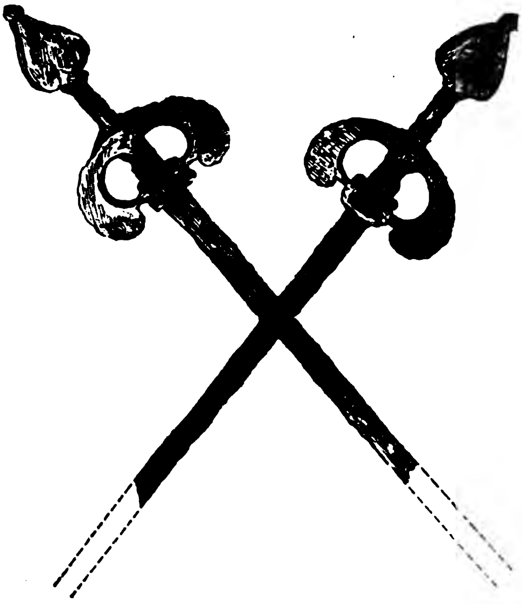
rapida exposição se infere que a archeologia portuguesa tem um vasto campo de estudo deante de si, não lhe minguando megalithos para exercer a sua actividade, mas estando ainda longe de completar o inventario d'estes monumentos. Em cada concelho se deveria fazer uma investigação archeologica capaz de revelar todos ou os principaes vestigios das antigas civilizações. Confesso porém que é difficil fazê-la por estranhos. Por meio das auctoridades locaes, é inutil tentar semelhante empresa. Do Sul ao Norte de Portugal as antas são abundantes, attingindo as maiores altitudes das regiões montanhosas.

Maio, 1902.

Felix Alves Pereira.

Espada antiga

A espada que se representa na figura junta, vista dos dois lados, tem de comprimento 1^{m},03. A lamina é de dois gumes, e mede de comprimento 0^{m},86; de largura junto ao punho tem 0^{m},04, diminuindo proporcionalmente, e tendo proximo da ponta 0^{m},2.



Junto ao punho tem um corte semi-circular, aonde se apoia a segunda phalange do dedo indicador, sobrepondo na primeira d'esse dedo

Digitized by Google

a primeira do pollegar; os tres dedos restantes da mão seguram o punho, que só tem o espaço de 0m,06, presumindo-se que neste espaço tivesse talas de madeira ou marfim.

O guarda-mão tem de um lado dois botões com pé, de 0m,03 de altura, que serviam para proteger a costa da mão, quando a espada do adversario resvalasse (figura da direita), e na figura da esquerda vê-se um appenso metallico, que, alem de proteger os dedos da mão, servia tambem para suspender a espada, quando collocada no talabarte ou arção.

O guarda-mão e punho são de ferro, e tanto estas partes como a lamina estão bastante carcomidas pela ferrugem, tendo apenas, por esse motivo, sómente de peso 1k,200.

Foi encontrada, já sem bainha, ao sorribar o terreno de um prado, para plantação de vinha, no termo de Burçó, concelho de Mogadouro, partindo-se em tres bocados na occasião de a arrancarem. Appareceram tambem, em diversos pontos do mesmo prado, ossadas humanas, que, ao serem extrahidas da terra, se desfaziam.

Segundo a tradição, naquelle prado feriu-se uma sangrenta batalha.

Bragança, Fevereiro de 1902.

CELESTINO BEÇA.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

3. Os patacões de Goa

Fig. 1.ª

Dentro de dois circulos as armas do reino, entre G–A. A legenda, que se segue da esquerda para a direita, está quasi toda obliterada; presumimos que deve restituir-se do modo seguinte:

[PHI]LIPV[S] · III · REX [· PORTVGALIAE · ET · ALG ·]

É provavel que a orla fosse ornamentada com circuito de globulos.

℞. — Cruz da Ordem de S. Bento de Avis, dentro de um circulo. Legenda: IN HOC · S[IGNO · VINCES ·]

Digitized by Google

Patacão de 6 tangas de prata de 11 dinheiros.

Peso 17^{g},35. Diametro 30 millimetros. Espessura 2,5 millimetros.

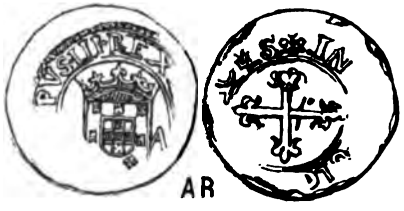


Fig. 2.ª

Dentro de dois circulos as armas do reino, tendo á direita um A. Obliterada a letra monetaria G á esquerda.

[PHILI]PVS · III · REX [· PORTVGALIAE · ET · ALG ·] (?) que se lia da esquerda para a direita. Na orla restos de circuito de globulos.

℞.—Cruz da Ordem de S. Bento de Avis dentro de um circulo. Legenda: IN [· HOC ·] SIG[NO · VIN]CES ·

Meio patacão de 3 tangas de prata de 11 dinheiros.

Peso 9^{g},50. Diametro 26 millimetros. Espessura 1,5 millimetros.

Estas moedas foram cunhadas na Casa da Moeda de Goa. Unicas até hoje conhecidas, são ornamentos notabilissimos do medalheiro do Sr. Henry Grogan, subdito de Sua Majestade Britannica, residente em Park Street, 101, Grosvenor Square, London, W.

Este cavalheiro, que se dignou enviar-nos copias dos especimes, em boa hora occasionou a palestra que vae seguir-se.

Não se poupem louvores a quem concorra para que a sciencia conheça especialidades monetarias de alto interesse. Este procedimento contrasta com factos que, por vezes, se dão em Portugal, onde existem alguns medalheiros, considerados valiosissimos, que a ninguem é dado estudar, nem aos proprios donos! como se o pensamento fosse gazua contra a inviolabilidade a que tem jus quaesquer antiguidades, onde quer que a fantasia do acaso as tenha collocado!

A causa fundamental da emissão de patacões goenses, durante o reinado de D. Filippe III, encontra-se declarada no livro IV do archivo do extincto Conselho da Fazenda de Goa, a fl. 125.

Em 13 de Novembro de 1630, o vice-rei D. Miguel de Noronha propôs ao Conselho a conveniencia de se baterem moedas novas com symbolos portugueses, que substituissem as patacas hespanholas, *reales*, que as armadas do reino tinham embarcado no Tejo, com destino á

Digitized by Google

India, em abundantes remessas, principalmente depois que D. Filippe I entrou na posse da herança que os Governadores do reino de Portugal e outros traidores lhe haviam facilitado. Esses *reales,* que a nação portuguesa era forçada a tolerar, pobre, acabrunhada e profundamente ferida pelo desastre de Alcacer-Kibir e pela inaptidão de um cardeal decrepito e inconsequente, que fôra rei, circulavam na India com valores incertos, desfigurados pela monstruosa lepra dos carimbos, variados, e roidos pelo cerceio.

O indio nunca se entendêra bem com a pataca hespanhola, cujas fracções, inconvenientes e prejudiciaes nas condições da prata quebrada, baptizava com a variada nomenclatura da antiga moeda indigena.

Em 1630, apesar d'este recurso ingenuo de baptismo, aggravava-se a situação monetaria do Oriente Português.

O indio malbaratava o tempo e a paciencia, questionando particularmente, nos bazares, nos mercados, e clamava pela promulgação de reformas contra confusões e enredos. Por que se não cunhava moeda com symbolos portugueses? Occorria, naturalmente, esta pergunta. A resposta guardava-se, como se fôra um segredo que tivesse de proteger um crime! Tempestuosos ventos da Hespanha derrubavam instituições e prerogativas seculares, e, no desastre d'esse esmagamento oppressor, o numisma português antigo vacillava no seu pedestal de glorias, immensamente saudosas!

Os *reales* tinham então a preponderancia em todas as ramificações do commercio indo-português.

Esta praga hespanhola invadiu outros dominios de alem-mar. Na Ilha da Madeira, em 1789, os *reales* foram admittidos como moeda corrente representativa de 1$000 réis; em Cabo Verde circulavam pelo valor de 920 réis; em Angola por 1$400 réis; e em Moçambique por 920 réis [1].

No reino foi auctorizada a circulação de patacas hespanholas, por decreto do general Junot de 17 de Março de 1808, com o valor de 800 réis, e subsistiram até á lei de 29 de Julho de 1854, que lhes suspendeu a regalia.

Ainda por decreto de 1 de Setembro de 1834 voltaram a circular carimbados com um punção de armas portuguesas (carimbo identico ao dos dobrões de ouro).

---

[1] *Noticia sobre os pesos, medidas e moedas de Portugal e suas possessões ultramarinas,* por Luis Travassos Valdez, pags. 31, 34, 37 e 39.

Digitized by Google

Parece que a Hespanha não se orgulhou com esta deferencia fidalga dos seus vizinhos.

Os *reales* viveram longa serie de annos na India Portuguesa. Ainda em 1856 eram a unica moeda estrangeira auctorizada ali, por titulo que nos é desconhecido, e por isto circulavam com insignificantes variações cambiaes. Tinham o valor de 5 xerafins, 3 tangas e 45 réis, ou 1$725 réis de Goa.

José de Torres, no artigo intitulado «Portugal em 1690», inserto no *Archivo Pittoresco,* II, 323, disse que: «De Portugal ia todos os annos a Goa um grande navio, armado a expensas da fazenda, e carregado pelos particulares, que pagavam o frete. As remessas consistiam quasi exclusivamente em patacas de peso, em que se lucravam sessenta por cento». Mesmo levando em conta o exagero do escritor a respeito da quantidade dos carregamentos, vê-se que no reinado de D. Pedro II os negociantes da metropole ainda tinham singular maneira de prejudicar os povos da India, como a tiveram durante a epoca filippina.

Grande quantidade de moedas de ouro e prata foi cunhada em Portugal no reinado de D. Filippe III; porém este neto do *Demonio do meio-dia,* porque não se atrevera a sepultar no olvido a promessa de seu avô [1], permittiu que derivasse para o Oriente a fatal epidemia hespanhola, grandemente odiada ali, como em Portugal, em vez de promover e facilitar a exportação da moeda do reino, que seria bem acceite pelo indio, como o foi aquella que a equipagem das caravelas de Vasco da Gama cambiou em Calecut.

Em 1630 o Conselho da Fazenda de Goa, ponderados motivos de força maior, attendiveis de melhor feição que os da justiça, acordou da inercia antiga, e, sobresaltado com a ideia de acontecimentos lamentaveis, para os quaes a reprovada influencia dos *reales* pudesse encaminhar a irritação do animo popular, accedeu á proposta do vice-rei.

Os cadinhos officiaes aprontaram-se para a transformação immediata de *reales* na importancia de 50:000 xerafins. Tão insignificante quantia para amoedar de pronto era remendo bem simples e exiguo para encobrir um rasgão complexo e enorme! D'aqui resultou que os

[1] Entre as mercês, graças e privilegios que D. Filippe I deu a Portugal na carta patente de 12 de Novembro de 1582 menciona-se, no capitulo VIII: «Que o ouro e prata que se lavrar nestes Reinos e Senhorios se lavrará co'os cunhos de Armas de Portugal sem outra mestura». *Collecção das Côrtes,* da Academia de Historia, tomo XI, pag. 70.

Digitized by Google

reales continuaram a prosperar, não obstante os protestos platonicos do povo, que apenas pedira a palavra, e não a violencia bruta, como de ordinario succede na diplomacia das greves actuaes.

A nova estiva para bater os 50:000 xerafins manteve o titulo da prata recolhida, sem outra liga alem da que tinha. A moeda de maior valor e a do valor immediato receberam officialmente o nome de *patacão* e *meio patacão,* da origem *pataca,* palavra com que foi conhecida a moeda hespanhola de 8 *reales,* tanto na India como em Portugal.

Foram emittidas as seguintes moedas:

Patacão de 6 tangas com o peso de 345 grãos;

Meio patacão de 3 tangas com o peso de 177 $^1/_2$ grãos;

Tanga pesando 57 $^1/_2$ grãos;

Meia tanga pesando 28 $^3/_4$ grãos.

Não se conhecem estas moedas minimas. É provavel que tambem mostrassem a cruz da ordem de Avis, symbolo caracteristico da emissão, que não foi repetida.

Esta cruz, que na moeda do reino foi gravada algumas vezes até o reinado de D. Pedro II, em moedas indo-portuguesas figurou sómente na emissão de 1630, porque o facto desagradou a D. Filippe III, que, por carta regia de 15 de Março de 1634, ostentou a defesa do legitimo direito da Ordem de Christo, a cujo mestrado pertenciam os dizimos que se cobravam na India, ao passo que censurava a emissão, que não auctorizara, e ordenava que de futuro se cunhassem xerafins de prata baixa, apenas quando a necessidade de os emittir fosse absoluta. E era assim que a Hespanha concorria para a decadencia economica da colonia, cujas antigas glorias não tinham symbolos representados nos brasões da sua nobreza. O ciume da gloria alheia arrancava do passado elementos ideaes para se constituir um crime de ruina futura!

Penaliza-nos ver que os exemplares figurados e descriptos não conservam a primitiva belleza. Evidenceia-se que um gravador, muito habil para tal epoca, se distinguiu notoriamente em Goa. É admissivel pensar que sob a direcção e conselho de Jorge da Cunha [1], que exercia o officio de *ensaiador da moeda da cidade de Goa* no tempo de D. Filippe III, fosse executado o trabalho. Parece que este artista não era natural da India. Na carta de confirmação no officio de cunhador na mesma cidade, passada a favor de seu filho, Antonio da Cunha, por D. Filippe III, em 24 de Março de 1636 (vide ainda a nota infra), diz-se que Jorge

---

[1] Vide *O Archeologo Português,* VII, 46.

Digitized by Google

da Cunha era *estante na India,* isto é, que ali tinha residencia. Habilitar-se-hia em Lisboa, onde fôra ourivez, ou abridor de cunhos?

A conjectura de superioridade artistica entre este homem e outros moedeiros de Goa, contemporaneos, é facil de mostrar. Confronte-se o que resta nas gravuras dos patacões com a menos bem cuidada expressão de symbolos gravados em moedas goenses emittidas anteriormente, de que se podem ver exemplos na est. I, do vol. III, da obra do Dr. Teixeira de Aragão, *Descripção geral, etc.*

Os patacões, apenas emittidos, sairam da circulação goense. Não obstante estarem assignalados com a cruz, assaltou-os a avareza insoffrida nos Estados vizinhos da colonia portuguesa. Optimamente recebidos no estrangeiro, recommendados pelo titulo metalico e pelo peso, emigrados opulentos, fatalmente estavam condemnados ao aniquilamento. E o Conselho da Fazenda não presumiu este infausto successo!

Os exemplares do Sr. Henry Grogan, unicos existentes, salvos casualmente do cadinho, provam a nobreza da sua origem e a desastrosa extincção dos seus companheiros.

O desusado diametro e a espessura do patacão de 6 tangas não deve causar surpresa entre colleccionadores, habituados a conhecer sómente formas modestas em xerafins e rupias. Quem ler a carta de lei de 16 de Junho de 1569, que D. Sebastião expediu para Goa, conhecerá que, no reinado de D. João III, o vice-rei D. Affonso de Noronha mandou bater santhomés, ou patacões de prata, do titulo de 11 dinheiros, com o grande peso de 544 grãos. Estas moedas, desconhecidas, tambem foram sacrificadas na sua epoca; nem mesmo o notavel numismata indiano Filippe Nery Xavier as conheceu. É de crer que tivessem consideravel diametro e espessura. O typo seria barbaro, ao gosto da epoca, assim como foram quasi grotescas as feições e pesadas as proporções do bazaruco de cobre n.º 1 da estampa XV de Teixeira de Aragão, cunhado no governo de D. João de Castro. Isto acceita-se radicalmente.

O indio revoltou-se contra o valor exaggerado de 360 reaes nestes santhomés, equiparados aos pardaus de ouro correntes, valor que estáva em desacôrdo com o preço da prata fina, que era de 2$400 reaes por marco, porem não se aborreceu com espessuras e diametros. E porque se aborreceria? A plastica da novidade não molestou o indio, para quem a moeda nunca foi prototypo de monstruosidade ou de formosura artistica. Homem pratico, não teve as mais leves noções do que fosse o valor numismatico, que hoje se manifesta e se comprehende claramente, nem pôde suspeitar que os systemas monetarios seus contemporaneos, ou

Digitized by Google

contemporaneos de seus avós, no futuro seriam objecto de apaixonado culto, de estudos, de controversias, que concorressem para o progresso e gloria da sciencia. No caso contrario as harpias do lucro reservariam algumas amostras d'aquelles materiaes, destinados para ornamento da archeologia no futuro.

No fabrico do exemplar da fig. n.º 2 foi excedido o peso que a lei estatuira, porque, cerceado como está, ainda tem 12 grãos a mais. Este caso é um dos raros que temos apreciado com relação a moedas fabricadas em Goa, onde os operarios, desdenhando impunemente das estivas, craveiras legaes *in nomine,* costumavam reduzir os pesos.

Tambem nalgumas emissões feitas na metropole no seculo XIX se tem notado irregularidades analogas.

Quanto ao lavramento de especies em ouro é citado um caso grave. O Dr. Teixeira de Aragão, em nota a pag. 141 do vol. II da obra já citada, diz que viu uma dobra de quatro escudos, cunhada em 1820, com 10 grãos a mais. Se entre os exemplares lavrados neste anno, em numero de 1:687, sairam para a circulação alguns com luxo illegal identico ou superior, não inutilizados na Casa da Moeda, frouxa a fiscalização do fabrico e talvez perturbada por graves acontecimentos politicos da epoca, o publico houve por bem não se accusar do beneficio. Aguardava novas manifestações de generosidade que os moedeiros offerecessem?

As unicas moedas portuguesas que, sem duvida alguma, se conhecem como fabricadas no tempo de D. Filippe III são as de Goa, datadas ou não datadas; estas denunciam-se pelos pesos e typos, como os patacões de que tratamos.

As emissões de Lisboa, sem designações especiaes de chronologia, confundem-se com as do reinado antecedente. Ao dominador castelhano talvez que só muito tarde occorresse que a manifestação pratica de uma das mais valiosas prerogativas regias ficava obscura na historia monetaria de Portugal; seria quando viu approximar-se o momento em que tinha de levar para o estreito abrigo do tumulo a pretenção de rehaver uma herança valiosissima, que não soubera ou não pudera guardar.

Depois de 1640, anno em que a pretenção se arreigou no cerebro d'aquelle rei, o escudo das armas de Portugal foi gravado, bem nitido e visivel, mas sem coroa, no conjunto heraldico de Hespanha, como se houvesse prestado vassallagem, que deprimisse a nobreza e menoscabasse os brios da nação libertada. Como se vê da fig. 3, elle occupou o logar central, o de honra. D. Filippe sublinhou a affronta com singular cortesia!

Digitized by Google

O melhor criterio não deixará de reconhecer no procedimento do rei hespanhol certa intenção occulta.

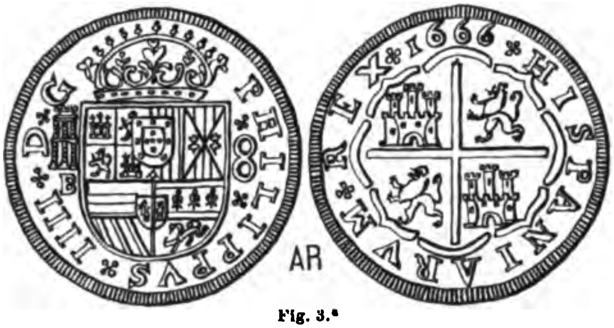


Fig. 3.ª

Em 1667 a affronta foi supprimida nas cunhagens de moedas para o continente hespanhol. A suppressão teria como causa primaria a influencia moral da batalha de Montes Claros, ferida a 17 de Junho de 1665, ultima prova da tenacidade heroica de um povo para consolidar a independencia, que num só dia, emfim, conquistara violentamente.

D. Carlos II recolheu e arrecadou a pretenção paterna até o anno de 1694! Pretenderia realizar diplomaticamente, ou por força de armas, a união de Portugal a Castella? Esta ideia paira serenamente no espirito de quem examinar o anverso do *patacon*, fig. 4.ª, cunhado em Antuérpia quando o monarcha era senhor dos ducados de Brabante e Limburgo.

Fig. 4.ª

Parece que depois de 1694 o brasão de armas de Hespanha não mais se pavoneou numismaticamente com adornos de propriedade alheia; pelo menos na obra de Aloïss Heiss [1] não encontrámos estampas que provem o contrario.

[1] *Descrición general de las monedas hispano-cristianas.*

Digitized by Google

Terminadas estas considerações, com que acompanhámos as figuras de dois numismas notabilissimos, devemos dizer que o Sr. Henry Grogan consagra especial estima á numária colonial portuguesa. Esta homenagem, pouco vulgar, prestada por um estrangeiro ás nossas colonias, deve impor-se, como fortificante razão de estimulo, para que os numismatas portugueses se interessem na apreciação da moeda estrangeira, á qual não falta valor historico nem arte, sem que por este facto se privem de enthesourar e apreciar a antiga moeda nacional, dia a dia cada vez mais rara e esquiva.

Consulte-se a seguinte synopse, que não comprehende exemplares em duplicado, a fim de se conhecer como é numerosa a serie de moedas indo-portuguesas da collecção do Sr. Henry Grogan.

Moedas portuguesas	Metaes				
	AV.	AR.	AE.	PL.	Total
Das Ilhas dos Açores	–	6	18	–	24
Da Ilha da Madeira	-	–	3	–	3
Das Ilhas de S. Thomé e Principe	–	–	7	–	7
Da Africa – Oriental	2	5	9	–	16
Da Africa – Occidental	–	16	49	–	65
Da India	4	238	146	45	433
Do Brasil colonial	–	–	55	–	55
	6	265	287	45	603

Lisboa, Julho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Antiguidades dos arredores de Evora

1. Antas do Barrocal

O sitio do Barrocal fica perto da Tourega, no concelho de Evora: n-*O Arch. Port.*, IV, 128 sqq., fallei das antas existentes neste sitio, as quaes um dia espero explorar com o concurso do Ex.^mo Sr. Visconde da Esperança, a quem no citado numero d-*O Archeologo* me refiro.

Aqui publico duas gravuras que representam duas das mencionadas antas, segundo photographias do Sr. Barbosa, de Evora.

Digitized by Google

Fig. 1.ª É a maior das antas que estão perto do *monte,* ou casa da habitação da herdade do Barrocal. Encostado a um dos esteios ficou

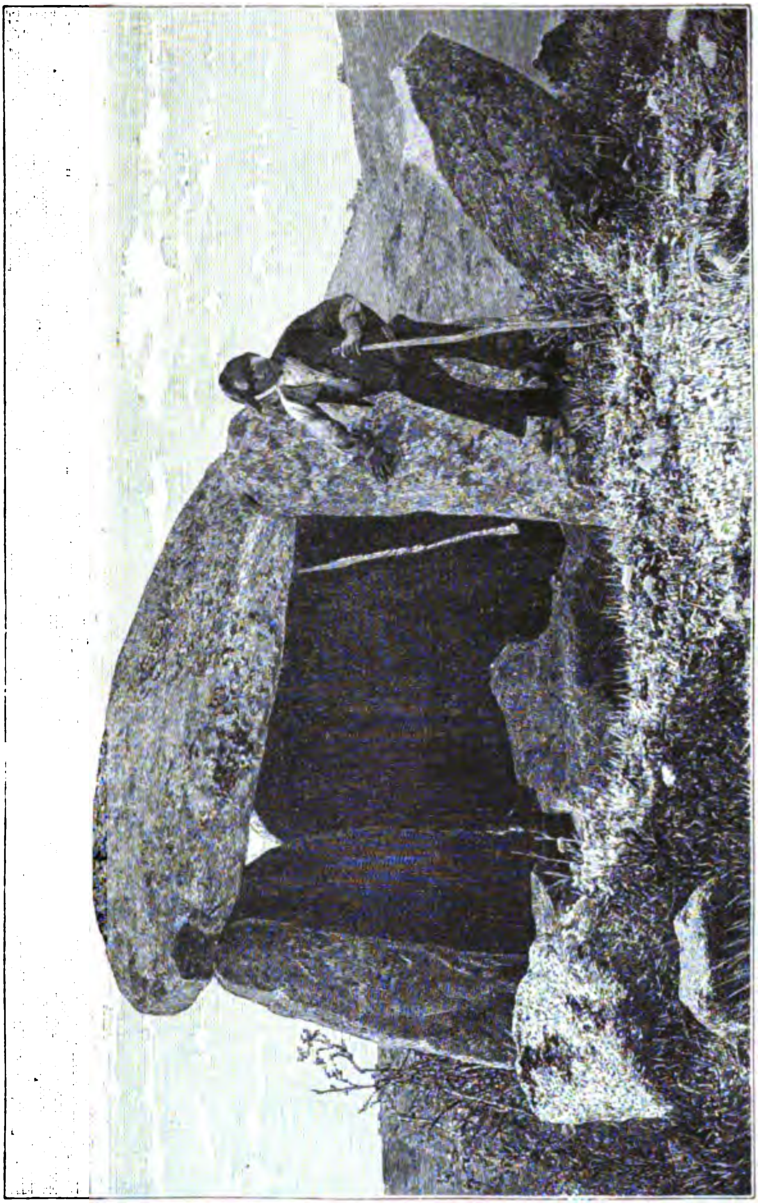


Fig. 1.ª

photographado um moço do gado, com o seu trajo caracteristico: çafões, barrete, etc., e muito pasmado, porque, dizia elle, tinha medo de que o enfeitiçassem com a photographia.—D'esta anta se dá a planta n-*O*

Digitized by Google

Arch., IV, 129 sqq; e foi nella que se encontrou a placa de schisto figurada *ibidem* (n.º 5 da estampa).

Fig. 2.ª

Fig. 2.ª É a menor das ditas antas. Um dos esteios está por terra, e falta-lhe já a tampa. Pela figura do caçador que ao pé ficou photographado se faz ideia geral da altura da camara dolmenica.

Digitized by Google

2. Ruinas romanas da Tourega

Como complemento do que escrevi n-*O Arch.*, IV, 130 sqq., aqui publico tres gravuras, tambem segundo photographias do Sr. Barbosa:

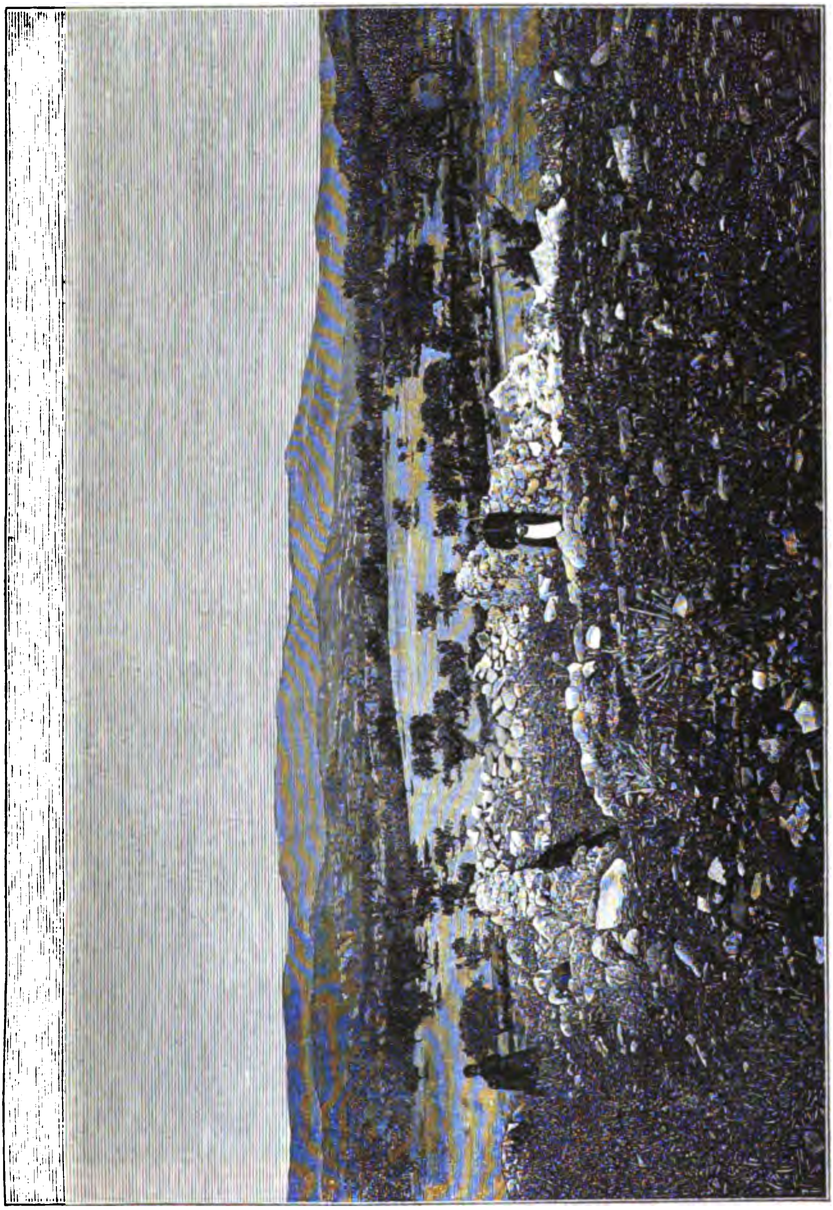


Fig. 3.ª

Fig. 3.ª Representa as tampas descritas na memoria de que trans-

Digitized by Google

crevi parte n-*O Arch.,* 132; estão, como lá se diz, vestidas internamente de *opus Signinum.*

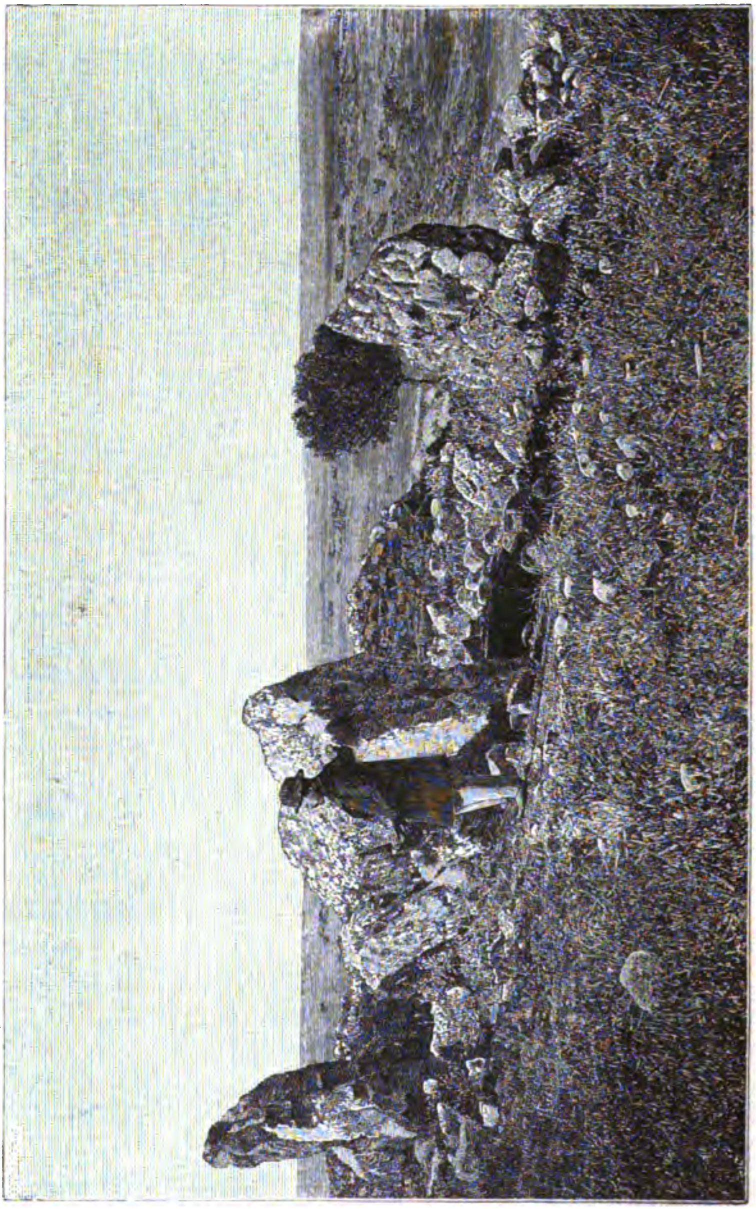


Fig. 4.ª

Fig. 4.ª Representa ruinas de edificações e grandes pannos de muralha caidos por terra.

Digitized by Google

Fig. 5.ª Vista da fonte de *Santa Innominata* ou *Annominata,* que se descreve n-*O Arch.,* IV, 133 sqq. Não direi que a fonte seja romana, em todo o caso é antiga, e andam ligadas a ella tradições populares.

Fig. 5.ª

Do que fica dito se vê que a Tourega foi effectivamente estação romana de certa importancia. Bem mereceria a pena proceder ahi a excavações methodicas.

J. L. DE V.

Um inventario do seculo XIV

O inventario a que se procedeu por morte do mestre de Avis, D. Martim de Avelar, pode ser considerado como um dos mais ricos até agora conhecidos. Nelle se encontram mencionados os utensilios de toda a especie, de que se cercavam os homens na Idade-Media. O numero e a variedade dos tecidos e de objectos de luxo demonstram-nos até que ponto subíra a industria e a importancia que o commercio tomára.

Muitos dos nomes não são sufficientemente explicados em trabalhos competentes, pelo menos no sentido etymologico, que é aquelle que mais cabalmente póde determinar a origem proxima ou remota de dado objecto [1].

---

[1] Em quatro documentos em latim, sem data, mas que se podem attribuir ao seculo XII, os quaes vem transcritos no celebre Livro Preto, de Coimbra, a fls. 128, 209 e 213, encontram-se já os seguintes termos: «*alfambar* ou *alphanbarem,*

Digitized by Google

A lei de 26 de Dezembro de 1253[1], anterior um seculo a este inventario, teve já um interprete, na parte relativa a tecidos, na pessoa do Dr. Rolin[2], de Praga. No seu consciencioso estudo encontram-se notas relativas aos seguintes panos: escarlata, chamalote, grã, tiritana, viado, estamenha, burel, cendal, sirgo, ipre, picote, sarja, alfres, etc.

O mencionado inventario despertou no sec. XVIII a attenção de um curioso, que é pena ser-nos desconhecido. Escreveu a seguinte nota, que se encontra collada na primeira folha do caderno:

«Copia do Inventario a que se procedeo, por morte do Mestre D. Martim de Avelar acontecida em 1362 e a quem succedeo D. João, que ao depois foi Rey. Foi feito este Inventario por Gonsalo Esteves Provedor do Mestrado, e em ele relacionou a maior parte dos bens assim moveis como de raiz, e orniamentos das Igrejas, que aquele tempo a Ordem possuhia. Nas relaçoẽs d'Aviz e de Veiros achar-se-hão os moveis de caza, e armaduras de guerra que ficarã nestes depozitos, e havião sido do uzo do Mestre defunto, e na do Alandroal a caudelaria que ali tinha. Faltão porem algumas relaçoẽs como a de Santarem, Alpedriz, Torres Novas, Algarves, Elvas, Oriz, Seixo e Covelhaã. Este documento abunda em palavras antiquadas d'algumas das quaes não pude achar os significados».

* * *

Era de mjl e quatroçentos e quatro Anos primeiro dja de Majo en ffronteira presente mỹ Affonso monjz Tabeliom del Rej En A dita vjla Gonçalo Steuez proueedor dos bẽes do Meestrado daujs mostrou hũu ljuro de papel En que andauã scritos os bẽes que a dita ordem ha. Os quaees erã scritos per maao de tabeljaes dos logares da dita hordem e Assjnaados per suas maaos segundo pareçja o fazimento. Primeiramente hũa scritura ffeita e assynaada per maãos dAffomso ffrancisco tabeljom en Alcanede da qual scritura o teor tal he.

---

pelliciam (sobre-peliza), *plumazum* (chumaço), *plumellam* (chumella), *sauanam* e *tapetem*. Um dos documentos citados descreve um leito da seguinte forma: *meum lectum cum suo aliffafe et tapete et almusala et linulas quomodo est conpositum*». Ainda menciono aqui o termo *culcitram* ou *cozedra*.

[1] Impressa por J. Pedro Ribeiro, 1813, *Dissertações, etc.*, tomo III, parte II, pag. 59; *Port. Mon. Hist.*, Leges, 1858, pag. 192; Teixeira de Aragão, *Descripção Geral, etc.*, 1875, I, 324.

[2] *Documents relatifs à l'histoire du commerce des draps dans la Péninsule ibérique au XIII^e siècle*, in *Sechsunddreissigster Jahres-Bericht über die Prager Handelsakademie*, Praga 1892.

Digitized by Google

Alcanede

It. Gonçalo steuez fez per ante ssy vijr Lourenço dominguiz Almoxaryfe que ffoj de dom Martin do Auelaal per mỹ Affomso ffrançisco scriuã do Almoxarifado e outro sy Martin Vaasquiz Jujz da dita vjla dalcanede que ffoj ia en outro tempo Almoxaryfe e Johã Affomso que ffoj Rendeiro da dita vjla e ffez lhes pergunta per juramento dos Euangelhos que bees erã os que a dita hordem daujs auja en a dita vjla dalcanede e em seu termho assj moujs cõme Rajzes os quaees per o dito Juramento djsserom estes que sse adeante segem primeiramente[1].

It. Achou na dita Egreia da dita vyla Estes ornamentos que se adeante segem primeiramente hũa cruz de prata que djziã que auja quatro marcos de prata. It. outra cruz da latom e o cruçifiço de prata. It. outra cruz pequenina da latom que leuã ao comũgar. It. hũ tribulo de prata de dous marcos de prata. It. tres calezes de prata os dous calezes pos a ordem e hũu pos o conçelho e hũu dos ditos calezes que pos a ordem he dũ marco e ho outro duũ marco e mejo mejos[2] hũa meja onça. It. hũa vistymenta ffestjual que tem o manto de çendal. It. outra vistjmenta ffistiual que tem o manto de pesso. It. hũa capa de ssolja. It. houtra capa de pano de sseda. It. hahj hũas obradeiras. It. duas Almatjgas de pano de seda. It. hahj tres vistjmentas velhas. It. tres ssalteiros. It. hũ domingal. It. hũ santal. It. hũ Auangjljorõ. It. hũ sacramentoron. It. tres caritanhos. It. dous lyuros de batjsçar e dencomendar. It. hũ domingal nouo de Canto. It. hũ ljuro pistoleiro. It. hũ offjcjal de canto. It. hahj hũ caderno do offiçio do corpora christi. It. hahj outro caderno do offiçio de santa Maria da Conçeiçom. It. hahj outro caderno doffiçio do umgir. It. hahj duas Arcas pequenas. It. hahj hũa coussella de prata en que séé o corpore christi En que ha hũu meo marco de prata. It. hũ caldeirõ e duas galhetas. It. hũ baçio quebrado. It. hũ sepiltro (?) It. hũ çjmeiro em que seẽ as candeas pera as treuas. It. as coussas sobreditas o dito Gonçalo

---

[1] Dos bens immoveis que a Ordem possuia em Alcanede só transcrevo os dois seguintes *itens*:

It. ha na dita Rjbejra hũ Engenho de burẽes de que ha ordem ha o terço e paga a terça parte a ordem dos custos e teno Vjçente Andreu e seus Ereos.

It. ha en Alueela dous mojnhos e hũ Engenho de burẽes que stã afforados por trinta e çjnco libras en cada huũ Ano e tenos afforados Joham martinz en djas de sua vjda.

Engenho está no sentido de fabrica. Em Alcanede havia um sitio denominado *as ffrauegas* (fravegas), palavra que se deriva de *fabricas*.

[2] menos

Digitized by Google

Steuez mandou a Fernã Anes moordomo da ordem que as ffaça poer em Recado. It. dous Religajros da latom em que djzem que andauuã Reljgas e nõ sabem queiendas som por que am fechados cõ soldadura. It. todas estas coussas sobreditas o dito Gonçalo Steuez emtregou ao dito moordomo presente Domingos Fernandez scriuã.

Benavente

It. Outrossj Eu Affonso monjz tabeljom del Rej en ffrontejra vj hũa scritura feita e asjnada per mãao de St. anes tabeljom en benauente segundo parecja e ffazia mençom da qual scritura o teor tal he:

It. Estes som os ornamentos que o dito Gonçalo Steuez achou na Egreia da dita vjla primejramente hũa naueta da latom em que anda ho emçenço. It. hũa boçeta de prata em que sta o corpore christi. It. tres vistjmentas de baldoqui compridas. It. hũa vestimenta de tabis comprida vjado cõ seu manto branco a cobertura. It. çinco vistjmentas brancas perffeitas. It. outra vistjmenta branca que entregou a Johan Fernandez Camello. It. hũ manto quareesmal de çendal preto e mingãlhj todos os outros ornamentos e trage outros doutras vjstjmentas convem a ssaber hũa stola e hũ manjpollo. It. hũ manto uermelho de çendal vjado velho. It. hũa capa de baldoqui velha. It. duas Almatjcas de baldoqui velhas cõ sas gorgeiras. It. hũa capa de mortorio. It. hũ frontal de baldoqui velho. It. doze ffaceirões hũ delles grande. It. duas sobrepelizas velhas. It. quatro toalhas. It. quatro sauáás. It. Em outra parte sete sauas que dizem que son daltar major. It. hũa sauáá Rota. It. hũ ssantal e hũ domingal. It. dous offiçjaes. It. hũ missal. It. hũ Auangeliorõ. It. hũ carjtanho. It. hũ pestolejro. It. hũ sacramentoro. It. hũ caderno de santa Maria. It. outro caderno do corpore christi. It. dous ssalteiros. It. hũ mjssal mistjco. It. outro mjssal. It. hũa campaã de comungar. It. hũa caldeira dagua beẽta. It. dous baçios da latom hũ delles velho quebrado. It. hũ ljuro custumeiro de papel. It. hũa vistjmenta quareesmal comprida. It. hũa vistjmenta ffestiual. It. hũu liuro dencomendar. It. dous chumaços de ljnho nouos açedrẽchados com pena. It. dous chumaços laurados e hũus mantéés daprãpo. It. hũa Almoçella noua de Santarem. It. hũ alfambar e hũ destalho. It. hũ veo de Rossetas dourado e houtro vééo de meatades e outro veo branco. It. dous vééos dourellas uermelhas e outras verdes. It. hũ manto ffestjual. It. hũa cortjnha que leuã sobre o corpore christi quando vãa comungar. It. hũas cordas douradas. It. sete corporaes. It. hũ spelho que see antre a magestade de santa Maria. It. hũ candeeyro de çaffara de tauola. It. hũas obradeiras. It. hũa vistjmenta branca de santa Maria os quaes orna-

Digitized by Google

mentos os homẽs bõos da dita vjla dizem que som do conçelho e que nõ ha o Meestre por que os tomar os quaes hornamentos o dito Gonçalo Steuez entregou a Gomez Lourenço que ffez moordomo.

Avis

Estes sson os penhores que Gonçalo Steuez achou en Aujs que fforã dejtados a penhor no tempo do Meestre don Martim do Auelaal primeiramente ffoj achado que Affia Mouro tjnha hũa scudella de prata por trinta libras a qual ffoj pessada e pesou honze honze honças pellas honças da marçaria e ffoj çerto per testemunhas que iazia por as ditas trinta libras.

It. ffoj achado que tijnha o torto hũa espada por çjncoenta libras a qual espada he garnida cõ trauessa e mogeirõ esmaltado e dourado e cõ hũa cinta de sseda morada com vinte e sete chapas com biqueira e fiuela e arganes e foj çerto por testemunhas que ffora apenhada por as ditas çincoenta libras.

It. ffoj achado que tijnha Belamjz mercador dAuis a penhor duas taças com esmaltes por trinta e quatro libras de pano que del comprara o Meestre as quaes taças fforã pessadas e pessarõ tres marcos e ffoj çerto per testemunhas que iaziã a penhor por as ditas trinta (*sic*) libras.

Borba

¶. It. Estes ssom os ornamentos que ha na Egreia da dita vjla de Borua. Primeiramente tres vestjmentas compridas brancas. It. hũa vestjmenta branca comprida e mingua hũu manjpolo. It. hũ manto de ljnho branco e duas Aluas cõ duas cassulas. It. hũu manto ffestjual de baldoqui hussado. It. Outro manto de baldoqui rroto. It. huã capa noua de tabis cardeo com becas douro. It. hũa capa de çendal vjado hussado. It. duas almaticas uermelhas hussadas. It. duas capas de mortoiro. It. tres ssobre peljzas Rotas. It. hũ mjssal velho mjstjco. It. hũ saltal (*santal*) velho. It. hũ domingal velho. It. tres ssalteiros dous velhos e hũu nouo. It. hũu caritanho de bautiçar. It. hũ mjssal pequeno de mãao de mjssas priuadas que ffoi de Joham Lourenço creligo. It. tres Aras Encadernadas de madejro compridas. It. duas galhetas ferradas e hũa cãpajnha de comungar. It. hũa Arqueta pratada (?) En que sta o corpo de deus It. hũa lanterna noua. It. hũa obradeira. It. os Altares todos bẽ Repairados. It. duas campaynhas de ssotelha. It. hũ baçjo dofferta de cobre. It. hũa Arca grande En que Estan os ornamentos. It. hũa caldeira dagua bẽeta e hũ cadeado.

Digitized by Google

Lisboa

It. Outrossj Eu dito Affonso monjz tabeljom del Rej em ffronteira vij e lij hũa scritura no dito libro ffeita e assjnaada per mãao de Peresteuez tabelion de lixboa a qual era dos bees que a orden daujs hj auja segundo pareçja e os bees sson estes:

It. hũa Adega cõ ssas cassas e dous lagares de vjnho na qual Adega stauã vinte e sete tonéés cõ vjnho comvem a saber vijnte tres cõ vermelhos e Rossetes e quatro brancos. It. tres tonees de Raspa e hũ ençetado. It. duas Cubas vazyas hũa desfundada e hũa peça de madeira velha de cubas. It. duas tjnhas pequenas que stauã pera cajr e outras duas tjnhas pequenas de pjsar tynta hũa velha e a outra melhor. It. hũa masseira de trasffegar. It. Outrosj sja hy outro lanço de tonéés vazjos e antre velhos e nouos e os que stauã cõ os vjnhos son per todos quareenta e tres e dous cascos de pipas hũa grande e outra pequena.

Avis

¶. It. Outrossj eu dito Affonso Monjz tabeliom vj hũa scritura no dito ljuro feita e asynaada per maão de Gil Gonçaluez tabelion En Auis que tal he.

Era de mjl e quatroçentos e dous Anos vijnte e noue djas de Março En Aujs en o Adro de Santa Maria Gonçalo Steuez proueedor dos bẽes do Meestre Entregou Estes bẽes A Steuan Dominguez que ffez moordomo. It. primeiramente hũa Area cõ speçias En que sija hũ talhador de prata que djziã que Era baçio. It. duas scudelhas de prata. It. hũ pjchel de prata cõ hũ smalte En çjma. It. dous pjchees pequenos de prata e hũ delles he sem coberto e duas colhares de prata A qual prata Era por laurar e pesarana e Acharã que Auia En Ela seis ARataes e meo e Mais ojto honças e pesarana per os ARataes por que nõ tijnhã honças. It. hũa Area En que staua boticaria e ffrojta que apodreçeo. It. outra Area En que staua hũ talhador de prata que djziã que era baçjo. It. duas scudellas de prata. It. dous prateiros de prata. It. sete salsijnhas de prata. It. tres colhares de prata. It. ojto taças de prata douradas dellas e smaltadas. It. hũa capa de Egreia de case vjado e stola de case vjado. It. hũa pentaneira de cojro preta cõ chapas de prata e cõ hũ cordom de seda preto. It. dous pedaços de cases hũ hindeo e houtro uerde. It. hũa uestjmenta degreia cõ mãto forrado cõ hũa solja cardea e fforrado de çendal uerde e manjpolo e stolla do dito pano e Alua e o Amito de pano de ljnho e hũa Alcoffinha cõ speçia. It. dous panos de cabeçães laurados. It. hũas toalhas lauradas nouas. It. outras

Digitized by Google

toalhas velhas. It. hũ Atjto de prata cõ ssa cadea. It. hũas stribeiras darame douradas. It. quatorze cordas de seda uerdes e moradas pera sela. It. hũ pendom de Rede. It. tres pares de luuas e Mais hũa luua. It. dous baçjos de prata smaltados A qual prata toda de çjma pessarõ Affora A que ia Era pesada e Acharõ hj dez e nove ARataes e meo e vinte e quatro honças. It. quatro peças de çendal branco o qual mjdjrõ e Acharõ En ele Çjncoenta e quatro Alas[1] mejos quarta As quaes stã Emmurjlhadas En hũ pano. It. tres cruzes En pano branco e as cruzes uerdes de sobre sjnaes. It. tres mangilhas de lanças de géébe e hũa dellas tem aljouffar meudo. It. quatro cordas quatro cordas de seda pera sella e dellas som cortas (*sic*) per mejo. It. dez e sejs peças de ffio de prata legadas cõ hũ fio de ssirgo uermelho cõ que se pesarõ e pesarono e acharõ hj pela pessa de marcjria quatro honças. It. dez ljalhos de ffio douro Em que ha trinta hũa peças ljadas cõ ffio de ssirgo uermelho cõ que o pessarõ e pessarõno e acharõ En Elle pelo pesso da marçiria oito honças. It. Achamos na dita Arca que fficarõ por screuer Estas cousas que se adeante segẽ primeiramente hũa frouuea de chumaço laurado. It. hũ pano de seda branca En que ha tres Alas méjos quarta. It. hũ pedaço de géébe uermelho En que nõ ha mea Ala. It. hũ pequeno de pano de geebe uerde. It. hũa Redoma pequena que djzem que anda En Ela balsamo ca nõ staua hj quẽ o conhoçesse. It. dous mendraculos que som ffegura domẽ e de molher. It. hũas Redeas de seda uerde velhas. It. quatro pedaços de cabeçadas velhas sem pregadura. It. outras Redeas de Cordom de cadarço. It. quatro panos de Çjntas de sseda uelhas. It. hũ pendon de Rede Rico. It. hũ pedaço de çendal de pendom velho Roto. It. tres Alas mejos quarta de cendal uermelho. It. sejs boçetas de pááo En que diziã que anda tjryaga. It. hũ Ramo de Cendal velho. It. hũ saquito cõ defumaduras.

It. outra houtra hucha e Achamos En Ela hũa çjnta de pano morado que leua hũa beca dourada pela mejatade com piqueyra e ffiuela de prata e esmaltada e vinte e hũa chapas todo dourado. It. outra çjnta de pano uerde cõ biqueira e ffiuela de prata e esmaltada e tijnha quareenta Rosetas que ffoj dourada e Era ia husada. It. outra Çjnta streitjnha de pano cõ chapas de prata En que ha Cento e dez e seis cõ ffiuela e biqueira. It. tres brochas hũa garnjda de prata e As duas de mangos brancos e a hũa tem prata na maçãa e no ARiaz. It. dous Cojtelhos e dous canjuetes todos Em hũa pajnha. It. dous panos laurados laurados cõ ffio douro que Erã pera vistjmentas. It. hũas toalhas de pano mouriscas. It. hũ barueadoiro laurado. It. honze panos de ffa-

[1] De *alna*, em francês moderno *aune*.

Digitized by Google

cejrões laurados. It. hũ stoque garnjdo de prata sen conteira cõ tres chapas e mogerõ e ARjac dourada e cõçjstatenada e cõ vijnte e oito chapas cõ ffiuella e cõ piqueira e Argonees. It. outro stoque dũa chapa e ARjajz e mogorõ e conteira smaltado e hũu pano branco de sseda com quareenta e noue Rosetas com ffiuelas e bijqueira. It. outro stoque cõ huã chapa e conteira dourado e mogerom e ARiac e cõ seus esmaltes e hũa çinta de seda husada e cõ Çincoenta e noue Rosetas cõ A biqueira e cõ ffiuela. It. quatro Rosetas de prata douradas dadagajas genetas Em murilhado Em hũ pano de ffaceirõo laurado. It. hũa Çimeira de capelina cõ pregos de prata e dourada e cõ hũ pendon de prata smaltado e pesaua per hũas onças de marçarja de Crara fernandez e acharõ que pesaua quinze honças... pessa. It. hũ cobertojro de pjchel de prata pequeno que pessou hũa honça e hũa meja ojtaua. It. hũ pouco daljouffar meudo En que auerja dous nẽbretes. It. ssejs ffolhas En hũ papel douro e de sseda lauradas catorze cordas de ssela muares de seda. It. huã borladura. It. hũas tessoirinhas douradas e hũ cojtello punhar de tachas e çinque ffijueletas e mea de prata. It. hũa bolssynha de seda velha. It. honze marauedis e dous nouees. It. hũa luua laurada. It. houtra hucha En que iazia hũ pano daltar de sseda velho. It. hũ calez de prata cõ ssa napejra e cõ ssa patana e he dourado e pesou dez e oito honças. It. hũ frontal de seda uerde e forrado de pano uerde. It. hũa Arqueta cõ os corporaes. It. Outra Arqueta pera as ostjas. It. hũ pã dacucar. It. hũ manto de Egreia de seda cõ seus lauores e stola manjpolo e Alua e Çjnta. It. hũa chumella de çendal vjado Rota. It. duas cruzes de prata douradas hũa grãde e A outra pequena sem macãa En hũas toalhas lauradas velhas. It. dous castjçaes de prata que pessarõ e Acharõ hy vinte honças e mea. It. hũa cãpajnha. It. hũ ljuro mjssal. It. hũas tauoas pintadas daltar. It. hũs mãtees velhos pera altar. It. Achamos En hũa trouxa dous Cabeçães vazios de lãa. It. hũ cabeçal de ffrouuea branca hussada. It. hũ Aljffaffe de pano uermelho cõ pena que diziam que Erã etquios It. duas mantas velhas e hũa coberta de pjcote. It. tres ffaçejroos laurados. It. En outra trouxa hũ jobete branco de seda. It. hũa cojffa darmar cuberta de pano de seda. It. outro Jubete de selhas e duas cojffas darmar. It. hũ Aljffaffe de pano uermelho e pena que djziam que Erã etquios It. hũa Aliaueira laurada e hussada. It. hũ destalho e hũ tapede velho Roto e hũa mãta velha. It. hũa chumella pequena velha. It. hũa taça de prata que pessou sete honças. It. tres fferradas grandes e hũ Agomjl e hũa mantagira e sete hodres e quatro costaas de laa. It. Acharõ En A cassa de Crara ffernandez dous Almadraques de pena cõ ffrouueas brancas. It. hũ cabeçal laurado velho. It. duas colchas brancas.

Digitized by Google

It. dous ffaçeiroos velhos. It. tres sauaas de cama. It. tres destalhos uerdes e hũ sobre çeeo vjado que pareçe manta velha de laã e he Roto Em logares. It. hũa Arca Encojrada. It. tres luuas decejro. It. hũ barueadeiro de pano de ljnho laurado. It. hũ cobertor de coelho. It. hũa pena branca pera manto. It. outro pedaço de pena de coelho. It. quatro ffaçejroos uelhos. It. dous Cojtellos de messa En hũa bajnha. It. tres mantees. It. hũ saco pera dinheiros sen dinheiros. It. hũ lençol nouo. It. treze Armaduras de cojros pera caes. It. outros mantees velhos. It. hũ touolejro cõ tauolas. It. hũa manta velha. It. hũa corda dalcanaue pera Apertar cama. It. hũ Almadraque velho destrado. It. tres gorgeiras de caes. It. hũ Almaffreixe. It. hũ tapede uelho. It. hũa manta velha. It. hũa napeira de taças. It. hũ fferramental cõ hũ martelho grande. It. hũ Almaffariz (?). It. dous castjçaes velhos de cobre. It. hũ baçjo grande de cobre. It. hũ baril pera azejte e hũa lãpada todo de cobre. It. hũa manta noua. It. sejs pejtoraes e hũas Redjas e hũ pedaço de coiro vermelho. It. hũ destalho uelho e he Roto En logares. It. hũ cabeçal velho laurado. It. duas chumellas de cojro e hũ godomeçjl de cojro. It. dous ljuros que dizẽ que son briujajros. It. hũ talejgo cõ dentes de porcos. It. hũ saco cõ tras malhos de Redes It. hũ pedaço de tocha It. hũ barril destanho. It. ssete queijos (?) Redondos. It. dous pares de botas velhas. It. dous pares de çapatos. It. hũ baçio de cobre pera cãpeal. It. seis Ascuas monteiras.

It. Acharõ En cassa de Maria Vjeira En que cozjnhauã Estas coussas que se Adeante segẽ hũa caldeira grande. It. hũ caldeiro grande. It. duas panelas de cobre uelhas e duas peelas de cobre. It. duas colhares de ferro e hũa ffurada e outra sãa. It. hũ gadanho de fferro. It. tres spetos de ferro dous grandes e hũ pequeno. It. hũas grelhas de sseis steos e de quatro pees. It. dous catores pequenos. It. sete talhadores saaos e dous britados. It. hũa gameleta. It. hũs caldejrijs grandes de ferro e outros pequenos. It. hũa sejra desparto e hũ graal e hũ malhadeiro As quaes cousas forã Entregues A Steuã Domingez. It. Outrossj Reçebeo o dito Steuã Dominguez quatorze dobras castelãas que Acharõ quanto o Meestre Moreo e scrituras de obrigações.

Fronteira

It. Outrossy Eu Affonso monjz tabelion vj hũa scritura feita e asjnada per mha mãao dos bees que a ordem ha En fronteira Antre os quaes bẽes que a ordem hj ha son Estes.

It. estes som os ornamentos que ha na Egreia primeiramente hũu domingal. e hũu santal. It. tres salteiros velhos. It. hũu Auãgjljorom.

Digitized by Google

It. hũ carjtanho. It. dous liuros de bautiçar. It. hũ offiçial e hũ pjstoleiro os quaes ljuros Erã velhos convem a ssaber os dous ssalteiros hũ delles ssem hũa vjgjlja e des En cardernados e Rotos En Mojtos logares e hũ dos do bautiçar tem hũa·tauoa britada per A mejatade e ho outro des En cadernado E o dito domingal mal En cadernado e hũa das tauoas britadas e o dito santal velho e des En cadernado os quaes ljuros o bispo deuora mandou que se Adubasẽ e En cadernassem e Alumeasem. It. hũa vjstjmenta velha cõprida e Rota o manto de baltoqui velho e Roto de deante. It. hũa capa de tabis vjado cõ tres pedras. It. quatro dalmaticas Rotas a logares de tabis. It. hũ manto e hũa capa de ljnho tinta de tjntura preta. It. hũa vistjmenta de ljnho velhas e Outro ssj hahj outros beẽs moujs que Aqui nõ vã scritos Assi trigo cõme çeuada e gado e bestas as quaes cousas forã Emtreges A pero falageiro moordomo.

Veiros

It. Estes som os beẽs que ha hordem ha Em Veiros os quaes erã scritos En o dito ljuro per maão de Gil Vicente tabeliom segundo pareçia primeiramente. It. Çjnco pares de cojxotes e caneleiras e hũ par dos ditos coixotes Erã hũ esmaltado e tẽe senhas ffolhas de prata e quatro ffiuelas e quatro bjqueiras de prata e hũas das caneleiras Erã britadas. It. hũas luuas daço. It. dez e noue beestas com ssas fundas de burel e de pano de ljnho. It. hũas Cãbhas e moços duũ ffreo tarijm dourado os quaes sjã ffechados En hũa Arca. It. hũa machadjnha e hũu maço de ferro. It. çinco capelinas e tres gorgeiras e son quatro caibadas seis lorigoes e hũ delles he Roto. It. ojto lurjgas de corpo e As duas sson Rotas. It. duas mangas de lurygas e hũa ffaldra e hũ... It. sete lurigas de caualo cõpridas e hũa çaga de luriga e dellas sson Rotas A logares. It. hũ Jubete de ljnho canamo de pano de pesso Roto. It. outro Jubete de cuberto de çendal uerde. It. dez e oito cãjbajses cubertos de pano de ljnho delles saaos e delles Rotos. It. treze cojffas dalmazẽ de pano de linho. It. outra cojffa cuberta de tabis vjado. It. hũas cobertoiras de caualo cõ seis castaneẽs cubertas de çendal branco cõ sjnaes da ordem. It. hũus perpontos de caualo cõ curuzes uerdes. It. hũa sela de caualo cõ sas stribeiras de ffio e cõ sas ssilhas e lategos e cõ trinta cordas que Andauã dobrados e cõ sua ffunda de valençina uermelha. It. hũas estrebeiras muares de ffio de prata. It. hũa sela muar laurada cõ sas strebeiras de ffio de prata e cõ homze cordas sãas que Andauã dobradas e çinco cordas britadas. It. hũ freo muar cõ cabeçadas de seda e tres pendentes e tres chapas e hũ pejtoral cõ tres pẽjdemtes. It. outro pejtoral Com çinque pendemtes e cõ sas chapas

Digitized by Google

de cobre. It. hũa sela velha de cojro preto cõ sas stribeiras. It. tres steiras mouriscas daalẽ mar e hũa de portugal Rotas. It. tres dagajetas e hũ scudo cõ funda uermelha. It. hũ candeeiro de fferro. It. duas lanças que stã En hũa ffunda de senhas costas. It. Oyto soadeiros de lurigas de caualo cõ sas deanteiras e hũa deanteira. It. hũa cobra cõ que ande debulhar bois de vinte çolares e tres braças sem colares. It. tres Rolos de cordas de ljnho de vinte vinte e seis braças. It. tres ffundas de pendom. It. duas napejras de caças de uerga. It. duas napeiras de uerga de cojxotes. It. duas tendas Rotas ssen cordas It. hũa manta velha Rota. It. hũ ljuro que Era de Regra dos freires. It. outro ljuro pequeno de tauoas. It. quatro pedaços de cadea da latom e quatro Rosetas. It. hũ prego de ssella. It. hũa domina En que sjam ffeguras. It. hũ pedaço de coiro de iondaril. It. quinze mãtees dabranpo de ljnho. It. dous pentes hũ dalmaffa e outro de madeiro. It. honze couedos destamenha Rota no meogoo. It. sete taalhas cheas de vjnho e En hũa En que sya vjnho nõ Era meja e por que o dito vjnho sja per midida mandou Ao dito Joham Veegas que possesse hũa molher jurada que o vendese e gurdasse os dinheiros e Reçebeçe os El della. It. tres duzeas de pelles dovelhas cortjdas que forã Entreges A joham veegas cõ o vinho e taalhas. It. tres Arcas duas Encojradas e hũa sem cojros e fficou En hũa dellas ffechada scritura. It. As quaes coussas o dito Gonçalo steuez mandou A Lourenço Meendez Alcalde do castello que As lejxasse leuar Ao dito Joham Veegas e que lhas Entregaria. E o dito Alcalde dise que El Rej lhj mandara que nõ desse nẽ leixase tirar nẽhũa coussa A nẽhũ daquelo que sja no dito castello e o dito Corregedor mandou tornar As ditas coussas Aas ditas cassas En que sjã e mandou ffechar A porta cõmo staua.

It. Em tregou o dito Corregedor A joham veegas hũ baçio de brata britado no ffundo o qual pessou tres ARatães per os ARataes dos carniçeiros meos duas honças. It. lhj Entregou hũa spada jeneta cõ tres trauessas e ARiat e mogorõ e conteira e hũa çjnta de sseda e cõ sete chapas e ffiuela e biqueirá e cõ hũa trauesa e cõ seus Arganeẽs. It. lhj Entregou outra espada cõ hũa ẽpunhadura de fio e cõ sa maçãa esmaltada e seu ARiat cõ ffolha de prata dourado e cõ sua trauesa e conteira de brata e cõ hũa çjnta de seda e cõ Noueenta e sejs Rosetas Comtada hj A ffiuela e bjqueira e os Arganẽs As quaes espadas e baçio tjnha En garda per mandado dos jujzes. It. lhe Entregou Ao dito Joham veegas hũa capelina saã boa. It. he Entregou duas gorgeiras hũa garnida de geebe uermelho e A outra de cojro preto.

It. Achou que fforã Entreges Ao dito Lourenço meendez Alcajde do castello Estas coussas que se Adeante segem As quaes Erã scritas

Digitized by Google

per Joham ianes tabeliom primeiramente hũ Almadraque branco velho. It. hũ cabeçal grande de pena. It. hũ cabeçal grande de lãa cheo de pena hussado. It. hũa colcha Rota. It. hũa manta velha. It. duas caldeiras quebradas e duas fouçes Roçadoiras quebradas. It. hũ malho bõo. It. duas penejras velhas. It. cento e trinta e quatro scudos grandes. It. quatro pequenos come dagaras (?). It. Çjncoenta capellos de fferro e trinta gorgeiras dalmazẽ. It. trinta e seis solhas das quaes se o dito Alcalde deu por Emtrege das ditas coussas e por que o dito Corregedor Achou que forã As ditas coussas Emtreges Ao dito Alcalde e Erã dalmazẽ mandou que xe semesem (*sic*) no dito castello e que o dito Alcajde dese dellas Conto e Recado Ao dito joham véégas se cõteçer que hj outro Alcajde venha e que o dito Joham veegas As Entrege Ao outro Alcajde per conto e per Recado e que as screua o sseu scriuã.

It. Era de mjl e quatroçentos e dous anos sejs djas dabril Gonçalo Steuez Corregedor por nosso Senhor El Rej nas terras da ordem daujs e proueedor dos bẽes do Meestrado ffoj A egreia de Sã Saluador de ueiros e screueo os ornamentos que sjã na dita Egreia os quaes son Estes que se adeante segẽ primeiramente hũ offiçial e hũ pestuleiro. It. hũ mjsal e hũ Auãgjljorõ. It. hũ domingal e hũ santal. It. dous ssalteiros. It. hũ offiçial velho e hũ mjsal velho. It. hũ quaritanho. It. hũu ljuro de bautiçar velho. It. hũa capa de seda as quaes coussas achou que Erã da ordem. It. Emtregou o dito Gonçalo Steuez a Joham Veegas ssete bestas asnajs çjnco ffemeas e hũ asno e hũ burro.

Pedro A. de Azevedo.

Moeda inedita de 4$400 réis de D. Affonso VI

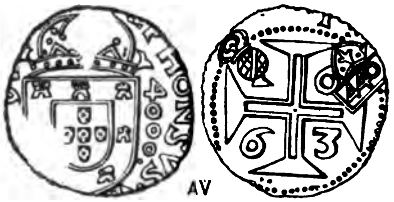


Fig. 1.ª

A.—Escudo de armas do reino entre o valor 4000 e restos da data 16.., que não foi anterior a 1663. Na orla direita as letras incompletas LPHONSVS · V. Restitue-se toda a legenda que existiu na moeda pelo modo seguinte:

[A]LPHONSVS · V[I · D · G · REX · PORTVGA], ou PORTVG.

Digitized by Google

℞.—Dentro de um circuito granulado, a cruz da Ordem de Christo, com um ponto no centro, e cantonada por 1063 [16]63. No angulo esquerdo superior foi applicada a marca de esphera coroada e no direito o carimbo de 440[0] dentro de um rectangulo coroado. Não tem vestigios de legenda, que fôra: .:. IN · HOC · SIGNO · VINCES ·

No bordo ha cordão (ou serrilha). Diametro reduzido de 24 millimetros. Peso de 7g,50. Ouro de 22 quilates, ou 916 millessimos.

Este exemplar, verdadeiramente notavel e de raridade unica conhecida, embora estes attributos pareçam absurdos á primeira vista, pertence ao Sr. Robert A. Shore, subdito inglês, residente em Lisboa, que ha 10 annos collige com ardor e competencia preciosos elementos, com que está organizando uma collecção que hoje é já das mais importantes em Lisboa.

No nosso livro intitulado *Numismatica Indo-portuguesa*, publicado primeiro nos n.os 4 a 7 (18.a serie) do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* (1901), na pag. 376, referimo-nos a este distincto amador da archeologia numismatica de Portugal.

A moeda foi composta com o anverso do desenho n.º 10 da estampa XXXIV do vol. II de Aragão (vid. adeante, fig. n.º 2), e com o reverso de meio cruzado de prata cunhado no anno de 1663, de que apresentamos as feições na figura n.º 3, copiadas do magnifico exemplar que existe na collecção do Sr. Dr. Francisco Cordovil de Barahona, residente em Portalegre.

Fig. 2.a

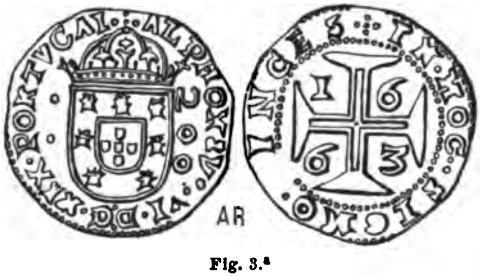


Fig. 3.a

Digitized by Google

A mistura hybrida representada na fig. n.º 1 não é fantasia; é a demonstração fiel de um erro notavel, caracteristico do descuido ou da pouca aptidão profissional do operario moedeiro. Foi aproveitado o reverso de meio cruzado, que tinha diametro conveniente, o de 30 millimetros, em vez de se empregar o verdadeiro reverso com a cruz de Christo cantonada por aneis, e não pela data, como se vê na fig. n.º 2, conforme o disposto na lei de 28 de Junho de 1663, que mandou substituir a cruz de S. Jorge datada, que se gravara nas emissões de ouro anteriores.

A cruz de Christo nunca foi cantonada com algarismos em moedas de ouro do continente do reino, exceptuando-se unicamente no valor de 500 reaes de D. Sebastião a que chamaram *engenhoso*, mas só nas variantes do typo assignaladas com G—A.

A cruz de Christo datada é a causa principal da raridade notavel com que se atavia o exemplar representado na fig. n.º 1.

Como consequencia necessaria da mistura hybrida, houve duplicação de data. No anverso não se define qual fosse, esmagados os algarismos da unidade e da dezena pela applicação do carimbo de 440[0] (4400). Esta irregularidade é de somenos importancia no estudo anatomico da moeda, porém confirma o erro principal.

Erros de qualquer ordem produzidos na Casa da Moeda de Lisboa são raros desde as primeiras emissões auctorisadas pelas leis de 14 de Fevereiro e 27 de Março de 1641, ao passo que foram tantos e tão variados no fabrico de numerario em Goa que até surprehendem quem pouco se intresse em conhecê-los.

É sempre conveniente indicar a existencia de anormalidades notaveis, mas é melhor explicá-las, quando se não apresentem refractarias as raciocinio, depois de apurada a curiosidade numismatica.

Examinemos outras particularidades.

O cordão, ou serrilha, é irregular em todo o contorno; dir-se-hia feito á lima, em epoca recente, se na moeda não existisse a marca da esphera coroada. Esta marca dá authenticidade á serrilha, porque a moeda recebeu uma e outra na occasião em que se deu cumprimento á lei de 9 de Agosto de 1686. Qualquer valor de ouro recebido na Casa da Moeda para ser serrilhado era logo entregue á competencia analytica dos ensaiadores, que o marcavam com a esphera, como norma preliminar da operação. Existe noticia d'esta marca no capitulo 52 do Regimento dado por D. Pedro II á Casa da Moeda em 9 de setembro de 1786, em que se lê o seguinte: «*estas* (barras de ouro) *marcarão* (os ensaiadores) *em cada uma das pontas, sendo as do mais antigo a das Armas Reaes, e do segundo a Esphera que sempre se usou na Casa* (da

Digitized by Google

moeda)». A redacção é um tanto confusa, porém torna evidente a existencia da esphera como marca da contrastaria d'aquelle tempo em barras e moedas de ouro. Tambem foi applicada em productos de ourivezaria, como se diz no capitulo 13 do mesmo Regimento: «*Hey por bem, e mando que o Provedor da Caza da Moeda corra com seus officiaes todos os mezes, e as mais vezes que lhe parecer, as ruas dos Ourives do ouro, e prata, fazendo vistoria nas Casas, e Taboletas dos Ourives, e examinando se as pessas tem os quilates referidos* (31) *e guardão o disposto na mesma Ley*».

É certo que nalgumas moedas de ouro de D. João IV e de D. Affonso VI, que tem carimbos indicativos de augmento de valor, se nota a falta da esphera, como nos n.os 3 da estampa XXX, 2 da estampa XXXIII e 11 da estampa XXXIV de Aragão. A falta provém de não terem sido serrilhadas.

É evidente que á esphera não se deve chamar carimbo. Julgamos ser opportuna a demonstração que aqui fazemos d'esta verdade.

A moeda do Sr. Shore, muito cerceada, tem hoje o insignificante peso de 7g,50, ou 150 grãos; cêrca de dois terços do primitivo peso de 246 $^1/_3$ grãos, dado pelo decreto de 29 de Março de 1642, que regulou o fabrico da segunda emissão de ouro no reinado de D. Affonso VI, como regulára o da primeira no mesmo reinado.

O diametro é só de 24 millimetros, de 30 que a moeda teve, mas estes motivos não lhe offendem o valor numismatico, incontestavel. Na aurora do seu tempo, quando começou a correr de mão para mão, foi completa e bella. Então já se manifestava entre os nossos gravadores o sentimento da arte e a tendencia para o seu aperfeiçoamento, que se desenvolveu com brilho notavel vinte annos depois, como se vê dos esplendidos ensaios monetarios de cobre com o millessimo de 1683, n.os 28 a 31 da estampa XXXVII de Aragão.

Lisboa, Junho de 1902.

Manoel Joaquim de Campos.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

454. Sernache dos Alhos (Beira)

Lenda

«Houve no lugar do Picoto hum barbeiro de quem se conta por tradicam, que ao passar de hum ribeiro encontrara hum homme de barbas crecidas, e offerecendo-se-lhe para lhe fazer a barba, ao fazer

Digitized by Google

della lhe estalara a navalha na mam, e o homem se desfizera em fogo e fumo, de que ficou entendendo ser o diabo em figura de homem, este tal barbeiro teve quatro filhos o Dr. Manoel Alvares de Carvalho, medico, o Dr. Antonio Alvares, Theologo, e o Doutor Joam dos Reis, canonistas, etc.» (Tomo XXXIV, fl. 964).

455. Sernancelhe (Beira)

Forte dos Mouros

«Cernancelhe he villa munto antiga, esta cituada em hum alto, ha tradição que foy abitada pellos Mouros e nella em hum roxedo que lhe fica jminente fizeram seos muros com forte e balluartes de que hoje existem bastantes ruinas e se conserva ajnda a mesma portta chamada do Sol, por estar ó nasente e por esta parte dominavam toda a villa, e parese pello munto despinhado e roxedos em que estam situados nam teriam mais portas dentro dos muros.» (Tomo XXXIV, fl. 983).

456. Serpa (Alemtejo)

Inscripção romana

«Indagando as couzas notaueis desta villa, que mais se podem admirar achamos ser Serpa muito antiga ..... De muitas evidencias consta esta antiguidade, sendo a mais demonstrativa hum cipo, que nota Fr. Bernardo de Britto, e traz Resende no Liv. 4. pag. 19 *v.* que diz expressados os breues de caracteres antigos na Lingua Latina[1]:» (Tomo XXXIV, fl. 1016).

457. S. Bartholomeu da Serra (Alemtejo)

Denominação geographica

«Está situada em hum pequeno *Tezo* entre terras planas donde se descobre o convento de frades de S. Francisco da Villa de Mencejana e seu castello, e o santuario de N. S.ra do Castello da Villa de Aljustrel». (Tomo XXXIV, fl. 1037).

458. S. Francisco da Serra (Alemtejo)

Mina de prata e chumbo

«Para a parte do norte em distancia da Igreja da minha freguesia se abrio huma mina de prata e chumbo de que ha noticia se abryo

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 971.

Digitized by Google

no reynado do Sr. Rey D. João o Quinto alias do Sr. Rey D. Pedro Segundo e se fecharão no tempo do Snr. Rey D. João o quinto». (Tomo XXXIV, fl. 1045).

459. S. Simão da Serra (Alemtejo)

Gruta da Faspa

«Ha nesta serra (*de S. Miguel*) hum buraco chamado da Faspa tem este sua entrada pella parte do poente, e se dis ter de comprimento meyo quarto de legoa, em cujo se acham varios lugares em forma de salas com boa formalidade, sem duvida feytas por arte, e as passages de humas a outras salas em partes tam estreitas que apenas cabe huma pessoa, nam consta se lhe chegaçe ao fim porque o temporal com suas roinas lhe tem embaraçado a passage thé o fim que paresse se encaminha as portas do Rodam. Ao longo desta se acha hum çitio chamado Conhal, porque no mesmo se não acha mais do que pedras de que abaxo se falará[1]». (Tomo XXXIV, fl. 1070).

460. Serra do Bouro (Estremadura)

Fonte Santa

«Junto ao mar que dista desta Freguesia meyo quarto de Legoa ha uma fonte chamada a Fonta Santa por constar por tradição que a Imagem de N. Senhora dos Martyres, orago da Freguesia fora ali achada sobre hum penedo, que ainda existe ao pé da mesma fonte com o feitio de altar». (Tomo XXXIV, fl. 1080).

461. Setubal (Estremadura)

A Troia

«Esta esta vila fundáda, em huma ensiáda que forma o Oceano aonde se mete nelle o rio Sádo, foi antiguamente asentáda Setubal no citio a que hoje chamão a Troya». (Tomo XXXIV, fl. 1107).

462. Silva (Entre-Douro-e-Minho)

Castello. — Cova da Moura

«Ha nesta freguesia porem hum castello ou Torre antiga do Conde de Priegue do Reyno de Galiza, a qual me informão ser reedificada de hum cunhal haverá sassenta ou satenta annos. Não tem mais que

---

[1] Esqueceu-se, porém, de fazer a narrativa.

Digitized by Google

as paredes e por dentro signaes de que teve tres sobrados com bastante capacidade para se habitar nelles. Etc.»

«Ha nesta freguezia entre o Monte da Rinhanha e do São Sebastião da Inculca hum buraco onde nasce agoa que sahe a um ribeyrinho, ou rego junto do qual está a entrada da tal coua a que comumente chamão a Cova da Moura, foy feita por arte e corre por bayxo da superficie da terra. Dizem-me tem alguns pertendido examinalla dentro e que aterrados de hum soido se retiraram (será o soido da agoa que por ella corre) e fugirão sem se atreverem a entrar mais dentro. Dizem sahe a hum alto de hum monte de Cossourado do Concelho de Coura visinha desta freguesia. Outros dizem que mais longe». (Tomo xxxv, fl. 1205).

463. Silva[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Calice de prata miraculoso

«Não ha notavilidade nesta freguezia que possa expender e somente hum Calix de prata de feitio antiquissimo e desusado assim na copa, como no pé e baixo, o qual applicado a opilaçõis e inflamaçõis pella merce de Deos experimentão os necessitados conhecidas melhoras e de facto de toda esta Provincia e do Reino de Galliza he pertendido para o remedio de que recebe varias esmolas applicadas para a confraria do Santissimo Sacramento. A sua tradição he tão antigua como ridicula porque se não diz mais que ser tirado a huns fantasmas de noite por hũ laurador desta freguesia e não tem nem lhe dão outra sahida politica». (Tomo xxxv, fl. 1208).

464. Silveiros (Entre-Douro-e-Minho)

Sitaina e Campo do Ouro

«Junto a dita Ermida (*de N. Senhora do Livramento*) está hum pedasso de terra cham cercado de fortes feitos antiguamente de terra e ha indicios de que houve nelle castello e casas de que inda aparecem licerses e se tirão delles pedras labradas de pico e muito tijollo e telhas quebradas, e por comua tradissão destes pouos dizem habitarão neste sitio os Mouros e chamaução a este sitio a Cidade de Sitania ou Sytaina e o Campo do Ouro e inda hoje muitas pessoas lhe chamão assim e deste Monte não sei nem alcanso cousa mais algũa das contheudas no interrogatorio nem dignas de Memoria». (Tomo xxxv, fl. 1269).

Pedro A. de Azevedo.

[1] Comarca de Valença.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno........................	1$500 réis.
Semestre....................	750 »
Numero avulso...............	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, MUSEU ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. VII OUT. E NOV. DE 1902 N.os 10 E 11

RECEIVE[illegible]
PEABODY MUSEU[illegible]

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Archeologia lusitano-romana: 241.
Moedas portuguesas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no Continente Americano: 248.
Um inventario do seculo xiv: 259.
Vasilha antiga: 265.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 267.
Machados de pedra: 273.
Estações prehistoricas dos arredores de Setubal: 275.
Noticias várias: 283.
Bibliographia: 288.

Este fasciculo vae illustrado com 11 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII — OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1902 — N.os 10 E 11

Archeologia lusitano-romana

1. Inscripção de Alfazeirão

De um decalque que o Sr. Vieira Natividade me enviou, vejo que a inscripção funeraria publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 360, deve ser assim:

TERENTIAE<Q
F<CAMIRAE
TERENTIA<DQ
F<MAXVMA
MATER

As divergencias entre o meu texto e o do *Corpus* são pequenas. Na linha 3 o *Corpus* tem DOC com um *o* pequeno incluso no O, ao passo que a lapide só apresenta DQ com um *o* pequeno incluso no D; nesta abreviatura contém-se a palavra *Doquiri,* ou um derivado d'ella, i. é, *Doquiricus* (= *Docquiricus*); cfr. no *C. I. L.*, II, 624 e 551 respectivamente ATIA DOQVIRI F · SEVERA e DOCQVIRICVS VITALIO.

As palavras no meio das linhas estão separadas não por pontos, como no *Corpus,* mas por pequenos angulos.

O sentido da inscripção é: «A Terencia Camira, filha de Quinto, sua mãe Terencia Maxima, filha de Doquiro (ou Doquirico), consagrou este monumento».

Tanto *Camira,* como o vocabulo abreviado em *Doq.*, são frequentes no onomastico peninsular.

2. Inscripção achada em Lisboa

No jardim do palacio do Sr. Duque de Palmella, na Rua da Escola Polytechnica, em Lisboa, appareceu em Maio de 1902, num entulho,

Digitized by Google

por baixo do alicerce de um muro de vedação, uma lapide cupiforme de marmore em que se lê, dentro de uma moldura, a seguinte inscripção funeraria, que copiei do proprio original, com amavel auctorização do Sr. Duque, por intervenção do Sr. Gabriel Pereira:

D ❦ S
COGITATA ❦ N
NORV·V·FIRMI
DIVS PEREGRINV
FIL·F·C·H·S·E·S·T·T·L

Commentario ao texto:

L. 1. Falta M, por a pedra estar gasta.

L. 2. Falta A, pelo mesmo motivo; o N está em parte safado.

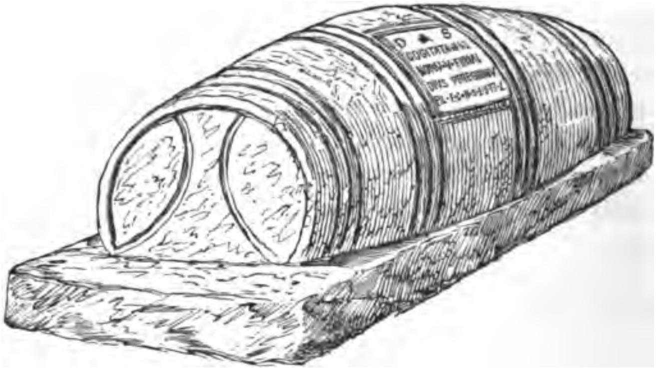
L. 3. Entre o I e o R produziu-se um pequeno gasto na pedra, o que faz suppor que aquella letra é um H ligado a um R. Mas a leitura é sem duvida FIRMI.

L. 4. A palavra PEREGRINV foi gravada sem S final. Este nunca existiu na lapide.

L. 5. O ponto depois do segundo F está um pouco sumido. O primeiro S está tambem incompleto.

O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Cogitata [1], de 5 annos de idade, está aqui sepultada. Firmidio Peregrino mandou fazer este monumento em honra de sua filha. A terra te seja leve».

A lapide tem de comprimento $0^m,93$; de altura $0^m,29$. O campo da inscripção tem estas dimensões: $0^m,165 \times 0^m,19$. Altura das letras $0^m,02$. Aqui publico uma gravura d'ella [2]:



[1] *Cogitata,* como nome de mulher, apparece noutra inscripção da Hispania: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4150.

[2] Segundo um desenho executado sob a direcção do Sr. Jorge Collaço.

Digitized by Google

Digitized by Google

CABEÇA DE MARMORE ROMANA ACHADA EM BEJA

Digitized by Google

Este monumento não estava certamente no seu logar primitivo, pois ao pé, no mesmo entulho, appareceu uma esculptura portuguesa, de pedra. Sou levado a crer que elle veiu do Alemtejo, já porque alli se encontram com frequencia lapides sepulcraes em fórma de pipa (chamo-lhes *cupiformes*, pois «pipa» é *cupa* em latim), já porque numa inscripção de Myrtilis, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 17, figura um individuo chamado *L. Firmidius Peregrinus*, que póde ser o mesmo de que se aqui trata, ou parente; e mais provavel é que a pedra a mandassem da provincia para a capital, do que de Lisboa para uma terra provinciana.

8. Antiguidades de Pax Iulia (Beja)

Em 15 de Dezembro de 1900 escreveu-me uma carta o Sr. Joaquim de Vargas, conservador do Museu Municipal de Beja, communicando-me que, meses antes, demolindo-se parte da muralha de Beja para edificação do palacio das repartições publicas, se encontraram várias antiguidades romanas, como fragmentos de capiteis, de frisos e de fustes de columnas, uma cabeça de estatua de marmore, restos de pedras tumulares e outras. Todos estes monumentos deram entrada naquelle museu.

O Sr. Joaquim de Vargas levou a sua bondade a enviar-me copias e desenhos das inscripções. Adeante as vou publicar.

Tendo eu estado em Beja, em Outubro de 1901, tive occasião de ver todos esses monumentos archeologicos, e de obter (por intermedio do Sr. Manoel Joaquim Duro) uma photographia da cabeça de marmore.

*

Na pagina junta figura-se uma photo-gravura d'esta ultima. Está reduzida a $^1/_3$ da grandeza natural.

Este pequeno monumento appareceu propriamente no 2.º baluarte da 2.ª ordem de muralhas da cidade, mettido na vedação do convento da Esperança. Foi encontrado por um trabalhador, e offerecido ao Museu de Beja pelo Sr. Francisco Antonio Vital, apontador de obras publicas; entrou no Museu em Fevereiro de 1900.

A respeito d'elle, diz-me o Sr. Salomon Reinach em carta: «Le marbre dont vous m'envoyez la photographie me paraît appartenir à la fin du Ier siècle après J. C. Par le procédé du travail, il rappelle naturellement les bustes de Corbulon qui sont au Louvre. Mais il ne représente ni Corbulon, ni aucun autre personnage connu. De pareils portraits sont toujours bons à publier, car ce sont d'excellents exemples de la sculpture impériale».

Digitized by Google

*

Passarei agora a occupar-me das inscripções.

a) Num marmore:

L. 2. O primeiro T não está bem nitido na sua haste horizontal, nem o segundo V; mas não ha duvida que a palavra a que essas letras pertencem é *Vettonianus*.

L. 3. A letra P não está muito clara.

O sentido da inscripção é: «Dom ao deus Manes. Quinto Cassio Vettoniano, de Pax Iulia, de 26 annos de idade, está aqui sepultado. A terra te seja leve».

Altura da pedra $0^m,85$; largura $0^m,47$; espessura $0^m,27$. Campo da inscripção: $0^m,36 \times 0^m,42$. Altura das letras $0^m,05$.

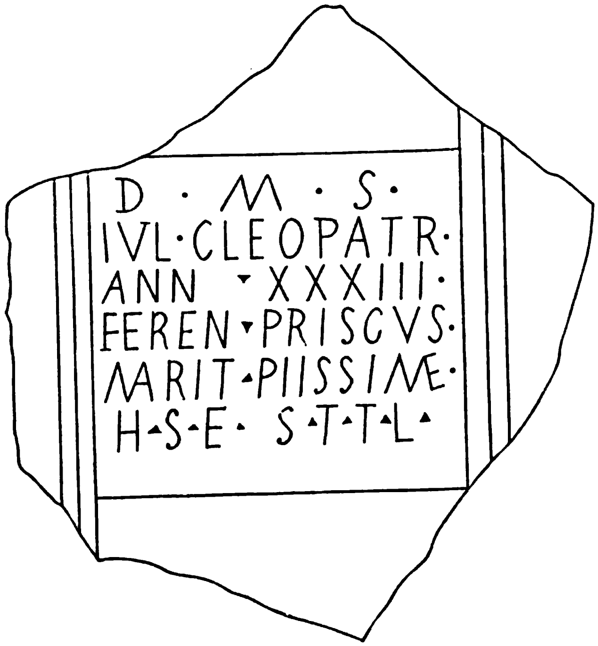
O cognome *Vettonianus* é a primeira vez que apparece numa inscripção da Iberia,—pelo menos não o vejo citado no vol. II do *Corpus;* mas encontra-se muito espalhado fóra da Peninsula[1]. A inscripção de

[1] Vid. *Prosopographia Imperii Romani,* parte III, Berlim 1898, p. 415; e *Corp. Inscr. Lat.*, III, 5663; VII, 164; VIII, 4623. Limito-me a esses exemplos (ha mais).

Digitized by Google

Beja tem por isso certa importancia. Este cognome deriva de Vetto, directa ou indirectamente: quanto ao modo da formação directa, cfr. *Varronianus*[1], de Varro; para a formação indirecta, teria de se admittir *Vettonius, como nome intermedio, estando para elle *Vettonianus,* na mesma relação em que, por ex., *Scribonianus* está para Scribonius. O nome *Vettonius nunca o encontrei; todavia podia existir, do mesmo modo que existe *Vasconius*[2], derivado de Vasco (no plural *Vàscones,* povo iberico). Vetto (no plural *Véttones,* nome de outro povo iberico) apparece com frequencia nas inscripções da Peninsula, tanto em Portugal, como na Hespanha[3].

b) Num fragmento de lapide cupiforme, de marmore:



O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Julia Cleopatra, de 33 annos de idade, está aqui sepultada. Herennio Prisco levantou este monumento funebre a sua dedicadissima esposa. Seja-te leve a terra».

O campo da inscripção tem esta área: $0^m,20 \times 0^m,21$. Altura das letras: $0^m,025$.

---

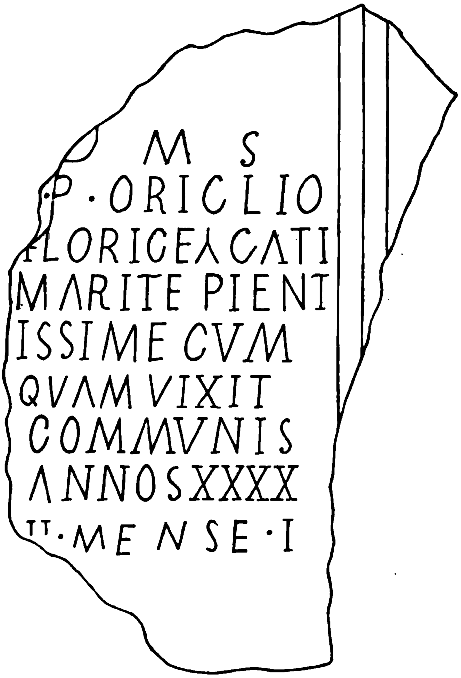
[1] No *Corp. Inscr. Lat.*, x, 6280.

[2] No *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 6340.

[3] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 201, 601, 823, 829; e *Veto,* com um *t,* 529.

Digitized by Google

c) Num fragmento de lapide cupiforme, de marmore:



L. 1. Do D inicial só resta parte.

L. 2. Antes do P ha um ponto, o que faz crer que P não indíca o *praenomen,* mas que este falta.—É a primeira vez que encontro *Oriclio;* mas a leitura não offerece duvida. Noutras inscripções de fóra da Peninsula lê-se ORICVLO, ORICLO (= AVRICVLO). Talvez *Oriclio* esteja para *Oriclo* na mesma relação em que, por ex., *Dentio* está para *Dento,* e *Capitio* para *Capito.* O latim possuia, como é sabido, pouca tendencia para formar augmentativos; entre os poucos que restam conta-se *capito, -onis,* «que tem a cabeça grande»; *Dento* deve pertencer á mesma categoria e significar «dentola»; *Oriclo* poderá significar «orelhudo».

L. 3. *Florice* = *Floricae* (dativo). *Agati* = *Agathi,* que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1401; *Agathus* (ou *Agatus*) é frequente no onomastico geral (origem grega).

L. 6. *Quam* em vez de *qua.* No latim da decadencia encontra-se frequentemente o accusativo regido de *cum,* por isso que *m* não se pronunciava: tanto valia pois para o ouvido, no nosso exemplo, *quam* como *qua.*

L. 9. Das duas primeiras letras só se vê metade por a pedra estar gasta. Deve ser: II. Creio que não falta outra antes. *Mense* = mense(m),

Digitized by Google

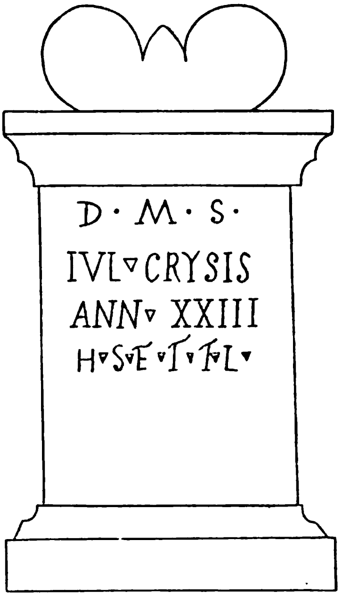
com queda do *m*, que, como se disse acima, desappareceu da pronuncia popular; é accusativo, e não ablativo, como se prova por *annos* na linha 8.

Os AA. não teem traço ao meio. O 1.º A da linha 3 tem aspecto de lambda.

O sentido é pois: «Dom aos deuses Manes..... P. Oriclião (ou Oriclio) consagrou este monumento á memoria de sua dedicadissima esposa Florica, filha de Agato, com a qual fez vida commum durante quarenta e dois annos e um mês».

*

Proximo da igreja do Carmo, ao abrir-se um cabouco para edificações, encontrou-se, como me diz o Sr. Vargas na referida carta, uma sepultura completa; mas os estupidos trabalhadores estragaram tudo, salvando-se apenas um cippo marmoreo com uma inscripção. Aqui o reproduzo tambem, segundo o desenho que o mesmo Sr. me enviou:



L. 2. O cognome *Crysis* está por *Chrysis*, que apparece noutras inscripções peninsulares; tambem apparece *Crysis*, *Chrisis* e *Cry(s)ida*. Temos aqui a palavra grega χρύσις, que significa «objecto de ouro» (bordado, vaso, etc.), designação bem propria no nosso caso, pois se applica a um rapariga de 23 annos. Cfr. *Iulia Cleopatra* numa das inscrições precedentes, onde apparece o mesmo *nomen gentilicium* que

Digitized by Google

nesta, e tambem um cognome grego. Julia Cleopatra e Julia Chrysida eram talvez libertas.

Altura da lapide: $0^m,69$; largura no meio: $0^m,27$; espessura: $0^m,11$. Campo da inscripção: $0^m,18 \times 0^m,17$. Altura das letras: $0^m,025$.

O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Julia Chrysida, de 23 annos, está aqui sepultada. A terra te (seja) leve».

*

Vê-se que o Museu de Beja continúa a progredir, o que é motivo de satisfação para todos os que se occupam da archeologia nacional.

J. L. de V.

Moedas portuguesas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no Continente Americano

Na minha publicação «As moedas da Colonia do Brasil» tive occasião de fazer conhecidas meia duzia de differentes contramarcas, que em varios logares das Indias Occidentaes foram applicadas em moedas portuguesas de ouro, sobretudo em meias dobras, que circularam largamente naquella parte da America desde a segunda metade do seculo XVIII, isto é, desde que se deu o avultado augmento no rendimento das minas de ouro do Brasil, que fez com que estas moedas se tornassem tão abundantes que até procuravam paises estrangeiros, como o Canadá e a Inglaterra, para alli poderem circular á vontade. É sabido que esta abundancia principiou no reinado de D. João V. As dobras eram conhecidas na parte britannica das Indias Occidentaes pelo nome de «Johanneses» (plural de Johannes) ou, por abreviatura, «Joes», e as meias dobras pelo nome de «Half Joes». Tendo cessado, em virtude da lei portuguesa de 29 de Novembro de 1732, o lavramento das dobras, estas foram depois pouco a pouco desapparecendo, e então em alguns logares chamava-se á meia dobra, impropriamente, «Joe», quando se devia dizer «meio Joe». Ás moedas de ouro de 4$800 réis os ingleses deram o nome de «Moidores». Houve tempo (1790 a 1820) em que as moedas portuguesas de ouro constituiram o principal meio circulante nas Indias Occidentaes do dominio inglês, francês, hollandês e dinamarquês, auxiliadas pelas patacas hespanholas de prata, inteiras, cortadas e fraccionadas. As meias dobras tinham alli geralmente o valor de 8 patacas hespanholas. Aconteceu, porém, que estas moedas de ouro foram muito cerceadas, tendo-se originado tão feia pratica na circums-

Digitized by Google

tancia de ser o valor das moedas de ouro no mercado algum tanto superior áquelle que fôra officialmente estabelecido [1]. O abuso do cerceamento chegou a tal ponto que as peças, em vez de pesarem 4 oitavas, só pesavam cêrca de 3, vindo isto a produzir verdadeira calamidade, que obrigou os respectivos Governadores a tomar serias providencias. Consistiam estas no arbitramento de um preço, ou para determinada unidade de peso, ou para moedas cujo peso estava dentro de certo limite, permittindo-se, ou tolerando-se, em alguns logares, dar ás moedas um augmento de peso por meio de um cravo, que se pregava no centro (em francês chamado «clou» [2], em inglês «plug» [3]). Esse cravo era muitas vezes composto de uma mistura de ouro com metaes ordinarios. Em conformidade com os differentes systemas estabelecidos, mandou-se proceder á carimbagem das moedas, para assim se nacionalizarem, adoptando cada ilha, ou cada grupo de ilhas, um carimbo especial. Esta pratica continuou ainda durante o primeiro quartel do seculo XIX, até que as peças assim tatuadas ou deformadas foram desmonetizadas, e então desappareceram nos cadinhos dos ourives d'aquellas terras ou acharam, como ouro velho para derreter, o caminho para os mercados europeus. Hoje estas moedas, carimbadas ou cravejadas, são bastante raras, e mais facilmente se encontra um ou outro exemplar em Paris ou em Londres do que naquellas ilhas.

A primeira meia dobra assim carimbada achei-a, ha uns doze annos, no mercado do Rio de Janeiro. Como eu fizesse ver ao cambista que a moeda parecia ser muito leve, tive em resposta que esta era precisamente a razão por que valia mais, visto que meia dobra com o simples peso de 3 oitavas já era só por si alta raridade, sem falar do carimbo (o algarismo 20, tendo por baixo a figura de uma pequena

---

[1] The characteristic feature of the Windward Islands was the prevalescence of the Portuguese Johannes as the standard coin. The underrating of this coin at $8, lead to the circulation of light «Joes» and to the mal-practices of clipping, sweating, etc. *History of Currency in the British Colonies*, by Robert Chalmers, London 1893, p. 82.

[2] Lorsqu'une moëde se trouvait rognée, un orfèvre y pratiquait un trou de façon à écarter le métal et le bouchait avec un morceau d'or d'un titre quelconque qu'il aplatissait ensuite et qui formait une tête de clou. Il donnait ainsi à la pièce le poids légal. *Histoire Monétaire des Colonies Françaises*, par E. Zay Paris 1892, p. 193.

[3] When a gold coin which had been clipped was raised again to the standard weight, the additional gold, fixed on the clipped coin, was called the «plug», and the lumpish result was plugged gold coin. Needless to say, the pluggs were frequently adulterated. The coin most commonly plugged was the «Joe». Robert Chalmers, *ob. cit.*, p. 23.

Digitized by Google

aguia), que lhe dobrava o valor. Desde então estudei as meias dobras que tinham falta de peso, tratei de conhecer os exemplares semelhantes que se acham em outras collecções e esforcei-me por obter aquelles poucos que em longos intervallos appareceram nos mercados europeus.

Foi no catalogo da celebre *Collecção de Moedas e Medalhas Portuguesas*, de Eduardo Luis Ferreira Carmo, do Porto, que se me deparou a indicação de tres meias dobras com carimbos estrangeiros (n.os 546b, 597 e 598), que me pareciam dever pertencer á categoria das que me interessavam, e, informando-me do actual dono d'aquella collecção, o Ex.mo Sr. Aires de Campos, foi confirmada a minha supposição. Este cavalheiro teve a amabilidade de permittir que se tirasse a photographia do n.º 597, que reproduzi no meu livro a p. 169, n.º 99*.

Os mais valiosos elementos de estudo concernentes á carimbagem de moedas portuguesas de ouro no Archipelago Columbiano encontramo-los, porém, nas duas publicações de E. Zay, Paris, e de Robert Chalmers, Londres, cujos titulos já a cima indiquei. Os autores d'estes interessantes trabalhos, em virtude das pesquisas que puderam fazer nos respectivos archivos publicos, chegaram a descobrir documentos officiaes, que nos transmittiram, os quaes nos dão a explicação de bom numero d'estas contramarcas. É aos indicados autores que devemos o conhecimento das circumstancias particulares que motivaram a marcação das moedas, e assim podemos agora, com probabilidade de acerto, determinar a proveniencia de alguns d'esses carimbos.

Existem com certeza ainda outros carimbos d'aquellas numerosas ilhas, que são por emquanto desconhecidos; entretanto dar-me-hia por feliz se pudesse com estas linhas despertar o interesse dos colleccionadores, chamando a sua attenção para peças semelhantes, que porventura jazam inapreciadas nos seus medalheiros: seria bem possivel que alguns exemplares tivessem, de volta das terras descobertas por Colombo, procurado novamente a sua patria, não para lá morrerem, que as cousas inanimadas não morrem, mas para continuarem a viver contando aos que desejarem ouvi-las as suas aventuras por paises longinquos.

Passando agora a descrever os numeros reproduzidos na estampa junta, e mencionando ao mesmo tempo os outros exemplares que me são conhecidos, desejo apresentar assim aos leitores um pequeno resumo d'este assunto.

1. Moedas carimbadas

1. Meia dobra (6$400 réis), cerceada, de D. José, 1778. R., peso 9gr,80 (em vez do legal de 14gr,34). Carimbo applicado na ilha francesa

Digitized by Google

La Martinique em 1805: algarismo 20, tendo por baixo a figura de uma pequena aguia, semelhante á do exemplar já reproduzido na estampa xv n.º 2.

Outros exemplares são: o n.º 598 da collecção-Carmo, de D. José, 1769 (letra R?); um na collecção do Sr. E. Zay em Paris, do mesmo anno, letra R., pesando este 10gr,90; e outro na collecção do Sr. João Carlos da Silva, em Angra do Heroismo (Ilha Terceira) de 1767. R.

Semelhante a este carimbo é o dos n.os 2 e 3.

2. Moeda de ouro (4$800 réis), cerceada, de D. João V, 1718. 4R, peso 8gr,85 (em vez de 10gr,75). Carimbo posto na ilha francesa La Martinique em 1805: algarismo 22, tendo por baixo, como no n.º 1, a figura de uma pequena aguia.

3. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1765. R., peso 11gr,70. Carimbo igual ao do numero anterior.

Outros exemplares são: um na minha collecção, de D. Maria I e de D. Pedro III, 1786. R., peso 12gr,50, já reproduzido a pag. 195, n.º 31; o do n.º 546 b da collecção Carmo, de D. João V, 1747. R.; outro na collecção do Sr. João Carlos da Silva, em Angra, de 1776, R.; outro, de meio escudo (800 réis) de D. João V 1729, que pesa 1gr,67 (em vez de 1gr,79), com a mesma contramarca, que me foi ultimamente communicado, e que se acha nas mãos de um colleccionador em Guadeloupe.

Os dois carimbos precedentes, nos quaes se encontram leves differenças, são, como se deprehende do numero de exemplares citados, os menos raros, e existem, como vimos, não somente em meias dobras, mas tambem nas suas divisões e mesmo em «moedas de ouro», o que faz presumir que o nome francês de «Moëdes» se referia primitivamente a esta ultima especie, tomando depois a significação generica de «Monnaies d'or». Os franceses usaram tambem muito da expressão «Lisbonnine» ou «Portugaise», tanto para as moedas de ouro de 4$800 réis como para as meias dobras de 6$400 réis, ao passo que os ingleses conservaram o nome de «Moidor» para as moedas de ouro de 4$800 réis.

Dos documentos publicados por E. Zay, que eu transcrevi a pag. 115, juntando-lhes um complemento e uma rectificação que o proprio autor da *Histoire Monétaire des Colonies Françaises* me tinha ministrado, segue-se que os dois carimbos agora descritos são oriundos da ilha francesa La Martinique (onde no dia da Assunção d'este anno se deu o terrivel catastrophe em que perderam a vida uns 20:000 habitantes), que os algarismos 20 ou 22 indicam o valor em *livres coloniales* da unidade de peso que era o *gros* equivalente a 3gr,82 (um pouco mais da oitava), e que o encarregado da carimbagem teve de imprimir a marca de 20 ou 22, conforme a proveniencia das moedas («marquer du chiffre 22 les

Digitized by Google

moëdes d'or vrai de Portugal, de 20 celles de fabrique d'Amérique, de Genève ou de pays étrangers») e finalmente que a proporção do valor da moeda colonial com a da mãe-patria alli era em 1805, quando foi ordenada a marcação, de 3 : 5. Para se chegar a conhecer o valor de uma moeda, era preciso portanto pesá-la, e multiplicar depois o numero de *gros* pelo algarismo marcado, de 20 ou de 22. Sabendo-se que o toque legal das moedas portuguesas, tanto das cunhadas no continente como das lavradas no Brasil, era uniformemente de 22 quilates, estranhamos naturalmente encontrar em exemplares absolutamente legitimos ora o carimbo de 20, ora o de 22. Só explico isto admittindo a hypothese de que o encarregado do serviço da marcação tivesse encontrado algumas differenças de toque, que o pudessem ter induzido a applicar em legitimas moedas portuguesas o carimbo de 20 em vez de 22, e por que nas casas de moeda no Brasil o toque prescrito não foi sempre rigorosamente observado. Em circulação achavam-se tambem imitações de moedas portuguesas, de ouro baixo[1] (suspeito que o meu exemplar de 1773 com a letra monetaria que finge um R, reproduzido a pag. 169, n.º 94, é uma d'ellas) fabricadas na America e na Inglaterra[2], e a estas é que era officialmente destinado o carimbo de 20. Devo entretanto observar que, calculando-se o kilogramma de ouro de 22 quilates a 3:157 *francos*, e tomando-se a relação da moeda colonial com a da mãe-patria, como ella regulava em 1805, quando principiou a carimbagem, isto é a de 3 : 5, resulta para o *gros* de 3gr,82 só um valor de 20 libras; parece portanto que já naquella epoca a indicada relação tendia para subir, chegando effectivamente em 1817 a ser de 100 : 185 em Guadeloupe e de 100 : 180 na Martinique, e para se obter o valor de 22 libras coloniaes era preciso contar com a proporção indicada nestes ultimos algarismos. Em 1826 foi abolida a *livre coloniale*.

4. Meia dobra, não cerceada, de D. Maria I e D. Pedro III, 1779. R., peso 14gr,30. Carimbo da ilha francesa de Guadeloupe 82.10 (82 *livres* e 10 *sous*, moeda colonial) e por cima outro: G coroado (George III) numa oval; ambos da administração inglesa, postos provavelmente nos annos de 1810–1811.

---

[1] Une Lisbonnine, ou Portugaise, de 1755, de fausse fabrication, s'est trouvée au titre de 0.699 ($16\,^3/_4$ karats). *Traité des Monnaies d'or et d'argent* par Pierre Frédéric Bonneville, Paris, 1806, pag. 46.

[2] Robert Chalmers, pag. 20, citando um memorandum de Tortola, datado de 1802, escreve : at the same time a villainous practice was introduced of importing base half-Johannes from Birmingham, Sheffield, and America. Aqui a palavra America com certeza não se refere ao Brasil, mas sim á America do Norte.

Digitized by Google

Exemplar igual é o do n.º 597 da collecção Carmo, que já reproduzi na pag. 169 sob o n.º 99*, de D. José, 1759. R.

Aqui o carimbo indica o valor em *livres coloniales* que cabia á mesma moeda, tendo ella, como é o caso, o peso legal e não somente o de uma unidade de peso, correspondendo o valor marcado de 82.10, como fiz ver a pag. 116 do meu livro, com o de 22 *livres coloniales* por *gros*. Pelas informações que nos offerece E. Zay a pag. 193 da obra citada, sabemos que foi em Guadeloupe, durante a *administração inglesa,* que se punccionaram *moëdes* com um G coroado e se lhes marcou o valor em *livres, sous et deniers*. Como se vê, a coroa que encima a letra G é effectivamente de forma inglesa, e a indicação do valor (82.10) está demonstrando que os ingleses conservaram alli o modo francês de calcular por *livres coloniales,* como conservaram em Essequibo e Demerara o computo hollandês por florins.

A ilha de Guadeloupe esteve por quatro vezes no poder dos ingleses: de 1759 a 1763; em 1794 só sete meses; de 1810 a 1813, quando foi cedida á Suecia que a dominou apenas durante cêrca de um anno; e de 1815 a 1816; voltou porém depois ao dominio francês.

A pag. 191 E. Zay cita ainda um decreto da *administração francesa* de 22 de Abril de 1803 a respeito de moedas cravejadas, que acabavam de ser introduzidas em Guadeloupe. Como os respectivos cravos foram reconhecidos como ouro alterado, julgou-se necessario impedir a circulação de semelhante moeda, a não ser que se estabelecesse previa verificação. Aquelle decreto determinou que as *moëdes* de ouro bom deviam ser estampadas com um G e com uma outra marca que as fizesse reconhecer. *Este carimbo de G acompanhado de outra marca é dos que ainda não cheguei a ver.*

5. Meia dobra, pouco cerceada, de D. José, 1769. R., peso 12^{gr},60. Este exemplar, juntamente com o n.º 6, já occasionou um pequeno artigo que publiquei na *Numismatic Circular de Spink & Son* do mês de Julho de 1901. A moeda levou tres carimbos: um rectangular, collocado sobre o pescoço do rei, algarismo 22, seguido, mais por cima, de um signal indicativo de *livres* e depois vem a figura de uma pequena cabeça barbada, que representa talvez a autoridade governamental (?) Os outros dois carimbos são: no anverso, sobre a testa do rei, o algarismo 22 e no reverso, sobre a coroa, a figura de uma cabeça, de frente, trabalho rude; ambos num quadrado. Aqui temos, portanto, duas vezes a indicação do valor; quer-me, porem, parecer que a sua significação não é identica. O primeiro punção, que tem certa analogia com os dos n.^{os} 1 a 3, marca o valor de 22 *livres coloniales* por *gros* e dá assim a entender que foi applicado nas Antilhas francesas, sem

Digitized by Google

nos deixar conjecturar em qual d'ellas. Os outros dois carimbos, que foram talvez postos simultaneamente, um no anverso, outro no reverso, tambem não denunciam bem a sua proveniencia, a não ser pela figura da cabeça, que entretanto nos é desconhecida; fica-nos a alternativa ou de presumir que serão tambem oriundos de uma d'aquellas ilhas francesas, o que julgo pouco provavel, ou então de os attribuir a uma das *Possessões, que são, ou que já foram Hollandesas,* quer d'aquelle mesmo archipelago (Curaçao, S. Eustache, Saba e em parte S. Martin) quer do continente americano (Guiana hollandesa, outrora composta de Berbice, Essequibo, Demerara e Surinam e agora reduzida a esta ultima colonia, por terem as primeiras tres passado no começo do seculo XIX para mãos britannicas) que conservaram ainda por muito tempo o modo hollandês de calcular por *guilders* ou florins, valendo o Joe (a meia dobra) 22 *guilders*[1]. Na minha opinião é a guilders que se refere a segunda indicação do valor que vemos no carimbo quadrado, mas falta-me um ponto de apoio para dizer a qual das ilhas ou a qual das colonias hollandesas pertence. Seria proveniente da ilha de S. Martin, que está em parte sob o dominio dos franceses e em parte sob o dos hollandeses, obedecendo a figura de uma cabeça, que se vê tambem no primeiro carimbo, a uma ideia commum? Seria de Essequibo, por ser quadrado, não obstante faltar-lhe a inscrição E. D (Essequibo e Demerara)? São supposições que só futuras investigações poderão esclarecer.

6. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1773. R., peso $10^{gr},25$. Carimbo E D, em letras cursivas (Essequibo Demerara), em uma depressão oval, applicado no anno de 1798 na colonia inglesa Demerara, para a moeda poder temporariamente circular com o valor de 22 guilders (florins hollandeses).

Nas *Moedas da Colonia do Brasil,* pag. 116, já citei as interessantes informações que nos deu Robert Chalmers na sua *History of Currency in the British Colonies,* ao tratar da Guiana britannica, a saber: A meia dobra era em 1798 nas colonias de Essequibo e Demerara a medida geral dos valores e por assim dizer o unico meio circulante. No meado d'aquelle anno parece que circulava alli grande quantidade de Johanneses cerceados. Por iniciativa do Governador que teve razões para recear mais outra importação das mesmas moedas, o tribunal de

[1] Robert Chalmers, pag. 124: These three Colonies (Berbice, Demerara and Essequibo) long retained the mode of reckoning by Guilders which had been in vogue under Dutch rule. A half Johannes (here styled a whole Johannes) passed for 22 guilders or florins.

Digitized by Google

policia passou no dia 2 de Agosto de 1798 uma ordem a respeito d'estas moedas leves, verificando-se que em 29 de Outubro do mesmo anno não havia em circulação senão Joes e só muito poucas ou nenhumas de outras moedas. Estabeleceu essa ordem (hollandesa) que pelo preço usual de 22 guilders só podiam ser acceites os Johanneses de *ouro* (isto é, os que não eram falsos) que tivessem o peso de 7 *engels* e as fracções em proporção. Porem, para evitar prejuizos aos habitantes, visto que todos os Johanneses que se achavam na colonia pesavam menos de 7 *engels*, ordenou-se que os que tinham intactas as letras da inscrição fossem puncionados, para poderem ainda durante um anno passar pelo valor inteiro, e nomearam-se dois commissarios para carimbar a moeda, devendo o carimbo para Essequibo ser *quadrado*, com as letras E. D, e *circular* o para Demerara, com as mesmas letras. Baseado nestas informações, não hesitei em attribuir este numero a Demerara, *faltando-me ainda encontrar a marca para Essequibo, que deve ser quadrada e conter as mesmas letras E. D.*

Em 1808, isto é, dez annos depois d'aquella ordem concernente aos Joes cerceados, vieram os Joes cravejados perturbar o meio circulante colonial. (Continuo a aproveitar-me das informações de Robert Chalmers). Tendo uma enorme quantidade de peças portuguesas, com cravos de cobre ou de latão levemente dourado, chegado a introduzir-se na circulação das colonias de Essequibo e Demerara, resolveu-se recolhê-los todos, de qualquer metal que os taes cravos fossem, e emittir notas em logar d'elles. Recolheram-se logo cêrca de 28:000 Joes cravejados, que foram remettidos para Inglaterra, para lá serem vendidos, e emittiu-se uma somma equivalente em notas, resgataveis no prazo de 18 meses. No officio que acompanhou a remessa, o Governador pediu que, no caso de Sua Majestade Britannica não julgar conveniente permittir que a recunhagem d'aquelle ouro fosse feita em peças portuguesas, que eram a unica especie corrente naquellas colonias, se ordenasse o lavramento de uma real moeda colonial de ouro do mesmo peso, toque e valor das que corriam. Esta proposta não achou acceitação na metropole. Foi ordenada a cunhagem de moedas especiaes de prata para Essequibo e Demerara. Até 1815 seguiram-se outras e importantes remessas de milhares de Joes (dos quaes hoje custa a encontrar algum exemplar avulso!), tomando sempre o papel-moeda o seu logar. D'estas notas coloniaes, emittidas ao principio para serem resgatadas dentro de 18 meses, achavam-se ainda algumas em circulação no anno de 1841. Tenho na minha collecção as fôrmas d'estes «Colony Goods of Demerary and Essequebo» de 1, 2, 3 e 20 Joes = 22, 44, 66 e 440 guilders.

Digitized by Google

Seguem-se agora dois exemplares, cujas contramarcas dão campo a differentes supposições. Não é, entretanto, possivel adeantar nada de positivo a respeito da significação que tem.

7. Meia dobra, não cerceada, de D. José, 1769. B., peso $14^{gr},25$.

Carimbo (bastante nitido) de uma pequena flôr de liz, posto atrás da cabeça do monarcha.

E. Zay reproduziu a pag. 200 o carimbo de uma grande flor de liz (trabalho mais grosseiro), como sendo de Guadeloupe, posto em moedas estrangeiras de prata e a pag. 207 dois outros, como sendo de S. Martin (parte francesa), em moedas de cobre e de bilhão. Isto dá logar a perguntar se o carimbo d'este n.º 7 não podia ser tambem proveniente d'aquellas possessões francesas?

8. Meia dobra, cerceada, de D. Maria I e D. Pedro III, 1781, (sem letra monetaria), peso $12^{gr},35$.

Este exemplar é o que figurou na collecção de Jules Fonrobert, que vem descrito no respectivo catalogo sob o n.º 8:808; foi castigado com seis carimbos no anverso e um no reverso. Os do anverso são: na orla, G I, L, M H (em monogramma), ꓭ (B ás avessas), no centro G M (em monogramma), podendo as letras tambem ser tomadas por C H (os dois ultimos carimbos em circulos dentados) e mais um sinal em forma de roseta ou de trevo de quatro folhas. O do reverso, que não está mencionado no catalogo de Fonrobert, consiste numa pequena letra W dentro de um circulo. Fonrobert attribue estes carimbos á autoridade portuguesa que em 1823 continuava a sustentar-se na cidade da Bahia (Brasil); creio, porém, que não se pode produzir nenhum motivo que fale em favor de semelhante supposição. Parece-me que tambem devemos procurar a origem d'estes carimbos nas Indias Occidentaes.

2. Moedas cravejadas

9. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1771, R., peso $10^{gr},95$ (cêrca de 3 oitavas).

Este exemplar, que já foi reproduzido nas *Moedas da Colonia do Brasil,* est. XV, n.º 3, tem a cabeça do cravo muito saliente e em cima d'ella vê-se num rectangulo a marca das letras I. H, que talvez representem as iniciaes do nome de quem mandou cravejar a moeda. Esta operação em algumas ilhas foi feita officialmente e em outras particularmente. O cravo, que devia naturalmente ser de ouro fino, era algumas vezes de ouro muito baixo, ou mesmo de qualquer outro metal, apenas um pouco dourado. Servia o cravo para dar á moeda o peso estabelecido nas differentes ilhas, como limite para poder circular, e

Digitized by Google

este limite variava de ilha para ilha: era de 7 dwts (pennyweights) em S. Kitts, Antigua, Montserat e Nevis, ou de cêrca de 3 oitavas (1 pennyweight = 1^{gr},555), ao passo que para Tortola era fixado em 8 pennyweights ou cêrca de 3,5 oitavas.

10. Meia dobra, pouco cerceada, de D. José, 1757, R., peso 14^{gr},20 (perto de 4 oitavas).

Este exemplar tambem já se acha reproduzido, veja-se pag. 168, n.º 294, do meu livro citado; só pelo reverso se conhece que está cravejado; no anverso, em cima do cravo, vêem-se as letras F & G dentro de uma depressão oval. Devido á ajuda do cravo, esta moeda chegou novamente a ter o peso primitivo de 4 oitavas (ou quasi); é portanto de suppor que fosse cravejada para uma das ilhas, onde só podiam correr os Joes de peso legal, como na de Barbados. Veja-se Robert Chalmers, *ob. cit.,* pag. 20

3. Moedas carimbadas e cravejadas

11.+ Meia dobra, cerceada, de D. João V, 1747, R., peso 11^{gr},50.

Foi officialmente cravejada na ilha britannica de Grenada (que com as de S. Vincent e S. Lucie forma o grupo das Windward Islands), para que o seu peso chegasse ao limite prescrito de 7 dwts. 12 grs. (7 pennyweights e 12 grains ou 11^{gr},66) sendo a cabeça do cravo marcada com J. W. (em letras cursivas) e carimbada no anno de 1798 em triplicado, sempre perto da orla, com a letra G. (Grenada), para poder correr pelo preço de 3 libras e 6 shillins.

A respeito d'este exemplar, que está numa collecção particular de Londres e que eu já tornei conhecido a pag. 174 das *Moedas da Colonia do Brasil,* vou aqui repetir as informações colligidas da obra de Robert Chalmers, pag. 83, que, como se verá, se adaptam perfeitamente ao caso. Em 31 de Julho de 1798 publicou-se em Grenada uma ordem para, em vista do estado alterado e degradante das variedades de moedas que ali circulavam, se regularem os preços d'ellas e tambem para se evitar que aquella ilha fosse inundada com as leves moedas portuguesas de ouro que estavam sendo desmonetizadas nas colonias vizinhas. Na lista que acompanhou a ordem as meias dobras estavam assim tarifadas:

Johannes, de peso não inferior a 7 dwts. 12 grs. (11^{gr},66) 3 libras e 6 shillins; Johannes, de peso não inferior a 8 dwts. 12 grs. (13^{gr},20) 3 libras e 12 shillins.

E como havia em circulação poucos Johanneses, cujo peso chegava ao limite de 7 dwts. 12 grs., e se anteviam os embaraços que d'ahi po-

Digitized by Google

diam resultar para o commercio, ordenou-se que os Johanneses do peso de 6 dwts. ($9^{gr},33$) fossem cravejados pelos officiaes para isso nomeados até que o seu peso attingisse o limite estipulado. Para facilitar a circulação do Johannes, e das suas partes divisionarias, tanto d'aquelles que tinham os pesos devidos como dos que então se permittia que fossem cravejados, determinou-se que nos Johanneses com o peso de 8 dwts. 12 grs., ou mais, se imprimisse a letra G no centro, do lado da effigie, e naquelles que pesassem 7 dwts. 12 grs. a mesma letra em tres logares, tambem do lado da effigie e tão perto da orla quanto fosse possivel. A ultima determinação era evidentemente para obstar que houvesse novo cerceio.

O peso d'este exemplar é de $11^{gr},50$. Depois de carimbado foi furado e assim o seu peso correspondeu ao de 7 dwts. 12 grs. O carimbo que lhe cabia era effectivamente o de G, applicado em tres logares, para a moeda correr pelo valor de 3 libras e 6 shillins. *Não encontrei ainda a variante de carimbo com um só G no centro, que deviam receber os exemplares cujo peso attingisse a 8 dwts. 12 grs. ou $13^{gr},20$ valendo 3 libras e 12 shillins.* Este valor entende-se naturalmente em moeda colonial, que estava para o da moeda da mae-patria como 36 : 72 ou como 1 : 2 e até mais alto, isto é como 100 : 210, se levarmos em conta que o peso legal da meia dobra não é só de 8 dwts. 12 grs. ($13^{gr},21$), mas de 9 dwts. 5 grs. ($14^{gr},34$).

12. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1767. R., peso $11^{gr},60$ (7 dwts. 12 grs.). Encimando o cravo ha uma marca com as letras G H e perto da orla vê-se em tres logares o carimbo da letra S.

Em Mrs. Spink & Son's, *Numismatic Circular*, do mês de Agosto de 1899 já publiquei esta moeda, dando a entender que talvez a letra S indicasse as possessões britannicas Sommer Islands, ou ilhas Bermudas, e mencionei naquella occasião tambem umas moedas de prata cortadas (fracções de patacas hespanholas) com a contramarca de um S, ás vezes só, outras vezes em companhia da palavra Tortola, e sinto não ter encontrado depois nenhuns dados mais que pudessem contribuir para melhor interpretação d'este carimbo.

Os n.os 5 a 12 representam os unicos exemplares que conheço com essas contramarcas.

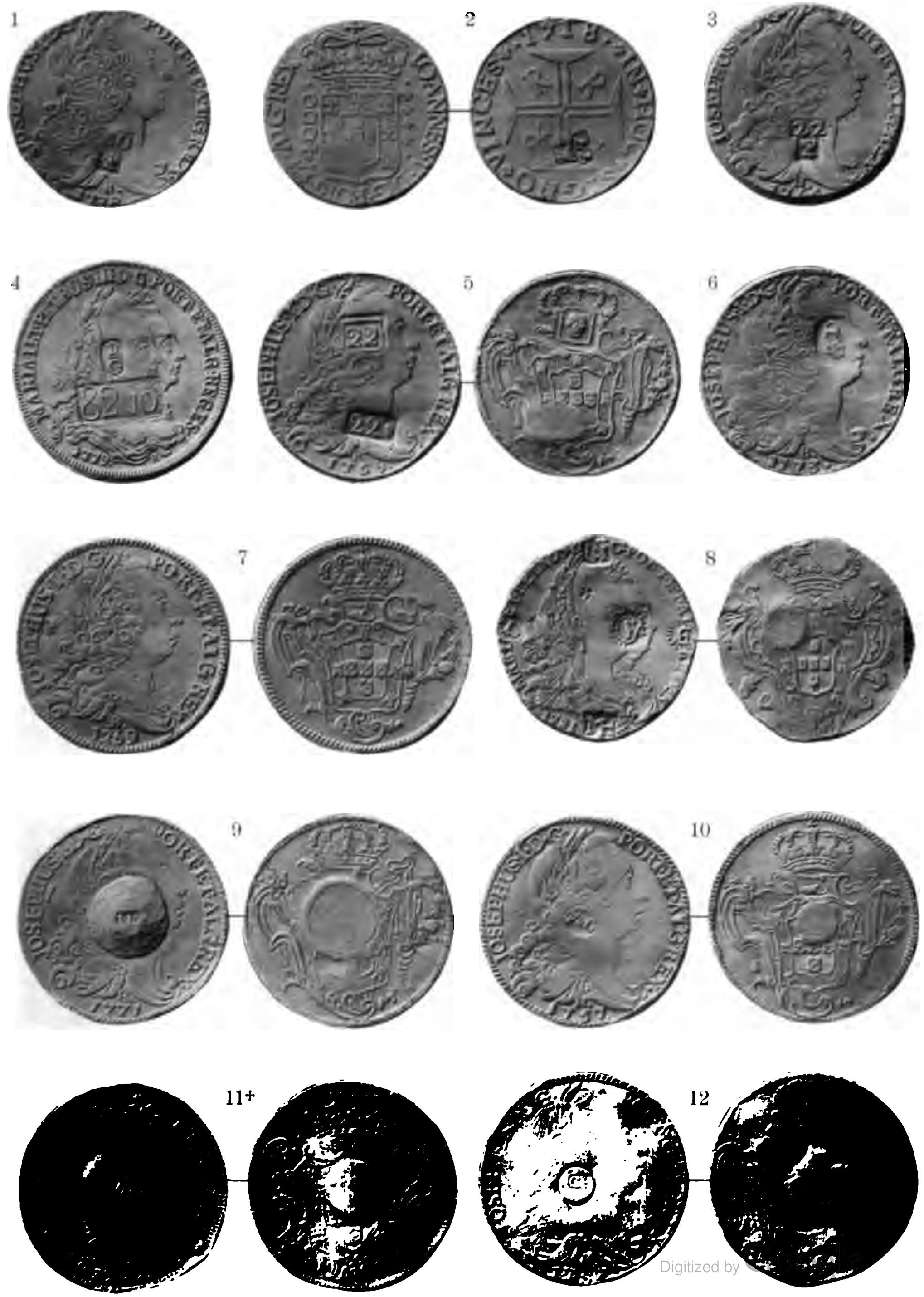
É notavel que todos os exemplares aqui mencionados, com excepção apenas do n.º 8, sejam de origem brasileira, isto é, cunhados na Casa de Moeda do Rio de Janeiro, ou na da Bahia.

JULIUS MEILI.

Digitized by Google

Moedas Portuguesas

carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes.



Digitized by Google

Um inventario do seculo XIV

(Continuação de pag. 234)

Serpa

It. Estes ssom os hornamentos que A ordem ha na Egreia de ssã saluador de sserpa primeiramente. It. quatro calezes de prata cõ sas patanas It. hũ tribulo de prata britado. It. quatro vistimentas cõpridas e Acabadas de pano de ljnho. It. tres mantos velhos de çendal. It. hũa capa velha de meja laã. It. hũ mjssal grande. It. dous pequenos. It. hũ pistoleiro. It. dous liuros de bautizar e de ssoterrar. It. hũ ljuro do offiçio do corpore criste. It. hũ liuro dos vitatorios pontado. It. hũ caritanho. It. dous domjngaes hũ de canto e outro de leenda. It. hũ caderno do Auento. It. hũ Offiçial. It. dous ssantaes grandes. It. hũ santal de Comũ. It. tres ssalteiros. It. tres sobrepelizas. It. treze veeos de seda. It. hũ esquinino En que iazẽ os ditos lẽções. It. hũa boçeta de prata En que iaz o corpo de deos. It. tres Alffãbaras nouas. It. hũa cortjnha noua. It. hũa tenda Redonda que sta sobre o Altar. It. hũa colcha que sta sobre o croçifiço. It. hũa peça de sauaas e de mãtẽes velhos cõ que stã cubertos todos os Altares. It. hũa Alffanbar que sta no Altar de ssã ssalvador. It. disse Johan Vicente que Auia hj hũa cruz de prata que iazia Enpenhada por o ffeitjo do que En Ela ffezerõ. It. dous sinos grandes. It. duas Cãpãas de Sotelha. It. hũa cãpaa de cumungar. It. hũa Arca grande grande Em que iazẽ os ornamentos. It. hũ ffrontal destoria de sã johane por os quaes ornamentos fficou por fiador Joham Affomso dito scudeiro tabeliom os quaes ornamentos fforã Emtreges A Johan Vicente creligo A quẽ os o dito Gonçalo Steuez Entregou.

It. Estes som os ornamentos que o dito Gonçalo Steuez Achou Em A egreia de santa Maria de Serpa primeiramente hũa cruz de prata. It. tres calizes. It. hũa copa de prata cõ hũ calez pequeno de comungar cõ ssa cruz e cõ sa toalha e cõ sa napeira. It. hũ tribulo britado. It. hũa naueta cõ ssa colhar. It. hũa boçeta En que ia o corpo de deus. It. seis veeos de seda Antre velhos e nouos. It. tres veeos velhos de seda Rotos. It. tres veeos de ljnho. It. hũ veeo de seda cõ pedieiras douro. It. hũa colcha que sta no Altar de santa Maria. It. tres vistimentas de pano de ljnho. It. tres mantos de çendal cõ hũ pano douro. It. tres sobrepelizas. It. tres salteiros dous velhos e hũ nouo. It. hũ ofiçial. It. hũ pistoleiro. It. hũ mjsal grande. It. hũ santal de dous velumes. It. hũ domingal de dous velumes. It. hũ caderno de corpore christi. It. dous mjsaes pequenos. It. hũ liuro de bautizar. It. hũa cãpãa de comungar. It. hũa cãpãa de sotelha. It. hũa capa vjada. It. outra quaresmal. It.

Digitized by Google

duas cortinha de çima do Altar de santa Maria os quaes ornamentos de santa Maria o dito Gonçalo Steuez Emtregou a afomso eanes creligo dordẽes meores que pos que seruise A dita Egreia de santa Maria por os quaes ficoù por ffiador Gonçalo Steuez Çeuadeiro moor do Ifante dom fernando.

Moura

Era de mjl e quatrocentos e dous Anos dez e seis dias de majo En moura dentro na Egreia de Sanhoane Gonçale steuez Corredor (*sic*) que se djzia das terras da ordem dauis e proueedor dos bẽes que A ordem daujs ha En nos Rejnos de portugal e do Algarue deo as tesourarias de sanhoane e de santa Maria de Moura a afomso martinz creligo filho de Martim Migees e Entregou lhe Estes ornamentos que se Adeante segem. It. ssete calezes de prata cõ ssas patanas os quatro saaos e os tres dessoldados dos quaes tijnha hũ delles o cano dentro e A maçaa e o vaso dalatom e hũa chapa dalatom A sobre A maçãa e os dous tijnhã chũbo cõ que forã ssoldados os quaes pessarõ sete marcos e sete honças per As honças da marçaria. It. hũa Copa de comũgar e hũ calez pequenjno e hũa cruz pequena que pesou todo quinze honças de prata. It. hũa Arqueta de prata que pessou tres honças de prata. It. hũ tribullo de prata e hũa naueta e colhar que pesou quatorze honças cõ hũa Argola que o tribulo tijnha da latom En çima pella ourela e hũas cadeas En ffundo dalatom que foj todo pessado. It. hũa cruz de prata que pessou Çinco marcos e meo. It. hũa cruz de pa̅ao cõ ffolha de prata cuberta britada e hũ pe̅e da cruz de prata. It. hũa naueta dalatom. It. hũa cruz de pa̅ao grande cuberta cõ ffolha dalatom velha. It. duas cruzes dalatom pequenas. It. quatro cãpajnhas duas de sotelha e duas de cumungar e hũa Era sẽ badalo. It. tres casticaes de fferro pequenos. It. seis vistimentas cõpridas e hũa tijnha o manto ffestiual e A outra tjnha o manto quareesmal. It. seis mantos os quatro velhos e dous Rotos festjuaes. It. dez Almatjcas ojto velhas e duas nouas. It. duas Capas hũa vjada e A outra de bal do qui. It. duas sobrepelizas sãas. It. noue Almaticas velhas Rotas En logares e outras todas Rotas que o dito proueedor mandou que Adubasem hũas cõ As outras. It. tres chumellas pequenas. It. quatro mantẽes de ljnho velhas e Rotas En logares. It. duas palas velhas e duas Alffardas e hũa dellas tynha hũ buraco de ffogo. It. dous offiçiaes de leẽda e de canto. It. dous mjsaes hũ mjstico e outro nom. It. dous ssãtaes hũ husado e outro velho. It. dous domingaes de leenda e de canto Anbos velhos. It. tres santeiros dous velhos e hũ nouo cõ tauoas. It. hũ caderno da conceiçom. It. outro caderno de santa maria do neme (*sic*). It. outro caderno de sã bras.

Digitized by Google

E este ornamentos suso ditos som scritos per Gonçalo fernandez Tabelion del Rej En moura e Asinada per sua mãao segundo pareçia e fazia mençom.

Noudar

Era de mjl e quatroçentos Anos dez e ojto djas de majo En na dita vjla de noudar dentro En no castelo da menagẽ En çima Aa porta da torre grande Gonçalo steuez contou e fez contar o Almazẽ do dito castello e foj hj Achado trinta scudos nouos e Majs sete. Iṭ. vinte e noue capellos e baçinetes de fferro. It. trinta gorgeiras de solhas. It. quinze beestas treze çjntos cõ que as Armã. It. trinta solhas dalmazẽ cubertas de pano de ljnho. It. hũa soma de setas As quaes Armas Achou o dito Gonçalo steuez En poder de Gonçalo vaasquez Alcajde e ficarõ En seu poder.

Alandroal[1]

It. sejs Eguas paridas de potros machos deste Ano nados. It. Ojto Eguas paridas de potros ffemeas deste Ano nadas. It. Çjnco potros machos de dous dous Anos. It. çjnco potros machos de senhos Anos. It. hũ caualo branco das Eguas de cavallagẽ. It. dez e noue Eguas Alfeirias (?) per grandes e per pequenas e son En soma per todas quareenta e quatro cõ o caualo das Eguas de grandes e quatorze potros e potras tenrreiros. It. hũa Adega En que stã dez taalhas de vinho branco cheas e tres cheas de Rosete e ojto de vjnho uermelho As Çjnco de bõo vjnho e A tres de m̄aao e duas taalhas quebradas e hũa tjnha e hũ coucho de pisar tjnta. It. Esta hũa taalha de vjnho na adega de Joham dos Pasos e ho vjnho he do Meestre e A taalha dalquiel e ho vjnho he ffurmjgento.

It. sta hũa Cuba na adega de madrjana martinz e o vinho he do Meestre e A cuba he de madrjana martinz e ho vjnho he maao. It. Achamos nouenta e viij° vacas per todas e destas son dez e noue paridas e trinta e hũ machos. It. Achamos dous touros e outra vaca que Andaua ffora Apartada e som assj Çento e hũa per todos. It. acharõ depois hũ Almalho e sson Çento e dous.

It. Na egreia ha Estes ornamentos. It. hũ offiçial grande mjstico de canto e de leenda. It. hũ domingal e Santal Anbos velhos. It. dous ssalteiros hũ velho e outro nouo e o nouo ffaleçe hũ caderno e nõ he

---

[1] Na noticia dos immoveis que a ordem tinha no Alandroal encontra-se o seguinte:

«It. A cabeça do çenteo hu chamã As fferrarias e ha ho Meestre de cada Apeiro que hj ste quando laurar cada domáa çjnco Acjellas de ferro de djzimo».

Digitized by Google

Encadernado. It. hũ caritanho de capitolar. It. hũ missal peno velho En que iaz o ofiçio da missa da trindade e de ssante spritu e da cruz e dos Angios e dos Apostalos e outras orações. It. hũ liuro de bautizar e dencomendar velho Roto. It. tres vistimentas velhas conpridas e dous mantos festiuaaes hũ Roto e ho outro sãao e os calezes e A cruz e o tribulo sson do cõçelho. It. duzentas quareenta e oito e meia Açiellas de ferro. It. hũa caldeira e dez e oito queijgos (?) e noue tauoas sarradiças. It. seis exadas e hũa quebrada. E logo o dito domingos ffortes se deu por Entrege perdante mjm scriuã de todas estas coussas suso ditas que lhi forã Entrege per o dito Corregedor. It. hũ Apejro de ffazer fferro cõ hũas tenhazes e cõ hũ picõ e cõ hũ martello de britar vea e lauanca de ferro. It. Reçebeo de Joham Airas que foi moordomo do Meestre dom martim do Auelaal dez quarteiros e hũ meo Alqueiro de trigo e trinta Alqueires de trigo podre de ffundo de coua o qual trigo he ia scrito na Recadaçõ de domingos fortes per mjm prior scrivã da Reçepta e despesa. It. vinte e çjnco djas de Majo Era de mil e quatroçentos e dous Anos ffoj Gonçalo steuez Ao Castello do landroal pera veer As coussas que os jujzes hj Acharom Aa morte do Meestre e As coussas som estas. It. hũ catormel cõ cruzes uerdes de geebe uerde It. huũs sobre synaaes de geebe uermelho cõ cruzes uerdes En canpo de prata. It. hũas ssolhas cubertas de geebe uermelho. It. hũ Jubete cuberto de marromaque. It. tres pares de çapatos de ferro. It. dous pares desporas douradas de Roda. It. hũ par desporas douradas cõ cruzes. It. duas beestas cõ dous çjntos. It. hũas cabeçadas de caualo cõ synaes de cruzes. It. hũ brageiro darmas. It. hũa manta velha. It. hũ tapete velho de cojro. It. hũa hucha longa cõ scrituras. It. hũa Arca cõ duas ffechaduras. It. outra Arca que diziã que Era do caluo das quaes Arcas Reçebeo Domingos ffortes hũa pera teere El e o scrivã os dinheiros que Reçeberẽ. It. fficou A Domingos fortes hũ stromento de como El Rej mandou tomar Ao meestre As Rendas de moura e de serpa e de beia e de vjla vjçossa e todalas outras coussas fficã a R°. Airas A que as o dito Gonçalo Steuez mãdou que As Asoelhasse e gardase cõmo se nõ perdesem. testemunhas (*sic*).

E logo no dito dja o dito Gonçalo steuez ffoj Ao castelo do dito logo e Achou hũa torre ffechada cõ hũ cadeado e perguntou A Roj Airas Alcajde do dito castelo se tjnha chaue do dito cadeado e o dito Alcajde disse que a nõ tjnha nẽ na ouuera nẽ ssabia dela parte E logo o dito Gonçalo steuez pressente Eu dito tabeliom e as testemunhas A deante scritas mandou tjrar hũa Armela da dita porta per veer o que Esta na dita Torre e fforã Achadas dentro Estas coussas que se Adeante segem.

It. primeiramente dez e oito capellos de fferro dalmazẽ. It. hũ baçinete mellado. It. dous elmos velhos. It. quinze gorgejras. It. trinta

Digitized by Google

solhas dalmazẽ cada hũa deanteira e çaga. It. hũa stribeira ieneta. It. hũ Elmo de caualo de coiro. It. hũa messa velha. It. hũa tauoa longa. It. mjl e çem seetas dalmazẽ En duas qajyxas. It. hũas qajxas sen sen seetas. It. vinte e dous scudos. It. hũ çinto. It. dous Arcos de beestas quebrados. It. hũa collonha mourisca. It. hũa collonha de calaueira sem noz britada dũ cabo na cassa da noz.

It. duzentas E çjncoenta Açiellas de fferro meudo mazcabado e dez graaos o qual fferro logo o dito Gonçalo steuez Entregou A Domingos Fortes moordomo no dito logo. It. no Alpender do Almazẽ hũa Arca de uerga chea de viras dalmazẽ dellas cõ fferros e delas sẽ fferros. It. hũ coucho longo cheo de viras e mandou o dito Gonçalo Steuez ao Alcayde que o meta na dita torre do Almazẽ. It. duas Arcas cheas descreturas e fez lhj o dito Gonçalo Steuez lançar chapas de ferro e ficarã çarradas cõ As ditas chapas En a dita torre e mandou Ao dito Alcayde que as vjse En gissa que nõ chouua en Ellas As quaes coussas que assi fforã Achadas no dito castello todas fficarõ En poder do dito Alcajde ssaluo o dito ferro que o dito Domingos ffortes leuou. It. hũ cortiço cheo dalgodom e pesou o dito Algodom xx ARataes e meo o qual o dito Corregedor Entregou Ao dito Domingos fortes.

Juramenha

Outrossj Eu Affonso monjz vy e lj hũa scritura En o dito ljuro de Gonçalo Steuez feita e Asynada per maão daffonso martinz tabeliom En juromenha dos bees que A ordem hauja En Juromenha que tal he. It. ffoj Entrege A pedro Affonso moordomo seis Alqueires e dous pucaros e meo dazejte. It. Reçebeo o dito pedro Affomso de Gonçalo martinz presente mj Afomso martinz scriuã saseenta e cinco Mojos e hũ quarteiro e meo Alqueire de trigo. It. En outra parte Reçebeo hũ Mojo de trigo que foi Achado que ouue de Rabeiras das Eiras da ordem que dizia o dito Gonçalo Martinz que Auia dauer o qual trigo o dito Gonçalo Steuez Achou que nõ Auja por que o Auer ca o nõ Auiã os proueedores dante El.

It. En o dito dya Reçebeo o dito proueedor do dito Gonçalo martinz presente o dito Gonçalo Steuez quareenta e noue Mojos e dous quarteiros e meo Alqueire de çeuada. It. En o dito (*sic*) Reçebeo o dito Pero Affomso do dito Gonçalo martynz dez e seis Mojos e hũ quarteiro e hũ Alqueire e meo de çenteo. It. vinte e çinco Alqueires de mjlho. E este pã he deste ano que o dito Gonçalo martjnz ffoj moordomo de Juromenha o qual pã he de quinze Alqueires o quarteiro. It. Reçebeo o dito Pedro Affomso de pam velho dora a hũ Ano que Encouou En

Digitized by Google

Juromenha Pero de Muel primeiramente hũa coua chea de çeuada velha na qual iazia hũ Aluara que contaua que iazia na dita coua dez e sete Moios e dous quarteiros e hũ meo Alqueire. Coua he da capella que iaz na Rua direita Apar de os paços de Martim Gomez. It. lhj foj Entrege Ao dito pedro Affonso Outra coua chea de çeuada. A qual coua he de Martim Gomez na qual coua iazia hũ Aluara que contaua que iazia na dita coua vinte Moios e vinte e tres Alqueires de çeuada.

It. lhj foj Entrege outra coua que he da ordem que iaz dentro no lagar que foj do vjnho chea de çeuada na qual iazia hũ Aluara que cõtaua que iazia na dita coua dez Mojos de pã e vinte e tres alqueires de çeuada. It. lhj foj Entrege outra coua que he da Ordem chea de çeuada A par de o Açouge Em que iazia hũ Aluara que contaua que iazia na dita coua dez e sete Mojos e quareenta Alqueires de çeuada. It. lhj ffoj Entrege outra coua que he da ordem chea de Çenteo En que iazia hũ Aluara que contaua que iazia na dita Coua noue Mojos e hũ quarteiro e ojto Alqueires de çenteo A qual coua iaz junta com as cassas que fforã de Joham Airas que he daffonso Lourenço. It. lhj forã Entreges per mjdjda Çincoenta e seis Alqueires de çenteo velho que iazia En hũa coua dante cas Vasco Lourenço.

It. lhj fforã Entreges per mjdjda tres Mojos e dous quarteiros de çeuada que iazia dentro na coua de so a calçada do castello que he da ordem. It. lhj fforã Entreges dez quarteiros de mjlho per mjdjda velho que iazia En hũa coua da ordem de so a calçada.

It. ffoj Entrege o dito pedro Affomso de tres Anos (*sic*) cõ suas Albardas nouas e tres cjnlhas uelhas. It. de dez fferros darado velhas e duas Roçadojras e quatro exadões velhos. It. tres ejxadas boas e hũa traado e hũa malho grande e huũ pequeno. It. dojto ffojçes de ssegar pã e de dous temeeiros boos de quatro loros. It. doutros dous temeeiros velhos E noue cojundas boas hussadas. It. dous Almadraques hũ de laã Roto e o outro Roto de concertos. It. dua caldeira boa boa saa mejaa e dũa manta viaruço husada.

It. foj Entrege de noue bojs darado e En outra parte dũ coiro dũ boi que morreo. It. foj Entrege o dito pedro Affomso dua cadea grosa de prisoes de vinte e tres ffuzies cõ sua Argola e de duas Adouas cõ seus Ellos. It. de çinco colares de garganta e os tres leuã ffozies e os dous nõ.

It. de quatro trebelhos cõ seus ffozies E hũ tpco (?) de pa̅ao.

Estas som As Armas que Gonçalo Steuez Achou Em o castello que fficarõ Em poder de Gonçalo Martinz Alcajde primeiramente duas solhas velhas. It. dez e noue gorgeiras de solhas. It. dous capellos de ferro. It. dous cãbajsses. It. quatro scudos. It. tres cajxas de seetas.

Digitized by Google

It. quatro çjntos e hũ nõ tem cambho. It. hũa taalha vazia pera teer azejte. It. hũ torno pera armar beesta cõ dous cãbhos de ferro. It. lhj fficou Ao Alcajde hũ chumaço Roto velho de lãa. It. ffoi cõfessado per o dito Gonçalo Martinz que Reçebera quatorze bois dos quaes entregou a Pedro Affomso os ditos noue bois que ia vãa scritos ẽ Recadaçõ E que morrerõ En seu poder os çinco dos quaes ia deu hũ cojro Ao dito pedro Affomso que ia vaj En Recadaçõ do dito pedro Affomso E outro ffoi feito ẽ cajũdas e temoeiros As quaes cajundas e temoeiros ia vãa scritas Ao dito pedro Affomso En sua Recadaçõ e os dous coiros iazẽ En pelomẽ pera solas dos quaes se deu por Entrege o dito pedro Affomso E outro coiro foj vendudo por o dito Gonçalo Martinz que lhi ia foj posto En Recadaçom na conta que lhj o dito Gonçalo Steuez ffilhou cõ outra Recadaçõ. It. o dito Gonçalo Steuez Achou que Auja En A egreia de Juromenha Estes liuros que se segẽ os quaes tijnha scritos sobre sj o procurador do conçelho que he pera dar delles Recadaçõ Ao meestre e Ao conçelho primeiramente hũ liuro de bautjzar. It. hũ liuro do corpo de deus. It. hũ ljuro mjsal. It. hũ liuro parseiro. It. hũ caderno de canto velho. It. hũ ljuro domingal. It. hũ liuro santal. It. dous ssalteiros. It. hũ salteiro velho pequeno As quaes cousas ssobre ditas contehudas En Este caderno Eu Affomso martinz tabeliom e scriuã na dita vjla scriui e foi presente A todo e ffiz Aqui meu synal.

It. Entregou o dito Gonçalo Steuez A Joham louçãao Almoxariffe do castello de Juromenha pressente mj dito tabeliom e scriuam Estas coussas que se segẽ que tinha En sseu poder Gonçalo martinz Alcaide. It. duas cadeas de pariola cõ quatro Argolas. It. outra cadea cõ que Alçã os cantos grossa. It. hũa lauanca grande e duas pequenas. It. hũa marra. It. hũa Cunha e dous scouparos e hũa maçeta. It. Çjnco pjcões e quatro cãmartẽes. It. hũa sachola e outra meia de sachola. It. hũa colhar e hũa lima todo esto susso dito he de ferro. It. hũa serra braçal grande e hũa ffolha de serra britada E hũ calaure groso pera Engenho e eu suso dito tabeliom Esto scriuj e ffoj presente.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

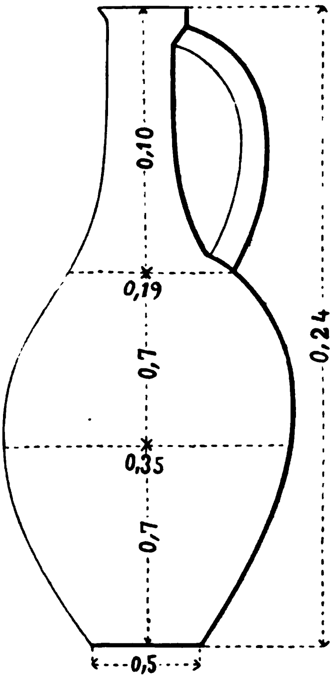
Vasilha antiga

Em setembro de 1896, numa excavação a que se procedeu na freguesia de *Eiriz,* concelho de Paços de Ferreira, foram encontradas bastantes vasilhas, a maior parte das quaes foram despedaçadas, já casualmente pelo alvião dos trabalhadores, já propositadamente com

Digitized by Google

a mira no *ouro*, que deveriam conter, ou em que se transformaria o barro de que eram feitas. Os *Mouros* eram peritos na arte de *encantar* o precioso metal, affirma sem sombra de dúvida o nosso povo.

Graças á obsequiosidade do meu collega Rev. Bento Bravo, abbade de Codeços, pude obter uma das vasilhas para o museu da Sociedade Martins Sarmento. É feita de formoso barro vermelho, muito lisa a pasta; não tem ornatos alguns, e tem as dimensões, que vão indicadas no modelo junto.



Algumas outras vasilhas, que escaparam, de dimensões diversas, e os cacos das que foram quebradas, são conservados pelo achador, que espera que dentro de poucos dias será um Creso.

A freguesia de *Eiriz* é situada nas proximidades da conhecida *Citania de Roriz*.

OLIVEIRA GUIMARÃES.

«A todo amor natural se ha de preferir o da patria, e quem teve outra cousa por mais querida e estimada, errou como ingrato».

FR. AMADOR ARRAIZ, *Dialogos*, II, fl. 110, ed. de 1604.

Digitized by Google

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

465. S. Simão de Azeitão (Estremadura)[1]

Pedra extraordinaria

«Junta a Aldea de Villa frexe esta hum lago pequeno de agoa que chamão o rio de Sam Simão que continuamente está cresendo nelle grande abundancia de agoa com que se regão repartidamente por horas outo quintas, cujo lago ou xarco tem pouca altura e hũa pedra no meyo, que dizem alguns vedores de agoa que se lha quebrasem ou tirasem seria tanta a agoa que se alagaria todo Azeytão e cada Aldea tem junto a si sua fonte de agoas muito finas de que se uteliza». (Tomo XXXV, fl. 1291).

466. Sindim (Beira)

Reliquia de S. Brás. — Castello de D. Thedom

«Ha sim hum grande comcurso de gente de varios povos em dia de Sam Braz que vem a Igreja Matriz a venerar huma reliquia do mesmo Santo..... E nos mais dos dias do anno concorre munta gente ou ferida de animaes damnados e muntas pessoas com grandes feridas a tocar a santa reliquia e outras com receyo de tam venenozo achaque e nam consta, nem ha tradição de que pessoa alguma que viesse tocar a santa reliquia por mais ferida que viesse, tivesse periguo algum sem a aplicação de outro algum remedio e da mesma sorte trazem a santa reliquia os guados e toda a casta de animaes domesticos ao adro desta Igreja ou feridos ou com o receyo de se lhe danarem e fazendosse porssisão como se custuma ao redor da Igreja lançandosse a benção com o dito cofre aos animaes se lhe segue o mesmo effeyto e tocandosse pão no dito cofre como se custuma pera comerem os feridos ou receyosos de tal achaque sem outra alguma bençam fica incorretivel, e eu já tive hum pam tocado na Santa reliquia dous annos sem currussão alguma, nem demonstração de a vir a ter. Tambem todas as molheres opremidas com dores de parto mandando avizo e fazendose porsisão com a Santa reliquia ao redor da Igreja infalivel e incontinente se segue o parto da criança ou viva ou morta, sem que tenha havido exemplo em contrario, o que tudo eu tenho prezenciado no es-

[1] N-*O Arch. Port.*, III, veiu publicado um desenvolvido estudo sobre Azeitão.

Digitized by Google

paço de trinta e cinco annos que sou indigno Parocho desta Igreja». (Tomo XXXV, fl. 1303).

«No dito Lugar de Cabriz deste conçelho e freguezia que está çituado em huma Ladeyra que desse de hum monte, que se chama o Monte Verde abaixo do dito povo dous tiros de espingarda está hum iminente Rochedo subranceyro ao Rio Tavora, á no alto delle huma piquena planicie em a quoal ainda se divizão vestigios de algumas cazas e dos alicerces dos muros de hum Castello, da quoal he munto dificultoza a entrada e o tal castello he sem duvida que foy edificado por Dom Thedom e seu irmão Dom Rauzendo assendentes da Excelentissima Caza de Tavora como largamente consta da Chronica Sistercience, Livro terceiro, Capitullo doze, em que se descreve esta grande antiguidade e a batalha que os sobreditos tiverão no dito Rio Tavora com os Mouros rezidentes na villa de Paredes donde os expulsarão». (Tomo XXXV, fl. 1305).

467. Sines (Alemtejo)

Sepultura de S. Torpes

«Na foz desta Ribeira de Junqueyra que he na praya está a sepultura de São Torpes asignalada com huma crux..... etc» [1]. (Tomo XXXV, fl. 1324).

468. Sobrado (Entre-Douro-e-Minho)

Memoria

«Ha nella hũa memoria ou memorial a que os moradores da terra, currupto bocabollo, chamão marmoiral de comprimento de dez palmos a entrada da Quinta da Boavista com suas cruzes abertas em pedras redondas nas cabesseyras onde dizem descansarão com o corpo da Raynha a Beata Mafalda, que trazião da Villa de Canavezes para o seu Real Mosteyro de Arouca de Religiozos da Ordem de Cister que dista desta villa duas Legoas». (Tomo XXXV, fl. 1379).

469. Sobreira Formosa (Estremadura)

Casa da Moura

«Porem se acha huma couza notavel em a Serra que chamão do Chão do galego que tem de comprimento hũa legoa sem largura con-

[1] Cfr. *Religiões da Lusitania*, de Leite de Vasconcellos, I, 21 a 23.

sideravel porque inda que em parte tinha alguma só tem colmeyas nella e he que he minada e furada the onde chamão o pego d'Almourão e por tradição antiga consta ser couza de Mouros e que nelle havia hũa Moura encantada e tambem se ve nella inda hoje huma estrada de calssada obra dos mesmos Mouros, que sahe da Casa que chamão da Moura, que não he pequena e feita ao concavo em huma penha». (Tomo xxxv, fl. 1445).

470. Sobre-Tamega (Entre-Douro-e-Minho)

Banhos romanos

«Tem caza de banho que se fez á quinze annos e ao fabricar desta se acharão varias moedas de hum metal cor de ouro, que parecião bronze e algũas de cobre mais pequenas e hũa inscripção de muitas letras em hũa pedra que quebrarão e picarão os pedreiros pelas não entenderem e deste sitio ate Tamega se achão ainda hoje alguns ladrilhos de barro quadrados do palmo e meyo por modo de escada que decia para o dito rio, cujos vestigios mostrão o terem sido já frequentados e affirma-se seria do tempo dos Romanos por estes serem inclinados a banhos». (Tomo xxxv, fl. 1485),

471. Sortelha (Beira)

Fabrico de saragoça

«Ha tambem na dita ribeira da Nave dous Pizõis que servem para pizar o pano de saragossa e alguns moinhos de moer pão de centeyo e trigo e o mais que asima tenho dito e não ha mais engenhos, que os em que tenho fallado». (Tomo xxxv, fl. 1525).

472. Soutello (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas de um convento. «Cidade de Milmandas». — Anta da Paranheira

«Ha memorias que nos lemites desta freguesia entre ella e a freguesia da Lage houvera hũ Convento de Religiosos de S. Bento e será talves o que dis o A. da Benedictina Lusitana que havia de Laga, que dezia mudar o ultimo *a* em *e* e dizer Lage. O citio aonde paresse que seria ainda conserva o titulo de S. Mamede, cuja noticia se corrobora com ser parte de hũ prazo desta Igreia. O monte que fica mais perto desta freguesia he na freguesia de S. Martinho de Moure que chamão a Torre dos Mouros e fica quasi ao norte desta quasi distancia

Digitized by Google

de meya Legoa he monte não muy elevado e caminhando para o nascente acava entre S. Pedro de Esqueyros e S. Martinho de Travaços e para a parte do Norte tem bastantes declives ficando-lhe nas faldras parte de Novegilde, S. Thiago de Carreiros e S. Miguel de Carreiros e no mays alto delle sobre Moure que lhe fica ao poente houve antigamente hũa Cidade que se chamava Milmandas e no meyo tinha hũa Torre que lhe deo a denominação de Torre dos Mouros que haverá 90 annos pouco mais ou menos que existindo inda a metade se desfês para o Concerto da Ponte de Prado que de ahy se conduzio que distara da tal ponte tres 4.os de legoa ainda se divizão tres cercas ou muralhas; cujos recintos não ocupavão muito terreno mas ainda se vem vestigios de calçadas não só dentro, mas de fora em algũas partes deste monte para o nascente cahindo sobre Barbudo, se veem alguns vestigios de redutos de terra levantada. Ao pe do mesmo monte para a parte do sul ha pouco mais de vinte annos existia inda na mesma freguesia de Moure hũ tal ou quoal recetaculo que poderia ser o cabido de algũa Igreja antiga de bayxo delle descubertos os coatro ventos estava hũa Imagem de S.to Antão Abbade que ha memorias o foi em hũ convento de monges Bentos, que houve no mesmo citio chamado de S.to Antão ou S.to Antoninho que dizem tinha 900 monges com Laus perenne continue de noute e de dia; de cujo convento se veem ainda hoje os vestigios, cujo citio he hoje hũa Quinta dos herdeiros do Dr. Manoel da Cunha e Faria, da cidade de Braga, o qual fes Capella ao mesmo S.to Antão, desviada algũa cousa do mesmo citio para o que tirou varias pedras de hũ torreão antigo que nelle estava feito a modo de abobeda e cuberto de lageas toscas, pedra por laurar no citio aonde estava o santo que hoje esta na Igreja de Moure por os fregueses delle o não quererem deixar estar na capella, dizendo lhe pertence e não ao Snr. da Quinta; e ainda hoje vão clamores de varias freguesias ao citio onde estava o Santo que hé de muitos milagres e nos confins da lage havia hũa villa junto ao lugar de Agoella, de que não havia vestigio algũ existente.

Há nesta freguesia de Soutello hũa antiguidade no lugar da Cachada e bem a ser hũa pedra Redonda terá des ou doze palmos de diametro, de grosura conpetente levantada da terra de altura athé seis palmos sobre sete pedras; cuja obra tosca custaria muito a duzentos homens polla asim, que mais parese seria asim obrado dentro da terra, e esta com a continuação dos tempos e das chuvas a poderia descobrir (chamasse a paranheira) cuja analogia bem condis nesta Provincia, como vyo para que se aplicava; servia não sey se de bayxo se em sima de queimar em sacrificio os frutos como Abel porque depois de terem

Digitized by Google

dizimado dos frutos que lhe ficavão tomando algũa parte lhe punhão fogo e o fumo que dahy sahia se observava que subindo direito para o ceo achavão tinhão dizimado bem e se o fumo se afastava para os lados entendião tinhão dizimado mal e tornavão a dizimar. O vulgo entende que he algũa Moura encantada e que existe de bayxo algũ tezouro e por vezes ha poucos annos lhe tem cavado de bayxo para ver se descobrem a mina. Caberão com aperto de bayxo della des homens». (Tomo xxxv, fl. 1548 e segg).

473. Soutello (Trás-os-Montes)

Ruinas de um palacio

«No arabalde do Passo atras expressado se descobrem as paredes antigas de hũa grande caza, cuja porta da entrada se reconhese em hum Arco de mediana altura de pedra bem labrada e toda a mais pedraria hé tosca mas bem asente, dentro destas paredes ha outra pella mesma Architetura e no sima de hua porta de padeeyra larga, se diviza hũa pedra de Armas mal aberta pella sua munta antiguidade com hum escudo e dentro delle sinco chaves não ha tradição çerta da sua origem e por hisso hoje se acha abitado de alguns moradores e pella parte de fora para a parte do Naçente tem hua fonte subterranea de pedra mal labrada». (Tomo xxxv, fl. 1564)

«Há no destrito deste Lugar adonde chamão ao Val da palla, hum padrão de pedra tosca sobre dois degraos de pedra da mesma coalidade e neste mesmo sitio se devide o caminho que vem de chaves para o arrabalde chamado Lomarinho e deste para o lugar de Saravelha. Tambem há na entrada deste lugar de Soutello hum cruzeyro e no sima delle hũa volta esferica com hua crus; e no Arrabalde de Lomarinho, outro de feytio tosco, com hua crus em sima». (Tomo xxxv, fl. 1565).

474. Susães (Trás-os-Montes)

Vestigios dos «Mouros»

«Em os lemites desta freguezia ha hum Braço de Serra que nace da Serra do Aluam e Maram e neste sittio se costuma chamar por huns a Serra de Santa Comba e por outros a Serra do Rei Orelham, consta ser antigamente abittada de Mouros e ainda nella se acham alguns vestigios de que abittaram nella como sam algumas paredes demolidas sobre huma fraga bem alta a que chamam a fraga do Araste que sua altura fiqua virada ó Norte». (Tomo xxxv, fl. 1729).

Digitized by Google

475. Tabaçô (Entre-Douro-e-Minho)

Reliquias

«Somente havia nesta Igreja certas reliquias ou Reliquia, com que a enriqueceo Pedro Bispo de Tui dedicando-a ou benzendo-a, como prezumo no anno de 1239 com o titulo de S. Chrystovão. Treslado o que acho no tombo desta Igreja: No anno de 1604 mandei eu Fernão Roiz Abbade desta Igreja de Tavaçoo derrubar esta dita Igreja, e mudei para o vendaval tanto quanto era a largura da Igreja, e fis de novo á minha custa, somente os fregueses concertarão o Telhado. Havia fama que no altar maior avião reliquias, o qual eu mandei desfazer, no qual dentro achei certas reliquias em 12 embrulhos de tafetá .ss. ossos, cabellos e huns escritos de que santos erão. Mais achei hum breve escrito, cuja letra he a seguinte o anno de 1239: Petrus Episcopus Tudensis hanc Ecclesiam in honorem Sancti Chrystophori anno de 1239. E não disse mais o dito escrito. Está no dito altar maior, como estava.=*Fernão Roiz.*

Agora eu não achei mays que huns destrossos deste Thesouro, que era estimavel, a saber hum riliquiario quebrado, e hũ vidro, que mostrava as reliquias apartado do seu lugar, e tambem quebrado». (Tomo XXXVI, fl. 2).

476. Taboado (Entre-Douro-e-Minho)

Torres

«Acham se nesta terra duas Torres antiguas huma na Aldea de Novois que he dos Montenegros, outra na Aldea da Peima do fidalgo Antonio de Vasconcellos; e se acham ao prezente sem ruina». (Tomo XXXVI, fl. 22).

477. Tojal (Estremadura)

Pedaços de pedra para curar doenças

«Herão tantos os milagres e tão continuas as marauilhas que Deos obraua pelos merecimentos de seus santos na dita Irmida (*de S. Sebastião*) que leuados da Deuoção os romeiros e vezinhos leuauão pedaços da pedra da mesma imajem que deitando-os em agua e dando-a aos doentes logo miraculozamente se curavão dando graças ao Senhor e louvores a seu santo e com este zello todo se levou pouco a pouco a primeira Imagem sem que della ficaçe cousa algũa». (Tomo XXXVI, fl. 60).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Digitized by Google

Machados de pedra

Por certas razões particulares tenho deixado, ha alguns annos, de escrever sobre archeologia de Trás-os-Montes.

Hoje, porém, em virtude de um artigo do Sr. Dr. Henrique Botelho, inserto ultimamente n-*O Archeologo Português*, sou obrigado a escrever uma nota sobre o apparecimento, no sul do districto de Bragança, d'estes raros e preciosos instrumentos.

Ha seis annos, pouco mais ou menos, pediu-me o meu amigo e collega P.e Adriano Guerra, então director do «Collegio de Moncorvo», algumas antigualhas para offertar ao Ex.mo Sr. Henrique Botelho, distincto amador da nossa archeologia.

Como nessa occasião eu já tinha cedido algumas ao Museu Ethnologico Português, possuia então só na minha collecção o machado mencionado n-*O Arch. Port.*, VII, 152, isto é, um machado encontrado em Maçores, d'este concelho.

Para comprazer com o meu collega, procedi a trabalhos de exploração nos dolmens de Villarinho, concelho de Carrazeda de Anciães, em numero de tres, estando ainda um em bom estado de conservação, cuja gravura já se mostra no Museu Municipal de Bragança.

Neste concelho da Carrazeda ainda se encontrou outro dolmen bem conservado, mas em ponto muito menor, em Zedes, proximo do solar dos Srs. Viscondes de Zedes.

Mas voltemos á exploração dos dolmens de Villarinho, por ser isso o objecto principal d'este humilde e modesto artigo.

Depois de algum trabalho com dois homens, só encontrei no maior os machados mencionados pelo Sr. Henrique Botelho sob o titulo: «Instrumentos da Lousa». Não me demorarei descrevendo estes instrumentos e o de Maçores, por, no referido artigo, estarem já descritos pelo prestimoso archeologo de Villa Real.

Estranhei muito que o meu collega P.e Guerra não enviasse mais esclarecimentos ao seu amigo de Villa Real: devia tê-lo feito, se não fosse por espirito de gratidão, seria ao menos para maior desenvolvimento da sua proveniencia; mas entendeu não o fazer e estava no seu direito, assim como eu estou agora de fazer esta rectificação.

Para maior comprehensão dos dolmens de Villarinho e Zedes veja-se *O Arch. Port.*, I, 107 sqq., onde trato especialmente d'estes venerandos monumentos archeologicos.

Estes dolmens já tinham sido profanados, deixem-me assim dizer, em eras remotas por estupidos sonhadores de thesouros encantados,

Digitized by Google

e por isso não pude encontrar mais alguma cousa de valor, alem dos machados erroneamente chamados da Lousa, pois foram encontrados no dolmen de Villarinho, e não na Lousa.

Bem desejava eu reivindicar este achado para esta modesta aldeia da Lousa, terra da minha naturalidade; mas a verdade acima de tudo. e demais ella tambem possue as suas gloriosas tradições.

Ella pode apresentar com justo orgulho a sua antiga posição na Parada, o seu extincto convento trinitario, as suas bellezas naturaes, os seus machados de pedra, moedas antigas, etc.

Em occasião opportuna tratarei d'estas cousas n-*O Archeologo,* assim como escreverei um artigo sobre uma povoação romana encontrada por mim este anno em S. Christovam, termo d'esta freguesia de Carviçaes.

Em Maçores, minha antiga e saudosa abbadia, encontrei um machado de pedra de schisto, que mede cêrca de $0^{m},30$ e pésa $3^{k},5$! Rarissimo!

É pena estar bastante truncado na ponta; este objecto, assim como um cippo romano, uma figura antiga de pedra, e outros objectos, fazem actualmente parte do meu humilde museu.

Aos criticos mordazes do meu obscuro museu costumo eu responder com o seguinte axioma: *Ad augusta per angusta!*

Mas, falando ainda sobre machados de pedra, tenho de accrescentar mais o seguinte. São muito abundantes nos concelhos de Carrazeda de Anciães, Moncorvo e Freixo de Espada-á-Cinta; eu já tenho possuido machados de differentes freguesias d'estes tres concelhos e alguns d'elles de muito merecimento[1]; já existem por meu intermedio especimes d'elles nos museus: Ethnologico, da Sociedade Martins Sarmento e Municipal de Bragança.

Segundo me constou ha dias, o meu dedicado amigo Dr. Leite de Vasconcellos tenciona dentro em breve fazer uma excursão scientifica neste concelho para estudar os seus multiplos e interessantes monumentos do passado. Por minha parte desde já o felicito calorosamente pelo seu emprehendimento, offerecendo-lhe o meu fraco prestimo, como seu auxiliar nos trabalhos archeologicos. Bem vindo! A colheita será deveras abundante e variada; por cá encontrará vastissimos assuntos para as suas lucubrações intellectuaes, e eu serei, neste concelho, o seu agradecido cicerone, mostrando-lhe varios jazigos archeologicos.

---

[1] Por exemplo: um remettido ao Museu Ethnologico, muito perfeito e de côres lindissimas.

Digitized by Google

Por ultimo peço ao Ex.[mo] Sr. Henrique Botelho e P.[e] Guerra que me desculpem, se acaso os melindrei na minha rectificação; eu desde já declaro não ter em vista offendê-los, nem ao menos por sombra.

Com esta notícia, escrita *currente calamo*, só tive em vista prestar homenagem á verdade dos factos e não desgostar homens illustrados, e amigos meus, como eu considero os mencionados cavalheiros.

Carviçaes, 12 de Agosto de 1902.

Abb.[e] José Augusto Tavares.

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

(Apontamentos para o seu estudo)

Quem de Lisboa observar o horizonte ao sul do Tejo descobre no seu extremo a crista de uma serrania, que se desenvolve de leste a oeste entre os dois velhos castellos de Palmella e Cezimbra, sendo dominada ao centro pelas penhascosas montanhas do Formosinho e Picoto da Arrabida.

Esta serie de montes prende-nos a attenção pelo bello e accidentado das suas fórmas e suggere no nosso espirito o desejo de conhecer a sua origem e historia.

Deve-se em grande parte ao distincto geologo o Sr. Paulo Choffat, commissionado nos Trabalhos Geologicos de Portugal, o conhecimento dos terrenos do nosso país.—Este illustre sabio tem com effeito produzido valiosissimas obras que nos podem orientar sobre a geohistoria do territorio português.

Da leitura de alguns dos seus trabalhos e da observação que fiz no terreno pude concluir que toda a parte continental do horizonte que de Lisboa se descobre ao sul do Tejo não existia ainda acima do mar na epoca terciaria miocenica, e que a serrania que limita ao longe esse horizonte estava a baixo do nivel do oceano.

O mar que então cobria o terreno que fórma agora essas montanhas era viveiro de animaes marinhos taes como o *Carcharia megalodon*, a *Ostrea crassissima*, a *Ostrea crassicostata*, o *Pecten jacobeus*, o *Clypeaster*, a *Scutella*, as *Turritella*, etc., cujos restos mortuarios se depositaram e deixaram de si memoria nos fosseis que actualmente se observam em profusão na parte que resta da camada miocena, que formava o fundo d'esse antigo oceano.

Devido ao successivo resfriamento e consequente contracção do planeta que habitamos, a crusta solidificada, que desde a esphera cen-

Digitized by Google

tral da terra ainda fluida chegava até o fundo d'esse mar, encarquilhou-se como a pelle de uma uva que se secca, a ponto de fazer saliencias acima do oceano e formar uma elevada ilha, de que a actual Arrabida não é mais do que um vestigio, comparavel aos restos de altivo e grandioso monumento a que as injurias do tempo não tivessem deixado senão pequenas porções das suas arruinadas paredes.

Com effeito, o solo que cobria essa ilha foi primitivamente todo formado pelo terreno que constituia o fundo do mar mioceno e formava sobre ella uma serie de altas abobadas, recobrindo os terrenos secundarios mais antigos que com ella se tinham levantado, e envolvendo-a com algumas pregas em toda a sua extensão.

Porém, numa sequencia de seculos que a nossa imaginação mal póde abranger, succedeu que as abundantes chuvas e outros agentes atmosphericos cavaram essas abobadas de tal maneira que puseram a descoberto as camadas secundarias mais antigas, e nestas mesmas as erosões foram tão grandes que abriram sulcos profundos que constituem hoje deliciosos valles.

São estas camadas constituidas por calcareos jurassicos, assim desnudadas e cavadas, que vemos hoje de Lisboa alvejar sobre o dorso norte da Arrabida.

Os valles tem hoje os nomes de Picheleiro, Alcube, Barris, Gralhal, etc., e são de aspecto tão pittoresco e encantador quanto se póde imaginar.

A camada miocena, que formava a primitiva codea d'essa ilha, quasi desappareceu de todo, ficando apenas os seus vestigios nas pregas mais fundas d'esse continente, como se vê ainda na escarpa que vae desde o Valtão, pela ermida de S. Luis, Casal da Lapa, Pena e Rotura até os Bonecos; ou no sopé da montanha que coincidia com a linha da costa que circundava a antiga ilha, como se póde observar do lado sul pelos Bonecos, Brancanes, Saude, Albarquel, Recanto, Anicha e Santa Margarida, e pelo lado norte, desde Palmella, pela Quinta do Anjo, Azeitão, até á Foz na costa ao norte do Cabo Espichel.

O aspecto que hoje apresentam as rochas que constituem os restos d'essa camada miocena, e a sua collocação, fazem-nos lembrar os vestigios das abobadas de immensa cathedral cujos fechos tivessem caido e de que não restassem senão pequenas porções ainda ligadas aos encontros que as supportavam.

Não foram só as erosões atmosphericas que destruiram as camadas que envolviam a antiga ilha correspondente á serra da Arrabida. No periodo em que se levantou a ilha, as carquilhas eram nuns pontos tão salientes e as pregas tão fundas que umas vezes a camada supe-

Digitized by Google

...n.º 1 **Perfil n.º 2**

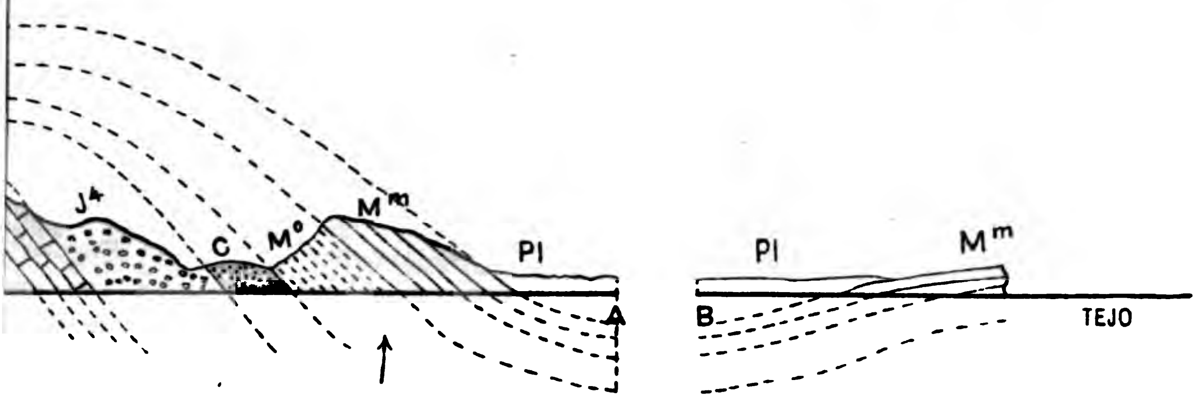


Fig. 1.ª

...nho.

Perfis eschematicos do terreno da peninsula da Arrabida suppondo-se a secção feita na direcção SE. a NW. entre Almada e Albarquel. O perfil n.º 1 entre o Sado e o ponto A a NW. da Serra de S. Francisco, e que é feito segundo as indicações do Sr. Paul Choffat, está no mesmo plano que o perfil n.º 2 que vae do ponto B no Alfeite até Almada. Não se apresenta o desenho do perfil que fica no intervallo de 20 kilometros entre os pontos A e B dos perfis n.os 1 e 2 por não offerecer variedade.

Digitized by Google

rior esgarçava, como succedeu em S. Luis, Pena e Rotura, outras vezes as carquilhas ou dobras anticlinaes tombavam e desmoronavam-se á medida que se iam accentuando as dobras, como succedeu do lado meridional de Palmella e ainda em toda a encosta meridional da serrania arrabidense, desde Albarquel pelos Galapos, Anicha e Santa Margarida até o cabo Espichel (fig. 1.ª).

I. Homem terciario

Qual seria a fauna e flora da ilha formada pela antiga montanha da Arrabida? Viveria já nessa ilha do tempo terciario algum ser intelligente, percursor do verdadeiro homem?

É difficil responder a estas perguntas, porque durante milhares de seculos foram continuando as erosões já referidas, e os terrenos escavados que poderiam guardar os restos dos seres que tinham povoado o solo da ilha lá iam arrastados pelas torrentes depositar-se no fundo do mar circumjacente e que por ser da epoca posterior á formação do mioceno se chama pliocenico.

O fundo d'esse mar tambem ulteriormente, por causa semelhante á da formação da montanha da Arrabida, se elevou acima do nivel do oceano, e, augmentando o continente e ligando-o á antiga ilha, transformou esta na peninsula arrabidense.

Os sedimentos do fundo d'esse mar, que agora formam todo o terreno pliocenico da região adjacente á Arrabida, são constituidos na sua maior parte por agglomerados de areias, pedaços de quartzo e ás vezes de schisto rolados, tudo mais ou menos ligado com argila ferruginosa, como vemos na costa do Alfeite, na escarpa das Fontainhas em Setubal e nas trincheiras das estradas que d'esta cidade se dirigem para norte e leste.

Junto do sopé da montanha de Santo Antonio, a W. de Palmella, e na parte que corresponde á costa da antiga ilha, num pequeno golfo que ficava entre a dita montanha e os Bonecos, encontram-se ainda em abundancia pelas encostas da Boa-Vista, Capuchos e S. Romão, os pisolites, formados á maneira de confeitos pelo movimento de vaevem contínuo das ondas carregadas de saes de cal sobre as praias do mar pliocenico.

Se dos destroços dos seres vivos que habitavam a antiga ilha ainda restam vestigios, devem elles encontrar-se nas camadas do fundo d'esse mar pliocenico onde deviam ser espalhados pela acção das aguas.

Esse mar, porém, que circumdava a ilha era tão movimentado que boa parte dos elementos que formavam os conglomerados do seu fundo e que apparecem agora a descoberto, formando um continente plioce-

Digitized by Google

nico, pertencem a terrenos da Meseta[1] que ficam, os mais proximos, não obstante, a mais de 8 leguas de distancia da Arrabida. Assim nesse mar tudo se disseminava.

Este motivo sería já bastante para não apparecerem com frequencia nas camadas pliocenicas adjacentes á Arrabida os fosseis dos seus antigos habitantes; mas, alem d'estas, outras causas muito mais ponderosas, com quanto ainda não determinadas, haviam por certo de fazer com que se dê o facto de no antigo fundo do mar pliocenico dos arredores de Setubal, agora elevado e formando continente, não se encontrar hoje nem um unico fossil ou vestigio de ser vivo, terrestre ou marinho.

Apesar d'isto, o nosso notabilissimo geologo e paleoethnologo Carlos Ribeiro encontrou em differentes pontos do terreno pliocenico, e nomeadamente no Moinho de Pau, junto do logar onde é hoje a praça de touros em Setubal, bem como nos Morcegos e na estrada de Aljesur, não fosseis, mas silices, cujos talhes o mesmo sabio attribuiu a um ser intelligente.

Se acceitarmos esta asserção, sería este ser o representante do primeiro esbôço do homem actual, o primitivo homem terciario, isto é, o ser intelligente mais antigo que estabelece a transição dos seres chamados irracionaes para aquelle que, separando-se do resto da animalidade e relacionando os conhecimentos adquiridos pelos seus antepassados, chega a conhecer as leis do movimento do universo e a aproveitar esse movimento para satisfazer as suas aspirações sempre crescentes.

Nas differentes observações que tenho feito nas trincheiras abertas natural ou artificialmente nos terrenos pliocenicos dos arredores de Setubal nunca encontrei objectos que apresentassem sinaes que pudessem indicar a acção de um ser intelligente. No Moinho de Pau, onde o mesmo Carlos Ribeiro encontrou dois silices a que attribuiu talhe intencional, encontrei effectivamente pedaços de pederneira (silex pyromacho) talhados intencionalmente, e por algum tempo estive em dúvida sobre a classificação do terreno onde os encontrei e que tão semelhante era ao pliocenico; porém uma observação mais detida do terreno levou-me a convicção de que estes pedaços de pederneira provinham de um terreno bem actual, pois que é um aterro artificial feito com areias pliocenicas (o que deu logar á dúvida) no cimo da collina onde se achava o Moinho de Pau e com o fim de elevar mais a altura do moinho.

---

[1] Os geologos chamam Meseta á parte da peninsula iberica que já estava acima das aguas antes de começar a epoca secundaria.

Digitized by Google

Não conheço pois elemento algum, a não ser a respeitavel opinião de Carlos Ribeiro, para que se possa affirmar a existencia do homem terciario nos arredores de Setubal; verdade é, tambem, que não se póde affirmar a sua não-existencia.

II. Homem quaternario paleolithico

Os terrenos quaternarios dos arredores de Setubal são os formados pelos alluviões depositados principalmente pelas aguas das chuvas sobre as depressões do solo da peninsula arrabidense, já depois do mar pliocenico se ter retirado pela elevação do seu fundo. Formam esses terrenos, constituidos pelas terras das encostas dos montes vizinhos, uma camada pouco espessa de alluviões que preenchem o fundo das grutas e dos valles.

Estes terrenos estão-se formando ainda hoje; mas como durante a sua formação tem havido grandes variações no clima, dando isso logar a grandes differenças na fauna e flora de cada região, pertencem a dois periodos: *a*) o quaternario propriamente dito ou paleolithico, caracterizado pela coexistencia exclusiva de certos animaes e pela industria do homem, que só fabricava instrumentos de pedra lascada; *b*) e o actual, caracterizado pela ausencia de certo numero de animaes da epoca paleolithica e pela industria do homem, que começou por fabricar instrumentos de pedra polida, e, depois de ter descoberto e utilizado successivamente o bronze e o ferro, chegou posteriormente a servir-se do alfabeto e agora da electricidade como elementos mais importantes do seu poder.

A affirmação de que um terreno é da epoca paleolithica não é pois segura senão quando apparecem no seio d'esse terreno restos de animaes contemporaneos que concorreram para a sua formação e cujas especies taes como o *Rhinocerus tichorhinus* e o urso das cavernas eram totalmente extinctos ou tinham emigrado para outras regiões na epoca da pedra polida (neolithica).

Estes terrenos paleolithicos tambem se acham chronologicamente classificados em epocas, conforme o clima e os animaes dependentes d'elle.

É geralmente acceite pelos palethnologos a classificação proposta por Gabriel Mortillet[1], segundo a qual o periodo paleolithico se subdivide em quatro epocas, a saber: a Chelleana, a Mostereana, a Solutreana e a Magdaleneana.

---

[1] Vid. *Le Préhistorique*, pag. 22.

Digitized by Google

Os animaes que caracterizam na Europa central cada uma d'estas idades são: na chelleana, em que havia um clima quente e humido, o urso das cavernas, que só se extinguiu na idade solutreana; na idade mostereana ou glaciaria, em que a temperatura desceu e a Europa se encheu de geleiras, os animaes caracteristicos são o *Rhinocerus tichorhinus* e o *mamouth* (*Elephas primigenius*), que desappareceram, o primeiro nesta mesma idade e o segundo na idade magdaleneana; na idade solutreana, em que a temperatura começou a subir, abunda o cavallo selvagem e a renna (*Cervus tarandus*); na idade magdaleneana a temperatura continua a subir e a tal grau, que a renna já não vive bem senão sobre os gelos, que permanecem no alto das montanhas e desapparecem de todo no periodo neolithico, emigrando para a zona frigida.

Os fosseis d'estes animaes podem porém não caracterizar as mesmas epocas, tanto no centro como no sul da Europa; porque a differença de clima de uma para outra parte podia retardar ou antecipar a emigração ou extincção de determinada especie animal. Assim, sendo sempre o clima de Portugal mais quente que o da Europa central, podia ainda em Portugal existir o *Rhinocerus tichorhinus*, que foi encontrado no deposito inferior da gruta da Furninha em Peniche, quando o frio já tinha motivado o seu desapparecimento na França, extinguindo-se sómente depois em Portugal, quando o resfriamento sempre crescente obrigou este animal a emigrar de novo para o sul á procura de um clima africano mais quente e compativel com a sua vida.

O inverso devia ter succedido com a renna, que, talvez fugindo ás picadas mortaes de algum insecto que passada a epoca das geleiras se desenvolveu pelo calor sempre crescente a partir da epoca solutreana, sairia de França a procurar nas geleiras do norte abrigo seguro contra o seu terrivel inimigo, muito mais tarde do que de Portugal, onde já de ha muito teria abandonado os ultimos reductos da sua defesa nos gelos restantes das mais altas montanhas do país.

Em Portugal foram encetados os estudos sobre o homem fossil pelos trabalhos de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e do Sr. Nery Delgado.

Todavia, por falta de investigações no país, ha ainda carencia de elementos sufficientes para se poderem classificar as epocas do terreno quaternario pelos seus fosseis.

Ao sul da peninsula da Arrabida, na serrania que vae de Palmella ao Cabo Espichel, tanto junto do mar como entre as camadas calcareas das encostas e valles ha innumeras grutas; mas por falta de explorações nada se pode dizer a respeito do homem fossil que por ventura possa haver nessas cavidades.

Digitized by Google

Na ribanceira de um pequeno regato que vem de Pae Mouro desaguar no ribeiro de Algodeia, proximo de Setubal, e no logar em que o dito regato passa ao N. dos Combros, colhi um objecto de silex (fig. 2.ª) coberto de patina e com todos os caracteristicos de instrumento paleolithico. Effectivamente este objecto de fórma triangular, apresenta numa das faces um conchoide de percussão, terminado num bordo dentado com visivel intencionalidade, e na outra face tem differentes retoques. O instrumento parece ter-se partido muito depois de ter servido, separando-se um fragmento correspondente ao plano de percussão do seu fabrico, e de que ainda resta parte. É provavel que fosse destinado a furar e a raspar.

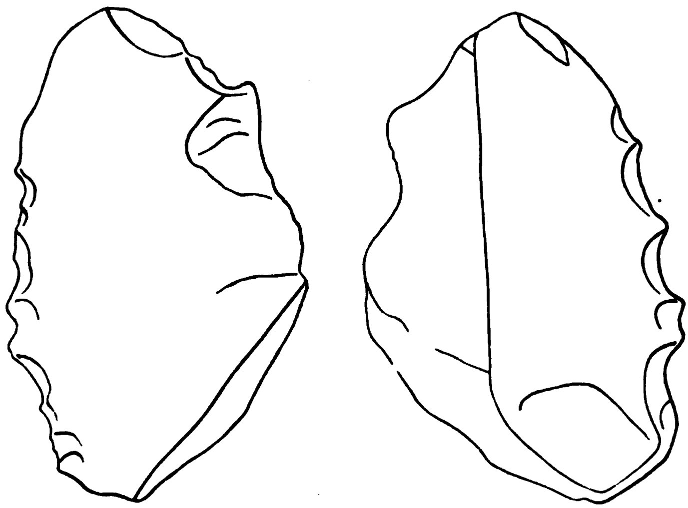


Fig. 2.ª

Na ribanceira porém não encontrei fossil algum, e por isso julgo que tanto póde este instrumento ser da epoca dos gelos ou mostereana, em que principalmente se fabricavam instrumentos semelhantes a este para raspar interiormente e furar as pelles que serviam de vestuario contra o frio, como da epoca neolithica em que nada nos impede de admittirmos que se podiam fabricar alguns com as fórmas usadas em tempos anteriores.

III. Homem prehistorico actual

O periodo prehistorico actual comprehende duas idades que, por sua ordem, são a *neolithica* ou da pedra polida, tambem chamada robenhauseana, e a *neomegalithica* ou do bronze.

Digitized by Google

Se faltam documentos para comprovar a existencia do homem na peninsula arrabidense, tanto na idade terciaria como no periodo quaternario paleolithico, outro tanto se não póde dizer com respeito ao homem no periodo prehistorico actual.

Nos arredores de Setubal abundam os vestigios do homem nas duas epocas d'este periodo.

a) Idade neolithica

Na idade neolithica já havia na peninsula da Arrabida população bastante consideravel. Não é isto de admirar em região tão propicia á vida do homem, neste paraiso terrestre situado no cabo do mundo, como com verdade lhe chamou o grande poeta dinamarquês Andersen.

Effectivamente onde melhor poderia levar a existencia e supportar as agruras da vida o homem, quando ainda, no dizer de Lucrecio, as suas unicas armas eram as mãos, as unhas, os dentes, as pedras e os paus partidos das arvores?

Não tinha ainda o homem um unico instrumento de metal que lhe assegurasse de qualquer maneira a victoria contra os grandes animaes, ou com que afeiçoasse bem as juntas da madeira para a construcção de barcos onde ao longe pudesse ir afrontar as ondas e colher o melhor peixe; mas na costa meridional da peninsula da Arrabida, banhada por um mar sempre azul e scintillante, poderia encontrar constantemente sobre a alvissima areia das praias ou entre as agulhas e fragas das ribas os appetitosos molluscos e outros mariscos que com afan iria colher para a sua alimentação. Nos pittorescos valles do Picheleiro, Gralhal, Alcube, Barris, etc., poderia pastorear os seus rebanhos; sobre os penhascos das collinas edificaria as suas habitações forticadas e os seus castros; poderia cultivar as varzeas, como a do Bomfim, hoje coberta de laranjaes; e nas lapas abertas nas rochas guardaria religiosamente os restos dos que passavam á eternidade.

Ainda hoje se encontram, em muitos pontos da peninsula da Arrabida, vestigios mais ou menos accentuados da acção dos homens neolithicos: e apraz-nos ver as ossadas d'esses nossos antepassados, ou tocar nos objectos que, afeiçoados pelas suas mãos ha mais de seis mil annos, muito antes de tudo aquillo de que a historia falla, nos servem agora de testemunhas authenticas e desinteressadas das manifestações dos seus sentimentos, das scenas mais intimas da familia ou dos actos mais solemnes da sua vida pública.

(*Continúa*).

A. J. MARQUES DA COSTA.

Digitized by Google

Noticias várias

1. A inscripção de Titus Carro

N-*O Arch. Port.*, v, 172, foi publicada a seguinte inscripção, que está no Museu de Evora, gravada em tijolo:

A proposito d'esta inscripção transcrevo para aqui o que se lê na *Notizie degli scavi di antichità*, Roma 1899, p. 106:

«Certo Luciano Romano in un suo predio in contrada Pratelle o Colle S. Lucia, ove si pone la *mansio* denominata *Pitinum* nella via che da *Alba* tendeva ad *Interocreum* (C. I. L., IX, p. 412) e dove nel marzo 1893 si scoprì un sepolcro ed altri avanzi d'antichità (v. *Notizie*, 1893, p. 241), rinvenne, tra rottami di fabbriche, un grosso mattone di creta giallastra, lungo m. 0,23, largo m. 0,10, ed alto m. 0,06. Nel mezzo vi è un bollo rettangolare profondo che, in lettere incavate, reca la seguente leggenda:

T · CARR».

Não só a inscripção é a mesma[1], mas o proprio tijolo é igual, ou quasi igual,—o que resulta da comparação das medidas dadas a cima com as que se deram n-*O Archeologo*.

D'isto se vê que o pequeno monumento archeologico de Evora veiu da Italia pelo commércio, certamente já na epoca romana, como tantos outros congeneres.

2. Museu de Moncorvo

O projecto da fundação de um Museu em Moncorvo (vid. *O Arch. Port.*, I, 175) parece que vae por deante, segundo o que se lê na *Torre de Moncorvo*, de 2 de Novembro de 1902, em artigo firmado pelo nosso dedicado collaborador e amigo Rev. Abbade J. A. Tavares.

N-*O Trasmontano*, de 13 de Novembro de 1902, leio tambem o seguinte: «Fomos sempre de accôrdo com a civilizadora ideia da fundação de um Museu Municipal, em Moncorvo. Mas é necessario accentuar bem que a sua criação é da exclusiva iniciativa do nosso chefe poli-

---

[1] Foi o Sr. Professor Dr. H. Dessau quem me chamou a attenção para esta coincidencia.

Digitized by Google

tico, que de ha muito tem pugnado por que ella se torne effectiva. Ao partido regenerador, pois, sem cooperação alguma do partido adverso, se ha de attribuir a fundação de tão importante estabelecimento. É necessario, todavia, que, aberto elle, todos cooperem para esta obra de engrandecimento local, arredando meras conveniencias pessoaes e fatuas arrogancias politicas. Assim, sim».—O que é necessario é que, antes mesmo de fundado o Museu, não se *faça já politica* por causa d'elle. Ao menos deixem os politicos a sciencia em paz! Quando se trata de um melhoramento d'estes, não deve haver gregos nem troianos, e sómente deve haver patriotas.

3. Mosaico de Alcobaça

A proposito do artigo publicado n-*O Arch. Port.*, VII, 146 e 149, sobre o mosaico de Alcobaça, diz-me, em carta de 13 de Agosto de 1902, o Sr. A. Héron de Villefosse, director da secção de archeologia grega e romana do Museu do Louvre, e um dos mais notaveis archeologos franceses, o seguinte, que tomo a liberdade de transcrever:

«Vous avez bien raison de réclamer la conservation de la mosaïque de Alcobaça. Les mosaïques romaines sont des œuvres très précieuses: notre Académie a pensé à en publier le *Corpus;* ce serait un travail on ne peut plus utile».

Estas palavras do sabio professor de Paris confirmam o que n-*O Archeologo* se havia ponderado; e por isso folgo de as reproduzir aqui.

Como complemento da notícia dada a respeito do mosaico de Alcobaça, accrescentarei que, não havendo sido possivel pôr-se em pratica a opinião emittida n-*O Arch. Port.*, loc. laud., pag. 147–148, resolveu a direcção do Museu Ethnologico adquirir o referido mosaico, o que já conseguiu, procedendo-se na occasião presente ao arrancamento do mesmo e seu transporte para Belem, onde o Museu está installado. Assim se salvou esta preciosidade archeologica, que estava arriscada a perder-se,—e irremediavelmente se perderia! o nosso país, já tão desacreditado perante os estrangeiros, evitou d'este modo mais uma vergonha nacional.

Outras antiguidades se tem descoberto em tôrno do mosaico, segundo o que no citado artigo, pag. 148, se previu.

4. Balneario romano de Canaveses

Em carta de 28 de Agosto de 1902 diz-me um amigo que nas Caldas de Canaveses, concelho do Marco, se descobriu um balneario romano,

Digitized by Google

que foi logo destruido, restando apenas no sítio fragmentos de telhas de rebordo, tijolos, pedaços de cimento das piscinas destroçadas, e outras meudezas.

5. Antigualhas de Monção

a) Castello dos Milagres e Cova da Moura.

N-*O Norte,* do Porto, de 1 de Outubro de 1902, lê-se:

«Investigações archeologicas. — Realizou-se ha dias a primeira expedição investigadora ao local conhecido por «Cova», «Penedo» ou «Castello da Moura», nos Milagres, concelho de Monção, onde existem vestigios da dominação romana. Esses vestigios foram confirmados por novos descobrimentos, de tijolos romanos e diversos outros objectos da velha olaria caracteristicamente de fabricação romana. A commissão encetou a abertura da gruta, que se suppõe ser o inicio de passagem subterranea que parece ter ali existido, estudando a configuração e desenhos das rochas, numa das quaes se vêem excavações artificiaes. Foram recolhidos os objectos encontrados de maior valor, que vão ser remettidos aos cultores da especialidade, e seguir-se-ha brevemente a continuação dos trabalhos. Tomaram parte nestas investigações o architecto italiano, residente nesta cidade, Sr. Michelangelo, e os Srs. Dr. Adriano Maria Cerqueira Machado, José Maria Cerqueira Machado, Dr. Antonio de Pinho, Diocleciano Ribeiro Torres, P.^e Simão de Abreu e Mello, e Luis da Rocha Torres».

*

Para ampliação d'esta noticia, transcrevo para aqui parte de uma carta que o Sr. Diocleciano Torres, um dos cavalheiros de quem a cima se falla, me escreveu em 4 de Outubro de 1902, em resposta a outra minha:

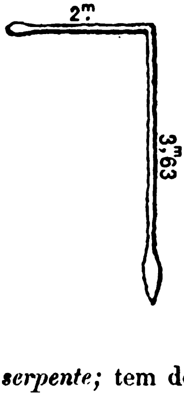
«É certo que promovi umas pesquisas na penedia da Cova da Moura. Em todos os sitios em que havia sinaes de entulhos mandei fazer regos até o terreno natural: appareceram differentes tijolos grossos muito fraccionados, e alguns pequenos cacos de toscos vasos, mas de pouca importancia; o nosso maior trabalho foi a abertura de um buraco que dizem ir dar a uma cavidade no interior do monte. Com luz de acetylena illuminámos a entrada, e fizemos uma perfuração na distancia de 12 metros; foi na nossa companhia um italiano, professor no Porto, que casualmente aqui se achava, e que me disse ser natural que aquella seja a entrada de uma grande gruta, pelo que tencionamos continuar as escavações».

Digitized by Google

Antes de se realizar a exploração mencionada, tinha eu estado na villa de Monção e travado relações com o Sr. Diocleciano Torres, que foi quem primeiro me fallou do Castello dos Milagres, instigando-me a ir visitá-lo. Effectivamente fui lá em 23 de Agosto de 1902. O Sr. Torres não pôde ir comigo, mas foi em minha companhia o Sr. Dr. Luis José Dias, deputado da nação e prior de Santa Catharina em Lisboa, o qual a esse tempo se achava em Monção, terra, como creio, da sua naturalidade. Copio para aqui as notas que por occasião d'essa excursão archeologica ao Castello dos Milagres tomei na minha carteira; vão informes, taes quaes as escrevi então.

O Castello fica ao pé do logar dos *Milagres*, de que toma o nome.

Num penedo ha uma serie de pequenas excavações de $0^m,1$ de diametro: diz o povo que são as *pègadinhas* de S. Tiago, que subiu por aqui atrás dos Mouros. No cimo do monte está a *Croínha*[1]: coroa com penedos naturaes. Pelo meio do monte encontram-se penedos com excavações artificiaes (rectangulares, umas grandes outras pequenas; lado de uma: $0^m,15$); e um, com vestigio de escadas. Pelo chão apparecem muitos fragmentos de telha grossa (talvez de imbrices) de caracter romano, e igualmente fragmentos de tegulas. Em muitos penedos ha pequenas excavações, como para se firmar o pé; noutros ha verdadeiras escadas, escavadas nelles. Num penedo vê-se um sulco de alguns metros de comprido, que dobra em angulo e termina numa covinha, pouco mais ou menos assim:



sulco que o povo chama *a serpente;* tem de largura $0^m,06$ em alguns sitios. No mesmo penedo ha várias excavações circulares de $0^m,12\times$

[1] Em gallego chama-se por vezes *croas* aos castros. No nosso onomastico, a palavra *coroa* apparece pelo menos no Minho e na Beira.

$0^m,09$. Num penedo vertical ha um buraco atravessado, que não podia ser natural; diametro: $0^m,2$.

A *Cova da Moura,* que fica no mesmo monte, é uma lapa, ou «abrigo» debaixo de grandes rochedos de granito, com uma entrada á semelhança de mina de agua. Dizem que tem tres communicações: uma para Longos-Valles (*vide* infra), outra para Côrtes, logar pertencente ao concelho de Monção, e outra para o Castello de Lapella, onde ha uma torre; cabe-se lá de pé, mas o espaço é pequeno e fechado. As tres communicações de que o povo fala são: a entrada, uma abertura em frente d'esta, e uma fresta no tecto.

Ha outros penedos que tem denominações populares: *penedo do òltar* (= altar), que a recebeu de estar excavado em volta (talvez excavação natural),—o que lhe dá porém mais aspecto de chapeu do que de altar; *penedo da-i-agua santa,* muito grande, mas onde nada vi notavel; *penedo das cabeças dos Mouros,* tambem muito grande, e com excavações (não pude lá subir).

No monte não vi vestigios de muralhas que m'o fizessem considerar castro; houve ali, todavia, uma estação antiga, talvez romana. As lendas e denominações apontadas são communs a outras estações congeneres, tanto de Portugal como de fóra: por brevidade omitto notas comparativas; cfr. contudo as minhas *Religiões da Lusitania,* I, 372 sqq.

Perto do Castello dos Milagres, defronte d'elle, fica o *Côto do Crasto;* lá estava, diz-se, a *Maria da saia branca,* «feita de cal e tijolo» (não pude averiguar mais nada).

b) Monte de S. Caetano.

Na mesma carta em que o Sr. Diocleciano Torres me fala do Castello dos Milagres, dá-me tambem as seguintes noticias, que, por serem curiosas, transcrevo:

«Na freguesia de S. João de Longos-Valles, no monte de S. Caetano, existe um plano que póde medir 10:000 a 15:000 metros quadrados, aonde se encontram muitos pedaços de tijolos e uns alicerces de pequenas casas redondas, construidos com pedras pequenas, e parece que em volta houve uma trincheira ou muro arrasado. Mandei ao local, por duas vezes, um homem d'ali bastante habil, e trouxe-me uma porção de pequenos tijolos que encontrou á superficie, mas sem importancia: nesse local espero fazer umas excavações mais attentas e levantar uma planta que remetterei a V... logo que a possa organizar. Se alguma cousa apparecer que nos chame a attenção, avisarei a V... para lh'a

Digitized by Google

remetter como deseja. Tenho fé em que o monte de S. Caetano ha de servir para auxiliar a archeologia nacional, pelo menos com a existencia de uma povoação romana no extremo de Portugal».

Aqui, sim, e que, a julgar da informação precedente, teremos um castro,—do typo dos que são frequentes no Minho, com casas circulares.

*

O Sr. Diocleciano Torres merece todos os louvores pelo interesse que nelle despertam as antiguidades do seu concelho.

J. L. DE V.

Bibliographia

Los pueblos antiguos del Guadalquivir, por G. Bonsor, Madrid 1902, opusculo de 23 pag., extr. da *Revista de Archivos, Bibliotecas, y Museos*.

O Sr. Bonsor dá neste importante opusculo notícia de várias olarias e outras antiguidades das margens de Guadalquivir, da região que fica a baixo de Cordova.

A pag. 23 diz: «Antes de concluir, he de suplicar à mis colegas de las provincias de Huelva y de Badajoz, así como à los arqueólogos portugueses, que emprendan la exploración del Guadiana, pues todo autoriza à suponer que han de encontrar al igual que en el Guadalquivir, numerosos vestigios de alfarerias (olarias)». A este proposito lembrarei que já n-*O Arch. Port.*, IV, 329, se publicou um artigo sobre uma olaria lusitanò-romana situada ao pé d'aquelle rio.

J. L. DE V.

Catalogo de uma collecção de moedas, Lisboa 1902.

A Casa Liquidadora de D. Maria Guilhermina de Jesus, Lisboa, Avenida da Liberdade n.os 93 a 113, acaba de publicar o catalogo de uma importante collecção de moedas portuguesas, continentaes e coloniaes, de moedas visigoticas, hespanholas, brasileiras, gregas e de medalhas, contos, pesos e senhas portuguesas, o que tudo será vendido em leilões que hão de começar no dia 18 de Janeiro de 1903.

O catalogo comprehende 71 paginas, em que se mencionam 1:794 exemplares para venda, e 5 estampas com gravuras representativas das moedas e medalhas de maior raridade.

N.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno........................	1$500 réis.
Semestre....................	750 »
Numero avulso...............	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em **carta registada** ou em **vales** de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, Museu Ethnologico, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra

Digitized by Google

VOL. VII DEZEMBRO DE 1902 N.º 12

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

RECEIVED APR 1911 PEABODY MUSEUM.

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

Digitized by Google

SUMMARIO

Contos para contar: 289.
Um inventario do seculo xiv: 305.
Trituradores de pedra: 309.
Pelos jornaes: 310.
Mosaicos romanos de Portugal: 312.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 319.

Este fasciculo vae illustrado com 11 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII — DEZEMBRO DE 1902 — N.º 12

Contos para contar

III

Observações diversas e exemplares ineditos

Architectar a historia d'estes modestissimos auxiliares do calculo, que floresceram em Portugal até um pouco alem do termino da idade media, é empresa de temerosa responsabilidade, na carencia de elementos, autorizados, com que o estudioso possa habilitar-se; porem, tanto quanto os esforços da investigação permittiram, algo interessante vamos aqui offerecer á curiosidade insaciavel dos numismatas portugueses.

A vida dos contos foi muito restricta. Examinados os exemplares hoje conhecidos, sabe-se que, desde o reinado de D. Fernando até o fim do de D. João III, corresponderam aos *jetons, jetoirs,* ou *jects* franceses, cujo emprego na contabilidade pratica foi indispensavel.

Os algarismos romanos, e algumas letras do alfabeto, com que se escrituravam quantias em dinheiro, não desenvolviam o calculo arithmetico. Para sommar não era possivel a collocação das parcellas seguintes em vertical:

$\overline{\text{iiij}}\text{iii}^{e}\text{xx}$ reaes, ou 4$320 reaes,
$\overline{\text{xxj}}\text{bj}^{e}$ reaes, ou 21$600 reaes,
$\overline{\text{xxxij}}\text{iiij}^{e}$ reaes, ou 32$400 reaes.

Esta escrituração macabra, usada pelos nossos maiores, fará descerrar os labios do mais serio guarda-livros; comtudo não existia outra.

A difficuldade vencia-se com o auxilio de discos de metal assinalados, os *contos,* convenientemente dispostos em filas, por secções. A victoria dependia da boa ordem na situação dos combatentes, como veremos.

Desde a mais afastada antiguidade substancias diversas, sob varias formas derivadas da natureza, como pequenos frutos de casca resis-

Digitized by Google

tente, fracções de ossos, conchas ou seixinhos rolados na correnteza dos rios, auxiliaram o rude calculo do homem primitivo, que apenas pelos dedos das mãos contava até uma dezena, ingenuamente, como ainda hoje contam os selvagens da Nova Guiné e os naturaes dos agrupamentos insulares, separados do convivio civilizado nos mares da Oceania. Ha mesmo povos que no computo não chegam a tanto.

É provavel que alguns sinaes e traços prehistoricos, que a archeologia não decifra satisfatoriamente, esculpidos na penedia bruta, representem frases de contabilidade escrita, referindo-se a quantidades de inimigos, mortos em pelejas, ou de peças de caça grossa abatida. O homem primitivo commemoraria assim a lembrança de façanhas, excepcionalmente arrojadas, receoso que a tradição oral a não guardasse fielmente. E porque não se commemoraria a heroicidade prehistorica?

Fontenoy, a pag. 124 e seguintes do *Manuel de l'amateur de jetons*, edição de Paris, 1854, diz que, segundo Herodoto, os Egypcios e os Gregos se serviam de pequeninos seixos para as suas operações de contar. Os Romanos, nos tempos aureos da sua civilização, usaram de pedaços de marfim, *calculi*, e então dizia-se *ponere calculos* e *calculum detrahere*. Os mestres de arithmetica chamavam-se *primi numerorum arenarii*. Os jurisconsultos chamavam-lhes *calculones*, quando eram escravos, e *calculatores*, quando homens livres.

Desde o seculo XII, na Europa central principalmente, usaram-se discos de metal, cujas gravuras, em vez de allusões expressivas da applicação a que eram destinados, celebravam nascimentos, matrimonios, obitos, combates, milagres, adulações de toda a ordem offerecidas aos grandes senhores, e por vezes a satira melindrava themas de aspirações legitimas, ou nuvens tomadas por Juno. E o commercio com taes auxiliares alargava os tentaculos entre povos na conquista da prosperidade.

Vemos, pois, que o metal assinalado se relacionou materialmente com o calculo desde longa data. Mas por que processo eram obtidos resultados justos, verdadeiros? É ainda Fontenoy quem nos informa. Transcrevemos textualmente as palavras do autor.

«Depuis les temps les plus reculés, jusqu'au règne de Louis XV, et peut-être plus tard, les membres des chambres de finances, les employés des bureaux dans les administrations et les marchands eurent un meuble particulier que nous allons essayer de décrire. C'était un comptoir, nommé *abaque*, qui fit remplacer le mot *calculi* par celui de *abaculi*.

L'abaque, en forme de table, se composait d'une surface plane divisée par des liteaux peu saillants qui formaient des rainures ou cases.

Digitized by Google

Chaque case se terminait par un trou rectangulaire donnant ouverture dans un tiroir également divisé par de petites cloisons correspondant aux liteaux. Ce comptoir était destiné à l'emploi des jetoirs comme éléments de calcul.

Lorsqu'un marchand venait de faire une vente, il prenait des jetoirs et en déposait dans chaque case, en commençant par la gauche, autant qu'il y avait, dans le prix de sa vente, d'unités, puis de dizaines, de centaines, etc. Lorsqu'il manquait une ou plusieurs unités décimales, le zéro dont nous nous servons dans ce cas était remplacé par le vide.

Après cela, pour se rendre compte du résultat du trafic pendant une journée, ou tout autre laps de temps, on ouvrait le tiroir et on prenait dans le premier compartiment à gauche tous les jetoirs. On en ôtait dix autant de fois que possible, en y laissant le reste, et on plaçait dans le compartiment suivant des jetoirs en nombre égal à celui de fois dix retirés du premier. On continuait ainsi pour chaque compartiment, en marchant de la gauche vers la droite. En un mot, on faisait une véritable addition mécanique, et en definitive, on avait le nombre d'unités, de dizaines, etc., exprimant le produit de la journée.

Il était aussi facile, et on trouvera peut-être ce mode meilleur d'opérer dès le début par la droite; dans ce cas, le résultat trouvé est le nombre total représenté par les pièces, exactement dans l'ordre où nous plaçons nos chiffres.

Le marchand qui procédait par vingtaines pour le premier compartiment, par dizaines pour le second, avait en fin de compte, dans le premier les sous, dans le second les livres ou francs, puis les pistoles, etc.»

Ainda acêrca do modo como se realizavam as operações do calculo, consulte-se *L'arithmétique de Jean Trenchaut, avec l'art de calculer aux jetons*. Lyon 1608.

Fig. 1.ª

O *liard* de Nuremberg para calculo, fig. 1.ª, representa um *maître à compter* sentado junto do *abaque* e pondo em ordem conveniente os seus *jetons*.

Digitized by Google

Provavelmente houve em Portugal movel proprio para recolher e contar os *contos*, porem não chegou á actualidade a palavra que o designava, se a havia em especial. E quantos vocabulos portugueses se perderam por falta de cuidado em recolhê-los opportunamente!

O P.e Raphael Bluteau, um estrangeiro, prestou relevante serviço á lexicographia portuguesa, porem nada nos disse acêrca dos *contos*, cuja memoria não estaria inteiramente perdida no seculo XVII. D'elles não existe hoje qualquer derivação, ridicula ou séria, na linguagem popular. Silencio em toda a linha. Em França ainda corre o proverbio —*Faux comme jeton*— acêrca de homem que tenha ideias apparentemente honestas, porque o *jeton*, batido em latão, quando era novo assemelhava-se ao ouro.

Os diccionaristas continuadores da obra de Bluteau guardaram identico silencio, e aquelles estudiosos que rebuscam sensações fortes nos archivos do Estado ainda não encontraram vestigios dos sulcos abertos pelos *contos* na lavra que realizaram através da economia popular de outr'ora.

Pelas malhas largas da rede varredoura dos nossos chronistas seria enorme a concorrencia de factos que passaram tranquillamente ao olvido. Aquelles obreiros da memoria do passado não foram tão cuidadosos que seguissem passo a passo a successão dos acontecimentos, como os historiadores actuaes a seguem em todo o mundo civilizado, para que, nada escapando ao registo, não falte aos homens do futuro o pormenor historico mais simples da tumultuosa complexidade de factos, relacionados com a existencia das nações.

Pode presumir-se que em Portugal houve homens que foram peritos no calculo, não menos que os estrangeiros.

A sciencia de *bien jeter* era de alto apreço em França; até constituia prenda especial entre o sexo feminino, bem considerada na serie dos requisitos indispensaveis aos merecimentos de uma boa dona de casa, e tinha valor bem cotado entre pretendentes ao matrimonio.

Ignoramos se na educação portuguesa as noivas nos seculos XIV e XV manejavam *contos* com pericia, igual áquella com que entre a roca e o fuso entretiveram tardes e largos serões habilitando-se na arte de fiar bem.

Os *contos* são typicos e absolutamente originaes; as suas gravuras não tem semelhanças com as de outras especies metallicas de parentesco proximo usadas lá fora. Na sua epigraphia os gravadores começaram a revelar no tempo de D. João II o nome por que hoje são conhecidos, nas fórmas: CONTVS, CONTOS, COINTOS, COVNTVS, COMTOS, CVNTVS, COTOS, COHTOS, e o fim para que foram

Digitized by Google

criados: — PARA METES, isto é, mesteres commerciaes? officios ou artes? PARA OTEAR, talvez por CONTAR, e PERA COTAR ou COITAR, e ainda PERA CONTA. Em DINEIROS, GALARDON temos, na primeira, N por NH, e na segunda a terminação archaica -ON= -OM. Nalgumas legendas ha palavras incompletas, como VERDA, CONT, e outras a que não pode ligar-se qualquer significado, tal é a sua vacuidade, ex.: OXO, EMAC, SCHEBS, MAPS ou MAPVS. Certas abreviaturas confundem a investigação e a encaminham dolosamente nos enredos do enigma, como: OPL — DOA — NOM — NMG. Lêem-se palavras repetidas em ordem symetrica: CONTV — CONTV — CONTV — CONTV, e iniciaes na mesma disposição: V: M: V: — V: M: V: — V: M: V: — V: M: V: Abundam letras desnecessarias, que preenchem espaços mal caculados, ex.: CONTAAR, VERRDADEE. Alguns nomes proprios foram um tanto desfigurados, como: IASPAR, VALHESAR. A palavra *Portugal* apresenta tambem variedades graphicas: PVRTVGAL, PORTVG, PVRTVGL. Ha notoriamente palavras retrogadas, algumas com letras invertidas, como: VTИOↃ. Nas legendas em latim, que são as mais raras, é exquisita a barbaridade orthographica, ex.: PERMALETIVS, ONISS, GREIA.

Todo este cumulo de irregularidades seria indifferente ao calculador, porque, em summa, não influia nos resultados parciaes ou finaes das operações arithmeticas. Calculava-se materialmente, e neste campo de sciencia meramente pratica o analfabeto igualava-se ao letrado.

Do officio dos *contos* não descenderam gerações de factos perduraveis que houvessem de figurar nas devassas scientificas do nosso tempo.

Esses automatos das astucias lucrativas do passado apenas dizem que *utearam*....., que *cotaram*....., i. é, que *contaram,* e dizem-no com simplicidade tão rude, mas tão encantadora! Nem todos serviriam para o calculo; assim o cremos. Nos mais antigos do tempo de D. João I lê-se: AVE * MARIA * GRA * PLENA, n.º 1520 de *L'Histoire du Travail,* por Teixeira de Aragão. Trata-se de simples senha comprovativa da presença de sacerdotes no culto religioso, ao que parece.

Para o serviço de instituições de caridade, misericordias e gafarias, emittiriam o typo n.º 18 da collecção de Meili[1], que tem a legenda IN DEO MANET ET ET QVD ALEA IN CARITATE. Outras

---

[1] Vid. *O Arch. Port.,* v, 51-64: «Contos para contar» da collecção do Sr. Julio Meili.

Digitized by Google

variedades serviriam para premiar actos meritorios ou bons serviços prestados, como se deprehende das duas inscrições do n.º 1:522 de *L'Histoire du Travail*: AO * GALARDON * COMO * AODO e EN : LATOR : A BON : SERVICO, e seriam os percursores das medalhas de recompensa entre nós.

Lêem-se nomes completos de reis de Portugal nos anversos de alguns *contos;* ex.: EMANVEL no n.º 1:528 de *L'Histoire du Travail* e IOANES ⁝ III ⁝ nos n.os 29 a 32 de Meili. Caracterizados com o escudo de armas do reino elles teem apparencia de moedas. Foram destinados ás operações de contabilidade no real erario. Noutros d'esta classe o nome do rei D. João I foi gravado na abreviatura IHNS · (veja-se o n.º 5 de Meili). A melhor prova da asserção é a legenda do anverso de um exemplar, do typo n.º 25 de Meili, que pertence ao Sr. Dr. Henrique Botelho, residente em Villla Real de Trás-os-Montes. ✧ CONTVS ✧ DE : R : P : ET ✧ A · DNOS ✧ GVINEE. *Contos do rei de Portugal.* Não esqueçamos que no reinado de D. João IV ainda havia o emprego de *Contador-mór dos contos do Reino e casa* (de El-Rei) [1].

Tambem em França alguns *jetons* foram especialmente fabricados para o serviço do *Bureau des Finances du Roi;* as legendas o dizem.

Discriminam-se 5 grupos de *contos,* cada grupo com physionomia particular.

No primeiro, seculo XIV, predominam typos aproximados aos do dinheiro da epoca. Escudetes com quinas, dispostos crucialmente, e cruzes da Ordem de Christo, ou semelhantes a ella, cantonadas de florões, estrellas ou aneis. Bolhão, cobre e latão. Diametros 21 a 23 millimetros.

No segundo grupo, seculo XV, ainda apparecem escudetes e cruzes da Ordem de S. Bento de Avis, porém, nos reversos, ha grupos de tres torres, mós de moenda, rodas de azenha que espadanam agua, leões que caminham voltados para a esquerda, como nas moedas de cobre de Fernando V e Isabel I, reis de Castella (collecção do Sr. Conde de Penha Longa), e pelicanos que alimentam filhos com o proprio sangue. Cobre e latão. Diametros 24 a 27 millimetros.

No terceiro grupo, seculos XV e XVI, o escudo de armas do reino ostenta-se com castellos, cujo numero vae de 6 até 14. Ha letras iniciaes de nomes, escudos que parecem derivados de armas nobiliarias e quinas cantonadas de torres. Nos reversos ha espheras, nuas, ou em campo de

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, IV, 52: «Quitação a Gonçalo de Paiva, thesoureiro da Casa da Moeda de Lamego».

Digitized by Google

estrellas que parece darem a ideia do firmamento, ou em campo de nuvens esfarrapadas; algumas são ornamentadas por grinaldas de raizes arboreas, de significação enigmatica; ex.: o n.º 25 de Meili com esta ultima variedade exquisita. A marca P–O (Porto), unica que indica procedencia, mostra-se no anverso de varios exemplares fundidos. Neste grupo o cobre é menos frequente que o latão. Diametros 29 a 31 millimetros.

Ao seculo XVI pertence o quarto grupo. Tem escudetes com quinas, ou com um só ponto, cantonados por S S na maior parte dos exemplares; legendas em dois circulos. Nos reversos predomina a esphera, nua ou com globo e com ecliptica, ou sem esta. Cobre e latão. Diametro 28 a 30 millimetros.

O quinto grupo comprehende um *conto* de typo inedito, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Vae representado na fig. 2.ª

Fig. 2.ª

No campo um açor á esquerda, pousado sobre relva. Tem as asas abertas em acção de levantar o vôo. Sobre a cabeça a data · 1 · 5 · 5 · 6 com os algarismos separados por pontos. ✠ GASPAR : MELCHIOR : BALTASAR : SCHEBS. Estes nomes dos magos, que visitaram e adoraram Christo no seu berço de recemnascido, lêem-se em *contos* mais antigos: *vide* os n.os 3, 4 e 12 de Meili.

No campo do reverso exhibe-se um pelourinho[1], em cuja base pousam dois açores que se defrontam. Symbolizam as ilhas de S. Miguel e Santa Maria, as do grupo oriental do archipelago açoriano, duas irmãs gemeas que demoram na mesma latitude maritima. Á esquerda 7 açores, que representam outras tantas ilhas, as dos grupos central e

[1] «E tem praça bastante perto do mar (a cidade de Ponta Delgada) e seu Pelourinho, cadea, e tudo o mais necessario». *Historia Insulana*, pelo P.e Antonio Cordeiro, pag. 137 da edição de 1717. Por informação particular, prestada obsequiosamente pelo Ex.mo Sr. José S. de Castro do Canto, muito digno secretario da Camara Municipal de Angra do Heroismo, sabemos que o pelourinho já não existe ha mais de um seculo.

Digitized by Google

occidental, voam em debandada. ✠ CONCORDIA · RES · PARVÆ · CRESCVNT. Legenda allusiva ao movimento do commercio, progressivo e remunerador quando a harmonia se manifesta nos designios. Bello exemplar de cobre. Peso 4^{g},48. Diametro 28 millimetros.

Na decadencia dos *contos,* no final de um systema já decrepito no seculo XVI pela influencia dos sinaes chamados algarismos arabes, admittidos nas operações arithmeticas, apparece este exemplar, rarissimo. Figura primacial entre *contos* é singular, pela data. Nenhum ourto marca incontestavelmente uma epoca. As classificações até agora ensaiadas, não diremos definitivamente concluidas, fundam-se em analogias e confrontos, mais ou menos concordes entre o caracter dos *contos* e o das moedas portuguesas, as quaes não foram datadas nas emissões do continente do reino antes de 1561.

Nota-se que não se commemorassem acontecimentos de interesse geral nas gravuras dos *contos,* nem mesmo assuntos da vida particular de instituições, ou de prosonagens attingidas pela celebridade. Em boa logica, para que movessem combinações arithmeticas, por officio, por condição indispensavel á sua existencia, como as machinas movem engrenagens complicadas, até anepigraphos podiam ser.

Não vemos nos *contos* antigos manifestações do genio a acompanharem a arte, embora alguns sejam sufficientemente correctos, porem no exemplar açoriano o artista exprimiu ideias, clara e precisamente. Seria elle estrangeiro, domiciliado em Ponta Delgada, homem que correra mundo, e porque vira o progresso a caminhar desassombradamente lá fóra procurasse aclimatá-lo onde vivia, como benemerito da arte, ou devoto que ensaiasse canticos novos perante o altar antigo, froixamente illuminado?

Portugal não teve *contos* batidos em metaes preciosos, apesar da sua prosperidade commercial na epoca mais brilhante dos descobrimentos maritimos. Quebrando a monotonia do latão, vulgarmente empregado nas cunhagens, encontram-se poucas variedades de cobre rubro. São rarissimos aquelles exemplares batidos em bolhão, attribuidos aos reinados de D. Fernando e de D. João I, em que a prata muito baixa figurou em numerario, ao passo que no estrangeiro o luxo dos grandes senhores e dos potentados da finança até no calculo arithmetico manifestou preponderancia. Carlos, o Temerario, Duque de Bourbon, desde 1474, serviu-se de *jetons* de ouro. Nicolay Guiduche, recebedor do condado de Flandres, operava com *jetons* de prata[1].

[1] Vid. *Histoire du jeton au moyen âge,* par Jules Rouyer et Eugène Hucher, a pag. 17. Paris, 1858.

Digitized by Google

Os negociantes portugueses mais opulentos tinham *contos* propriamente seus, e tambem as casas fidalgas ou vinculadas em morgadios; a variedade nas gravuras assim o indica, porem o commercio a retalho, muito mais humilde em todas as suas manifestações do que hoje o vemos fora dos grandes centros de actividade, recorria ao antigo systema dos egypcios e dos gregos.

Os artistas productores dos *contos* seriam os moedeiros das officinas monetarias de Lisboa e Porto, por encommendas de particulares, em *ganchos*, como os operarios dizem hoje, a não admittir-se que os ourives cubiçassem trabalhos de mediocre importancia, desequilibrados na esphera da sua acção artistica.

Em França uma lei especial prohibiu que os typos dos *jetons* fossem semelhantes aos das moedas correntes. É de suppor que em Portugal existisse prohibição identica prevenindo e evitando confusões de maior ou de menor vulto; comtudo o typo da moeda não foi escrupulosamente respeitado nos anversos de alguns *contos* dos seculos XIV e XVI, quanto ao aspecto geral. Não existem documentos, como alvarás de licença, referentes ao assunto, mas quaesquer providencias seriam tomadas, garantida a liberdade do fabrico sob restricções especiaes.

No campo da hypothese não repugna admittir-se que os *contos* teriam representado o papel de numerario entre particulares ou entre corporações, dispensadas provisoriamente disposições legaes em contrario.

Manoel Severim de Faria, no discurso IV de *Noticias de Portugal,* confunde contos com moedas[1]; talvez elle não fizesse ingenuamente esta confusão, pois no seculo d'elle os homens de idade mais avançada conheceriam tradicionalmente qualquer facto relacionado com esta materia, o qual motivasse a affirmativa.

No typo do pelicano, que era a divisa de D. João II com o distinctivo PELA LEY E PELA GREY, os n.os 16 e 17 de Meili dizem: DINEIROS DE CONTVS. A transição d'estes dinheiros para dinheiros com valor real seria facil. Ha ninharias que se tornam sympathicas ao povo, quando é acanhado o meio em que vive. No reinado de D. João I elle acceitou como prata reaes de 10 reaes da lei de 1 dinheiro, em que eram necessarias 836 peças para se apurar um marco de prata de 11 dinheiros. Quem recebeu taes moedas por metal precioso acceitaria os *contos* de bolhão, de cobre, e ainda os de latão, com valores mais que modestos sem murmurar uma queixa. Entretanto é mais pro-

---

[1] Cf. *O Arch. Port.,* v, 53.

Digitized by Google

vavel que a valorização fosse convencional em conjunturas especiaes, ou em tempos de crises monetarias, que urge descobrir e estudar.

Se os *contos* do typo referido, e os do typo n.º 1520 de *L'Histoire du Travail*, foram usados por corporações religiosas, corresponderam aos *mereaux* franceses, que se valorizavam. Os do *Chapitre de Saint-Jean de Perpignam* tinham curso na cidade, e tambem os de Maubeuge e de Puy. Alguns d'estes *mereaux d'église* tinham gravada a palavra MONETA [1].

Não seja motivo de censura invocarem-se tantas vezes exemplos de fora para restituir phases do viver dos *contos*. Portugal, desde o seculo XIII, com maior ou menor empenho tem pautado os cambiantes do seu progresso moral e material segundo as normas civilizadoras de outros povos mais cultos, ou mais fantasistas.

Ha pouco mais de dez annos os *contos* eram considerados como inutilidades indecifraveis perante a archeologia numismatica. Vestigios de um systema pratico sem registo na historia portuguesa, condemnavam-se ás secções de refugo entre os amadores da moeda antiga, como se fossem especies indeterminadas e sem importancia. E emquanto a moeda brilhava no esplendor dos medalheiros, reverenciada, mais querida que no tempo em que fôra a melhor arma de combate nas lutas emprehendidas pelo homem equilibrando a vida, os *contos*, que a conheceram e que com ella viveram na melhor intimidade, só tinham jus ao abandono e á morte! Ultimamente, porem, mereceram muitas manifestações de apreço, e o desamor da indifferença terminou como por encanto. Os numismatas portugueses, como se acordassem de um somno lethargico antiquissimo, interessaram-se pelos *contos*, e em Lisboa o commercio de moedas e medalhas escreveu a palavra *jeton*, em vez de *conto*, em capitulo especial do livro de ganancias por conquistar.

A proposito, convem referir um successo de grande nomeada. Nos leilões de moedas, medalhas, etc., realizados nos dias 5 a 12 de janeiro do corrente anno na Casa Liquidadora, Avenida da Liberdade n.º 93 a 113, tres concorrentes lutaram, com geral espanto, na adjudicação de *contos*, que nesta imprevista mudança de scenario obtiveram preços pouco variados entre 15$000 réis e 19$500 réis. Estes preços de occasião, de luta, certamente não podem servir de preceitos para avaliações. Razoavelmente deve hoje arbitrar-se ao exemplar bem conservado a quantia de 1$200 réis, salvo um caso de raridade inedita, em que,

[1] Fontenoy, já citado, a pag. 66.

Digitized by Google

como de ordinario succede com relação a moedas em igual circunstancia, não pode haver opinião segura.

No seculo XVII os *contos* degeneraram em senhas[1], criadas para novos encargos, e na degeneração, perdido o caracter de moedas, marcaram-lhes francamente valores, estampados nas gravuras ou arbitrados por convenções particulares. Foram fabricadas de metaes, de marfim, de madeira e de sola. D'esta ultima substancia existe em poder do Sr. Julius Meili um exemplar, que se mostra na fig. 3.ª

Fig. 3.ª

No campo dois troncos de vegetaes mortos, dispostos em sentido contrario relativamente ao exergo, contém os algarismos 40. Na parte superior ha uma coroa que parece a coroa real. Na orla semicirculos irregulares, pontuados. No exergo a data 1681. O reverso é anepigrapho.

Esta especie de cunho obteve-se com modelo de ferro aquecido cuidadosamente, para não produzir lesões, de que não ha vestigio.

Esta senha com o valor de 40 réis é estranha. Exemplares identicos seriam distribuidos a trabalhadores em grandes fainas, agricolas, por exemplo. Cada senha representaria qualquer phase de trabalho frequentemente repetida. Finda a semana, ou o dia, cada trabalhador recebia a somma a que tinha direito, conforme o numero de senhas que apresentava. Para este fim a leveza da sola seria mais conveniente que o peso de metaes assinalados.

Evidentemente os algarismos 40 não se referem a um numero de ordem. Por que singular acaso appareceria um numero par, e não impar, 39, por exemplo, que nunca teve representação justa em numerario? Temos de acceitar o pseudo valor, até porque no reinado de D. Pedro II houve moedas de prata de 40 réis, ou dois vintens, marcadas com XXXX, n.º 24 da est. XXXVII de Teixeira de Aragão.

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, V, 53.

Digitized by Google

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe outra senha, sem data e sem valor marcado, inedita e não menos interessante. Vae representada na fig. 4.ª

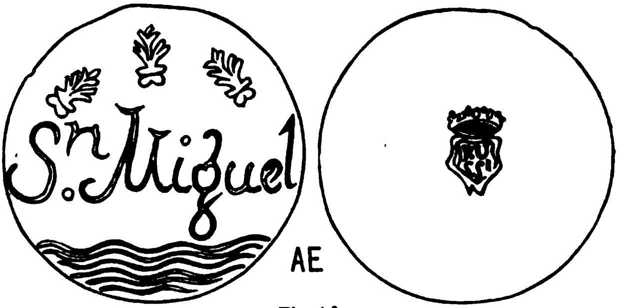


Fig. 4.ª

No campo as palavras *S.ⁿ Miguel* lavradas a buril. No exergo o mar ondeante, igualmente burilado. Na parte superior do disco tres flores, vagamente semelhantes a lirios, são outros tantos carimbos de ornato, ou intencionaes.

Isoladamente, no campo do reverso ha o carimbo de dois escudos, sobrepostos, encimados por uma coroa de conde. As palavras RU-S-SI, em duas linhas, occupam o escudo do primeiro plano; são indecifraveis. Disco de cobre. Peso $18^{gr},15$. Diametro 39 millimetros.

A reducção da palavra *S.ⁿ* ou San, por São (= Santo), e o caracter das letras mostram que nos fins do seculo XVIII, ou no principio do XIX, floresceria tão interessante raridade na Ilha de S. Miguel.

Os *contos* degenerados tambem serviram de tentos para jogos, o que não é para estranhar sabendo-se que as moedas tem tido applicação identica. As tábulas de que usava um celebre jogador do gamão em Coimbra eram dobrões e meios dobrões de ouro, e assim divertiu-se principescamente.

*

Julgamos ter adduzido algumas ideias preliminares para o estudo dos *contos,* ou calculadores portugueses, sem a pretenção de offerecer iguarias de sabor esquisito a todos os paladares. A investigação do passado, obscuro e vago, d'estas antigualhas, é uma especie de relatorio justificativo da exhibição graphica de dezeseis variedades ineditas que vamos descrever. Figuram na collecção de 71 exemplares que possue o Sr. José Ferreira Braga, numismata muito distincto, residente em Lisboa.

Já foi dada noticia d'esta collecção, extraordinariamente importante, no artigo intitulado *Coup d'œil sur la Numismatique en Por-*

Digitized by Google

tugal, que o Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos deu a lume na *Gazette numismatique française,* dos Srs. Mazerolle e Serrure, Paris 1897, pp. 484–497, na secção de «Correspondencias estrangeiras» (o artigo foi reproduzido n-*O Arch. Port.,* IV, 65–76).

Seculo XIV

D. Fernando

N.º 1.—No campo cinco escudetes com quinas, dispostos crucialmente; quatro estão fixos na junção de dois circulos a par, e as suas extremidades convergem para o centro do disco, onde o quinto está collocado em sentido vertical.

℞. Cruz equilateral, semelhante á da Ordem de Christo, que occupa todo o campo. É cantonada por dois crescentes e duas estrellas alternadamente; uma d'estas é maior e assim um dos crescentes. Latão em bom estado de conservação. Peso 1g,56. Diametro 21 millimetros.

Este exemplar é unico. Foi encontrado nos entulhos da demolição de uma parte da velha muralha da Alcaçova de Santarem. Julga-se que foi perdido ali por occasião do alargamento que D. Fernando mandou fazer na area do recinto fortificado da antiga villa. É attribuido a este reinado em virtude da semelhança que ha entre o seu reverso e o anverso do dinheiro n.º 48 da est. VI do vol. I de Teixeira de Aragão.

Seculo XIV e XV

D. João I

N.º 4.—✠ IHNS · DEI · GRA · REX · PO. Dentro de um circulo de globulos cinco escudetes com quinas, sendo as centraes maiores que as restantes. Quatro aneis ornamentam os espaços que separam os escudetes.

℞. ✠ IHN · DEI · GREIA · REX · PO (GREIA por GRATIA). Cruz, semelhante á da ordem de Avis, cantonada por quatro aneis, dentro de dois circulos, pouco distantes um do outro, formados—o menor por um traço fino e o maior em successão continua de globulos. Bello exemplar de cobre. Peso 2g,70. Diametro 23 millimetros.

Seculo XV

D. Affonso V

N.º 8.—+ CO[N]SERVACIO : RE3 : DVLIEIAO. Dentro de um circulo collocado sobre a cruz de Avis as quinas, cujos intervallos

Digitized by Google

são separados por oito castellos. Variante do n.º 11 de Meili, em que ha quatro castellos.

℞. + CONTVS ERVACIO : RE3 : DULIEIA. Cruz num escudete ornamentado com quatro SS e quatro aneis dentro de um epicycloide de quatro globulos, igual ao que se vê no reverso dos cruzados de ouro de D. Affonso V. Este reverso é de typo identico ao anverso do n.º 13 de Meili. Bello exemplar de cobre. Peso 3gr,85. Diametro 26 millimetros.

N.º 10 — + CONTVS : ERVACIO : RES : PVB. Typo do reverso do numero anterior. Legenda variada do n.º 13 de Meili.

℞. + CONT + CONT + CONT + CONT. Quinas profusamente ornamentadas de pontos, aneis e semicirculos. Cobre de muito boa conservação. Peso 5gr,37. Diametro 25 millimetros.

N.º 16 — + GASPAR : MELCHIOR : VALHESAR : No campo cinco estrellas; quatro estão contidas dentro de tres semicirculos cantonados de SS.

℞. + IASPAR : MELCHIOR : VALTHESAR : ET. No campo a mó de um moinho sobre um supporte de madeira entre duas estrellas e dois aneis. A mó era a divisa de D. Affonso V com o distinctivo HE RODIZIO. Cunho em bolhão bem conservado. Peso 2gr,78. Diametro 27 millimetros.

Seculos XV e XVI

D. Manoel

N.º 18. — + COИT + VSPE : + RACO + ИT[AR] : — Armas do reino entre dois besantes tendo por quinas cinco arruelas.

℞. COИT · + VS : PER — ACOИ + TAR — Esphera sem ecliptica com um globo no centro dentro de um circulo de perolas. Exemplar de latão, furado, porem bello. Peso 8g,30. Diametro 30 millimetros.

N.º 19. — + CONTOS PER CONTAR + CON : D : — Armas do reino, com sete castellos e com quinas de aneis, entre dois besantes. Coroa sem cruzes, muito original, cortando um circulo de perolas em que o todo está contido.

℞. ✧ CONTOS P ✧ EERA ✧ VERRDADEE — Esphera com ecliptica da direita para a esquerda cortando um pequeno globo. Latão quasi sem gasto. Peso 5g,63. Diametro 29 millimetros.

N.º 23 — + CONTV + BORIO + BTEAR + E COTAR — Armas do reino com dez castellos e coroa de 5 cruzes.

Digitized by Google

℞. DEVISA : DE : RE + DE : PVRTVGAL'—Dentro de dois circulos, a par, a esphera com a ecliptica da esquerda para a direita. Cobre de boa conservação. Peso 7g,11. Diametro 29 millimetros.

N.º 24—+ CONTVS + DOPTO + OTEAR + COTAR—Armas do reino, entre dois besantes, com onze castellos e coroa de 5 cruzes.

℞. DEVISA : DE : R · DE : PVRTVGL—Esphera dentro de um circulo de perolas ornamentada na parte superior. A ecliptica desenvolve-se da direita para a esquerda atravessando o globo. Exemplar fundido, de cobre, muito bem conservado. Peso 9g,47. Diametro 30 millimetros. Este *conto* e o seguinte são oriundos do Porto, como diz a abreviatura DO PTO.

N.º 26—+ CONTV + DO PTO + OTEAR + E COTAR—Armas de reino com dez castellos e coroa de 5 cruzes.

℞. DEVISA : DE : R : DE : PVRTVGAL—Esphera, ornamentada verticalmente, com globo e ecliptica da direita para a esquerda. Cobre, fundido, bem conservado. Peso 10g,26. Diametto 30 millimetros.

Seculo XVI

D. João III

N.º 37—+ IOANES : 3 : R · PETAID . O : C : NGETII—Armas do reino entre P—O dentro de dois circulos de perolas.

℞. DEVISA . S : R : P : E PARA · METES P—Esphera com globo e ecliptica em campo de nuvens. Latão bem conservado. Peso 5g,67. Diametro 30 millimetros.

N.º 41—✠ CONTOS . PERA : CON[T]AR ·⁝·—Cinco flores de lis, em cruz, dentro de um escudo coroado.

℞. CONTOS : ✠ : PERA : ✠ : CONTAAR : ✠ :—Esphera com ecliptica e globo. Latão bem conservado. Peso 7g,23. Diametro 30 millimetros.

N.º 44—CONTOS : ✧ : PARA : ✧ :CONTA : ✧ :—Cinco estrellas em cruz dentro de um escudo, sem coroa, ornamentado por seis semicirculos com arruelas.

℞. AOC ✕ NO ✕ VONIT ✕ OVN—Esphera, com ecliptica da esquerda para a direita. Latão magnificamente conservado. Peso 5g,15. Diametro 30 millimetros.

Digitized by Google

N.º 45—✠:V:M:V:✠:V:M:V:✠:V:M:V:✠:V[:M:]V:—Entre dois besantes um escudo com pequenina coroa composta de tres triangulos. No centro cinco estrellas, separadas por quatro escudetes vasados.

℞. + COИTV + COИTV + COИTV + COИTV—Esphera com globo, sem ecliptica, dentro de um circulo de perolas. Cobre de bella patina. Peso 5^g,24. Diametro 59 millimetros.

N.º 50—COMTOS PERA COMT[AR]—Armas do reino, coroadas, entre duas rosetas.

℞. ✧ CONTOS ✧ P[ER]A ✧ COM[T]AR—Esphera com a ecliptica muito descaida da direita para a esquerda sem tocar no globo. Latão soffrivelmente conservado. Peso 7^g,57. Diametro 31 millimetros.

N.º 60— + COИTV + COИTV + COИTV + COИTV—Esta legenda, na orla exterior, é interrompida pelas estremidades da cruz da Ordem de Avis. Na orla interior COИTVS · PERA · COИTAR. Cinco escudetes com quatro arruelas que são cantonados por quatro quadrados, que parecem dar a ideia de outros tantos castellos. Entre o escudete central e o da direita ha dois pontos em sentido vertical, que parecem sinaes occultos, como os que se encontram nas moedas.

℞. + COИTV + COИTV + COИTV + COИTV. No centro, dentro de um circulo formado de perolas, a esphera, sem ecliptica, com o globo no centro. Cunho de latão. Bello exemplar. Peso 8^{gr},16. Diametro 29 millimetros. É attribuido ao reinado de D. João III pelo caracter das letras na legenda e pela disposição d'ella em dois circulos, como se usou pela ultima vez em portugueses de ouro do mesmo rei.

Outros *contos* de typo identico, providos de quatro SS, como os n.^os^ 50 a 54 de Meili, tem sido classificados no reinado de D. Sebastião. Porque? Por influencia d'aquellas quatro letras, que significassem o nome do rei tres vezes repetido? Nos n.^os^ 8, 10 e 16 d'este catalogo, em *contos* de D. Affonso V, ha quatro SS, e tambem os ha no n.º 13 de Meili no reinado de D. João II. O escudo de armas do n.º 50 de Meili foi collocado entre dois SS, e pertence ao reinado de D. João III por ter o typo do n.º 45.

Taes letras são iniciaes de nomes de fabricantes ou emissores.

No tempo de D. Sebastião o uso dos algarismos arabes já era geral, como se vê de documentos originaes da epoca, portanto os *contos*, perdida a sua importancia primitiva, não foram fabricados para auxiliares de calculo depois que findou o reinado de D. João III.

Lisboa, Agosto de 1902.

Manoel Joaquim de Campos.

Digitized by Google

Digitized by Google

ESTAMPA I

1

4

8

10

16

18

19

23

Digitized by Google

ESTAMPA II

24

26

37

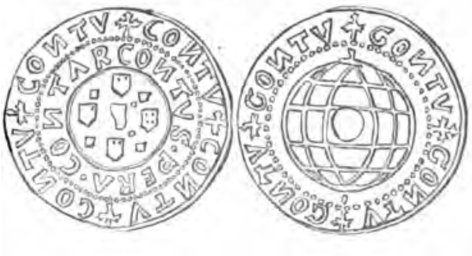
41

44

45

50

60



Digitized by Google

Digitized by Google

Um inventario do seculo XIV

(Continuação de pag. 265)

São Vicente (da Beira)

Estas son as coussas e Alfajas que Gonçalo Steuez Achou na cassa do Cassal primeiramente sẽe na aldea duas cubas e hũ tonel e hũa tinha It. Acharõ ẽ outra cassa do paaço tres tinhas e duas Arcas. It. En outro cabo duas tjnhas e hũa Arca e duas messas e hũ tauolhejro pera pã e hũa maseira e hũa cuba que foi fora E estas cousas suso scritas som ja scritas no começo do cõto de Martim vjuas. As quaes cousas mostrou scritas En hũ stromento que tomou quando Joham Lourenço porteiro del Rey socrestou os bẽes da dita cassa. It. achou na dita cassa hũa cuba pegada e hũ tonel e hũa cuba pegada que see En lageosa Estas som as Alfajas que ha En vila noua hũa cassa de tulhas e telhada e en que sẽe hũa cuba e hũa tinha.

Estas son Alfajas que ha En Sam ujçentj hũ paaço En que ha Adega e tulhas e En que see hũa tinha pera milho e hũa cuba pera vinho e hũa cuba pera pã.

Estas son As cousas que ha En varzea hũa casa colmada que cõprou dona Maria duas cubas que sẽe na dita casa.

Beja

It. Estes ssom os ornamentos dos liuros que Reçebeo o priol de sancta Maria de beia primeiramente hũ offiçial ssantal e domingal En dous uelumes de tauoas de cojro. It. hũ offiçial velho de tauoas. It. dous liuros de lenda da briuia En dous uelumes de tauoas de cojro. It. dous ssantaes de canto En dous uelumes de tauoas de coiro. It. dous domingaes de canto de tauoas de coiro. It. dous santaes de leenda e de canto de tauoas de paao. It. hũ domingal de leenda e de canto de tauoas de paāo. It. quatro salteiros dous velhos e dous nouos cõ hũ que tem o vjgairo. It. hũ liuro dos mjlagres de ssanta maria. It. hũ pistoleiro. It. hũ caritanho. It. dous hũ ordinhairo. It. hũ liuro En que Anda o offiçio do corpore christi e de santa Maria das neues e de ssantiago e doutros offiçios. It. hũ mjssal grande do Altar major. It. dous missaes pequenos cõ tauoas. It. hũ boutiçeiro e demcomendar cõ tauoas.

Estes ssom os ornamentos das vestimentas que Reçebeo o sobredito primeiramente. It. duas Capas de geebe uermelhas. It. hũa Capa de tabis vyado. It. hũa capa preta quareesmal. It. hũa capa velha de castellos. It. hũa vestimenta noua de çendal que deu Branca Dominguez. It. duas Almaticas velhas de ssolja. It. duas almaticas de geebe uer-

Digitized by Google

melho. It. duas Almaticas de çemdar Amarelo uerde. It. hũa Almatica velha de baldoqui. It. duas Almaticas velhas vjadas per ffeiçom cõ becas douro. It. hũa vestimenta quareesmal preta perffeita. It. hũa vjstjmenta de tabis branco vjado per ffeiçõ. It. hũa vestimenta de marramaque velha comprida. It. hũa vistimenta de çendal morado velha comprida. It. hũa vestimenta de seda cõme Amarella cõprida. It. hũa vestjmenta de hjmagees It. hũa vestimenta morada de ffeguras de galos que deu ffrançisco dominguez. It. hũa vestimenta de tabis morado noua comprida. It. hũa vestimenta de çendal morado cõ hũa cruz branca comprida. It. hũa vestimenta dourada uelha comprida. It. hũ manto de baldoqui velho. It. hũ manto de tabis vjado e hũ tapete que deu branca dominguez. It. hũa vestimenta branca comprida. It. tres vestimentas brancas compridas. It. hũ manto e hũa Alua brancos. It. hũa stolla e hũ manjpolo dourado. It. hũa capa uelha de laços cõljões (?) It. hũ manto de çendal uermelho comprido A ffora hũa stola. It. duas Aluas e hũ manto brancos e hũa vestimenta de cendal uerde vjado comprida. It. duas capas (?) velhas de ffeguras de griffos e outra de papagajos. It. hũ pano de çendal laurado uelho. It. dez chumelhas nouas. It. hũs mantees nouos que deu branca dominguez. It. hũa caldeira de cobre. It. hũa baçia de cobre. It. hũa campajnha de comungar. It. hũa cruz de Alimagees velha. It. vj ssobre pelizas nouas. It. hũs mantees nouos que deu A ffilha de Maria anes. It. hũas obradeiras pequenas que ffazẽ v° ostias outras obradeiras que fazem quatro ostias. It. hũa lanterna noua. It. hũa Arqueta de prata ẽ que ia o corpo de deus e hũa de marffj En que iaz As religas de santa Maria It. hũa colhar de prata. It. hũa cortinha que de A molher de sem vjnho. It. hũ esquinino de madeiro pintado. It. hũ esquinino dossos mjtidiços desmãchado. It. hũas toalhas dagulhas lauradas que stã cõ o sagrado. It. dous castiçaes nouos que deu Joham Girõ. It. dous castiçaes Ameados dalatom. It. hũ castiçal pequeno cõ tres maçaas todo dalatom. It. seis mantees velhas. It. sete sauaas velhas e hũa noua. It. hũ frontal de cruzes pretas quareesmal. It. dous veeos de sseda Mouriscos nouos de comumgar cõ ourellas Anchas. It. dous veeos velhos vjados de comungar. It. hũ veeo de linho de comungar velho cõ cruzes e bandas de seda. It. vj veeos de seda e de ljnho. It. b veos de Rede. It. v veos de seda velhos streitos. It. hũ veo de seda Ancho que ten hũa custura no meogõo. It. hũ sobreveo de malua branco. It. dous mantees velhos e hũ nouo. It. hũ Alffambar. It. hũs mantees Açedrenchados cõ geitados de seda velhos e dous Alffanbares. It. no Altar de ssã pedro hũa sauaa velha e hũs mantees velhos e hũ Alffanbar e hũ lençol velho de tres (*sic*). It. no Altar de ssanta cateljna tres sauaas e hũs mantees e dous

Digitized by Google

Alffanbares. It. En santa ssussana hũa sauaa e Alfanbar velho. It. no Altar de sã migel hũa sauaa cõ cruzes e scudos cõ strellas. It. hũs mantees nouos cõ hũ ffuraco de rratos. It. hũ Alfanbar. It. hũa sauaa noua. It. hũa cortinha Rota. It. hũ Alffanbar. It. hũ croçoffiço que sta Ante ssamigel e dous sauãas. It. o croçoffiço dante santa maria e hũa cortinha de cruzes pequena. It. hũa sauãa e hũs mantees. It. hũa cortinha que staua tras santa maria de tres Ramos velhos. It. hũ Alfanbar velho que sta tras santa Maria. It. hũ pano vjado que sta no dito Altar. It. hũa cortinha noua que staua sobre santa Maria. It. hũa cortinha velha que staua tras santa Ana. It. hũa sauaa noua de cruzes. It. hũs mantees velhos. It. hũ ffrontar de ljnho de cruzes pretas quarééesmal. It. duas cortinas velhas. It. dous panos nouos cõ cruzes dos croçoffiços. It. hũa taalha cõ ffrol de vide pellos cabos. It. hũ fforamento velho Amarello que foj de manto. It. hũ ffrontal de baldoqui. It. no Altar de santa Maria hũas toalhas nouas ffrançezes. It. hũs mantees nouos grandes. It. outros mantees nouos pequenos. It. duas sauaas nouas no dito Altar. It. hũ veo de Rede que tem ssanta maria. It. hũ veo nouo dourellas douro que tem santa Maria. It. dous spelhos. It. hũa cortinha que sta sobre o dito Altar de pano de lãa. It. çinco calezes cõ ssuas patanas. It. hũ cazes (*sic*) sẽ patana. It. hũ calez grande dourado cõ ssua patana. It. hũa cruz de prata dourada. It. duas Enpollas de prata. It. hũa copa de prata cõ seu calez e cruz. It. hũ tribulo de prata. It. hũa cruz pequena de prata. It. no Altar de santa Maria a hũa sauãa husada e hũ Alffanbar. It. hũa cruz que deu o cõcelho A santa Maria os quaes ornamentos son da Egreia por que os derõ os fregesses da dita Egreia e Achou o dito Gonçalo steuez que erã entreges A Vaasco Steuez Raçõeiro da dita Egreia e por que Achou que se dan ssenpre En poder dũ Raçõeiro ou do tessoureiro da dita Egreia. A que as dauã os ditos Raçõeiros se tal Era ou se daua ffiadores mandou que o dito Gonçalo steuez os teuese cõmo os Ante tjnha E foj Achado que a dita prata tjnha Martim Anes prioste e Raçõeiro da dita Egreia e outrosy Vaasco steuez Raçõeiro da dita Egreia tynha todos os ornamentos que som da dita Egreia segundo per Elles foj cõfessado. Testemunhas Joham Lourenço vigairo da dita vjla e Joham eanes creligo e Martim dominguez tabelliães de beia e Joham dominguez do paço e Vaasco Steuez scudeiro e Affomso monjz tabelliom de fronteira.

Sousel

Estes som os ornamentos que ha na Egreia de soussel primeiramente. It. hũ domingal nouo e outro uelho. It. hũ offiçial mjstico. It. hũ salteiro hussado. It. hũ salteiro velho Roto. It. hũ santal e hũ ca-

Digitized by Google

ritanho e hũ liuro de bautiçar. It. hũ liuro do offiçio do corpo de deus e hũ caderno domgimento. It. hũ caderno de santa maria e de sã bras. It. hũ caderno de posses. It. hũ missal de misas priuiadas (?). It. quatro galhetas destanho quebradas. It. hũ baçio e hũa caldeira de cobre. It. hũa naueta destanho cõ sua colhar e hũa Capa ffestiual. It. quatro sobrepelizas nõ boas. It. hũa capa de mortuorõ. It. hũ manto de geebe velho. It. hũa manta ffestiual perfeita. It. hũ manto de ljnho de cruz uermelha e hũ manto quareesmal. It. duas stolas e dous manipolos. It. hũa vestimenta de pano de linho. It. hũ destalho de pano de ljnho de coores. It. hũa Argora de sino e hũa Rede de ferro. It. duas vestimentas de pano de linho perffeitas. It. hũa cruz de prata E hũ tribulo de prata e quatro calezes. e ffoy logo per os homeẽs boõs dito da dita vyla que hj stauã presentes que custume Era En A dita vjla que tambem os ditos ornamentos come A dita prata que Algũs homẽs boos posserom En A dita Egreia per sas Almas e que o procurador do cõçelho os tjnha sempre En poder per conto e per Recadaçom En cada hũ Ano E o dito Gonçalo Steuez mandou que asj os teuese segundo hera scrito En hũa scritura ffeita e Asjnada per mãao do tabeliom de sousel que Andaua scrita En hũ ljuro do dito Gonçalo Steuez trage dos bẽes do Meestre.

Era de mjl e quatroçentos e Çjnco anos ssete djas dabril En ffronteira no castello do Meestre per ante Gonçalo Steuez proueedor dos bees do Meestrado daujs presente mjm Affomso monjz tabeliom del Rej Em a djta villa e testemunhas adeante scritas o dito Gonçalo Steuez mostrou Estas scrituras todas suso scritas as quaes El tragia scritas En hũ sseu ljuro de papel e mandou a mjm Afonso monjz sobre dito tabeljom que lhas traladasse En Este ljuro e lhe dese o tralado so meu sjnal as quaes Eu tabeliom vj scritas per maaos de tabeljões e so seus sjnaes e Eu per seu mandado as screuj e traladej En Este ljuro testemunhas Pedro ffalageiro e Joham Açenço priol e Joham diajpo e Martjm Gonçalvez e lujs e outros e Eu ia dito tabeliom que Estes tralados per mandado do dito Gonçalo steuez screui e aqui meu sjnal ffiz que tal he + em testemunho de uerdade[1].

PEDRO A. DE AZEVEDO.

A um archeologo: «Vós tendes a toda velhice do mundo mettida nesse peito, e apenas ha antigualha que não hajais lido».

Fr. Amador Arraiz, *Dialogos*, II, fl. 112, ed. de 1604.

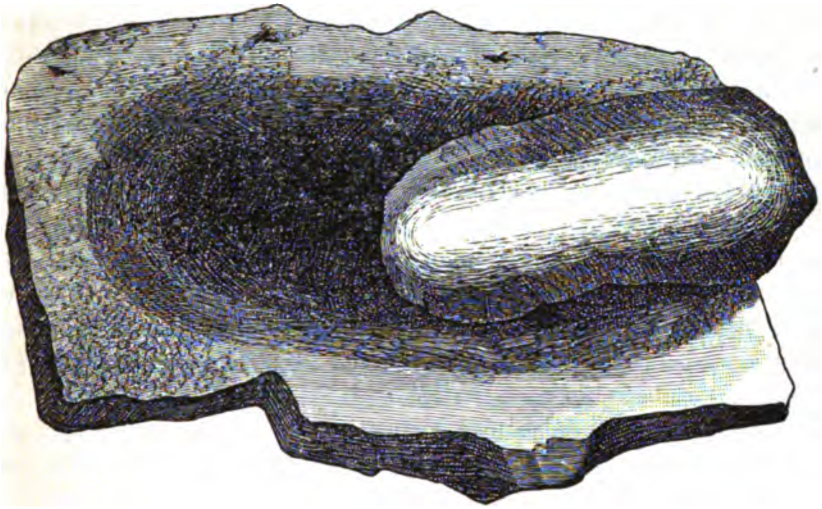
---

[1] Archivo Nacional, Ordem de Avis, maço 5.

Digitized by Google

Trituradores de pedra

Por occasião das excursões archeologicas que temos feito a bastantes castros, só em dois encontrámos, em suas ruinas, uns utensilios de granito destinados, como suppomos, á trituração de cereaes, e semelhantes aos que foram usados por diversos povos da antiguidade.



A figura representa o de maiores dimensões: compõe-se de duas peças, sendo a primeira uma pedra achatada e tosca, que tem no centro uma cavidade oblonga de $0^{m},55$ de comprimento e $0^{m},28$ de largura; e outra pedra, tambem de granito, com forma triquetra, com o comprimento de $0^{m},30$, e que servia de pilão; na figura está ella representada sobre a primeira peça descripta, e apresenta-nos á vista a parte superior. A peça menor funccionava movida dentro da cavidade da outra com as duas mãos.

Outros apparelhos similares de varias dimensões se tem encontrado e se podem classificar em tres typos, aproximadamente: o primeiro typo fica já descripto; o segundo é um pouco menor e o pilão é tambem de granito, com forma oval, tendo plana a parte inferior; o terceiro typo é de tamanho aproximadamente de $0^{m2},01$, com a cavidade circular pouco funda, servindo-lhe de pilão uma pedra de fórma conica.

O trabalho para a trituração, com estes ultimos exemplares, fazia-se com uma só mão.

Bragança, Maio de 1902.

Celestino Beça.

Digitized by Google

Pelos jornaes

1. Coina

«Coina é povoação antiquissima, pois é a Equa-Bona dos romanos. D. Manoel deu-lhe foral a 15 de Fevereiro de 1516. Tinha juiz ordinario e misericordia e foi concelho, supprimido em 24 de Outubro de 1855. Teve sete igrejas, hoje não tem nenhuma. Tem uns 20 habitantes, amarellos e quasi sempre com febres, que mais parecem recemchegados da Africa do que de uma povoação de onde se avista Lisboa. Palhaes foi terra importantissima. Em 1757 tinha 800 fogos, vasta igreja, feira annual que durava tres dias. Proximo estava o convento fundado em 1542 por D. Francisco da Gama, filho do grande descobridor do caminho maritimo para a India. Hoje é uma povoação decadente, com pouco mais de uns 20 fogos, e peor estaria se não fosse o Sr. Pacheco e outros que teem empregado os esforços e boa vontade para povoarem Palhaes. Para frisar bem o que acabamos de affirmar, vamos citar parte do relatorio elaborado pelo fallecido João Andrade Corvo, apresentado ao Ministro do Reino e publicado em 1860. Entre outras cousas diz: Coina em 1763 tinha 170 fogos ou proximamente 500 habitantes; em 1822, isto é, 60 annos depois, e passados 12 a 14 de cultura de arroz, Coina tinha só 65 fogos com 150 habitantes; em 1849, isto é, mais 27 annos de cultura de arroz, Coina estava reduzida a 46 habitantes. Calculando a população média de Coina pelos 3 annos de 1849, 1850 e 1855, acha-se que ella é de 65 individuos; pode ainda reconhecer-se que esta minguada população é renovada por individuos vindos de outras localidades. Numa população média de 65 individuos houve 61 obitos e 37 nascimentos.

Por aqui se vê a salubridade de Coina, valle de Zebro e Palhaes, e apesar de se terem extinguido os arrozaes, existem ainda os pantanos miasmaticos, focos de febres ou sezões que teem victimado os filhos da terra, habituados ao clima, e com mais razão hão de victimar aquelles que para aqui são mandados fazer serviço. Não está longe o tempo (Julho, Agosto e Setembro) de se fazerem sentir os effeitos da salubridade, e então conhecerão os erros de collocar em Valle de Zebro uma das primeiras escolas do país. Será muito bom para quem ali vá de visita, demorando-se pouco tempo; mas para os desgraçados obrigados a estarem ali permanentemente, é condemná-los a morrer. Se ainda é tempo de remediar este mal, aconselhamos que o façam, para poupar vidas e dinheiro ao Estado».

(*Vanguarda* de 12 de Maio de 1902).

Digitized by Google

2. Achado de moedas ao pé de Villa Real

«No monte da Raposeira, em Villa Real, foram encontradas algumas moedas antigas de ouro e prata e duas ossadas humanas.

Este achado fez-se emquanto se procedia a umas escavações».

(*Correio da Noite* de 14 de Agosto de 1902).

3. O antigo cemiterio na freguesia dos Anjos. — Um appello ao Rev. Prior da mesma freguesia

«Devem começar em breve os trabalhos para o aterramento do local, junto á Igreja dos Anjos, onde até o reinado de D. Maria II se enterraram os cadaveres dos moradores d'aquella freguesia. O terreno foi, como é sabido, cedido pela Irmandade do Santissimo á Camara Municipal pela quantia de 500$000 réis. Até 1811 o espaço de terreno era muito pequeno, sendo naquella epoca alargado com a acquisição, por assim se tornar necessario, do maior espaço, cujo dispendio foi custeado pela Irmandade de Santo André e Almas. Ainda ali se conserva numa pedra gravada a data de 1811, como recordação das obras do alargamento.

Conta-se que, procedendo-se ainda não ha muitos annos á construcção de um pequeno muro, que ainda hoje existe, foram encontrados ossos em tão grande quantidade que se tornou indispensavel a abertura de uma valla para os enterrar.

Diz-se igualmente que dos muitos corpos ali enterrados ainda hoje ha descendentes vivos naquella populosa freguesia.

Já aqui apresentámos o alvitre, no qual insistimos, de a Irmandade do Santissimo mandar proceder, sem perda de tempo, á remoção das ossadas d'aquelle cemiterio para o do Alto de S. João, com o que gastaria bem pouco dinheiro. Seis caixões grandes de madeira ordinaria seriam por certo os sufficientes para receberem todas as ossadas.

Ora, recebendo a Irmandade do Santissimo 500$000 réis pela cedencia do terreno, não seria extraordinario que d'esta quantia tirasse 20$000 ou mesmo 40$000 réis para a remoção das ossadas, tanto mais que a venda do terreno do antigo cemiterio não póde nem deve ser considerada «como venda» dos corpos ali enterrados. O terreno vendeu-se é facto; agora o que em nome da caridade e da religião tem de sair d'ali são as ossadas, para que não digam os criticos e os maldizentes que foi uma venda completa.

Alem de tudo isto, aterrado o antigo cemiterio e dado o caso que por desleixo ou esquecimento, que o não póde haver, se não faça a remoção das ossadas, mais tarde, quando a Avenida dos Anjos estiver

Digitized by Google

concluida, tornar-se-ha necessaria a construcção de um collector, e, assim, teremos os ossos dos que em vida foram bons catholicos e que sem duvida contribuiram para as obras e festividades naquella igreja, a servirem de ponto de apoio e de argamassa ao mesmo collector!

Ora tudo isto poderá ser o que quiser, mas de religioso e decente é que não tem a minima sombra!

Portanto, para este assunto, a nosso ver importante aos interesses da religião, chamamos a attenção do Rev. Prior da freguesia dos Anjos, sacerdote muito digno e illustrado, para que influa, quanto possa e estiver na sua alçada, a fim de levar a Irmandade do Santissimo a proceder, embora com a maxima economia, mas com brevidade e como lhe compete, á completa remoção das ossadas do antigo cemiterio para o cemiterio municipal».

(*Diario de Noticias* de 20 de Outubro de 1902).

4. O convento de Ferreira de Aves

«Será vendido no dia 23 do corrente em hasta publica, no Ministerio da Fazenda, o edificio do Convento de Santa Eufemia, situado no concelho de Satam, freguesia de Ferreira de Aves.

A base de licitação é de 375$000 réis.

Está em ruinas com parte dos muros em terra, portas, madeiramento e telha roubados, etc.

Ha sete annos, quando falleceu a ultima freira, valia alguns contos de réis. Hoje pouco vale».

(*Diario de Noticias* de 6 de Novembro de 1902).

Pedro A. de Azevedo.

Mosaicos romanos de Portugal

Sob esta epigraphe vae reunir-se n-*O Archeologo* uma serie de artigos a respeito de mosaicos romanos encontrados em Portugal. Alguns d'estes artigos são reproducção de outros já publicados; mas tambem se incluirão aqui artigos ineditos.

Se as antiguidades romanas, de qualquer natureza, tem sempre muita importancia, porque ajudam a recompor o quadro social de epocas passadas, das quaes ás vezes mui poucas ou nenhumas outras noticias possuimos, e porque constituem em particular documentos historicos das localidades em que apparecem, os mosaicos gozam da vantagem especialissima de nos conservarem testemunhos quasi directos da pintura antiga, por serem a fórma artistica que mais se aproxima d'ella; o seu valor é ainda realçado quando representam scenas mythologicas, usos da vida, emfim, quando são figurados.

Digitized by Google

No nosso país ha ainda bastantes mosaicos, e estão com certa frequência apparecendo outros; comtudo tem-se destruido muitos. Archivar noticias de mosaicos conhecidos, e influir no animo do público para que se conservem os que de futuro apparecerem, parece-me serviço não despreciavel.

J. L. de V.

1. Mosaicos do Arnal e S. Sebastião

Ha tempos li, com prazer, a notícia dada pela *Illustrated London News*, de 2 de agosto de 1856, relativamente a um bello especime de pavimento romano enxadrezado, descoberto em Cirencester, e trasladado com excellente exito; e não pouco satisfeito fiquei de ver que se haviam dado adequadas providencias para bem se arrecadarem e conservarem aquellas reliquias de tempos que passaram.

Muito fôra para desejar que, num país como Portugal, onde tantos vestigios das artes romanas se acham indubitavelmente enterrados no chão, se olhasse com igual desvelo para os restos da antiguidade, e se fizessem as necessarias diligencias para se estudar a sua historia, e segurar a sua boa conservação; mas, infelizmente, por effeito da ignorancia provinciana, taes reliquias, quando por acaso se tem encontrado, hão sido descuidosamente destruidas, para se satisfazer a algum fim immediato, sem primeiramente serem submettidas á inspecção de algum homem competente, que pudesse apreciar o seu valor.

Proximo a Setubal existem, sem dúvida nenhuma, os restos de uma cidade romana, de cujas habitações se pode ver uma grande parte sem muito trabalho. Alguns annos ha que, por meio de subscripções, se fizeram algumas tentativas para excavar e trazer á vista aquelles objectos; mas, tendo passado o primeiro enthusiasmo, falleceram os meios, veiu a indolencia, a areia tornou a cobrir o que estava feito, e o negocio deixou de ter quem se interessasse nelle.

Noutro logar, a curta distancia de Leiria, ha um armazem de vinhos, ou adega, cujo chão esteve noutro tempo coberto de pavimento enxadrezado romano, de que restava ultimamente uma parte com um lavor elegante. Esta reliquia foi comprada e trasladada para Lisboa pelo Sr. J. L. O'Sullivan, Ministro dos Estados Unidos nesta côrte.

Mas, para entrar com mais especialidade no assunto para que chamo a attenção do leitor, direi primeiro o seguinte: O rev. Patricio B. Russell, doutor em theologia e reitor do collegio do Corpo Santo, nesta cidade, quando andou examinando a formação geologica e caracter mineralogico do terreno adjacente a Leiria, encontrou num campo alguma porção de pavimento marchetado, que lhe pareceu ser de origem romana. Comprou, pois, o direito de fazer excavações, e metteu ope-

Digitized by Google

rarios á obra. O resultado foi sair a lume um interessantissimo especime de pavimento romano de mosaico, muito maior do que o que geralmente apparece, e apenas tres pés abaixo da superficie. Este descobrimento é duplicadamente curioso, porque o pavimento constitue o solho de uma casa, dividida em varios quartos, e cujas paredes, tanto divisorias como externas, ainda se conservam na altura de cousa de pé e meio.

O sítio chama-se *Arnal*, aldeola que fica a tres ou quatro milhas ao NW. da Batalha, celebrada com tanta razão por causa do seu mosteiro levantado por D. João I em acção de graças pela victoria ganha sobre os castelhanos em 1385, na celebre peleja de Aljubarrota. D'aqui tomaremos ensejo para dizer que os restos mortaes d'aquelle monarcha e os de sua esposa D. Filippa, filha de João de Gaunt, Duque de Alencastre, jazem alli sepultados; bem como os de quatro de seus filhos, entre os quaes se conta o sempre memorando Principe D. Henrique, que, ainda joven, resplandeceu como heroe conspicuo entre os heroes, e que, mais tarde, esquivando-se ao luzimento da côrte, gastou os restantes dias de vida no arido promontorio de Sagres, estudando sem repouso, e animando com mão liberal a navegação e artes a ella accessorias; em fórma que a elle, exemplar precursor do Gama e do proprio Colombo, Portugal e o mundo deveram eminentes serviços pelos numerosos e importantes descobrimentos maritimos, que em tempos antigos se fizeram.

Mas tornando á materia (e deixando aquella certamente perdoavel digressão), para auxilio das conjecturas que se possam fazer relativamente ao edificio romano de Arnal, bom será ponderar-se que aquella aldeia demora cêrca de tres milhas ao NW. de Leiria, aonde se suppõe que teve assento a antiga *Collippo* dos Romanos, regida por um proconsul. Leiria está vantajosamente situada sobre o rio Liz, que a breve distancia mistura as suas aguas com as do Lena. Este ultimo nasce na serra de Porto de Mós, nove milhas para a parte do Sul, e rega um fertilissimo valle, que atravessa no seu comprimento, correndo em direcção septentrional para a banda de Leiria.

Mais se pudera dizer da fertilidade do solo, em tanto que a sua feição geologica, ou antes mineralogica, pareceria ter relação com o estabelecimento de uma vivenda campestre ornamentada com tanta riqueza como o é a de Arnal. O carvão acha-se alli em abundancia, e o minerio de ferro de excellente qualidade não é menos profuso. Os Romanos, com aquelle animo emprehendedor que os caracterizava, tiraram partido sem dúvida das particularidades mineraes d'aquelle territorio; não deixaram de ver por certo o proveito com que alli se

Digitized by Google

podia exercer a manufactura do ferro, tão necessaria para as suas expedições bellicas; e hoje ha provas manifestas da grande escala em que elles produziam aquelle material de guerra. As suas fornalhas de fundição, construidas em muitos sitios, desde Porto de Mós até Leiria, e nas immediações de Leste a Oeste, deviam ser muito productivas. As ruinas d'esses fornos, alem de immensos depositos de escorias, ainda se encontram em varios pontos, numa area de 15 milhas quadradas. Tinham estabelecimentos metallurgicos em Porto de Mós, Alqueidão, Arnal (sítio do mosaico), Valle de Orta, Necessidades, proximo a Leiria, e ao pé da Marinha Grande, á beira do grande Pinhal. Tem-se encontrado nos depositos de escorias alguns pedaços de metal em barras, de seis pollegadas de comprimento, quatro de largura, e tres de espessura; em tanto que muitos dos depositos ou montes de escorias, que duram ha mil e tantos annos, estão coroados de venerandos carvalhos.

O recente descobrimento do carvão, no valle da Batalha, veiu dar nova importancia áquelle districto. O jazigo é da mesma idade do carvão dos Alpes e Yorkshire, e foi sublevado pela elevada cadeia de calcareo jurassico, que corre de Norte a Sul, numa altura de 2:000 pés, desde Rio Maior até o pé do Mondego. Grandes filões de ferro polar e magnetico atravessam aquellas montanhas, em tanto que os valles, e muitos inferiores jacentes entre as montanhas e o mar, abundam em rico minerio de ferro argiloso, e os costumados carbonatos dos terrenos carboniferos. Ao passo que se caminha dos montes para o mar, a formação jurassica desapparece por baixo da oolitica superior, a qual tambem fica coberta pela subcretacea. É no ponto de contacto d'estas duas formações ultimamente ditas que se encontrou o precioso ferro magnetico, de que se serviam os romanos.

Com taes vantagens, num ambito de muitas milhas, pode facilmente suppor-se que as vizinhanças de Leiria foram, em tempos muito antigos, tanto por serem sitios aprazíveis, como por interesse, habitadas por pessoas que podiam tirar proveito da fertilidade do solo e da riqueza mineral nelle contida. Deveu, pois, alli ser o centro de uma população dilatada e industriosa, do que se encontram bastantes provas no chão, ainda hoje povoado de vasos de louça quebrados e telhas. Não nos deve, portanto, causar admiração o achado de uma casa esplendida (e talvez que haja ainda outras) nas proximidades de um municipio, sob a intendencia de um proconsul, numa provincia do imperio romano, como Portugal por muito tempo foi. O edificio de que se trata, se não era residencia do proprio proconsul, pode ter sido, talvez, a do superintendente dos trabalhos de mineração, ou de

Digitized by Google

algum romano opulento que houvesse escolhido o sítio por causa da sua salubridade e formosura.

O chão do edificio, a julgar pelo que até agora se tem excavado, parece ser na maxima parte um parallelogrammo, correndo Nordeste e Sueste, com uma saliencia no meio da extremidade do Nordeste,

Fig. 1.ª

formando mais do que um semi-circulo com um raio dentro do muro de nove pés e duas pollegadas, o que augmenta consideravelmente o tamanho da camara principal. As paredes exteriores e as que dividem os quartos são todas da mesma grossura, que anda por meio metro, ou pouco mais de um pé e sete e meia pollegadas; e são feitas dos

Digitized by Google

mesmos materiaes, que consistem em pedaços de pedra irregulares, mas bem unidos uns aos outros, e cimentados com argamassa, tendo pedras de cantaria nas umbreiras das portas e janellas. A pedra de que se compõem as paredes está misturada com pedaços de telha e porções de escorias aqui e acolá, o que mostra que os fornos de fundição das proximidades já então estavam funccionando. A excavação ainda não chegou a descobrir todo o edificio, nem o local da entrada principal. A maior extensão de muro encontrada é de 15 metros, ou cêrca de 180 pés ingleses; mas ainda resta mais por descobrir. Na extremidade do muro do lado de Nordeste, e do lado de Sueste, na extensão de 68 pés pouco mais ou menos, é que se tem feito a principal excavação, e é que se tem encontrado o pavimento de mosaico. Todos os quartos são assoalhados de mosaico, á excepção

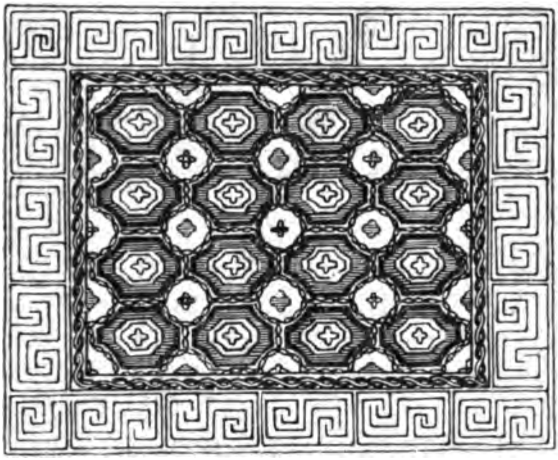


Fig. 2.ª

de um só. O desenho, porem, que entre todos mais se distingue, é o do quarto principal (fig. 1.ª), que, incluindo a extremidade circular, tem $10^{m},55$, ou mais de 35 pés de comprimento, e $5^{m},45$, ou perto de 18 pés de largura. Todo este quarto está cheio de pavimento marchetado, a parte circular com um desenho de ornato de xadrez preto e branco, ao passo que a parte rectangular representa em differentes côres a fabula de Orpheu amansando os brutos, e encantando-os com a musica da sua lyra. O lobo e o porco montês vêem-se alli em pé, com silencioso pasmo olhando para o tangedor; a raposa, deliciada com as novas sensações que experimenta, levanta-se, e põe uma pata no rochedo em que Orpheu está assentado, e outra pata na propria lyra; o gamo, a maior distancia, parece estar immovel escutando a me-

Digitized by Google

lodia, em tanto que o coelhinho mostra ir correndo sem saber para onde corre, nem o que sente. Alem d'aquelles, ha mais tres animaes, que parecem não formar parte do bruto auditorio, e são uma panthera no tope e um veado e alce no fundo, collocados como objectos de ornato e para encher espaços. Os quatro cantos do quadrangulo que serve de moldura ao pittoresco painel estão embellezados com quatro cabeças maiores do que o natural, e que, em razão do seu numero, podiam representar as quatro estações; mas não ha bastantes sinaes caracteristicos, que autorizem uma tal supposição. Esta é a unica alcova em que se acham imagens de objectos viventes; nas outras ha

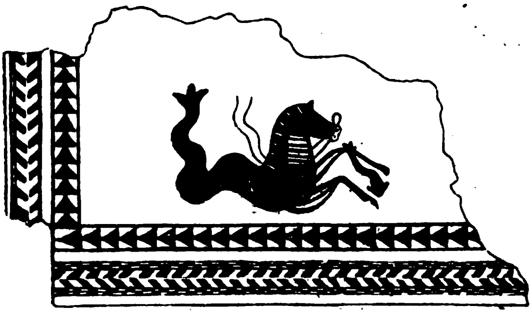


Fig. 3.ª

só desenhos ornamentaes, alguns dos quaes são muito elegantes, como se vê na fig. 2.ª, que representa metade do pavimento de um quarto.

A fig. 3.ª representa tudo o que restava do pavimento de mosaico preto e branco, que o Dr. Russell descobriu em S. Sebastião, distante milha e meia, pouco mais ou menos, da Batalha, e a que já se alludiu como havendo sido encontrado numa adega, e comprado pelo Sr. O'Sullivan, que o mandou trasladar para Lisboa. Numa capella antiga, em S. Sebastião, vê-se tambem uma pequena columna quadrada, de mão de obra romana, de dois pés de altura pouco mais ou menos, e que está reservada em local particular, servindo de apoio a uma pia de agua benta. Tem a seguinte inscripção:

Digitized by Google

Alguns dos nossos leitores poderão melhor ajuizar da valia d'estes pavimentos, comparando-os com outros bem conhecidos. Se tivermos presente a obra de Montfaucon, *L'antiquité expliquée*, não se tem encontrado outro, ou poucos mais se haverão encontrado de maior extensão, e mais bem executados, excepto, talvez, na Italia. Aquelle autor copía com muita exacção do Pitiscus (*Lexicon Antiquitatum Romanum*) a estampa de um mosaico romano achado ao pé de Woodstok em 1712, e que é tambem composto de xadrez de côres, parecendo ter pertencido a um templo de Baccho. As dimensões dadas por Pitiscus são 36 pés por 15, igual a 540 pés quadrados; em tanto o pavimento da casa de Arnal anda por 1:600 pés quadrados, de que mais de dois terços são de mosaico de côres. Como tive o gosto de acompanhar o Dr. Russell e o Sr. O'Sullivan, quando foram examinar o andamento das excavações, posso falar, como testemunha ocular, da grandeza e importancia d'aquellas bellas antiqualhas[1].

(Do *Archivo Pittoresco*, I, 125). JOHN MARTIN.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

478. Tancos (Estremadura)

Ouro

«Este rio concerva sempre o mesmo nome emté o perder no mar occeano onde morre, que he a Barra de Lisboa. Afirmace que de suas areas se tira e tem tirado muito ouro e disso tem todos os sinaes vendoce ahinda por muitas partes as comcauidades e minas por onde foy minarado e bastante ouro tenho tenho visto tirar por huns pobres homens a superficia da Terra, sem cavarem, nem terem mais trabalho, que ajuntarem area dos Inxurros, dizem que tãobem nestes lemites ha minas de estanho ou xumbo, segundo se me mostrou por um pedasso de pedra que tenho». (Tomo XXXVI, fl. 87).

479. Tangil

Torres

«Não tem priuilegios nem antiguidades só tem uestigios de tres torres huma no lugar de Crastello, outra no lugar do Paço, e outra na Casta, que são do sollar dos Soares». (Tomo XXXVI, fl. 91).

---

[1] [A inscripção de pag. 318 lê-se assim no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5230: ALBONIVS—TACILLI—PROF—SATVRNINO—MILITANTE—SVI].

480. Tarouca

Castello

«Tarouca villa antiquissima, situada na Prouincia da Beyra, Bispado e Comarca da Cidade de Lamego, foi fundada em tempo dos guodos teve hum castello muito defençavel por arte e por natureza por estar situado na iminencia de hum monte quazi inacesivel pela parte contraria a villa em cujas ruinas existe hũa devota Hirmida». (Tomo XXXVI, fl. 103).

481. Tarroso

Monte da Cividade

«Està êsta freguezia toda a roda cercada de campos lavradios, e sô por hua parte coazi no meyo della tem hum Monte mais levantado, que sera tanto, como a tersa parte dos campos lauradios da dita freguezia e dizem os Antigos fora este Monte Cidade de Mouros, porque se chama este Monte da Cividade, bocabullo corruto, e deste Monte se descobre terra e Mar sinco Legoas thé Vianna que fica ao Norte e sinco the o Porto, que fica ao sul». (Tomo XXXVI, fl. 116).

482. Tavira (Algarve)

Privilegio

«Tem os Escudeiros e povo desta cidade de Tavira a merçe de gozarem nos cazos crimes do mesmo privillegio que os cavalleiros tem por carta do Sr. Rey D. Manuel da feliz memoria de 14 de Septembro de 1506, etc.» (Tomo XXXVI, fl. 134).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Erratas

No fasciculo 8–9, p. 209–210, a descripção da espada está feita como se o desenho ficasse invertido, e por isso, onde, a p. 210, linha 6, se diz *figura da direita* deve ler-se *figura da esquerda,* e onde se lê *figura da esquerda* deve ler-se *figura da direita.*

No mesmo fasciculo, p. 221, última linha, leia-se *os tanques descritos* em vez de *as tampas descritas.* Ibidem, p. 222, linha 1.ª, faltou dizer que o vol. d *O Archeologo* citado é o IV.

Digitized by Google

VOLUME VII

I—INDICE DAS MATERIAS

ACQUISIÇÕES:

Vid. *Museus.*

ADORNOS:

Contas de pedra: 71.
Adornos varios de cobre, de Troia: 179.
Xorca de ouro: 155.
Vid. *Prehistoria* e *Sociedades archeologicas.*

ALFAIAS:

Vid. *Inventario.*

ALPHABETO:

Vid. *Epigraphia, Numismatica.*

ALTAR:

Que talvez seja anta: 239.
Anta que servia de ara: 270.
Vid. *Anta, Inventario.*

ANTAS:

Em Alcalar: 98.
Em Arcos de Valdevez: 193 (na serra de Soajo, 46 antas).
No Barrocal, concelho de Evora: 218.
Em Ruivos (Beira): 76.
Em Sanhoane (Trás-os-Montes): 126.
Em Soutello (Minho): 270.
Em Trás-os-Montes: 9 e 10.
Em Villarinho (Carrazeda de Anciães): 273.
Em Zedes (Carrazeda de Anciães): 273.
Vid. *Altar, Prehistoria* e *Lendas.*

Digitized by Google

ANTIGUIDADES LOCAES:

A) Alemtejo:

Alandroal: 261 (inventario da Ordem de Avis).
Avis: 227 e 228.
Barrosas: 175 (estação romana junto a Serpa).
Beja: 192 (objectos romanos de vidro), 243 (antiguidades romanas), 305 (inventario da Ordem de Avis).
Borba: 227 (id.).
Evora: 218 (antas do Barrocal). *Vid.* Tourega.
Fronteira: 231 (inventario da Ordem de Avis).
Juromenha: 263 (id.).
Mencejana: 238 (castello).
Mertola: 67 (moedas romanas), 100 (estatuas luso-romanas), 144 (inscripção christã), 183 (muralhas, sua reparação, seculo xv).
Moura: 261 (inventario da Ordem de Avis).
Noudar: 261 (id.).
Rio de Moinhos: 31 (inscripção portuguesa).
S. Bartolomeu da Serra: 238 (denominação geographica).
S. Romão: 74 (minas).
S. Francisco da Serra: 238 (mina).
S. Simão da Serra: 239 (gruta).
Seda: 190 (castello, etymologia).
Serpa: 175 (lucerna romana), 238 (inscripção romana), 259 (inventario da Ordem de Avis). *Vid.* Barrosas.
Sines: 268 (sepultura de S. Torpes).
Sousel: 307 (inventario da Ordem de Avis).
Tourega-Evora: 221 (ruinas romanas).
Valle de Messejana: 55 (machado de pedra).
Veiros: 232 (inventario da Ordem de Avis).

B) Algarve:

Alcalar: 98 (dolmen de cupula, graes de tatuagem, concha sonora).
Baralha e Serro de Bartolomeu Dias: 99 (necropole da idade do cobre).
Cacella: 119 (candeia arabe).
Silves: 120 e 123 (id.).
Sítio indeterminado: 100 (objecto prehistorico de ouro).
Tavira: 320 (privilegio).
Valle do Marinho: 98 (lagar luso-romano).

C) Beira:

Bobadella: 56 (arco romano).
Dornes: 161 (moedas romanas).
Figueira da Foz: 98 (ethnographia, architectura).
Idanha: 161 (moedas romanas).
Macieira de Cambra: 54 (crasto).

Digitized by Google

Marialva: 13 (inscripção).
Mourisca: 61 (moedas portuguesas).
Penella: 59 (mosaicos, etc.).
Riodades: 30 (etymologia).
Ruivos: 76 (antas).
Sameiro: 123 (fonte e estrada, pia, machado, estrada e corredor dos mouros.
Santa Olaia: 98 (castro).
S. Vicente da Beira: 305 (inventario da Ordem de Avis).
Satam: 312 (Convento de S.ta Eufemia).
Segadães: 191 (cidade de Vaca).
Seixas: 191 (ethnographia).
Sernache dos Alhos: 237 (lenda).
Sernancelhe: 238 (forte).
Sindim: 267 (reliquia milagrosa, castello).
Sortelha: 269 (fabrica de saragoça).
Tarouca: 320 (castello).
Tavarede: 98 (castro).

D) Entre-Douro-e-Minho:

Arcos-de-Valdevez: 81 (inscripção medieval), 193 (antas da serra de Soajo, alto do Mezio, Chã das Arcas).
Braga: 12 (inscripção romana), 13 (Bracara Augusta).
Caminha: 103 (machado de duplo anel).
Convento de Oliveira: 181.
Eiriz (Paços de Ferreira): 265 (vasilha antiga).
Ermello (S.ta Maria): 83 (igreja romanica).
Marco de Canavezes: 284 (balneario romano).
Monção: 285 (castello da moura).
Ribeirão: 28 (engenho de pesca).
Rio Caldo: 28 (pedra com insculpturas).
Rio Covo: 29 (sarcophago).
Rio Frio: 30 (torre em ruinas).
Rio de Gallinhas: 30 (ponte natural e lendaria).
Rio Tinto: 31 (minas).
Rios: 32 (torre antiga).
Romão: 75 (ruinas).
Romarigães: 75 (ruinas de castello).
Roriz de Paços de Ferreira: 22 (citania).
Sá: 75 (campas com brasões).
Sande: 124 (pena cobertoura; ermida com lenda; sepulturas, citania).
Sandim: 125 (Eufrasia, torre).
S. Romão da Neiva: 74 (castello antigo).
S. Tiago de Lanhoso: 128 (castello, inscripções).
S.ta Maria de Sá: 75 (vestigios de uma pretendida Britonia).
Sapardos: 190 (cidade).
Silva: 239 e 240 (castello, cova da Moura; calix miraculoso).
Silveiros: 240 (Sitaina e campo do Ouro).

Digitized by Google

Sobrado: 268 (memoria).
Sobre-Tamega: 269 (balneario).
Soutello: 269 (ruinas, cidade, villa desapparecida, auta).
Tabaçô: 272 (reliquias do seculo XIII).
Taboado: 272 (torres).
Tangil: 319 (crastello).
Tarroso: 320 (monte da cividade).
Valle (S. Pedro de Arcos ou S.ta Maria): 83 (antigo cenobio e necropole).

E) Estremadura:

Alcantara: 61 (moedas portuguesas).
Alcanede: 225 (inventario da Ordem de Avis).
Alcobaça: 146 (mosaico em Povoa de Cós), 281 (id.), 180 nota (restos de um templo).
Alemquer (casal dos Bugareos): 156.
Alferrar (Setubal): 146 (achados romanos).
Almeirim: 80 (inscripção tumular).
Arnal (Leiria): 313 (mosaico romano e minas).
Azeitão (S. Simão): 277 (pedra que obtura olho de agua).
Benavente: 226 (inventario da Ordem de Avis).
Bucellas: 55 (moedas romanas).
Cascvel: 59 (palacio incendiado).
Cintra (S. Martinho): 129 (sepulturas prehistoricas), 155 (xorca de ouro).
Coina: 310 (noticias chorographicas).
Leiria: 147 (vestigios romanos). Vid. *Arnal*.
Lisboa: 228 (inventario da Ordem de Avis), 63 (Poço dos Mouros), 64 e 65 (Recolhimento do Rego), freguesia dos Anjos: 311 (cemiterio).
Porto-de-Mós: 147 (vestigios romanos), 161 (moedas romanas), 171 (inscripção romana).
Rendide (Alcobaça): 182 (ponte).
Ribeira de Olival: 27 (inscripção).
Rio de Couros: 29 (lenda de um caixão de pedra).
Roliça: 32 (ruinas e moedas romanas).
Runa: 78 (inscripções e restos de construcções).
Salvaterra de Magos: 103 (machado chato de bronze), 123 (etymologia).
Santarem: 126 (epigraphia, casa subterranea).
Sapataria: 190 (pedras medicinaes).
Seixal: 191 (inscripção).
Serra do Bouro (Fonte Santa): 239.
Setubal (Troia): 176 (antiqualhas romanas), 239 (assento de Setubal), 275 (prehistoria dos arredores, Arrabida, etc.). *Vid.* Alferrar.
Sobreira Formosa: 268 (casa da moura).
Tancos: 319 (areias auriferas).
Tojal: 272 (raspas de uma imagem de pedra).
Torres Novas: 180 (outão do Paço Grande).

F) Trás-os-Montes:

Alto do Carrocedo: 70 (castro, objectos prehistoricos e romanos).
Avidagos (Lamas de Orelhão): 11 (sepultura romana).

Digitized by Google

Bragança e Bemquerença: 14 e 15 (vária).
Burçó (Mogadouro): 210 (espada antiga).
Capelludos (Villa Pouca de Aguiar): 23 (estatua lusitana).
Carrazeda, Moncorvo e Freixo: 274 (abundancia de machados).
Carviçaes: 274 (povoação romana).
Cerro das Penhas Juntas: 101 (minas e vestigios de habitação).
Jou (Val-Passos): 9 (antas).
Lamas de Orelhão: 14 (castro).
Maçores (Moncorvo): 273 (machado de pedra).
Moncorvo: 149 (instrumentros de pedra).
Mondrões (Villa Real): 10 (antas).
Montalegre: 106 (escopro de bronze).
Picote (Miranda do Douro): 54 (lança de cobre).
Raposeira (Monte da) em Villa Real: 311 (moedas e ossadas).
Riba Pinhão: 27 (imagem de pedra).
Rio Torto: 32 (ruinas de forte).
Roriz: 75 (minas, castro?, castello).
Sabrosa: 79 (castello, castro?, e estrada antiga).
Salhariz: 123 (torre antiga).
Sanfins: 125 (fortalezas ou castellos, moedas romanas, minas, mausoleu).
Sanfins da Castanheira: 126 (castro).
Sanhoane: 126 (antas).
Santa Martha: 152 (sepulturas).
Soutello: 271 (ruinas).
Susães: 271 (ruinas).
Valles (Carrazedo): 9 (antas).
Villa-Flor: 11 e 12 (inscripções romanas).
Villarinho: 273 (tres antas).
Zedes: 273 (uma anta).

ARCHEOLOGIA:

A) Nacional:

I. — Por ordem chronologica

Prehistorica:

Vid. *Prehistoria* e especies occorrentes, como *Antas, Machados, Grutas*, etc.

Protohistorica:

Vid. especies occorrentes, como *Castros, Castello, Citania, Estatua*, etc.

Lusitano-romana:

Arco romano de Bobadella: 56.
Vestigios de construcções a 2 leguas de Bragança: 71.
Estação romana proximo de Almeirim: 80.
Estatuas de Mertola: 100.
Achados em Alferrar: 146.
Vestigios romanos na região de Alcobaça, Leiria e Porto de Mós: 147.

Digitized by Google

Antiqualhas romanas no concelho de Santa Martha: 152.
Lucerna romana de Serpa: 175.
Ceramica de Troia: 176.
Utensilios e adornos de cobre de Troia: 178.
Objectos de vidro: 192 (Beja).
Ruinas de construcções: 221 (Evora).
Antiguidades de Beja: 243.
Estação balnear romana em Sobre-Tamega: 269.
Estação romana em Carviçaes: 274.
Cippo e figura de pedra: 274.
Balneario romano no Marco: 284.
Tijolos, etc.: 285 e 287 (concelho de Monção).
Exploração mineira, casa romana: 315 (visinhanças de Leiria).
Vid. *Bibliographia, Epigraphia, Numismatica, Nomes, Sepulturas, Insculptura, Architectura*, e especies occorrentes.

Medieval:

Barbara:

Vid. *Epigraphia, Ceramica, Inventario, Sepulturas.*

Arabe:

Candeias arabes algarvias: 119 a 122.

Portuguesa:

Batel do seculo XIV: 65.
Outão no Paço Grande em Torres Novas, seculo XIII: 180.
Calix antigo e desusado: 240.
Vid. *Armas, Ultramar, Architectura* e especies occorrentes.

II. — Por ordem geographica

Vid. *Antiguidades locaes* e *Memorias parochiaes.*

B) Estrangeira:

Vid. *Sociedades archeologicas, Hespanha, Figuras, Extractos, Protecção á archeologia.*

ARCHITECTURA:

Arco romano: 56.
Palacio de torreões: 59.
Castello da Neiva: 74.
Ruinas architectonicas, chafariz e fonte de cantaria: 78.
Construcções antigas da Figueira: 98.
Construcção de um outão, no seculo XIII: 180.
Restos architectonicos luso-romanos: 243.
Memoria que recorda a rainha beata Mafalda: 268.
Padrão de pedra: 271.
Vid. *Archeologia, Muralhas, Torre, Ponte, Ruinas, Castello, Fortaleza, Sociedades archeologicas, Fonte*, etc.

Digitized by Google

ARMARIA:

Relação de armas do seculo XVI: 187.
Espada antiga: 209.
Vid. *Inventario.*

AUCTORES:

A) Antigos (citados no texto):
Ausonio: 13.
Estrabão: 23.
Grutero: 13.
Herodoto: 290.
Josepho: 5.
Plinio: 147 e 172.
S. Jeronimo: 5.
Virgilio: 9.

B) Do vol. VII d-O Archeologo Português:
Vid. Indice especial.

AVIS (Ordem de):

Inventario dos seus moveis, alfaias, etc., no seculo XIV: 223, 259 e 305.

AZULEJOS:

Em Alcantara: 62.
Em Lisboa: 64.

BALNEARIO:

Estação balnear romana: 269
Balneario romano: 284.

BERRÕES E BEZERROS:

Vid. *Figuras* e *Lendas.*

BIBLIOGRAPHIA:

A) Archeologica romana: 3, 4 e 147.

B) Genealogica: 3.

C) Numismatica: 7, 107, 118, 161 a 172, 210 a 218, 248 e 288.
Vid. *Extractos.*

D) Heraldica: 137.

E) Ethnographica: 98.

F) Varia: 56 e 288.
Vid. *Sociedades archeologicas.*

Digitized by Google

BIOGRAPHIAS:

Manuel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura: 1.
Damião de Goes: 33 (nota biographica).
Bugarco: 156.
Ruy Dias de Menezes: 156.

BRAZÕES:

Vid. *Heraldica* e *Concelho*.

BRONZE:

Objectos indeterminados: 71.
Escopro ou cinzel: 106.
Candeias de bronze: 119 e 120.
Objectos das sepulturas prehistoricas de Cintra: 134.
Vid. *Metallurgica, Machado, Prehistoria.*

CALIX:

Antiquissimo: 240.
Vid. *Inventario.*

CANDEIAS:

Candeias arabes do Algarve: 119 a 122.
Vid. *Lucerna.*

CASA:

«Casa dos Mouros» em Santarem: 128.
«Casa da Moura» em Sobreira-Formosa: 269
Casa romana perto de Leiria: 315.
Vid. *Castro, Castello, Antas, Mosaico.*

CASTELLO:

Vestigios de um *castello de terra*: 75 (castro?).
Castello (castro?) com muros, fossos e vestigios de casas: 79 (Sabrosa).
Castello com vestigios de muralha: 125 (castro?).
Castello na Serra de Villarelho: 125 (castro?).
Castello de Lanhoso: 128.
Castello de Arminho (Alemtejo): 190.
Castello de Alparrajão: 190 (castro?).
Penhasco como se fôra castello: 191.
Na Villa de Mencejana: 238.
Castello ou torre só com as paredes: 239.
Castello de D. Thedom sobre o rio Tavora: 268.
Castello (ou Cova) da Moura ou dos Milagres (Monção): 285.
Crastello: 319 (Tangil).
Castello de Tarouca: 320.
Vid. *Castro, Architectura, Fortaleza, Torre.*

Digitized by Google

CASTROS:

Cabeço das Freiras: 15 (antigo Cabeço da Cidade).
Castro de Capelludos: 23.
Cóto do Crasto (Monção): 287.
Côto da Pena (Arcos de Valdevez): 197.
Lamas de Orelhão: 14.
Macieira de Cambra: 54.
Monte de S. Caetano (Monção): 287.
Roriz: 76 (castelim e castello do mau vizinho).
Sabrosa: 79 (castro ou castello antigo?).
Sanfins: 126 (crasto de).
Santa Olaia: 98 (crasto de).
Tavarede: 98 (castro de).
Vid. *Castello, Citania, Cidade, Sociedades archeologicas.*

CAVIDADES:

Vid. *Insculpturas.*

CELTAS:

Nomes da origem celtica: 171.

CERAMICA:

Tigela medieval: 94.
Candeias arabes do Algarve: 121 e 122.
Barro saguntino de Alferrar: 146.
Ceramica luso-romana: 153.
Ceramica romana de Troia: 176.
Vasilha antiga: 265.
Ceramica italica: 283.
Olarias no Guadalquivir e Guadiana: 288.

CIDADE:

Cidade da Vaca (Vouga): 191.
Cidade de Milmandas (Minho): 270.
Monte da Cidade (Sapardos): 190.
Monte da Cividade: 320.

CITANIAS:

De Roriz: 22 e 266.
De Sande: 125.
De Silveiros: 240.
Vid. *Castro.*

COBRE (Objectos de):

Lança de Picote: 54.
Indeterminados: 71.
Necropoles algarvias do cobre: 99.
Nas sepulturas prehistoricas de Cintra: 134.
Vid. *Sociedades archeologicas.*

Digitized by Google

CONCELHO:

Divisas ou brasões dos concelhos: 137.

CONSELHO SUPERIOR DOS MONUMENTOS NACIONAES:

Appello d'elle ao Governo sobre a Citania de Roriz: 22.

CONTAS:

Contas de pedra: 71.
Conta de vidro romana: 192.
Vid. *Adornos*.

CONTOS:

Vid. *Numismatica*.

COVA:

Vid. *Gruta, Castello*.

ENGENHO DE PESCA:

Em Ribeirão (Entre-Douro-e-Minho): 28.
Descripção dos engenhos de pesca: 188.

EPIGRAPHIA:

A) Lusitano-romana:

Epigraphes funerarias: 11, 80, 127, 171, 241, 242, 244, 245, 246 e 247.
Epigraphe funeraria e outra votiva: 12.
Epigraphe honorifica: 13.
Referencia: 238

B) Medieval:

Arcos de Valdevez: 81.
Mertola: 144.

C) Portuguesa:

Alemtejo, seculo XIV e XVIII: 31.
Bragança: 16 e 17.
Estremadura, latina, seculo XVI: 28.
Lisboa, seculo XIX: 65.
Santarem: 126, 127 e 128.
Seixal: 191.

D) Italica:

Marca figulina num tijolo: 283.

E) Indeterminada:

Castello de Lanhoso: 128.
Roma: 78.
Santarem: 127 e 128.

Digitized by Google

F) Noticias de apparecimento de lapides:
Alto do Carrocedo: 71.
Sobre-Tamega: 269.

ERRATAS:
Vid. *Rectificações.*

ESTATUA:
Estatua de guerreiro lusitano: 23.
Estatuas luso-romanas de Mertola: 100.
Cabeça de estatua luso-romana de Beja: 243.

ESTRADA:
Antiga e desusada (Sabrosa): 79.
Estrada dos mouros (Beira): 124.
Estrada dos mouros (Estremadura): 269.
Vestigios de calçadas: 270.

ETHNOGRAPHIA:
Conta de pedra para augmentar a lactação: 72.
Memoria sobre adivinhações por cartas, amuletos e ex-votos, do Sr. Fernandes Thomás: 98.
Trajos e costumes antigos da Figueira, numa memoria do Sr. Ferreira Loureiro: 98.
Pedras «*judaicas*» que livram da dôr de pedra: 190.
S. Martinho advogado contra sezões: 191.
Calix com virtudes therapeuticas: 240.
Reliquia de S. Braz com virtudes contra mordeduras de animal damnado, mau parto e com poder de tornar o pão incorruptivel: 267.
Logar frequentado de clamores: 270.
Imagem de pedra medicinal: 272.
Vid. *Lendas, Insculpturas, Religiões, Sociedades archeologicas* e especies occorrentes (*Figuras, Fonte*, etc.).

ETYMOLOGIAS:
Asseca: 74 (popular).
Bertiandos: 79 (scientifica).
Cesareda: 32 (scientifica).
Geira: 13 (popular).
Rendide: 180 (popular).
Riodades: 30 (popular e scientifica).
Roriz e outros nomes em *iz*: 75 (scientifica).
Salvaterra de Magos: 123 (popular).
Sandim: 125 (popular).
Seda: 190 (popular).
Setubal: 5 (erudita).
Vouga: 191 (erudita).

Digitized by Google

EXTRACTOS:

A) De periodicos:

Portugueses:

Archivo Pittoresco: 319.
Campo de Ourique: 55.
Correio da Noite: 311.
Diario de Noticias: 63, 65, 311 e 312.
Folha da Tarde: 58, 59.
Seculo: 22, 26, 54, 59, 62 e 64.
Sul de Setubal: 18.
Trasmontano: 283.
Vanguarda: 61 e 310.

Estrangeiros:

Notizie degli scavi di antichità: 283.
Revue archéologique: 131.
Revue belge de Numismatique: 143.

B) De obras:

Apparato de antiguidades romanas de Carneiro de Fontoura: 9.

C) De archivos:

Nacional (Torre de Tombo):

Venda de um batel no seculo xiv: 66.
Achado de moedas romanas: 67.
Doação de Ermello: 83.
Processo requerido pelo rei de armas em 1834: 137.
Construcção em Torres Novas do Outão do Paço Grande, seculo xiii: 180.
Termo de restituição do sêllo do Convento de Oliveira, seculo xiii: 181.
Construcção de uma ponte em Rendide: 182.
Reparação das muralhas de Mertola, seculo xv: 183.
Relação de objectos roubados a um duque de Bragança, seculo xvi: 187.
Inventario do seculo xiv dos moveis e alfaias da Ordem de Avis: 223, 259 e 305.

Particulares:

Do Tombo de N.ª S.ª do Valle (Arcos de Valdevez): 92.
Do Tombo de Tabaçô (Arcos de Valdevez): 272.

D) Das Memorias Parochiaes:

Vid. *Memorias Parochiaes*, *Numismatica* (portuguesa) e *Nomes*.

FACA:

Prehistorica de pedra: 77 (costela).

Digitized by Google

FERRO:

Objectos indeterminados: 71.
Vid. *Minas, Metallurgia.*

FIGURAS:

Berrões de pedra: 26.
Toros hespanhoes: 26.
Bezerrinho de ouro: 71.
Vid. *Estátua* e *Lendas.*

FONTE:

Fonte afamada em Roliça: 32.
Fonte de cantaria e alvenaria: 78.
Fonte dos Mouros: 123.
Fonte de Santa Innominata: 223 (Evora).
Fonte Santa: 239.

FORTALEZA:

Ruinas em Rio Torto: 32.
Ruinas de duas em Sanfins: 125.
Ruinas de forte e baluartes: 238
Vid. *Castro, Castello.*

GENEALOGIA:

Memoria genealogica: 3.

GEOLOGIA:

Geologia da peninsula da Arrabida: 275.

GRAES:

Graes de pedra achados em Alcalar: 99.

GRUTAS:

Concavo de uma penha: 269 (Estremadura).
Cova da Moura: 240 (Minho).
Gruta da Faspa: 239 (Alemtejo).
Gruta subterranea na Cova da Moura: 285.

HERALDICA:

A situação da Heraldica em Portugal: 134.

HESPANHA:

(Localidades a que ha referencias):
Olerdola: 23.

HISTORIA:

(Da archeologia portuguesa).
Vid. *Biographia, Extractos, Sociedades, Protecção, Mosaico, Museus, Nomes, Numismatica, Prehistoria.*

Digitized by Google

HOMEM:

Terciario e quaternario na peninsula da Arrabida.
Vid. *Prehistoria.*

IBERIA:

Vid. *Numismatica, Nomes, Auctores.*

IGREJA:

Vid. *Lendas.*

IMAGEM:

Imagem de pedra medicinal: 272.
Vid. *Lenda.*

INDUSTRIAS:

Fabrico de saragoça: 269.

INHUMAÇÃO:

Vid. *Sepultura.*

INQUIRIÇÕES:

Erro nas Inquirições de 1258: 84.

INSCULPTURAS EM ROCHA:

Em forma de ferradura: 15 (Bragança).
Em forma de pègadas: 28 (Rio Caldo).
Pias, pègadas: 71 e 72 (Alto do Carrocedo).
Lagar luso-romano: 98 (Algarve).
Pia no Azinhal dos Mouros: 126 (Beira).
Excavações artificiaes na rocha: 285 e 286.
Vid. *Sociedades archeologicas.*

INSTRUMENTOS:

Um instumento musico nos tempos prehistoricos: 99.
Espheroide de granito: 152.
Vid. *Bronze, Cobre, Machado.*

INVENTARIO:

Um inventario do seculo XIV: 223, 259 e 305 (moveis, alfaias, etc., da Ordem de Avis).

LAGAR:

Vid. *Insculptura.*

LUCERNA:

Lucerna romana de Serpa: 175.
Vid. *Candeia.*

Digitized by Google

LUSITANIA:

Cohorte de Lusitanos: 171.
Vid. *Numismatica* e *Iberia.*

LENDAS:

Lenda do apparecimento de imagem: 15, 27 e 239.
Lenda de fuga de pessoa cativa: 29.
Lendas immanentes a um logar: 30.
Lenda de desapparecimento de imagem: 73.
Thesouros guardados por demonios, em forma de bezerros: 102.
Lenda numa igreja: 102.
Lenda numa ermida: 124.
Lenda num ribeiro: 237.
Lenda de moura encantada num pégo: 269.
Lenda de moura encantada numa anta: 270.
Lenda de mouros: 271.
Vid. *Fonte, Ethnographia.*

MACHADOS:

A) De pedra:

Alto do Carrocedo: 71.
Messejana: 55.
Moncorvo: 149.
Trás-os-Montes: 273.
Cinco em forma do ferro da juntoira de um carpinteiro: 77.
Abundantes em Carrazeda, Moncorvo e Freixo: 274.

B) De bronze:

Chato e de duplo anel: 102.
Pica ou venabulo: 124.

MAMOA:

Vid. *Anta.*

MANUSCRITOS:

Memorias genealogicas: 3.
Apparato de antiguidades romanas: 4.

MEMORIAS PAROCHIAES:

Riba Pinhão: 27.
Ribeira do Olival: 27.
Ribeirão: 28.
Rio Caldo: 28.
Rio de Corvos: 29.
Rio Covo: 29.
Riodades: 30.

Digitized by Google

Rio Frio: 30.
Rio de Gallinhas: 30.
Rio de Moinhos (Alemtejo): 31.
Rio Tinto: 31.
Rio Torto: 32.
Rios: 32.
Roliça: 32.
Romão: 75.
Romarigães: 75.
Roriz: 75.
Ruivos: 76.
Runa: 78.
Sá: 78.
Sabrosa: 79.
Salhariz: 123.
Salvaterra de Magos: 123.
Sameiro (Beira): 123.
Sande: 124.
Sandim: 125.
Sanfins: 125.
Sanfins da Castanheira: 126.
Sanhoane: 126.
Santa Maria de Sá: 78.
Santarem: 126.
Santiago de Lanhoso: 128.
S. Bartolomeu da Serra: 238.
S. Francisco da Serra: 238.
S. Romão (Alemtejo): 74.
S. Romão da Neiva: 74
S. Simão de Azeitão: 267.
S. Simão da Serra: 239.
Sapardos: 190.
Sapataria: 190.
Seda: 190.
Segadães: 191.
Seixal: 191.
Seixas: 191.
Sernache dos Alhos: 237.
Sernancelhe: 238.
Serpa: 238.
Serra do Bouro: 239.
Setubal: 239.
Silva: 239 e 240.
Silveiros: 240.
Sindim: 267.
Sines: 268.
Sobrado: 268.
Sobreira Formosa: 268.
Sobre Tamega: 269.

Digitized by Google

Sortelha: 269.
Soutello (Minho): 269.
Soutello (Trás-os-Montes): 271.
Susães: 271.
Tabaçô: 272.
Taboado: 272.
Tancos: 319.
Tangil: 319.
Tarouca: 320.
Tarroso: 320.
Tavira: 320.
Tojal: 272.

METALLURGIA:

Antigos exemplares portugueses provenientes da Guiné: 59.
Sino de bronze no Congo, do seculo XVIII: 62.

MINAS:

Nas proximidades de Leiria: 315.
Vestigios d'ellas em Rio Tinto: 31.
Id. em Roriz: 75.
Em S. Francisco da Serra (Alemtejo): 238.
Id. em S. Romão: 74.
Id. em Sanfins: 126.
Em Tancos: 319.

MOEDAS:

Vid. *Numismatica*.

MÓS:

Mós de mão: 71 (Alto do Carrocedo); 101 (Cerro de Penhas Juntas).

MOSAICOS:

Romanos em Penella: 60.
Mosaico romano de Alcobaça: 146 e 284.
Mosaicos romanos de Portugal: 312 (mosaico do Arnal).
Id. de Tralhariz: 148.

MOUROS:

Vid. *Lendas, Ruinas, Torre, Antas, Casa, Castello, Castros, Estrada, Grutas, Insculpturas, Fonte*, etc.

MURALHAS:

Sentença acêrca da reparação das muralhas de Mertola, seculo XV: 183.
Restos de muralhas ou cêrcas: 270.
Vid. *Ruinas, Castros, Castellos.*

MUSEUS:

A) Acquisições do Museu Ethnologico Português: 23, 80, 100, 121, 134, 147, 157, 175, 192, 274.

Digitized by Google

B) Outros museus ou collecções:

Museus ou collecções em Portugal: 18.
Museu de Setubal: 18 e 19.
Museu do Arsenal do Exercito: 26.
Museu de Bragança: 54, 273, 274.
Museu Municipal da Figueira: 99.
Id. do Porto: 118.
Museu de Santarem: 128.
Collecção de Estacio da Veiga: 157.
Museu de Beja: 243.
Museu da Sociedade Martins Sarmento: 266 e 274.
Collecção do Rev. José Augusto Tavares: 274.
Museu de Evora: 283.
Museu de Moncorvo: 283.

C) Museus estrangeiros:

Museu de Leiden: 148.
Museu Britannico?: 155.

NECROPOLE:

Algarvias da Baralha e do Serro de Bartolomeu Dias, da idade do cobre: 99.
Necropole romana no concelho de Santa Martha: 154.
Vid. *Sepulturas, Prehistoria, Sociedades archeologicas.*

NOMES:

A) De pessoas em inscripções lusitano-romanas:

Agatus: 246.
Allia Reburrina: 11.
Celtus: 171.
Cogitata: 242.
C. Sulpicius Pelius: 171.
Cuna: 171.
Doquirus ou Doquiricus: 241.
Firmidius Peregrinus: 242.
Florica: 246.
Fundanus: 80.
Herennius Priscus: 245.
Julia Cleopatra: 245.
Julia Crysis: 247.
Julia Laeta: 80.
Marcus: 12.
P. Oriclio: 246.
Q. Cassius Vettonianus: 244.
Q. Martio: 12.
Quintus: 241.
Terencia Camira: 241.
Terencia Maxima: 241.

Digitized by Google

B) De imperadores romanos:

Augusto: 168.
Constancio ou Constante II: 152.
Constantino: 154.
Trajano: 13 e 55.

C) De divindades:

Em epigraphes:

Asclepius: 12.
Hygia: 12.

Em referencias:

Baccho: 319.
Orpheu: 317.

D) De pessoas em inscripções latino-medievicas:

Ordonius: 84.
Simplicius: 144.

E) De marca de oleiro:

T. CARR: 283.

F) Geographicos (authenticos ou suppostos):

Da Iberia:

Aravor: 13.
Brigantia: 14.
Britonia: 78.
Caesaraugusta: 170.
Callipolis: 5.
Celsa: 169.
Clunia: 171.
Collipo: 147.
Collipo: 314.
Emporias: 166.
Equabona: 310.
Eufrasia: 125.
Ilerda: 167.
Ilergetes: 167 (povos).
Indigetes: 166 (id.).
Medobriga: 191.
Salacia: 172.
Salduba: 170.

De fora da Iberia:

Mycenas: 131.

G) De archeologos estrangeiros a proposito de antiguidades nacionaes:

Héron de Villefosse: 284.
John Martin: 319.

Digitized by Google

Julio Meili: 143 e 248.
Salomon Reinach: 243.

H) Em marco de pedra:

Barca: 17.
Vid. *Auctores* e *Biographias*.

NUMISMATICA:

A) Moedas ibericas:

Bibliographia, grupos, leitura ou interpretação: 165.

B) Moedas romanas:

Imperatorias:

Augusto: 168.
Constancio ou Constante: 152.
Constantino: 154.
De Trajano: 55.

Indeterminadas:

Romanas (e goticas): 14, 32, 55, 67, 71, 126, 146, 152, 154, 161, 175 e 269.

C) Moedas portuguesas (numismatica continental e ultramarina):

O direito do bulhão no Porto: 33.
Observações de Damião de Goes sobre a quebra da moeda: 33.
Machina de fazer moeda: 36.
Moedeiros na India: 37.
Apparecimento de moedas portuguesas: 61.
Bazaruco do seculo XVI: 67.
Officinas monetarias de Damão nos seculos XVII e XVIII: 107.
Leilão de moedas e medalhas e catalogo do Museu Municipal do Porto: 118.
Uma falsificação monetaria: 172.
Os patacões de Goa: 210.
Moeda de ouro rara de D. Affonso VI: 234.
Moedas portuguesas de ouro carimbadas ou cravejadas na India e Brasil: 248.
Contos para contar: 289.

D) Moedas não classificadas:

Moedas antigas de ouro e prata: 311.

E) Factos concernentes:

Aula de Numismatica em Lisboa; assuntos de que se tem occupado em 1897-1899; ensino da Numismatica no estrangeiro; sociedades; revistas; commercio; moedas ibericas: 161.
Vid. *Bibliographia*, *Extractos*.

Digitized by Google

OLARIA:

Vid. *Ceramica, Nomes,* etc.

OURO:

Objecto pre-romano de ouro proveniente do Algarve: 100.
Xorca de ouro: 155.
Vid. *Sociedades archeologicas, Numismatica* e *Minas.*

PEDRA:

Pedras espetadas que parecem servir de defesa estrategica em estação antiga: 101.
Chamada *Pena cobertoura*:124.
Pedras chamadas *mamarrainhas,* cuja raspa cura dos calculos urinarios: 190.
Pedra que obtura um olho de agua: 267.
Raspas ou fragmentos de imagem milagrosa de pedra: 272.
Vid. *Insculpturas, Graes, Machados.*

PÊGADAS:

Vid. *Insculpturas.*

PESOS:

De pedra e de barro: 71.

PHENICIOS:

Vid. *Numismatica.*

PIAS:

Vid. *Insculpturas.*

PONTE:

De cantaria em Roliça: 32.
Construcção de uma em Rendide (Torres Vedras): 182 (seculo XIII).
Reconstrucção da ponte do Prado: 270.

PREHISTORIA:

Objectos prehistoricos em antas: 77.
Graes de pedra, concha sonora: 99.
O neolithico na Figueira: 99.
Sepulturas prehistoricas de Cintra: 129.
A xorca de ouro de Cintra: 155.
Abundancia de machados de pedra em Carrazeda, Moncorvo e Freixo: 274.
Estações prehistoricas dos arredores de Setubal: 275 (homem terciario, quaternario paleolithico, prehistorico actual).
Vid. especies occorrentes como *Anta, Gruta, Machado, Casa, Insculptura, Sociedades archeologicas,* etc.

Digitized by Google

PROTECÇÃO Á ARCHEOLOGIA:

Dotação votada por uma sociedade francesa para explorações: 22.
Appêllo do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes ao Governo sobre a Citania de Roriz: 22.
Dadiva do Sr. Visconde da Amoreira da Torre: 100.
Vid. *Sociedades archeologicas*, *Museu* e *Extractos*.

PROTOHISTORIA:

Vid. *Ouro*, *Castros*, *Citania*, *Sociedades archeologicas*, etc.

RECTIFICAÇÕES: 273 e 320.

RELIGIÕES:

Carrasco venerado: 72.
Reliquias depositadas no seculo XIII.
Vid. *Ethnographia*, *Lendas*.

REPRESENTAÇÕES:

De varios cidadãos á Camara de Setubal para a erecção de um Museu lá: 19.
Vid *Museu e Extractos*.

REVISTAS:

Vid. *Bibliographia*.

RIOS:

Ave: 28.
Cavado: 13 e 189.
Neiva: 189.
Tavora: 30 e 268.
Toponymia em que este titulo entre como componente, vid. *Memorias Parochiaes*.

RUINAS:

De cidade: 75 (Romão).
De cercos de mouros: 76 (Roriz).
De casas e muralhas: 101 (cerro de Penhas Juntas)
De construcções e muralhas: 221 (Evora).
De fortaleza: 238.
De convento: 269 e 270.
De um paço com brasões: 271.
De paredes do tempo dos mouros: 271.
Vid. *Castello*, *Architectura*, *Archeologia*, *Torre* e *Fortaleza*.

SÊLLO:

Questão sobre o uso de um sêllo conventual: 181.

SENTENÇAS:

De Fr. Amador Arraiz: 189, 266, 308 e 143.

Digitized by Google

SEPULTURAS:

A) Prehistoricas:

Vid. *Antas, Prehistoria, Necropole, Sociedades archeologicas.*

B) Romanas:

Em geral: 10.
De tijolos: 11.
De alvenaria: 60.
Cupiforme: 242.
Destruida: 247 (com cippo?).

C) Medievaes:

De tijolos e lages: 92 sqq.

D) De epocas indeterminadas:

Sarcophagos: 29.
Camara de tijolo: 55 (ossario?).
Tampas de pedra: 71 e 72.
No marmore e outras: 78.
De lages: 94.
Com tampa esculpida: 124 e 126.
De tijolos: 152.
Com cruz lavrada: 268.
Ossadas: 311.
Vid. *Epigraphia, Sociedades archeologicas, Necropole.*

SOCIEDADES ARCHEOLOGICAS:

Société Nationale des Antiquaires de France: 23.
Associação Francesa do Progresso das Sciencias: 22.
Sociedade archeologica da Figueira, 6.ª sessão, explorações no Castro de Tavarede; na estação de Santa Olaia; ethnographia da Figueira; architectura antiga; o logar de Valle do Marinho; necropole de Alcalar; tatuagem; instrumentos musicos prehistoricos; epoca neolithica da Figueira; necropole da idade de cobre no Algarve; disco pre-romano de ouro: 98.
Sociedades estrangeiras que se occupam de numismatica: 164.

TATUAGEM:

Tatuagem prehistorica: 99.

TECIDOS:

Vid. *Inventario e Industrias.*

TEGULA E TELHA:

Vid. *Tijolo.*

Digitized by Google

TEMPLO:

Tradição e vestigios de um antigo: 180 (nota).
Vid. *Antas, Igreja.*

TIJOLOS:

Apparecimento d'elles: 30, 60, 71, 78, 126, 152, 240, 285, 287 e 315.
Ladrilhos: 269.
Tijolo italico da epoca romana: 283.
Vid. *Sepulturas.*

TORRE:

Em Rio Frio, arruinada: 30.
Em Rios: 32.
Em Salhariz: 123.
Duas em Sandim: 125.
Em Silva: 239.
Torreão antigo de abobada: 270.
Torre dos Mouros: 269.
Torres antigas: 272.
Torres em Tangil: 319.
Vid. *Castello, Fortaleza.*

TORRE DO TOMBO:

Vid. *Extractos, Numismatica.*

TOTEMISMO:

A proposito das estatuas lusitanas: 26.

TOUROS:

Vid. *Figuras* e *Lendas.*

TRITURADORES:

Trituradores de pedra: 309.

ULTRAMAR:

Tumulos portugueses em S. Thomé: 58.
Influencia portuguesa na costa da Guiné: 59.
Igreja abandonada no Congo: 62.
Vid. *Numismatica, Metallurgia.*

UTENSILIOS:

Vid. *Inventario, Armas, Graes, Sociedades archeologicas, Archeologia, Ceramica, Lucerna, Mós,* etc.

Digitized by Google

II—INDICE POR NOMES DE AUCTORES

Albino Pereira Lopo:
Notas e considerações sobre Bragança: 14.
Picote (Miranda do Douro): 54.
O Alto do Carrocedo: 70.
O Cerro de Penhas Juntas: 101.

Arronches Junqueiro:
Antiguidades dos arredores de Setubal: 146.
Estudos sobre Troia de Setubal: 176.

P.e Belchior da Cruz:
Sociedade archeologica da Figueira: 98.

Celestino Beça:
Espada antiga: 210.
Trituradores de pedra: 309.

Felix Alves Pereira:
Epigraphia christiano-latina: 81.
Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevêz: 193.
Bibliographia: 158.
Indices: 321.

Henrique Botelho:
Archeologia de Trás-os-Montes: 149.

José Augusto Tavares:
Machados de pedra: 273.

José Fortes:
Instrumentos de bronze: 102.

José Leite de Vasconcellos:
Um archeologo esquecido: 1.
Projecto de um Museu Archeologico em Setubal: 18.
Estátua de um guerreiro lusitano: 23.
Noticias várias: 54 e 283.
Arco romano de Bobadella: 56.
Inscripção romana de Almeirim: 80.
Duas estátuas romanas: 100.
Candeias arabes do Algarve: 119.
Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa: 161.

Digitized by Google

Lucerna romana de Serpa: 175.
Vidros romanos de Beja: 192.
Antiguidades dos arredores de Evora: 218.
Archeologia lusitano-romana: 241.
Bibliographia: 288.
Mosaicos romanos de Portugal: 312.
Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense: 129.
Inscripção christã de Mertola do seculo VI: 144.
Mosaico romano de Alcobaça: 146.
A xorca de ouro em Cintra: 155.
O Museu de Estacio da Veiga: 157.

José Maria de Mello de Mattos:

Engenhos de pesca: 188.

José Pessanha:

Notas de archeologia artistica: 156.

Julio Meili:

Moedas portuguesas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no Continente Americano: 248.
Bibliographia numismatica: 143.

Manoel Joaquim de Campos:

Estudos de numismatica colonial portuguesa: 67, 107 e 210.
Uma falsificação monetaria: 172.
Moeda inedita de 4$400 de D. Affonso VI: 234.
Contos para contar: 289.

A. I. Marques da Costa:

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal: 275.

N:

Bibliographia.

Oliveira Guimarães:

Vasilha antiga: 265.

Pedro A. de Azevedo:

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»: 27, 74, 123, 190, 237, 267, 319.
Noticias archeologicas: 58.
Miscellanea archeologica: 180.
Um inventario do seculo XIV: 223, 259 e 305.
Pelos jornaes: 310.
A situação da Heraldica em Portugal: 134.

Sousa Viterbo:

Apontamentos numismaticos: 33.

X:

Noticias numismaticas: 118.

Digitized by Google

III—INDICE DAS ESTAMPAS

Epigraphes portuguesas: 16 e 17.
Fragmento de estatua de guerreiro lusitano: 24.
Capacete de guerreiro lusitano: 25.
Lança de cobre: 54.
Arco romano de Bobadella: 56 e 57.
Bazaruco: 69.
Insculpturas prehistoricas: 72.
Epigraphe romana: 80.
Epigraphe medievica: 82.
Sepultura de tijolos: 93.
Sepulturas trapezoidaes: 93.
Vaso sepulcral: 94.
Machado de bronze (em forma de cunha): 104.
Machado de bronze (de dupla aselha): 105.
Escopro de bronze: 106.
Moedas indicas: 110.
Candeia arabe de bronze: 119.
Candeia hispano-arabe: 120.
Candeia de bico duplo: 120.
Candeia arabe de barro: 121.
Candeia ornamentada: 122.
Planta das sepulturas prehistoricas de Cintra: 129.
Sepultura de Alcalar: 130.
Sepultura de Yvias (França): 131.
Sepultura de Mycenas (thesouro de Atreu): 131.
Sepultura de Orchomeno (Grecia): 132.
Sepultura de Alcalar: 133.
Inscripção christã de Mertola: 144.
Fragmento de vaso saguntino: 146.
Instrumento prehistorico de pedra: 150 e 151.
Moeda de Emporias: 166.
Moeda dos Indigetes: 166.
Moeda de Ilerda: 167.
Moeda dos Ilergetes: 169.
Moeda de Celsa: 169 e 170.
Calco de moeda portuguesa: 172.
Lucerna romana: 175.
Duas amphoras romanas: 176.
Vaso romano mutilado: 177.
Fragmentos (2) de vasos saguntinos: 177.

Digitized by Google

Vaso espherico romano: 178.
Fragmentos (2) de vasos saguntinos com marca: 178.
Varios utensilios romanos: 179.
Vidros romanos: 192.
Interior de uma anta: 201.
Planta e corte da mesma: 201.
Mamôa da Serra de Soajo: 208.
Espada antiga: 209.
Patacões de Goa: 210 e 211.
Moeda de D. Filippe III: 217.
Patacon de D. Carlos II: 217.
Antas do Barrocal: 219 e 220
Ruinas romanas da Tourega: 221 e 222.
Fonte de Santa Innominata: 223.
Moeda inedita de D. Affonso VI: 234.
Duas moedas do mesmo monarcha: 235.
Lapide romana cupiforme: 242.
Cabeça romana de marmore: 242–243.
Lapides epigraphicas romanas: 244, 245, 246 e 247.
Moedas indicas cravejadas e carimbadas: 258–259.
Vasilha antiga: 266.
Perfil geologico da peninsula da Arrabida: 276 e 277.
Instrumento paleolithico: 281.
Marca de tijolo italico: 283.
Insculptura rupestre: 286.
Conto (*liard*) de Nuremberg: 291.
Conto do seculo XVI: 295.
Senha de sola: 299.
Senha de cobre: 300.
Dezaseis contos portugueses: 301-305.
Triturador de pedra: 309.
Mosaicos romanos: 316, 317 e 318.
Cippo com epigraphe: 319.

Todos estes indices foram feitos por Felix Alves Pereira.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno........................	1$500	réis.
Semestre	750	»
Numero avulso...............	160	»

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, Museu Ethnologico, Belem (Lisboa).

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

TOZZER LIBRARY
3 2044 041 995 895

Digitized by Google

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

Please return promptly.

Digitized by Google

Digitized by Google